

Um Novo Romance do Autor de *Parque Gorki*

MARTIN  
CRUZ SMITH



LOS  
ALAMOS



Os Dez Segundos Mais Importantes  
de Nosso Século

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**MARTIN CRUZ SMITH**

(1942)

# Los Alamos

Titulo original inglês

**STALLION GATE**

1986

Tradução

**MARISA GOMES**

Record

Martin Cruz Smith

LOS ALAMOS

Título original americano

STALLION GATE

Copyright © 1986 by Martin Cruz Smith

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil

adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A. Rua

Argentina 171 — 20921

Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922

Impressão e Acabamento

GRAPHOS

# SINOPSE

Quando o governo americano reuniu o general Groves e os cientistas Jacob Robert Oppenheimer e Enrico Fermi, em 1945, no Centro de Pesquisas de Energia Atômica de Los Alamos, estava para se realizar a experiência mais perigosa da história da humanidade. Esses três homens, envolvidos com o projeto Manhattan, eram responsáveis pela criação da primeira bomba atômica, a maior ou talvez a única garantia de vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Quando Martin Cruz Smith resolveu contar a história desse encontro e descrever as forças que atuaram para a sua realização, começava a escrever um romance explosivo: Los Alamos.

Los Alamos, Novo México, foi o local escolhido para os primeiros testes nucleares das bombas que arrasariam Hiroxima e Nagasaki e poriam fim a uma guerra sangrenta que ceifava milhões de vidas em cada ano de sua existência aparentemente interminável. O lugar era inóspito, deserto. Ideal para a realização de um projeto supersecreto que envolvia bilhões de dólares e poderia trazer a vitória na guerra e o domínio do planeta. Físicos, matemáticos, químicos, grandes nomes do mundo das ciências, a serviço de generais que buscavam a paz na arma irresistível. Mas o lugar era Los Alamos, onde, além de uma vegetação ressequida, viviam índios entregues à caça e às suas crenças e predições, uma ameaça armada de bastões mágicos, cujos efeitos imitavam relâmpagos, à arma mais poderosa do universo.

Para lidar com os índios, ninguém melhor que um índio. E chegam a hora e a vez de Joe Pena, um índio misto de sargento, músico e boxeador, obrigado a viver no meio adverso dos brancos. Ele é destacado para garantir a segurança do projeto. É admirado pelos cientistas, respeitado pelos índios, temido pelos vaqueiros dos povoados vizinhos, invejado por alguns militares e desejado pelas mulheres. E o livro gira em torno de sua figura extraordinária.

Pena está preso por sair com a mulher de um superior quando é convocado para participar do projeto. O capitão Augustino o instrui a não apenas proteger mas também vigiar os cientistas em Los Alamos, para que

não passem informações secretas sobre a bomba a espões da União Soviética. Augustino descobre que Pena também dorme com sua mulher e tenta matá-lo, o que não é fácil. Tenta então envolvê-lo numa trama de espionagem, para o transformar de herói em traidor.

O romance ganha em suspense.

Pena, Augustino, Groves, Oppenheimer, Fermi, Anna Weiss, personagens reais e imaginários, juntos para a construção de uma história de amor, de ódio, de ambição, de medo, de esperança, de vingança, de traição, uma história do homem e de seus sentimentos, escrita com maestria por Martin Cruz Smith.

Quando escreveu Parque Gorki, seu maior êxito literário, Martin Cruz Smith surpreendeu por valorizar o fator humano numa história policial impecável, logo considerada um clássico do gênero. Ao compor Los Alamos — a história da criação de uma bomba cuja existência e cujos efeitos mexem com os corações e as mentes dos homens até hoje -, não poderia agir de outra maneira. Em um thriller eletrizante, uma luz de verdade e de esperança mostra um homem que, mesmo aparentando agonizar, caminha.

Martin Cruz Smith é ainda autor de *A bala analógica* e *Terrorres da noite*, todos publicados no Brasil pela Record.

# NOVEMBRO DE 1943

## 1

A cela na prisão de Leavenworth não tinha mais de um metro e meio por dois e meio, mal permitindo que Joe se sentasse a um canto, sobre um balde emborcado. Mesmo à meia-luz da cela, podia-se ver uma série de desenhos rabiscados nas paredes. O mais próximo a Joe representava um leão cinzento e branco, como uma nevada à noite. O dorso do gato parecia uma cobra, cuja cabeça se apoiava sobre as costas do leão. Havia uma garota com corpo de pássaro — uma andorinha; tinha um belo rosto triangular e seu olhar se desviava pudicamente de Joe, vestido apenas com umas cuecas fornecidas pelo Exército. Na parede em frente havia um minotauro — um homem azul com uma felpuda cabeça de búfalo. No outro canto estava um oficial, sentado na cadeira que ele mesmo trouxera. Tinha um rosto comprido e macilento, as orelhas parecendo grudadas no cabelo preto, recentemente aparado. Suas maneiras e o uniforme bem ajustado revelavam o oficial de carreira, não parecendo incomodar-se com os raios de luz que de quando em vez iluminavam o cubículo.

— Você é do Novo México, Sargento Pena? — perguntou o capitão.

— Sim, senhor — respondeu Joe.

O minotauro rosou baixinho e pareceu virar-se de lado. Joe esforçou-se para ignorá-lo e o capitão simplesmente não tomou conhecimento do reflexo da luz.

— Você conhece as Montanhas Jemez, sargento?

— Sim, senhor.

— Sargento Pena, segundo me informaram, você está aqui por insubordinação, mas o motivo real é ter dormido com a esposa de um oficial.

— Não ultimamente, senhor. Estou em cana há vinte dias, dez dos quais na solitária a pão e água.

— Que é justamente o que você merece. Não há burrada maior neste Exército machista do que se meter com a mulher de um superior — você bem sabe.

— Sim, senhor.

— Está se sentindo mal?

— Apenas algumas alucinações.

Joe começara a ver coisas depois do quinto dia na solitária. Os guardas batiam no ferro da porta toda vez que ele se deitava, não o deixando dormir. O gato foi o primeiro a chegar. Joe pensara que o mau cheiro da cela afugentaria até mesmo um fantasma, mas depois do gato apareceu a mulher com asas. Não era uma experiência estapafúrdia; apenas o espaço é que era diminuto.

— Você não tem a impressão de que jamais sairá daqui, sargento?

— Já pensei nisso, senhor. E desculpe. Não ouvi bem o seu nome.

— Augustino.

— O senhor é o advogado de defesa?

— Eles nem sequer admitem que você esteja em cana, sargento. É como se estivesse enterrado. Não, não sou advogado, mas posso tirá-lo daqui.

A cobra girou a cabeça para ver melhor o capitão.

— Por que o senhor não me conta como vai conseguir isso? — sugeriu ele.

— Você esteve no Novo México recentemente?

— Há anos que não vou lá.

— Não tinha interesse?

— Não o bastante.

Enquanto a cobra observava o capitão, o gato voltava languidamente seus olhos amarelos para Joe.

— Entendo o que você quer dizer, sargento. Sou do Texas.

— É mesmo?

— Quando fiz dezesseis anos matriculei-me no Colégio Militar.

— Ah!

— A gente encontra melhores oficiais oriundos de lá do que de West Point.

— Interessante. O senhor poderá mesmo tirar-me daqui?



— Posso. Tenho autoridade para libertar quem eu quiser. Sargento, você se lembra de um J. Robert Oppenheimer?

— Não.

— Um rapazinho judeu de Nova York. Teve tuberculose. A família mandou-o para o Novo México.

— Bem, mas eu era um garoto também nessa ocasião. Já faz muito tempo. Andamos rodando por aí.

— Até Los Alamos?

— Sim, também.

— Ele voltou.

— Verdade?

— Sargento, o Exército está montando um projeto em Los Alamos. O Dr. Oppenheimer é o chefe e necessita de um motorista. Você preenche, quase que totalmente, todos os requisitos. É bastante violento para ser um guarda-costas e suficientemente ignorante para ouvir informações confidenciais sem entender uma só palavra. Servir como ligação.

— Com quem?

— Com os índios, com quem mais? Sobretudo, deverá ser uma pessoa em quem Oppenheimer confie. Vou colocar você na lista. Veremos o que acontece.

— E se ele não me aceitar?

— Você apodrecerá aqui, mas se for o escolhido, sargento, acho que tirará a sorte grande. E não vá esquecer-se de quem o arrancou deste buraco. Quero que o homem de confiança dele seja meu também. Entende?

— Sim, senhor.

O capitão bateu na porta, para sair. Enquanto o guarda não chegava, acrescentou: — Ovi dizer que sua mãe é Dolores, a Oleira. Vi umas belas jarras feitas por ela. Ainda trabalha?

— Não sei dizer, senhor. Desde que a guerra começou, não estive mais em Santiago.

— Você também entende de cerâmica?

— Não, senhor.

— Não aprendeu essa especialidade dos índios?

— Não, senhor.

O capitão, ao retirar-se, levou consigo a cadeira. Joe recostou-se no beliche e fechou os olhos para não ver as figuras que conviviam com ele na cela. Depois, entreabriu uma pálpebra e espiou a garota com o corpo de andorinha, que olhava para ele sensualmente. Joe sorriu. Não entendia de visões, mas conhecia bem as mulheres. Seria posto em liberdade.

# DEZEMBRO DE 1944

## 2

O Sargento Joe Pena estava tocando piano no baile de Natal. Tinha o rosto comprido de índio Pueblo, um V profundo marcando as maçãs, uma boca larga e os olhos bem separados. Cabelos pretos, bem como as sobrancelhas, uma delas vincada por uma antiga cicatriz. Seu uniforme estava bem passado, e as divisas sobre a manga pareciam de metal polido, de tão brilhantes; a gravata estava com as pontas enfiadas entre o segundo e o terceiro botão da camisa. Dedilhando baladas no piano do salão, ele dava a impressão de um sujeito grandalhão e atraente. Também de maus bofes.

As paredes e as colunas de pinho, recentemente encerado, brilhavam no salão. De acordo com o espírito natalino, enfeites de papel crepom vermelhos e verdes pendiam dos candelabros e dos balcões do segundo pavimento. Os tapetes navajos, pendurados nas paredes, estavam enfeitados com galhos de renas. Em cima da enorme lareira de pedra, a imagem de Papai Noel de porcelana se destacava entre potes de cerâmica indígena.

— Já chegou todo mundo — anunciou Foote, debruçado sobre o piano. Era um inglês esguio, de aparência rústica, metido dentro de um smoking surrado.

— Nem todos — disse Joe, sem interromper sua música.

— E quem está faltando?

— Nem todos os soldados chegaram — os da Polícia Militar, os do Corpo Feminino, os mecânicos e também os índios ainda não apareceram.

— É claro que não, pois não os queremos aqui. Não é o lugar de sua maldita bomba. Já chega termos de aguentar o comando militar, especialmente o tal Capitão Augustino, metendo o nariz por aí, como o Grande Inquisidor.

— Estou pronto — anunciou Harvey Pillsbury, trazendo um uísque para Joe. Na outra mão tinha um clarinete. — Fico-lhe muito agradecido por esta segunda oportunidade, Joe. Muito mesmo.

— Basta assoprar. Na última vez você estava tão calado que era como se eu estivesse tocando com um boneco de neve.

Harvey tinha mesmo o aspecto de um boneco de neve, o cabelo escorrido e o sotaque anasalado e agudo do Texas ocidental.

— Prepare-se para uma formidável melhoria.

— Vamos lá — replicou Joe, terminando seu drinque com um grande gole.

Tocou Machine Gun Butch e todos cantaram. "... Era um rude e esperto ianque, nunca deixará a velha bandeira cair no chão. Sempre se lembrará do 7 de dezembro, com seu rá-tá-tá-tá-tá, e a metralhadora ceifando." Os alemães e italianos cantavam mais alto, e o engraçado era que Joe gostava de todos eles, incluindo Foote e especialmente Harvey. Muitos eram americanos, e a maioria apenas rapazes recém-saídos do colégio. Tinham as gravatas afrouxadas e os rostos suarentos; as garotas usavam saias curtas e franjas caindo sobre as testas brilhantes. Não se tratava de uma festinha no Harlem, mas eles tentavam imitar uma.

Harvey caprichara em String of Pearls, o clarinete levantado, trêmulo e finalmente mudo. Durante Don't Sit Under the Apple Tree, ele lambeu a boquilha e forçou um agudo com duas notas seguidas, depois três. Na metade de This Joint Is Jumpin, Joe mudou para um tom mais baixo, obrigando Harvey a assoprar desesperadamente, como uma mariposa lutando para sobreviver; no fim, ele agradeceu os aplausos, o rosto afogueado, triunfante.

— Que tal White Christmas agora? — perguntou.

— As pequenas canções são as mais difíceis. — resmungou Joe.

Houve um silêncio no salão. Mais do que um silêncio, uma expectativa. O diretor do Projeto Los Alamos era um sujeito magro, com mais de 1,80m de altura, o cabelo bem aparado e um nariz adunco que realçava os olhos oblíquos, de um azul brilhante. Um grupo de físicos mais jovens o acompanhava, imitando a curva de seus ombros e seu ar distraído. Kitty Oppenheimer tinha um rosto redondo e bonito, cabelos negros e fartos, e se vestia com simplicidade. Suas amigas eram esposas europeias, que acercavam como guarda-costas.

Joe sentiu a ponta de um dedo lhe correndo pela espinha. Havia várias pessoas junto ao piano, mas todas estavam admirando os dançarinos ou os Oppenheimers. Harvey se concentrara em seu clarinete. A ponta de dedo virou unha. Joe levantou os olhos para a Sra. Augustino, esposa do capitão. Ela lembrava uma capa de Life, talvez uma reportagem de "Life na Terra das Magnólias", com seus cachos de um louro oxigenado, olhos azuis e vestido branco de bolinhas pretas, com ombreiras. Parecia muito interessada em observar os pares que dançavam, mas o dedo era dela, sem dúvida.

— Que projeto tão secreto é esse, sargento? — perguntou baixinho, com uma voz doce que apenas ele ouvia. — O que você acha que eles estão fazendo?

— Por que não pergunta ao seu marido?

— O Capitão Augustino levou-me a um nightclub em Albuquerque, na semana passada.

O dedo dela continuava como uma pequena faca correndo pela espinha de Joe.

— Você estava tocando. Fiquei encantada pela maneira suave com que você bate nas teclas. Será porque seus dedos são tão grandes?

— Não é de maneira suave, mas cuidadosa. Não me meto em encrencas.

Ao virar-se no banco para encará-la, ele conseguiu livrar-se da unha. Que pena! Com dezenove, talvez vinte anos apenas e já uma entediada esposa de oficial.

— O que acha que eles estão fazendo aqui, Sra. Augustino? Gostaria de ouvir sua opinião.

Ela afastou uma mecha de cabelos que lhe caíra sobre o rosto e passou os olhos pelo salão.

— Acho que tudo não passa de um embuste. Eles estão tapeando com essa história de projeto. Esses supostos cientistas se juntaram e estão colocando uma venda nos olhos do Exército. São bastante espertos para fazerem isso.

— São, realmente — concordou ele.

Durante o intervalo, Joe teve de esgueirar-se através do grupo dos "supostos cientistas" para chegar até o bar. Teller, o húngaro, com suas sobrelhas espetadas, ria de uma anedota contada por Fermi — um

sujeito baixinho, magro e meio careca, usando uma roupa grossa e sapatos de sola dupla, com biqueira, à moda dos camponeses italianos; apesar disso, os outros físicos o chamavam de "Papa".

Oppy estava mostrando a um grupo de admiradores a maneira de preparar um perfeito martíni. — As instruções corretas devem sempre ser em alemão. Ele utilizava o truque de abaixar o tom de voz, fazendo com que os ouvintes se inclinassem para a frente, enquanto o gim era derramado nos copos.

— Am wichtigsten, der Gin solhe gekuhlt, kein Eis.

— Uísque — disse Joe para Foote que, bêbado ou não, estava atendendo o bar.

— Zwei Tropfen Wermut, nicht mehr, nicht weniger, und eine Olive.

Oppy misturou uma quantidade suficiente de vermute para assegurar uma mistura agradável e ofereceu o cálice a uma mulher que chamava atenção apenas porque usava um conjunto preto, o que lhe dava o aspecto de membro de um exército de amazonas ou de funcionária de uma agência funerária, ou ainda de ter sido mergulhada em uma lata de tinta. Sua pose marcadamente intelectual era realçada pelo negrume de sua cabeleira, que lhe caía sobre os olhos de um azul-cinzentos, que se dilatavam como os de um gato, quando contrariada. Nariz fino, boca grande e aquela alvura de pele que se esconde do sol.

— Um duplo — pediu Joe a Foote.

— Joe — disse Oppy — esta é a Doutora Anna Weiss. Anna, este é Joe, o meu amigo mais antigo aqui.

Cada um com seu cálice na mão, Anna Weiss e Joe se cumprimentaram com acenos de cabeça.

— Perdi meu primeiro ano em Harvard — prosseguiu Oppy com sua história. — Meus pais me mandaram para o Novo México, por causa de meu estado de saúde. Fizeram um contrato com o pai de Joe, um conhecido contrabandista de bebidas alcoólicas.

— É mesmo? — A voz dela era grave, com sotaque alemão, e não demonstrava o menor interesse pelo assunto.

— Conte para ela, Joe — pediu Oppy.

— Papai também alugava cavalos e guias experimentados para excursões de grã-finos — explicou Joe. — Eu era um desses guias. Tinha apenas doze anos. Em uma das primeiras vezes em que saí, havia no grupo

um rapazote de Nova York. Dezesseis anos mais ou menos, e tão magricela que, ao vê-lo de calção de banho, pensei que ele fosse morrer no caminho.

— Eu não sabia andar a cavalo — disse Oppy.

— Ele não montava nem para salvar a vida — continuou Joe — mas gostava de sair à noite para contemplar as estrelas. Entretanto, como sofria de cegueira noturna, eu tinha de voltar para buscá-lo em cada curva da estrada. Uma noite fomos apanhados por uma tempestade e me abriguei embaixo de meu cavalo, para não me molhar. Ouvei o sujeitinho gemendo sob a chuva.

— Pensei que ele tinha me abandonado — explicou Oppy.

— Disse-lhe que viesse para baixo do cavalo, perto de mim. Ele obedeceu e chegou, ensopado e reclamando: "Credo!" Jamais lhe ocorreu a possibilidade de abrigar-se embaixo de um cavalo, protegendo-se da chuva. Pareceu-lhe então uma brilhante ideia.

— Aquilo me ficou como uma prova de eterna amizade — disse Oppy. — Quando a chuva passou, ele me levou para o pavilhão da escola — este mesmo lugar onde estamos agora — afim de tomarmos café e secarmos as roupas. Isto foi há vinte anos.

Os olhos dela se fixaram em um dos homens, depois no outro, como se estivessem descrevendo a vida pregressa de dois idiotas.

— É melhor voltarmos para os alemães — sugeriu Joe a Oppy, encaminhando-se com o cálice na mão. Havia um resto de luar sobre as montanhas e soprava uma brisa fresca. Depois do muro estava o jardim cercado de álamos. Por isso, os espanhóis batizaram o local com o nome de Los Alamos.

O que estariam eles fazendo ali agora? Uma bomba atômica, um engenho nuclear ou o que quer que essas palavras significassem. Joe não podia deixar de familiarizar-se com essa terminologia, sendo o motorista de Oppy e ouvindo a incompreensível conversa no banco de trás. Reação em cadeia? Nêutrons rápidos e nêutrons lentos? Era tudo uma linguagem diferente, como se fosse sânscrito. Oppy naturalmente falava sânscrito.

Joe colocou o copo sobre o muro e acendeu seu primeiro cigarro daquele dia. Ainda mantinha os hábitos de um pugilista que desejava conservar-se em forma, embora sem saber bem para quê.

Teller — que trouxera Fermi para fora — aproximou-se:

— Joe, você deveria contratar um professor e tornar-se um verdadeiro pianista. Poderia tocar Beethoven.

— Ah! O som da grande orquestra!

Tão logo pôde, Joe apanhou seu drinque e fugiu de uma discussão sobre o jazz americano. Fermi achava que todas as danças eram uma afetação, e Teller tinha uma perna de pau.

Ao chegar perto da porta, seu caminho foi barrado por Anna Weiss, a mulher que Oppy ensinara a preparar martínis. Ela agora estava acompanhada de outro

imigrante — um sujeito pálido, com um ar amável, cabelos cor de palha e óculos sem aros. Seu nome era Klaus Fuchs. Joe não se lembrava de jamais haver conversado com ele, mas aparentemente Fuchs estava descrevendo para Fraulein Weiss os encantos de Los Alamos: lá estavam as montanhas e desfiladeiros, e ali estava o índio.

— Você foi realmente o primeiro que trouxe Oppy até aqui?

— perguntou ela a Joe.

— Naquele tempo isto era um colégio particular — respondeu Joe.

— Um ano na Ranch School custava mais caro que em Harvard. A guerra acabou com isso.

— E trouxe você de volta. Não é uma ironia?

— Não. São coisas do Exército.

Os dois ficaram olhando para Joe, como em busca da escala de sua inteligência.

— Teller anda dizendo que você tem pendor para a música

— disse ela. — Klaus acha que lhe falta vocação.

Fuchs sacudiu os ombros:

— É o bastante ser herói de guerra.

— Gentileza sua — disse Joe — mas também é importante estar do lado certo da guerra.

— Eles crescem aqui com um fuzil na mão, Dr. Fuchs — disse uma voz vinda das sombras do jardim. — É muito fácil ser um herói de guerra; basta saber disparar um fuzil.

— Nunca dei um tiro — disse Fuchs.

— É claro que não — disse o Capitão Augustino, dando um passo para dentro do pátio, o bastante para que o vissem.



— Na verdade, estamos agora na estação de caça. Eu não me arriscaria a andar pelos bosques.

— Naturalmente — comentou Fuchs.

— Em uma noite de lua como esta, talvez nevando, não há índio que deixe de ir caçar seu veado. Seria perigoso.

— Sim, realmente.

Fuchs parecia considerar Augustino na mesma categoria de Joe. O capitão era um homem pálido, mas tinha uma farta cabeleira, mais parecendo uma pele. Isso lhe dava aquela característica animal que Joe também possuía. Era como se Fuchs e sua Anna Weiss tivessem evoluído, subindo mais um degrau no desenvolvimento humano, deixando Joe e o capitão para trás, em companhia dos predadores.

— Você se incomoda se eu pedir para falar com o sargento em particular?

A brasa do cigarro de Augustino descreveu um arco, incluindo Joe.

— Ora, à vontade — disse Fuchs.

Embora fizesse muito frio, o capitão estava sem capote. Joe não saberia dizer durante quanto tempo ele estivera escutando.

— Esses nossos alemães! Não direi o mesmo de Fuchs, que é escrupuloso em relação à segurança, ao contrário de muita gente. Sargento, você está a par da melhoria do padrão de vida dos habitantes dos pueblos locais, desde que ocupamos a Colina? Cigarros, pneus para os automóveis, açúcar do almoxarifado. Especialmente desagradável é o boato de que os índios reabriram algumas das antigas minas de turquesa.

— O senhor não gosta das joias dos índios, capitão?

— Não gosto é da ideia de eles andarem por aí utilizando dinamite para abrir minas. Há apenas um lugar, nesta parte do país, onde eles podem conseguir explosivos, sargento, e esse lugar é a Colina. Fico furioso só em pensar que algum de meus homens estava roubando material do Exército para vendê-lo.

— Os índios são muito pobres, senhor. Se alguém roubou, não deve ter lucrado muito.

— Então ele é também muito burro.

— Bem, sendo burro, cometerá algum engano. Vou prestar atenção, senhor.

— Faça isso. Entrementes, temos a chegada do General Groves, alojado na casa de hóspedes. Reduza a música. Uma vez que você terá de levar o general e o Dr. Oppenheimer para verem o Campo de Prova de Alamogordo amanhã cedo, quero que tenha uma boa noite de sono. O destino do mundo estará dentro do carro que você vai guiar, de modo que é conveniente que você esteja alerta e sóbrio. Concorda?

— Sim, senhor.

— Preste atenção, sargento. Não estou satisfeito com a qualidade das informações que você tem me fornecido ultimamente. Temos um contrato. Você está provisoriamente à minha disposição. É uma liberdade condicional. Você voltará para a cadeia na hora que eu quiser. Agora, volte lá dentro do pavilhão e toque mais algumas canções, para que nossos cientistas sigam para casa felizes. A propósito, você sabe qual a diferença entre um negro e um índio, quando tocam piano?

— Não, senhor.

— Engraçado; também não sei.

Joe tentou concentrar-se na música para a última apresentação. Caprichou ao tocar I Got It Bad com uma série de dissonâncias e variou logo para o ritmo de tambores de Cherokee, passando depois para a placidez de More Than You Know. O jazz teve seu quinhão com The G.I. Jive, antes que ele atacasse Funny Valentine e finalizasse a noite com Every Time We Say Good-bye. Fuchs parecia estar em um baile dos Habsburgos, dançando com Anna Weiss ao som do Danúbio Azul. Ela valsava graciosamente nos braços dele e sorria como se o achasse divertido ou ridículo. No lado oposto do salão, Oppy não tirava os olhos de Fuchs e da moça, com uma concentração que era inusitada, mesmo para um homem como ele. Ao mesmo tempo, Kitty se colocara atrás de Oppy e observava o casal. Talvez fosse a novidade da presença de Anna Weiss ou seu vestido esquisito, mas o caso é que todos pareciam estar com os olhos nela, como se fosse a única pessoa viva na pista de dança ou como se um fecho de luz acompanhasse os movimentos dela. Joe já tivera essa impressão antes; era rara, mas não desconhecida.

Every time we say good-bye... Porter escrevera uma canção saudosa para amantes se despedindo em uma estação de estrada de ferro, na amurada de um navio de tropas, talvez em um leito. Nas outras vezes em que vira Fuchs dançar, Joe achara o estilo dele ridículo; agora, parecia-

Ihe irritante. Ao ver que ele se preparava para um movimento mais complicado, Joe omitiu duas ou três notas e quase perdeu o ritmo. Fuchs se comportou como um motorista que vê de repente o sinal fechar. A moça olhou para Joe. Os demais dançarinos nada perceberam, por que estavam de rostos colados, movendo-se lentamente. Quando Fuchs, surpreso, voltou os olhos na direção do piano, Joe retardou o compasso da melodia, enchendo-a de acordes de lá menor. Fez com que Harvey sustentasse um mi e correu todo o teclado do piano, retornando para acompanhar a nota agonizante de Harvey e prolongá-la em uma melodia com a mão direita, enquanto a esquerda tocava levemente nas teclas, como se um coelho andasse sobre elas. Harvey parou de tocar e ficou imóvel, com o clarinete junto à boca aberta, os olhos arregalados. Joe substituiu o coelho por uma série de dissonâncias, tão suaves quanto uma canção de ninar, até voltar à melodia e retomar o ritmo, obrigando Fuchs a reiniciar seus passos. Tão logo o alemão acelerou seus movimentos, Joe passou a tocar The Skaier's Waltz, ainda em lá menor. A moça continuava rindo, animando-o. Fuchs tentou parar, mas ela não deixou; Oppy enxugava as lágrimas de tanto rir.

Lentamente, como se fosse uma força retomando o controle, a síncope emergiu do contrabaixo e a valsa se transformou em uma mistura de compassos, passando logo para um ritmo veloz que deixou Fuchs sem saber se avançava o pé esquerdo ou o direito; finalmente, Joe ordenou as notas em um resolutivo dois por quatro e retomou o ritmo de valsa adequado, repetindo o tema onde Porter o deixara. Era como se nada houvesse acontecido, não existissem Strauss nem dissonâncias. Para terminar, fez sinal para Harvey, que executou um floreio de notas, e Joe bateu nas teclas o acorde final.

No início, Oppy pensou que pudesse construir a bomba com o auxílio de apenas cinco físicos. Eles se alojariam nas casas dos professores e fariam as refeições no salão da escola. Os laboratórios que fossem necessários poderiam ser montados entre a borda do desfiladeiro e o pequeno lago artificial à frente do pavilhão principal.

Depois de madura reflexão, Oppy dobrou e redobrou o número de físicos e acrescentou alguns matemáticos, químicos e metalúrgicos. O Exército destacou uma unidade de engenharia para operar os laboratórios e a usina elétrica, conservar as estradas e encarregar-se dos caminhões. A Polícia Militar despachou duzentos homens destinados à segurança. O

Corpo Auxiliar Feminino forneceu os efetivos para o serviço de escritório; a força de trabalho teve de ser ampliada, porque o apoio que se esperava que pudesse ser fornecido pelo mundo exterior, mesmo no Novo México, não se concretizou. O tufo vulcânico teve de ser transportado para os fornos de fundição. Ciclotrons e aceleradores de partículas atravancaram a estrada do desfiladeiro. A missão britânica chegara. Construíram-se alojamentos, um hospital e uma escola. Crianças nasceram. O número de soldados e os efetivos da Polícia Militar e do Corpo Auxiliar Feminino foram novamente dobrados, exigindo mais alojamentos, refeitórios, almoxarifados e locais de diversão. Os técnicos civis que manejavam os altos explosivos ameaçaram ir embora se não tivessem o seu próprio alojamento. Os operários civis também precisavam ser acomodados. Em dezembro de 1944, cinco mil pessoas se acotovelavam no platô, pelas ruas sem iluminação, porque o Exército ainda tentava esconder seu mais sigiloso projeto.

Deixando o pavilhão, Joe atravessou o campo de beisebol e passou por trás do salão de beleza, dirigindo-se para uma área de cabanas redondas, pré-fabricadas, denominada "Acampamento do Pacífico", porque tais cabanas se destinavam às ilhas tropicais, e não ao inverno do Novo México. Era ali que deveriam morar os operários que construíam casas para todos os outros. Joe achou o local da luta pelo barulho.

O ringue fora armado no salão de jogos da cabana central. O Sargento Ray Stingo estava lutando com um dos operários. Como Joe, Ray era guarda-costas e motorista, com licença especial do serviço de segurança. Antes da guerra, disputara o campeonato de boxe na categoria dos pesos-pesados. Tinha uma cicatriz no nariz achatado e um estômago ainda suficientemente duro, mas devia ser uns dez anos mais velho do que seu jovem adversário.

Joe entreabriu a porta apenas para dar uma olhada. A cabana tinha um cheiro azedo de cerveja choca e pontas de cigarro. Havia grande rotatividade na mão-de-obra de construção, e o último grupo viera de Dallas. Os homens usavam os chapéus típicos de vaqueiros e botas de ponta fina, nas noites em que havia lutas, e ficavam sentados nos sofás e poltronas, torcendo por seus favoritos. Os fãs de Ray eram da Polícia Militar, estavam fardados e pareciam tão mal-encarados quanto os texanos. Mesmo em serviço, usando seus capacetes e cassetetes, os

policiais geralmente se mantinham afastados da cabana nas noites de sábado. Joe viu o dinheiro trocando de mão. As apostas chegavam a dois mil ou mesmo três mil dólares em uma luta como aquela.

O rapazote era canhoto, rápido e pegador. As sobrancelhas espessas, os olhos semifechados, o nariz chato manchado de sangue, o cabelo cor de areia e as orelhas de abano lhe davam um ar agressivo. Usando a camiseta de sua unidade de blindados e calções de algodão, o que mais chamava atenção em seu físico eram os músculos dos ombros e do pescoço. Um peso-pesado natural. Vinte anos apenas, talvez menos.

Ray tentou um jab com a direita, mas o rapazote se esquivou e atacou novamente, enquanto os vaqueiros aplaudiam e batiam com as botas no chão. Joe sempre teve a impressão de que aqueles chapelões e o sol do Texas cozinharam e comprimiram o cérebro dos texanos, reduzindo-o ao tamanho de um ovo estrelado. Havia, porém, um mistério mais profundo. O Exército estava incorporando soldados que não tinham todos os dedos das mãos ou dos pés, além de outros defeitos. Havia no gabinete do almoxarife um escrevente que escrevia à máquina com apenas dois dedos. Joe não podia saber quantos dedos havia dentro de uma luva de boxe, mas aquele rapazote parecia exatamente o tipo de maníaco, pós-adolescente, que deveria estar destripando japoneses em alguma ilha do Pacífico. Ray estava apanhando.

— Primeiro round — anunciou um dos operários, com um sotaque típico do Texas.

Ray continuava fintando com a esquerda, que batia nas luvas do adversário. Em Nova York ele fora um pugilista razoável, com uma pegada firme. Não tinha medo de nada no mundo, até vir para a Colina e frequentar um curso sobre radiação. Costumava pagar um motorista qualquer que o substituísse sempre que havia a ameaça de aproximar-se a menos de cinquenta metros do material radioativo. Tinha de vencer aquela luta, mas estava velho, os músculos flácidos, os olhos revelando o desespero. A cor da pele no peito e no rosto denunciava o efeito dos golpes mais duros. Recorria aos jabs, esquivava-se, mas sentiu um direto de esquerda que o atirou à lona, sentado e apoiado nas luvas, com as pernas dobradas. O rapazola continuou saltitando e insistindo para que Ray se levantasse. A gritaria de centenas de torcedores fazia vibrar o teto da cabana.

Joe já dera um passo para dentro da escuridão. Vista pela fresta da porta, a cena parecia menor, como uma rinha de gaios, os apostadores debruçados sobre o cercado, alguns de mau humor, outros esbravejando como se fossem arrebentar as cordas vocais. Joe sentiu-se deprimido. Afinal, havia uma guerra, com morticínio em larga escala, fazendo com que uma simples luta de boxe se apresentasse como desnecessária e sórdida.

A brisa da noite refrescou-lhe o rosto. No outro lado do vale a Cordilheira Sangre de Cristo era uma espinha apontando para Santa Fé, ao sul. Atrás dele, as montanhas Jemez eram uma massa escura. Entre as elevações, a lua despontou lentamente, como se fosse se chocar contra elas.

Por que ele escolhera Fuchs? Simplesmente porque estava irritado e o alemão foi o primeiro alvo fácil, valsando no salão. Jesus! Como ele iria ficar insensível, antes que aquela guerra terminasse!

Uma vez que sua obrigação era ficar durante as 24 horas do dia pronto para atender a qualquer chamado de Oppy, a fim de guiar o carro ou resolver algum problema "nativo", Joe estava alojado fora do acampamento, tendo um quarto só para ele no porão do Cinema 2, que era destinado aos praças em geral. O corredor do porão era um túnel escuro, cheio de redes de voleibol e prateleiras de discos. Sem se preocupar em acender a luz do quarto, Joe dirigiu-se diretamente ao seu armário e apanhou uma nova garrafa de uísque e um maço de cigarros. A chama do fósforo iluminou um poster da equipe do Esquire, destacando Art Tatum e Coleman Hawkins, este segurando um saxofone tenor. O poster representava uma porta para o passado e para o futuro, seguramente melhor do que o inferno que era o presente. O sargento apagou o fósforo com um sopro; na parede, a figura dos negros esmaeceu e ele teve a impressão de que se esmaecia também.

Pendurado no centro do quarto, quase invisível, estava um pesado saco para treinamento de boxe. Joe colocou o copo de uísque e o cigarro sobre a mesa, tirou a túnica e a camisa e deu um murro no saco com tanta força que sacudiu a corrente que o prendia no teto. O nome do saco era MacArthur. Dando um novo murro com a esquerda, Joe ouviu com satisfação o ruído do impacto contra o couro e a paina do recheio. Esmurrou novamente, fazendo MacArthur saltar. Jabs, cruzados da direita e da esquerda, os murros se sucediam, o ar escapava pelas costuras. O teto,

sacudido pela corrente, parecia gemer. Um saco como aquele exigia certa técnica; quem batesse nele desajeitadamente poderia quebrar o pulso. Joe continuou esmurrando, desequilibrou-se e quase caiu. O saco atingiu-o no ombro e, ao apoiar-se no chão, ele tocou em um pano que lhe pareceu seda. O pano tinha umas bolinhas pretas, como um lírio maculado.

— Posso dar-lhe uma pista. Não sou Eleanor Roosevelt.

A Sra. Augustino acendeu um cigarro. O isqueiro de prata e a cigarreira também de prata eram as únicas coisas de que ela não se desfizera. A voluptuosa mulher do capitão estava completamente nua, deitada na cama de Joe. Embora ainda no inverno, ela conservava na pele a marca do maiô de duas peças e era loura de verdade. Apagou o isqueiro, mas Joe não ficaria surpreso se aquele corpo nu continuasse resplandecendo como um anúncio de gás néon. A mulher de um oficial era uma coisa perigosa. Joe quase podia ouvir o chiado do néon. Você não deveria vir aqui — disse ele, ainda ofegante de tanto esmurrar o saco.

— Experimente me mandar embora, sargento, e gritarei tão alto, como se estivesse sendo violentada, que me ouvirão em Santa Fé.

— Pois então grite.

Tudo o que ele podia enxergar agora era o brilho daqueles olhos azuis. — Violentada — murmurou ela.

— Sra. Augustino...

— Me chame de Celeste.

— Sra. Augustino...

— Tenho vinte anos, atraente, casada com um capitão. Aqui estou, há horas, esperando um sargento vir para a cama.

— Não lhe pedi para vir. Mal a conheço.

— Quase ninguém me conhece, sargento. Esta é uma vila militar e eu deveria estar no topo da escala social. Em vez disso, com todos esses estrangeiros e cientistas, sou tratada como uma camponesa ignorante, que cria embaraços intelectuais. No baile desta noite estive procurando um homem que não desse a mínima importância aos tais gênios e medalhões, mas só encontrei um sargento, e esse homem foi você.

Ele começou a sentir-se interessado: — Verdade?

— Vi quando conversava com Fuchs. Você o odeia.

— É, talvez não simpatize com Fuchs.

— E também a moça que estava com ele.

— Ela não é o meu tipo.

— Foi o que achei. Eu sou o seu tipo, sargento.

Bem, havia uma ponta de verdade nessa afirmativa. Verdade suficiente para amedrontar um leão na sua toca e um cacique na sua tenda. Ela se sentou na cama. Os olhos dele se ajustaram à luz tênue da brasa do cigarro que ela mantinha na mão. Seus seios eram cobertos de sardas.

— Estou muito lisonjeado, Sra. Augustino. Realmente estou, mas...

— Faz muito frio lá fora. Poderia uma respeitável senhora pelo menos tomar um drinque, antes de sofrer a humilhação de retirar-se?

Joe passou-lhe a garrafa de uísque e depois também se serviu. Medalhões e gênios? E mais um ocasional sargento, ex-pugilista, que agora devia manter-se longe de encrencas — um homem de conduta inatacável. Encarando a situação sob esse prisma, ela era um oásis de pecado em um deserto.

— Onde está o capitão? — perguntou Joe.

— Sei lá.

Havia uma vitrola encostada na parede e uma pilha de discos embaixo. Ele dispensava cuidados especiais para com sua coleção e não precisava de luz para apanhar o disco que desejava. Bastava esticar o braço.

— Mood índigo — sussurrou.

— Então talvez tenhamos tempo para uma dança — disse ela, entregando-lhe o copo vazio. Descalça, a Sra. Augustino mal chegava à altura do queixo dele.

— Pronta para acompanhar? — Joe apertou-a contra o peito.

Eles esbarraram no saco, que oscilou pendurado na corrente.

— Este é o General Groves? — perguntou ela com uma risada.

— Não. Este é o General MacArthur.

— Que nome você arranjou para um saco de treinamento de boxe. Ele é o maior americano vivo.

— Justamente.

A neve caía durante toda a noite, como uma poeira fina. A Sra. Augustino caminhava cuidadosamente. Já apareciam os primeiros clarões da madrugada.



Quando Joe voltou para seu quarto, ainda estava sob a ação das horas de luxúria e de abandono. Ao sacudir o cobertor, encontrou a cigareira dela, úmida e fria, e sentiu logo que não desejava vê-la outra vez. Com a cigareira na mão, atravessou apressadamente o corredor do porão, tropeçando nas redes de voleibol, até chegar à escada e pular por cima dos bancos do cinema, que dentro em pouco seriam arrumados para a missa de domingo; viu a porta lateral que ela deixara aberta ao sair. Tarde demais. Apenas a neve e o ar frio da noite. Ele estava apenas de calção e com uma camiseta suada. As nuvens negras haviam desaparecido. Bem em frente, no outro lado da estrada, erguiase o Quartel-general, um edifício em forma de E. Os telhados eram romboides brancos flutuando no escuro.

Entre dois braços do E, um motor roncou e os pneus rangeram. Um veículo atravessou a estrada, sob a meia-luz da alvorada, e parou a poucos metros de Joe. Os faróis se acenderam, cegando-o. O motor deu mais um ronco e a alavanca foi colocada em ponto morto. O Capitão Augustino saltou do caminhão de transporte de pessoal e deu um suspiro esanimado.

— Excelentes pistas, sargento.

O capitão examinava a fina camada branca que cobria a estrada e as marcas de sapatos femininos, desde a porta.

— Vai caçar, senhor? — perguntou Joe, escondendo a cigareira nas costas.

— Justamente o que eu estava pensando. É melhor você se vestir, sargento. Não podemos perder o nascer do sol.

— Hoje, senhor?

— Não há dia melhor.

— Não tenho espingarda, senhor.

— Trouxe uma para você. Vista-se.

— Estou escalado para apanhar o Diretor às nove.

— Já estaremos de volta a essa hora.

Enquanto caminhava de volta ao quarto, para se vestir, Joe analisava a história da caçada. Quem estava enganando quem? Quando a Sra. Augustino estava na cama com ele, o capitão poderia andar por perto? O convite dela, com Joe entre suas pernas, foi seguido do convite do capitão. Havia uma pura e flagrante inevitabilidade naquela situação que cheirava a sangue, como se o sangue despontasse com a lua, ou como se seu auto-desprezo surgisse, vivo e reluzente. Era o fim de sua carreira

como informante, ou talvez pior que isso. Apesar de tudo, obedecendo a um tipo diferente de ética, ele deveria evitar as esposas de oficiais. MacArthur balançou à passagem de Joe. Ele merecia ser fuzilado.

O caminhão seguiu para oeste, subindo na direção do Valle. A neve estava mais espessa nas montanhas e os pinheiros formavam um túnel luminoso à frente dos faróis. O rosto encovado do Capitão Augustino tinha seu brilho lunar próprio, a intensidade de um marido que não dormira durante toda a nevada da noite.

— Isso é ilegal, sargento, como você sabe.

— O que, senhor?

— Caçar. Este agora é um terreno reservado para o Exército.

Naturalmente, os índios ainda caçam aqui.

— É mesmo?

— Infiltram-se pelos bosques e caçam. Fica difícil para o nosso pessoal acabar com antigos costumes.

— Realmente, senhor.

— Tudo furtivamente, como no tempo de Robin Hood. Esta agora é semelhante à Floresta de Sherwood.

— Tem razão, senhor.

— Você não é muito bom em história, sargento.

— Não sou mesmo, senhor.

— A história se repete, a primeira vez como tragédia, depois como farsa. Não foi um índio quem disse isso.

— Alguém do Pueblo?

— Karl Marx. Já ouviu falar dele?

— É do Novo México, senhor?

— Não.

— Do Texas?

— Não.

— Músico?

— Talvez tocasse violino em seu estúdio. Você nunca ouviu falar em O Capital ou no Manifesto Comunista?

— Um dia ainda vou melhorar meus conhecimentos, senhor  
Pinheiros surgiam como sombras cobertas de neve. Augustino era um hábil motorista, entrando nas curvas com o pesado caminhão sem perder o

embalo nem o controle. No banco de trás estavam uma Winchester e uma Marlin, ambas do tipo leve, acompanhadas de duas caixas de munição.

— De qualquer maneira, sargento, você não se importa de estar fazendo uma coisa ilegal?

— Não, se estiver acompanhando a pessoa certa.

— É o que eu pensava. Você disse que preferia atirar no coração ou no pescoço?

— Não me lembro, senhor.

— Eu, por mim, prefiro a espinha. Gosto de ver um animal grande cair no lugar em que estava; assim, ele não pode correr um quilômetro e me fazer andar atrás dele. Você já acertou no traseiro de um veado, sargento?

— Não, senhor, mas dizem que no Texas um tiro assim é considerado como no coração.

Augustino riu com gosto.

— Bem, o pai da Sra. Augustino certa vez feriu um mexicano no traseiro e teve de persegui-lo por quinze quilômetros até Bravo, antes de agarrá-lo.

— Em Brownsville.

— Além de Brownsville, pelo tempo que levou. Talvez se tratasse de um novo-mexicano. Você sabe, sargento, nós achamos que os nascidos no Novo México são basicamente mexicanos no lado errado da fronteira. Uma ideia que também agrada os nossos corações é que os índios são basicamente negros de cor vermelha. É por isso que eles andam tanto atrás de mulher branca; é isso que prova a tese. Sou melhor atirador do que o pai da Sra. Augustino.

Eles deixaram o caminhão estacionado na estrada e começaram a subir uma colina. Uma luz azul, antecedendo a alvorada, inundou o Valle, e ao longe, os picos mais altos das Montanhas Jemez estavam cobertos pela névoa. Joe levava a Winchester e um punhado de cartuchos; o capitão escolhera a Marlin. Ainda que contra a vontade, Joe se sentia excitado pelo ar frio e pela neve; era uma manhã perfeita para uma caçada, e aquela hora a mais apropriada. Ainda que lhe parecesse ridículo, percebeu um entusiasmo semelhante em Augustino. Eles caminharam apressadamente contra o vento, até a orla escura de um bosque, e se agacharam. O mais provável era que os alces aparecessem cruzando a colina; os veados faziam

mais barulho, movendo-se pelo meio das árvores. Joe procurou o lugar melhor para colocar-se, bem contra o vento, e Augustino o seguiu naturalmente, como se o tivesse contratado para servir de guia. Pararam no ponto onde as árvores formavam como que uma cunha na beira da campina, dominando 100° da encosta branca à frente deles e mais a orla de outro bosque sessenta metros adiante. A desvantagem era que o sol bateria neles antes de iluminar a parte oposta, mas nem tudo poderia lhes ser favorável.

A alça de mira da Winchester foi acertada para 150 metros. Joe apontaria um pouco mais abaixo no veado que surgisse do meio das árvores. Talvez não acertasse; nunca atirara com aquela arma e nem sabia como puxar o gatilho, se para a esquerda, para cima ou para baixo. Augustino chamou a atenção de Joe para umas leves pegadas na neve. O sargento ajoelhou-se, soprou os flocos recentemente caídos e fez aparecerem as impressões em forma de crescentes duplas.

— Um novilho? — sussurrou Augustino.

— Alce — respondeu Joe no mesmo tom. — Não faz uma hora.

Menos de uma hora. Essa era a melhor parte da caçada — o cálculo do tempo. Joe provavelmente caçara naquela mesma ponta de abetos e pinheiros, vinte anos atrás, em companhia do pai.

Quando as formas sólidas são tão indistintas, é fácil recorrer à memória. Naquela hora da madrugada, nem noite nem dia, cada segundo tinha um peso próprio. Os olhos pareciam tornar-se maiores e procuravam adaptar-se, mesmo quando eram enganados pelo movimento de um ramo. Um macho passou voando entre as árvores. Joe não estava prestando muita atenção à possível caça nem à luz que aumentava. Se alguém iria rebentar-lhe a cabeça com um tiro, pouco importava qual fosse a hora, mas o capitão continuava vigiando com a mesma concentração. Naturalmente, camundongos, musaranhos e ratos passavam a noite correndo de um lado para outro, e apenas na manhã seguinte os caçadores viam na neve os sinais dessas andanças. Quando o dia está clareando, o caçador enxerga apenas o suficiente para atirar em um vulto de seu próprio tamanho. Tudo fica envolvido pelas sombras, sem formas distintas. Não se sabe o que é real e o que é imaginação. Um homem bem pode aproveitar a ocasião, pensou Joe. Como esse oficial, branco racista, nascido em Brownsville,

Texas. Ele e Joe bem podiam abrigar-se debaixo do mesmo ramo de abeto vermelho.

— Diga-me uma coisa, sargento — sussurrou o capitão. — Você alguma vez pensou que este fosse o Século dos Judeus?

— Não.

— Marx era um judeu alemão, sabe? O movimento comunista internacional começou com Marx. A revolução russa foi conduzida principalmente por judeus como Trotsky. Todos os países da terra, até mesmo a China, estão lutando para livrar suas almas de Marx.

— Até a China?

— A história se desenrola como uma maravilhosa e terrível aventura. Há largos períodos e ciclos. Cada século é diferente do outro.

— Como foi o último?

— Foi o Século do Homem Branco.

Joe não podia imaginar que relação isso tinha com a Sra. Augustino.

— Certamente não foi o Século do Homem Vermelho.

— Não, mas agora estamos todos no mesmo barco, sargento.

Primeiro, Marx destruiu a autoridade tradicional e a religião; mais tarde, outro judeu acabou com o conceito de absoluto nas leis científicas.

— Foi mesmo?

— O edifício da ciência foi construído com base em leis absolutas, até que surgissem as teorias da relatividade de Einstein e a física quântica. Agora, não há nada em que um homem inteligente possa acreditar, tanto na religião como na ciência. A própria palavra "átomo" significa em grego o que é indivisível, sabia disso?

— Não, senhor.

— O que não quer dizer — continuou o capitão, aproximando-se de Joe — que eles não tenham sofrido. Quando ouço falar do sofrimento dos judeus sob a tirania de Hitler, lamento não ser também judeu. Veja: no Século dos Judeus, eles se apossaram de nossos corações, quando já eram senhores de nossas mentes. Você pode ver como tudo está se armando justamente aqui.

— Aqui?

— Estou-me referindo, sargento, ao Terceiro Grande Judeu. O que pensaria você se lhe dissesse que J. Robert Oppenheimer foi o homem

mais brilhante que você ou eu ou qualquer outra pessoa aqui jamais conheceu?

— Pode ser.

— Sargento, o que pensaria você se eu lhe dissesse que Oppenheimer é um agente da União Soviética, designado para projetar aqui uma arma atômica, de tal maneira que, terminado esse trabalho, possa entregar os planos a seus amigos soviéticos?

Joe não sabia o que dizer. A conversa enveredara por um terreno de insanidade, para o qual ele não estava preparado.

— Você diria que estou louco, não é, sargento?

— Será que o senhor — perguntou Joe, escolhendo cuidadosamente as palavras — transmitiu essa opinião ao General Groves?

— Como fez o FBI. Entretanto, o general é um escravo de Oppenheimer. Todo o mundo é. Detentores do Prêmio Nobel são para ele como cachorrinhos de estimação, e o Exército dos Estados Unidos foi embrulhado e oferecido de presente. Eu mesmo senti seu fascínio.

— Foi mesmo, senhor?

— As conversas mais interessantes de minha vida foram as que tive com Oppenheimer sobre história. Ele havia lido Ascensão e Queda do Império Romano durante uma viagem de trem entre Nova York e Los Angeles, e O Capital na viagem de volta. E é um físico, não se esqueça.

— Tem razão — disse Joe. Oppy estava sempre tentando discutir assuntos complicados.

— Você alguma vez notou algo hipnótico a respeito dele, sargento? A maneira como as pessoas entram em seu gabinete dizendo uma coisa e saem dizendo o contrário? A preocupação de todo mundo em imitá-lo? A facilidade com que ele montou seu próprio império? Justamente neste ponto focal da história? O senhor está cumprindo ordens do FBI ou de alguém em Washington?

— Não preciso de ordens de ninguém. Não há no Serviço de Informações quem já não tenha percebido as óbvias conexões. É como...

— Xiii... — pediu Joe, ao ver três vultos surgirem silenciosamente do bosque em frente e detendo-se na orla: três grandes manchas escuras observando e escutando. Podiam ser veados, alces ou cavalos. Joe se agachou mais. A Winchester estava com um cartucho na agulha e cinco no pente. O sargento ficou imaginando como se comportaria o capitão com

sua Marlin. O primeiro sinal do sol foi uma tênue luz cinzenta. As estrelas foram perdendo o brilho e desapareceram, enquanto os três vultos se tornavam mais nítidos. Pela imobilidade, deveriam ser veados ou alces, pensou Joe. Eles estavam procurando certificar-se de que a encosta da colina não oferecia perigo, do mesmo modo que Joe procurava preparar o seu tiro. Uma luz azulada inundou o Valle, revelando os flocos de neve mais finos. Aos poucos o sargento foi identificando os animais: dois alces machos e uma fêmea visivelmente prenhe. Achou estranho que, naquela época do ano, uma fêmea andasse com dois machos. Apontou para um deles — o que estava mais para seu lado — imaginando que o capitão se encarregaria do outro. Os animais eram muito bonitos, as grandes cabeças negras e a galhada sobressaindo de seus corpos escuros. Um tiro no coração, decidiu ele. Seu próprio coração como que parou, esperando, enquanto a luz avançava sobre a encosta nevada, com os pinheiros ao fundo. Os três alces continuavam na sombra. Quando o capitão atirou, a fêmea caiu como uma massa informe. Os dois machos se voltaram para o bosque e desapareceram entre as árvores.

— Você não atirou — disse Augustino.

— O senhor matou a fêmea.

— Deixei os machos para você.

Joe levantou-se.

— Não se atira em um animal prenhe. Qualquer pessoa podia ver que aquela fêmea estava grávida. O senhor disse que era um caçador!

— Sargento, você perdeu o seu...

— Não se atira em um animal prenhe. Pensei que pelo menos o senhor soubesse caçar. Escutei toda a sua lenga-lenga a respeito dos judeus, toda aquela baboseira, apenas porque o senhor é um oficial. Mas não se atira em um animal prenhe. Você é um sujeito nojento, Augustino, sabe disso? Oppy vale dez vezes mais do que você ou eu. E aquelas besteiras a respeito de Marx! Morei em Nova York. Marchei com os veteranos da Guerra Civil espanhola. Tive dois camaradas me chateando durante um mês inteiro com as teorias de Marx, enquanto você molhava as fraldas em Brownsville.

— Estou-lhe avisando...

— Quem é você para me avisar? — interrompeu Joe, afastando o galho sobre a cabeça de Augustino e depois atirando a Winchester contra o

tronco da árvore. A espingarda partiu-se ao meio. O cano e a culatra voaram longe, enquanto a coronha continuava na mão dele. Atirou-a fora também.

— Quem é você para me avisar?

— Tenha calma.

O tom de voz do Capitão Augustino já era outro. Ele não se mexera quando a metade da espingarda voou sobre sua cabeça, embora o sangue lhe fugisse do rosto, tornando ainda mais fundas as suas olheiras.

Joe começou a caminhar pela neve na direção do animal caído. A parte superior de seu pescoço fora arrancada e suas patas estavam esparramadas em todas as direções; seus olhos, porém, ainda se moviam. A barriga estofada se destacava do resto do corpo.

— Vou dizer-lhe uma coisa — berrou Joe. — Sua mulher disse que você tem um pênis do tamanho de uma minhoca. Assim mesmo, é duas vezes maior do que seus miolos.

Apressou o passo sobre a neve, desabotoando o casaco para libertar a pistola 45 que trazia no cinto. Sentiu que Augustino, nas suas costas, apontava a espingarda. Para o coração? Para a cabeça? Com a mão no cabo da 45, percorreu correndo os últimos dez metros. No momento em que Augustino puxou o gatilho, Joe já se havia atirado ao chão.

O animal agonizante teve um estremeção ao ser atingido pela segunda bala. Joe jogou-se por cima dele e rolou para mais perto, procurando proteger-se. O capitão Augustino continuava em pé e, sem tentar abrigar-se, carregou a arma novamente. Joe apoiou a 45 no corpo do alce e mirou cuidadosamente. Era um tiro fácil, considerando a precisão da pistola. Puxou o gatilho. A arma saltou e um ramo partiu-se, dois palmos acima da cabeça de Augustino.

— Droga!

Tentou outra vez, abrindo um sulco na casca da árvore junto ao capitão.

Augustino se escondeu atrás de uns galhos. Os únicos sinais dele eram o vapor de sua respiração e o cano da espingarda.- A própria respiração de Joe mais parecia o resfolegar de um motor. O abrigo oferecido pelo alce era insuficiente. Se Augustino se aproximasse, vindo de um ângulo diferente, poderia matá-lo sem dificuldade.



O cano da espingarda se levantou novamente, mas apontando na direção em que os alces haviam desaparecido. Joe viu então dois homens, protegidos por cobertores e botas de neve, saindo do meio dos pinheiros, os rostos e as mãos pintadas de preto, os longos cabelos escorridos. Embora o da frente caminhasse encurvado pela idade, trazia o outro preso por uma longa corda amarrada no pulso, como se o segundo fosse cego. Pendurada em seu ombro havia uma rede cheia de gaios mortos. A rede parecia uma brilhante asa azul. Havia também um mocho e um bacurau — aves que somente podem ser apanhadas em noites de

lunar. Os homens deveriam ter ouvido os tiros, mas atravessaram o trecho entre o alce e as árvores onde Augustino se escondera sem aumentarem o passo nem se deterem, avançando lentamente pela encosta coberta de neve e carregando o resultado de sua caçada. Embora parecesse que se dirigiam para Santiago, Joe não os reconheceu. Eles se moviam como fantasmas, vindos de outro mundo. Afinal, alcançaram o renque de álamos na base da colina e desapareceram.

— Sargento! — chamou Augustino. — Mudei de ideia. Não quero mais matá-lo. Deveria dar cabo de você, mas tenho coisas mais importantes para fazer.

— Não seja bobo.

— Tenho deveres a cumprir — insistiu Augustino, saindo para a clareira, a espingarda na mão esquerda, com o cano para cima. — Não posso me permitir o luxo de perder a cabeça, de desfrutar de uma simples vingança pessoal, de rebaixar-me ao seu nível.

— Foi ideia sua vir aqui.

— Atire em um oficial e estará perdido, sargento — continuou Augustino, jogando a espingarda no chão e aproximando-se. — Viemos atrás de um alce e o pegamos. Isso é tudo. Nada mais aconteceu.

— Porque você errou.

— Mas você não está em condições de acusar-me publicamente de coisa alguma, ainda mais que se trata de um sargento trepando com a esposa do oficial que ele acusa. Foi uma experiência que vamos esquecer. Tudo se resumiu em uma caçada matinal — arrematou ele, parando a uns cinco metros de Joe.

— Não se atira em animal prenhe.

Joe apontou a pistola. Na cabeça? Àquela distância, um tiro de 45 arrancaria o topo da cabeça do capitão.

— Temos de voltar para o acampamento, a fim de apanhar o diretor e o General Groves — disse o capitão, consultando o relógio. — A Sra. Augustino deve estar saindo para a missa de domingo.

— Se você quer se ver livre de mim, capitão, por que não arranja minha transferência para o Pacífico ou para a Europa?

— Não. Você me é mais útil onde está.

— Fazendo o quê? Guiando carros? Abrindo portas? Trepando com sua mulher?

— As informações, sargento.

— Não adianta — replicou Joe, pondo-se de pé.

— Nada disso, sargento. Você é um informante.

— Devo ser alguma coisa mais.

— Considere o problema da seguinte maneira: o que estamos fazendo aqui é fabricar uma arma secreta, certo? Você é a minha arma secreta. A outra opção que você tem é a cadeia, se é que quer voltar para lá.

— Você é um lunático, capitão.

— E o que você pode fazer? Um tiro no coração? Àquela distância, uma bala arrancaria o coração, a aorta e metade de um pulmão de Augustino. Joe abaixou o cano da pistola e puxou o gatilho. As pernas do alce estremeçeram ainda uma vez, como um espasmo em um pesadelo. O animal esticou o pescoço, seus olhos se amorteceram e morreu.

— Aguardo um relatório mais tarde, informando tudo o que Oppenheimer disser — principalmente conversas com Groves, em especial sobre assuntos políticos.

Augustino não desistira. Respirou fundo, com o ar satisfeito de um homem que está voltando para casa:

— O de costume.

# JUNHO DE 1945

O automóvel era um Buick azul com motor V-8, os bancos forrados de pelúcia cinza. Sentados atrás estavam o Brigadeiro General Leslie Groves e Oppy; na frente, Klaus Fuchs, um rádio de campanha, e, ao volante, Joe. No lado interno das janelas a respiração se condensara e gotas escorriam pelos vidros. No lado de fora, todo o Novo México parecia nascer em Los Alamos, o platô se transformando em contrafortes cheios de pinheiros escuros, coroados de neve.

O corpo do general parecia apertado, desconfortável, dentro do uniforme. Groves era um homem alto, de cabelos grisalhos, mas seu aspecto era vigoroso e ágil, o bigode espetado, os olhos brilhantes como aço; entretanto, abaixo do pescoço, a túnica cáqui bem engomada parecia estalar sob a pressão da gordura. Ele tinha muito orgulho de Los Alamos. Seus domínios se estendiam desde as gigantescas usinas em Hanford, em Washington, e Oak Ridge, no Tennessee, até os laboratórios especializados em Chicago, mas estes estavam a cargo da Union Carbide e da DuPont ou de europeus foragidos, ao passo que Los Alamos era seu território próprio, dirigido por Oppenheimer — sua escolha pessoal — e representando o verdadeiro coração e a alma do projeto, o maior empreendimento científico da história da humanidade. O Buick — o melhor automóvel do parque — estava sempre reservado para ele, quando vinha em visita, sendo Joe invariavelmente o motorista. Algumas personalidades importantes que costumavam vir de Washington com o general se referiam a Joe como "o índio de Groves". A história se espalhou e até o Presidente falara certa vez a respeito daquele "camarada índio".

Oppy usava um velho capote do Exército, tão grande que poderia dar duas voltas em torno do seu corpo, e um barrete que lhe acentuava a forma comprida da cabeça. As mãos não paravam de agitar-se, porque o general não permitia que se fumasse no automóvel. Klaus Fuchs, rígido, como se estivesse em posição de sentido, mantinha-se embrulhado em seu sobretudo, e os olhos, meio escondidos pelo chapéu, pareciam achatados atrás dos óculos sem aro.

Groves não vetara a participação de membros da missão britânica — eles pensavam que Los Alamos era Oxford — mas, como alegara Oppy, Fuchs não era propriamente um inglês.

— Vou falar com o Presidente amanhã — disse Groves. — Na certa ele vai-me perguntar por que precisamos fazer um teste. O urânio que temos mal chega para uma bomba e o plutônio também está muito escasso atualmente. Ele vai querer saber por que iremos gastar em um teste o pouco de que dispomos.

— Há dois esquemas distintos — começou Oppy a explicar lenta e pacientemente, não porque Groves fosse ignorante, mas porque era naturalmente prolixo e Oppy queria que Roosevelt ouvisse uma explicação bem simples. — Há o esquema com o urânio, que é basicamente um cano de canhão. Não temos esperanças de conseguir quantidade suficiente de urânio refinado até o fim de julho ou alguns dias mais, porém estamos certos de que teremos bons resultados. E há o esquema com o plutônio, que exige uma complicada "implosão". Esperamos ter, em meados de julho, plutônio bastante para duas bombas, e em agosto e setembro, mas outras duas por mês. Entretanto, não temos certeza de que o dispositivo funcione. É o esquema com o plutônio que queremos testar, e será o arsenal de dispositivos com plutônio que acabará com a guerra, não uma simples explosão de nosso projeto com o urânio. Você pode dizer ao Presidente que o fato de procurarmos um local para o teste já é um sinal de confiança.

— Estamos dependendo muito do acerto na escolha desse local. As alternativas são umas ilhas ao largo da Califórnia, desertos no Texas e algumas dunas no Colorado. O último lugar que eu escolheria para uma explosão atômica secreta seria na Califórnia.

— Isso depende, naturalmente, da violência da explosão — ressaltou Oppy.

— Bem, mas qual será ela? — perguntou Groves.

— A equivalente a quinhentas toneladas de TNT é quanto se calcula — informou Fuchs. Ele estava a par do detalhe porque integrava o Grupo de Trabalho encarregado de estimar a explosão.

— Não poderia ser muito maior?

— Teoricamente seria possível chegar a cinco mil toneladas ou a cinquenta mil. Quase que não há limite.

— Quinhentas mil é um bom começo — disse Groves, mais conformado. — Vou dizer ao Presidente que faremos o teste no nosso 4 de julho.

— Ótima ideia — disse Oppy.

Uma pena que não fosse no Natal, pensou Joe. Talvez tivesse chegado a hora de contar ao general que o chefe do serviço de segurança da Colina estava convencido de que Robert Oppenheimer era um agente especial de Joe Stalin, sendo aconselhável que eles abrissem os olhos e revissem todo o projeto, ainda que não houvesse alguém em condições de ocupar o lugar de Oppy e mesmo que se tivesse de adiar o teste, a bomba e a vitória final. Entretanto, aquele momento talvez não fosse o indicado, convindo que ele continuasse no seu papel de sargento ignorante — o "camarada índio".

Tão logo atingiram a auto-estrada em Esperanza, Joe pisou no acelerador. A velocidade limite em tempo de guerra era 60km/h, mas o general sempre preferia andar a 140. O racionamento de gasolina praticamente esvaziara as estradas, e o Buick podia correr pelo asfalto de pista dupla, às vezes única, com amplos acostamentos para o trânsito de carroças puxadas a burro e pesadas carretas.

Santiago estava pontilhada de fumaça dos fogões à hora do café da manhã. Santa Fé prosperara com um brilho de gás néon sob o céu cinzento. Um hospital do Exército carreara dinheiro para a cidade. Cartazes anunciavam bebidas, botas, curiosidades.

Enquanto Oppy e Groves falavam sobre problemas de isolamento de isótopos e estados alotrópicos do plutônio, Joe ficou pensando por que razão fora para a cama com a Sra. Augustino. Era ela a mulher que desejava? Ou outra? Ou qualquer uma?

Como se fosse uma consciência, a motocicleta de um guarda, com a sirene ligada, surgiu detrás de um cartaz que dizia: "Bônus de Guerra ajudam a fabricar armas!"

As viagens do general eram secretas; não se poderia admitir que ele tivesse de depor perante qualquer juiz de paz. Joe forçou mais o acelerador. Os guardas de trânsito do Novo México usam uniforme e capacete pretos. A 150 km/h, o vulto escuro foi ficando cada vez menor no retrovisor. Balançando-se amarrados pelo cinto de segurança, Groves e

Oppy continuaram conversando sobre prazos de fabricação. Fucks falava apenas quando era perguntado.

No campo à margem da estrada a brisa sacudia os ramos das pimenteiras, desprendendo os frutos que não haviam sido colhidos, porque o lavrador preferia entrar em uma agência da Boeing em Albuquerque e transferir-se para Seattle, a fim de trabalhar na fabricação de aviões B-29 e ganhar mais dinheiro em um mês do que em um ano na lavoura.

— Explodir, implodir. Dois acontecimentos aparentemente contraditórios no mesmo momento — dizia Oppy. — Sugiro que não se tentasse explicar isso ao Presidente. Apesar de tudo, é um conceito atraente. Passaram por Albuquerque e pelo fundo do vale, atravessando o rio tantas vezes que até parecia haver uma série deles. Oppy e Groves não cessaram de discutir problemas que variavam desde a obtenção do plutônio até a do açúcar para o almoxarifado. O automóvel

corria contra o vento, na direção de umas nuvens cinzentas que se formavam e logo desapareciam. Em Antônio — um vilarejo com suas janelas fracamente iluminadas — eles deixaram a auto-estrada e rumaram para leste, por uma pista de macadame já em mau estado; atravessaram o rio pela última vez e entraram em uma vasta planície coberta de macega e cactos. Agora, as nuvens se deslocavam para a frente e a neve começara a cair, a princípio levemente, acompanhando o vento, depois com mais intensidade, à medida que o sol desaparecia, acumulando-se nos limpadores do para-brisa e cobrindo os vidros dos faróis.

— Se Hitler tivesse a bomba... — estava dizendo Groves. — Tivemos informações de que esta ofensiva de inverno dos alemães é apenas para despistar, enquanto eles ultimam uma arma secreta. De repente, ele pode lançar aviões a jato, novos foguetes.

— Se Hitler conseguir uma arma nova, vai lançá-la contra os russos disse Oppy.

— E isso é uma má ideia? — perguntou Groves.

Joe saiu da estrada e parou o carro à frente de uma cerca de arame farpado, coberto de flocos de neve. Os postes de sustentação eram ramos de pinheiro, cinzentos como ossos, fincados a intervalos de dois metros e meio e inclinados pela ação constante do vento. Não havia propriamente uma porteira — varas móveis superpostas horizontalmente ou girando

apoiadas em um tronco — mas apenas uma seção com dois fios de arame farpado, presos pelas extremidades a dois troncos fincados no chão, de tal maneira que o conjunto podia ser deslocado, permitindo a passagem. No outro lado, se estendia uma terra de vegetação rala, com alguns pés de iucá, cujas folhas espinhentas balançavam sob a neve, iluminadas pelos faróis do carro.

— A Porteira do Garanhão — anunciou Joe.

— Não vejo ninguém aqui — disse Groves, olhando para os dois lados da estrada. — Deveria haver uma meia-lagarta e dois jipes esperando por nós.

— Isso mesmo, senhor. Eles já deviam estar aqui na porteira.

— Você tem certeza de que o lugar é este mesmo?

— Sim, senhor — respondeu Joe, apontando para os sulcos duplos, ligeiramente mais brancos, de uma pista que corria da estrada na direção da porteira. — Vou tentar contatá-los. O rádio de campanha era um velho modelo de antes da guerra, com um alcance de uns cinquenta quilômetros em tempo bom e uma recepção dependendo da estática. O destacamento vindo da base de Alamogordo poderia ter algum veículo enguiçado e perdido tempo, mas ainda assim deveria encontrá-los na divisa. Quando Groves se recostou no banco traseiro, o carro se sacudiu em suas molas.

— Sou esperado em Washington amanhã e aqui estamos nós, roendo as unhas diante de uma cerca de arame farpado. Joe — perguntou Oppy — você é o único que já esteve aqui antes. O que nos sugere?

— O tempo está piorando. Acho melhor esperarmos.

— Sargento, jamais consegui alguma coisa ficando parado — disse Groves, inclinando-se para a frente, com a sua decisão tomada. — Há apenas uma polegada de neve no chão. Vamos ao encontro deles na estrada.

Joe levou uns dez minutos para colocar correntes nos pneus traseiros, abrir a porteira, atravessá-la e, obedecendo ao costume, fechá-la novamente. De volta ao carro, sacudindo os flocos de neve de seus casacões, todos ficaram de olhos grudados na pista que mal se percebia, cruzando o campo nevado. Joe guiava em segunda, tentando manter os faróis iluminando o sulcos, mas sem deixar as rodas cair dentro deles. Fuchs estudava um mapa muito amarrotado.

— Que tipo de problema você acha que eles tiveram? — perguntou Oppy.

— Sistema de tração — explicou Groves. — Motoristas de tanque, de meia-lagarta ou de escavadeira todos são a mesma coisa. Se lhes acontece um problema com um automóvel comum, não sabem o que fazer.

Joe engatou uma primeira, ao perceber que a pista desaparecera.

— Estamos quase no México. Será que ainda vai nevar muito? — disse Fuchs, limpando o para-brisa embaciado. — Eles disseram que viriam ao nosso encontro, não foi? Vamos vê-los a qualquer minuto.

Depois de um longo silêncio, Joe comentou:

— Eles deveriam ter aparecido há mais de meia hora.

A neve batia contra o carro que avançava aos solavancos. Quando conseguiu retomar a pista novamente, Joe resolveu colocar as rodas nos sulcos e mantê-las assim. Abriu sua janela e pôs a cabeça para o lado de fora, dispensando Fuchs do trabalho de limpar o para-brisa. O carro se sacudia, afundando nos buracos encobertos pela neve.

— É como velejar — disse Oppy, deliciado. — O mesmo céu escuro, as mesmas vagas brancas.

— Estou-me lembrando da primeira vez em que viajei por mar — replicou Fuchs. — Foi quando os britânicos nos levaram para o Canadá, como estrangeiros inimigos, ao iniciar-se a guerra. O comboio foi atacado por submarinos alemães que afundaram um navio bem na frente do nosso.

— Eu não sabia que o senhor foi um estrangeiro inimigo — comentou Groves.

— Hoje sou inglês — assegurou Fuchs.

— Alemão e inglês — acrescentou Groves secamente.

Implosão. Explosão. Dois acontecimentos ao mesmo tempo. No navio transporte que o levava para Manila, Joe contemplava o mar. Por não ter mais nada para fazer — não havia mulheres a bordo nem se podia jogar cartas, pois os oficiais eram bastante exigentes, uma vez que serviam sob as ordens de Mac Arthur — Joe ficava debruçado na amurada contemplando o mar, acompanhando quaisquer movimentos, desde as baleias que assomavam à superfície até os cardumes de golfinhos ou algum raro peixe-voador. Certa vez notou uma nova ocorrência — uma contradição. Soprava um vento leste que agitava uma sucessão de



pequenas ondas contra o costado, desde a proa até a popa. Entretanto, o navio se sacudia, cambaleando como um lavrador metido em botas novas, em consequência de uma tempestade que rugia a centenas de milhas a oeste. A superfície da água, a espuma das ondas eram enganadoras em relação à verdadeira intenção do mar. A intenção oculta. Joe não se esquecera do fenômeno porque aquela fora a primeira vez em que ele se dera conta de que todos no navio talvez não retornassem de Manila.

— Senhor, acho que devemos ficar aqui — disse Joe, desligando o motor e os faróis. A neve continuava a cair, agora mais densa.

Fuchs endireitou o tronco e perguntou com uma voz de ator cômico:

— Vas ist das?

Surgindo detrás de uma elevação, três homens caminhavam na direção do carro, cada um com um fuzil na mão.

— Mescaleros — disse Joe. — Apaches.

— Fale com eles — ordenou Oppy.

Quando Joe ia saindo do carro, Groves recomendou-lhe: — Não deixe que eles se aproximem. Não devemos ser reconhecidos.

Dois dos homens eram pai e filho, cada um quase da altura de Joe, e ambos usavam sapatos de neve, cabelos compridos, gorros de lã, casacões sujos, um de pele de carneiro, outro de corduroy. Tanto a roupa como os cabelos estavam salpicados de flocos de neve, e os rostos brilhavam de suor. O terceiro homem tinha uma cabeça mais retangular, o cabelo mais rente, um casaco de couro e as mãos e pés enrolados em trapos. Navajo, pensou Joe. Provavelmente nenhum deles reconheceria Groves e avisaria Tóquio, mas o que estaria um navajo fazendo ali? Viu os cavalos? — o mais velho perguntou a Joe.

— Cavalos?

— Há cavalos por toda parte.

Joe tirou o maço de cigarros do bolso. Apaches eram para ele como chineses, e os navajos, ladrões. Do mesmo modo, apaches e navajos achavam que todos os habitantes dos pueblos eram efeminados. O índio mais velho se aproximou para apanhar o cigarro e logo recuou. Os flocos de neve continuavam caindo. A tempestade abrandara, mas ainda persistia. O fuzil do navajo se mantinha como que casualmente apontado na direção do carro.

— Eles enxotaram os rancheiros brancos — disse o pai. "Eles", Joe sabia, significava o Exército. — Mas há os cavalos. Se não os levamos, eles simplesmente irão fuzilá-los.

— Eles chegam de avião e usam metralhadoras — acrescentou o filho. — Algumas vezes lançam bombas. De dia e de noite.

— Talvez sejam texanos — disse Joe.

Os apaches deram uma risada, batendo nos ombros uns dos outros e depois no de Joe. Até o navajo riu nervosamente.

— Esses filhos da mãe — disse o mais moço. — Aviões...Parecem malucos.

— O Exército comprou as terras — esclareceu o pai — mas fez os pagamentos de tal jeito que os rancheiros tiveram de devolver o dinheiro em impostos; quando quiseram reclamar as terras de volta, começaram os bombardeios.

— Os rebanhos de ovelha têm de ir para o norte — interveio o navajo, com sua voz aguda e pronunciando as palavras pela metade. — Alguém em Washington determinou que cada índio só pode ter 83 ovelhas. Contribuição para o esforço de guerra. O que é que as ovelhas têm a ver com a guerra?

— Nada — replicou Joe.

— O Serviço de Proteção aos Índios vem e mata as ovelhas. E também quem se meter no caminho.

Joe então se lembrou. Perto de Gallup, um grupo de navajos prendera dois inspetores do Serviço e desaparecera, levando-os como reféns. Em todo o estado, os jornais consideraram o incidente como uma rebelião. O Serviço e o FBI andaram à procura dos fugitivos por todo o norte, até Salt Lake City. Não ao sul, com os mescaleros.

O apache mais jovem olhou demoradamente para Joe:

— Você não tomou parte em uma luta de boxe em Antônio?

— Sim.

— Então lutou contra meu irmão. Montaram um ringue em um pavilhão atrás do café. Lembra-se de Kid Chino?

— Ele estava bêbado. Não deveria ter subido ao ringue.

— Qual nada! Nunca estive tão sóbrio em toda a sua vida — replicou o apache, batendo com força os pés no chão.

Joe agora se lembrava bem do irmão, todo cheio de gás no primeiro round e desistindo no segundo.

— Muito bom pugilista, aquele seu irmão.

— Um rapaz direito — disse o velho, olhando para o outro filho.

Joe ofereceu cigarros outra vez. Os apaches examinaram o isqueiro, um Zippo onde estava gravado "3ª Bateria — 200º Grupo de Artilharia da Costa".

— Bataan — esclareceu Joe, ao receber o isqueiro de volta.

O pai olhou para cima:

— Bom tempo. Os bombardeiros não poderão voar e é fácil seguir pistas na neve. Joe não vira pista alguma. Considerava-se um bom farejador, mas realmente não era um apache.

— É melhor vocês procurarem os cavalos. Finalmente o navajo sacudiu os ombros e abaixou o fuzil.

Os quatro homens permaneceram fumando e contemplando a quietude do ambiente entre o céu baixo e o campo coberto de neve. Depois, pai e filho apagaram os cigarros e se despediram de Joe com um movimento de cabeça. O navajo seguiu atrás deles. Os três rumaram para o norte, fazendo uma larga volta em torno do automóvel. Não teria sido esse um interessante final do projeto da bomba atômica — Groves e Oppy mortos, estirados na neve, por causa de um punhado de ovelhas?

Joe abriu a porta do carro no lado em que se encontrava o general:

— Não creio que eles o tenham reconhecido, senhor. Disse-lhes que eles estavam invadindo a área do Campo de Provas de Alamogordo e tinham de retirar-se.

— Aparentemente eles não estavam muito dispostos a obedecer — disse Oppy.

Os apaches mais o navajo já haviam quase desaparecido, não só por causa da distância, mas também por efeito da neve. A visibilidade variava de uns quinhentos a mil metros. Oppy saltou do automóvel, acendeu seu cigarro e o de Fuchs e deu um suspiro de alívio. Groves também veio caminhar na neve e, com ar profissional, fazer um giro de horizonte, movendo lentamente a cabeça.

Oppy abriu o mapa sobre o capô do carro: — Estamos bem aqui. Latitude 33°40'31"; longitude 106°28'29".

— E onde é isso? — perguntou Groves.

— A leste estão as Montanhas Ocuras — apontou Joe. — Ao sul, o desfiladeiro de Mockingbird; a oeste, três vulcões que o povo chama de Trindade; ao norte, a Porteira do Garanhão.

Em todas as direções a mesma parede branca. No ponto do mapa em que Joe colocara o dedo, Fuchs fez um X com o lápis e riscou um círculo em torno da letra.

— Se este for o ponto zero da detonação, precisaremos de uma distância de dez quilômetros até os primeiros abrigos de controle.

Groves instalara um teodolito sobre a neve. Depois que as pontas do tripé se enterraram firmemente, o instrumento foi facilmente nivelado. Terreno plano. A fisionomia do general revelava confiança. Aspirou o ar, satisfeito. A ausência do destacamento de Alamogordo estava esquecida.

— Justamente as condições que nos levaram a escolher Los Alamos - disse para Oppy. — Vamos marcar o lugar.

Enquanto Groves operava o teodolito, Joe se afastava uns cinquenta metros, levando uma trena, bandeirolas e estacas. Oppy e Fuchs avaliavam a distância. Quando Groves fez sinal, Oppy atirou uma bandeira vermelha aos pés de Joe.

— O Capitão Augustino me contou que há um espião na Colina — disse Joe a meia-voz.

— Disse quem era? — perguntou Oppy, com um ar inocente, o jeito de um pintinho no meio das cobras.

— Não — mentiu Joe.

— Não falou em nomes?

— Disse apenas que a pessoa representava um risco para a segurança.

— Isso acabaria com o projeto.

— E a reputação do encarregado da segurança?

— Arruinada. Nenhum nome?

— O que eu quero é ser transferido da Colina, ir para uma frente de combate.

— Esse é um problema do Exército, Joe. A Colina é, afinal de contas, uma base militar. Você tem de falar com o oficial que comanda o destacamento.

— É o próprio Augustino.

— O capitão é um homem com muita autoridade em seu pequeno setor.

— Que é toda Colina.

— Ele realmente não citou nomes?

— Acho que, para você, ele dirá se desconfia de alguém.

— Pode ser.

Oppy estava visivelmente aliviado. Olhou para Joe com ar de conspirador:

— Não se esqueça de que o capitão é um oficial de informações. Tem obrigação de ser meio paranoico.

No conjunto seguinte de bandeirolas, Oppy e Fuchs trocaram de lugares.

— Deve ser interessante ter nascido índio — disse Fuchs, acompanhando os passos de Joe. — Ficar livre da civilização, viver simplesmente com a natureza, homens e mulheres.

— O senhor quer dizer andar nu?

— Não, estou falando em desafiar todos os padrões burgueses de comportamento. Você entende o que quero dizer por burguês?

Joe estava observando o jeito de Oppy caminhar — uma frágil figura, embrulhada no sobretudo. Ao esticar os braços, segurando as bandeirolas desajeitadamente, parecia estar dançando sobre a neve.

Eles criaram um modelo do local onde o teste seria realizado: bandeirolas vermelhas indicando direções, estacas numeradas marcando as distâncias até os abrigos de controle, o acampamento, os postos de observação, as estradas de evacuação e as zonas habitadas. Quando se reuniram junto ao teodolito — o ponto zero do modelo — a neve tinha praticamente acabado de cair. A atividade de Groves, enérgico e decidido, era a de um engenheiro fazendo um levantamento de terreno. Agitando as mãos, descrevia a torre do teste, falava de quilômetros de arame, das estradas e dos caminhões que julgava necessários. Oppy trouxera uma garrafa de conhaque e até mesmo Groves — que normalmente não bebia mais do que um pequeno cálice de xerez — aceitou um gole cerimonioso. Sozinho no carro, Joe procurou ligação pelo rádio com o comboio que deveria tê-los encontrado várias horas antes. Enquanto tentava vencer a estática, abriu seu frasco de bebida. Vodca. Não se tratava de sofisticação. As destiladas em tempo de guerra fabricavam vodca tendo como matéria-

prima batata, milho, melão e cevada, ou etanol, metano e produtos petroquímicos, ou ainda suor de cavalo e urina purificada. As casas de bebidas de Santa Fé não vendiam uma garrafa de outra coisa para quem não comprasse também uma de vodca. Outra conexão subversiva comunista. Joe continuava lutando contra a estática.

— ... dificuldade... perdemos uma viatura de rodas... daqui a pouco... câmbio.

Joe repetiu as coordenadas do mapa e desligou. O general já tinha perdido seu avião; teria de avistar-se com Roosevelt em outro dia.

De repente escureceu e o frio aumentou. Nuvens se acumularam por todos os lados, mas bem acima deles apareceu uma estrela. Joe aproximou-se e fez uma fogueira com estrume de vaca que desenterrou da neve. Os outros três homens, entusiasmados com a tarefa de projetar o local do teste, ainda estavam bebericando o conhaque. Joe observou que aqueles minutos, esperando a chegada do destacamento enviado pela base, eram provavelmente os primeiros de verdadeira descontração, de um repouso completo, não desfrutado por Oppy nem por Groves nos últimos anos.

— Estive pensando nos alquimistas chineses que inventaram a pólvora — disse Oppy. — Às vésperas da invenção, devem ter tido a sorte de gozar uma noite como esta. Talvez o imperador da China tenha até mesmo mandado uma escolta de cavaleiros à procura deles, da mesma maneira que os jipes estão procurando por nós. Talvez possamos encontrá-los.

— O que você quer dizer? — perguntou Groves.

Einstein diz que o tempo percorre o universo segundo uma linha curva. Nessa linha, podemos andar para a frente ou para trás. Jamais encontraremos outra vez aqui esta mesma Porteira do Garanhão, mas sempre poderemos topar com ela em alguma encruzilhada do tempo. Se fôssemos capazes disso, talvez também encontrássemos aqueles cavaleiros chineses.

— Vou-lhe confessar uma coisa, a respeito de voltar para o passado — rosnou Groves, tirando do bolso um pacote de caramelos. — O pior dia de minha vida foi quando me mandaram salvar este projeto. Eu acabara de ser designado para o meu primeiro comando de uma unidade combatente. Um soldado quer é lutar. Meu pai foi capelão do Exército e mesmo assim

participou de combates. E lá estava eu, um sujeito nascido e criado no Exército, com ordem para acompanhar em casa a maior guerra da história, supervisionando um bando de cientistas, todos primas-donnas e que, segundo se dizia, haviam metido na cabeça do Presidente uma porção de histórias.

Colocou um caramelo na boca e mastigou durante alguns instantes.

— Bem, não costumo dirigir projetos malucos que não mostram resultados. Um grupo de cientistas e dos chamados gênios tentou convencer-me de que seria possível fabricar a tal bomba atômica. O maior físico americano é E.O. Lawrence. Gosto dele. Ele inventou o ciclotron e ganhou o Prêmio Nobel, mas dificilmente produziu uma partícula de urânio. Apesar de tudo isso, farei com que este projeto tenha êxito. É principalmente um sistema de conexões, embora muito complicado.

Os olhos de Oppy brilhavam de satisfação. Groves limpou os dedos na neve e continuou:

— Na verdade, nunca tive mais certeza de um bom resultado do que agora mesmo, aqui neste lugar.

— Que será o seu monumento — acrescentou Oppy.

— Monumento? — replicou Groves com desdém. — Depois de ter construído o Pentágono, calculei que durante minha carreira havia movimentado uma quantidade de terra e misturado toneladas de cimento suficientes para construir duzentas vezes a pirâmide de Quéops.

— Esta é uma espécie diferente de pirâmide — sugeriu Oppy— Tem diferentes blocos — muito aço, ouro, água, material radioativo que nem se pode tocar ou mesmo chegar perto dele — e a pirâmide deve ser construída de acordo com um projeto que ninguém jamais viu.

— Deixe-me dizer-lhe o tipo de monumento que eu queria ter — continuou Groves. — Mostraram-me uma estimativa das baixas que iremos sofrer na invasão da Alemanha e do Japão. Gostaria de um monumento comemorando um milhão de vidas americanas salvas.

A sinceridade de Groves era tão convincente que provocou um longo silêncio. Cinzas voaram da pequena fogueira quase extinta.

— Os hindus dizem que a última aparição de Brama será névoa, fumaça e sol, relâmpagos e uma lua — gracejou Oppy, dando uma volta em torno do fogo, excitado demais para ficar parado. — Brama seria um bom nome para a bomba.

Joe continuava em pé, dentro do arco da luz. Na sombra, se aninhavam serpentes, frias e adormecidas sob a neve. Havia uma variedade de animais mergulhados em sono hibernai: camundongos enrolados em suas tocas, sapos imersos na lama, minhocas enfiadas na terra. As lembranças estavam longe dali: vultos de mulheres perdidos na distância, japoneses.

Na realidade, a vida até que era boa, quando ele chegou em Manila. Tudo o que o Exército queria era que ele lutasse boxe: voar de um aeroporto para outro, exibindo-se em lutas contra campeões locais; tomar parte no festival anual de boxe no Estádio Rizal; tocar piano nos clubes de oficiais. Quando as famílias foram evacuadas, os oficiais — agora livres dos compromissos domésticos — trouxeram belas prostitutas, garotas filipinas cor de café e russas brancas cheias de berloques baratos.

Quando a invasão começou, três dias antes do Natal, Joe comandava um pelotão de recrutas filipinos. A primeira noite em que entraram em contato com o inimigo foi em uma plantação de bananas, e no escuro, em meio ao sussurro da folhagem, ele ouviu uma voz: "Hei, Joe! Venha cá, Joe!" Sabia que os japoneses chamavam todos os americanos de Joe e que não haviam atravessado o Pacífico apenas para falar com ele pessoalmente, mas as vozes o irritavam pela repetição e as sombras pareciam ganhar vida.

O desejo de Joe era voltar para o carro, ligar o rádio e ouvir uma orquestra de Albuquerque ou, se tivesse sorte, uma estação de jazz de Kansas City — Ellington, como se fosse um índio negro em uma canoa invisível, remando através das nuvens. Reme, Duke! Venha me socorrer!

Groves desembrulhara seu último caramelo.

— A grande verdade é que ninguém mais possui base industrial nem tecnologia. É preciso não esquecer a inerente ineficiência do sistema soviético.

Eles levarão uns vinte anos para fabricar uma bomba atômica, se é que vão conseguir.

Havia qualquer coisa nas nuvens, réstias de luz surgindo e desaparecendo; ao longe, o ronco de um trovão.

— Um mundo sem guerra — comentou Oppy.

— Uma Pax americana — confirmou Groves.



As estrelas começaram a reaparecer por entre as nuvens. Uma luminosidade mais difusa se espalhou pela neve. O ronco estava cada vez mais perto. O último caramelo do general escorregava entre seus dedos. Oppy tinha os olhos no céu, à maneira dos santos em êxtase. Fuchs fitava as chamas que se refletiam nos vidros de seus óculos. Joe contou os segundos mentalmente até ouvir o trovão novamente.

— Bombardeiros a cerca de dez quilômetros daqui.

— Daqui? — estranhou Groves.

— Este é um campo de provas, general. Estão treinando voos noturnos.

— O que é que eles atacam? — perguntou Oppy. À noite — explicou Joe, olhando para os restos de sua fogueira — se concentram em alvos iluminados.

Correu para o carro, sentou-se no banco dianteiro e ligou o rádio de campanha. Olhando pelo para-brisa do Buick, reparou que os três homens procuravam apagar o fogo pisando nos pedaços de estrume incandescente. Groves se mostrava surpreendentemente ativo, e Oppy, desajeitado como de costume. Voavam fagulhas, em protesto. Ao longe, no horizonte, réstias de luz se deslocavam lateralmente. O rádio emitia apenas um rosar constante, sem qualquer indício de transmissão coerente.

Ao regressar, tendo desistido de continuar tentando, tudo o que Joe encontrou da fogueira se resumia em um círculo de fuligem. Fuchs estava ajoelhado, espalhando as últimas cinzas. Apagado o fogo, eles puderam notar como a lua havia fugido das nuvens e iluminava todo o campo com uma luz opalescente.

— Não podemos cair fora? — perguntou Groves a Joe.

— Quando vínhamos para cá, notei que eles preferiam bombardear justamente o leito da estrada. Se acendermos os faróis, eles certamente lançarão uma bomba em cima de nosso capô. E se apagarmos os faróis, acabaremos dentro de uma vala. Acho melhor ficarmos por aqui.

— E se você estiver errado?

A fisionomia de Fuchs estava decomposta e seu cabelo parecia espetado.

— Este projeto não pode ficar dependendo da opinião de um índio ignorante.

— Cale a boca, Klaus — disse Oppy sem elevar a voz.

— São os B-29 — disse Joe.

Aproximando-se, os bombardeiros eram maiores do que qualquer coisa que ele vira no ar. Superfortalezas, vinte toneladas de aço, duas vezes maiores que as Fortalezas Voadoras, cada um de seus quatro motores era do tamanho de um caça. Dos canos de descarga escapavam línguas de fogo que flutuavam e se desfaziam em centelhas no espaço.

— Santo Deus! — exclamou Oppy. — Como isso é bonito!

"Por que centelhas?", pensou Joe.

O avião líder elevou-se com relutância e o seguinte tomou seu lugar na formação, perdendo altura, acompanhando as elevações do terreno. "Por que tão baixo?", estranhou Joe. A torre da cauda girou e seus canhões de calibre 50 começaram a disparar. Ele podia ver a luzinha vermelha dentro do nariz de plexiglass. Um artilheiro de uniforme verde fez a pontaria para baixo e, como se houvesse uma conexão mágica com o seu dedo, uma bomba fosforescente, brilhante como cristais de neve, iluminou todo o vale. Fugindo da bomba surgiram vários vultos correndo: cavalos assustados, potros selvagens que haviam descido das montanhas para pastarem à noite e éguas que os rancheiros haviam deixado para trás. Joe não podia acompanhar cada um dos cavalos, apenas sentia o ruído de seus galopes, incentivados pelo brilho dos estilhaços e dos raios de luz das bombas fosforescentes. A cerca de dois quilômetros de distância, ele ainda ouvia distintamente não apenas o ruído dos cascos, mas também os relinchos, embora misturados com os vários sons produzidos pelos pistons dos motores, pelo sibilar dos projeteis e pelas explosões. Depois, cavalos e bombardeiros foram se apagando ao mesmo tempo, como uma única tempestade, nada restando a não ser um rastro luminoso, um relâmpago ocasional riscando o céu ao longe.

O que ficou mais nítido na memória de Joe foi o comentário de Oppy, quando eles se separaram em Alamogordo, depois que a meia-lagarta e os jipes apareceram finalmente e os levaram para a base:

— Foi terrível, mas, ainda assim, uma beleza.

### 3

Em Santiago, os novilhos eram castrados e marcados uma hora antes da alvorada, a fim de que os homens pudessem apanhar o ônibus para Los Alamos, onde trabalhavam como vigias ou foguistas nos altos-fornos.

Joe estava sozinho no segundo curral, onde os novilhos eram agrupados para serem vendidos. Com o racionamento da carne, havia mercado para as vacas dos índios, e a função de Joe era andar pelo meio do gado portando um contador Geiger. O aparelho consistia em uma vara de metal ligada por um fio a uma caixa com uma bateria. A caixa continha um microamperímetro que era inútil no meio do gado no escuro, mas emitia os audíveis sinais dos raios gama, provenientes de um novilho. Joe passou uma corda pelo pescoço do animal e o retirou do curral, contornando um monte de feno, dirigiu-se para uma capoeira de mato ralo. Chovera um pouco na véspera e a lama grudava em seus sapatos. No meio da capoeira havia montes de latas vazias, colchões estragados, sapatos velhos e ossos, tudo misturado com cinzas molhadas da última fogueira. Joe fez o novilho ajoelhar-se junto à pilha, encostou a pistola 45 na última vértebra do pescoço do animal e puxou o gatilho. Nesse momento, o novilho, curioso, começara a girar a cabeça, e a bala cortou a artéria de seu pescoço. O sangue jorrou em um esguicho escuro sobre o peito e o braço de Joe. Mantendo o animal bem seguro, atirou novamente. O novilho caiu como uma pedra. Joe apanhou uma lata de querosene que trouxera anteriormente, derramou o líquido sobre a cabeça do animal morto, acendeu um fósforo e recuou, fugindo do calor da chama. O clarão lhe permitiu ver duas coisas. O novilho era malhado, o couro quase branco. Não havia um vale nas proximidades de Los Alamos que não criasse vacas, e cada vale tinha pontos onde se acumulavam isótopos venenosos, depositados no chão ou misturados com a água. Era por isso que o pessoal da Colina se submetia a limpezas no nariz e no ânus, bem como a exames de urina; entretanto, para os pobres animais que pastavam nos vales, a ordem do Exército era matá-los, queimá-los, enterrá-los; o encarregado dessa tarefa era Joe. Mas o couro do animal fica inteiramente branco? Isso

era novidade. A outra coisa era que se tratava de uma fêmea, e quando o fogo se tornou mais intenso, ele viu que a vaca estava prenhe. Lembrou-se então de como ficara furioso com Augustino, por ocasião da última caçada. Já havia quase esquecido o incidente. Não matar um animal que estivesse para dar cria era uma regra, um tabu primitivo dos índios. Não se tratava de destruir uma vida, mas a semente de uma vida. Correu para a vaca, como se pudesse ainda arrancá-la das chamas, depois compreendeu que estava sendo um tolo e se afastou. Santo Deus, ele era um assassino. A maneira como o animal girara a cabeça, fixando nele os grandes olhos redondos! E aquele esguicho de sangue! Enquanto o fogo crepitava, Joe pensava no segundo coração dentro da vaca.

Durante um momento esteve tão perto da fogueira que até saíra fumaça de sua camisa; no minuto seguinte, já se encontrava na escuridão do bosque, caminhando apressadamente na direção da estrada onde deixara o jipe, evitando passar pelos currais, onde poderia ser visto por alguém. Logo ao sair do bosque, foi envolvido pelo facho das luzes de um carro.

Os faróis imediatamente se apagaram. Um Buick estava com as rodas traseiras atoladas na lama, à margem da estrada. Ray Stingo e, logo atrás, Oppy vinham correndo ao encontro de Joe, ambos falando ao mesmo tempo.

— Você está bem?

— O que foi que aconteceu?

— Fazendo um servicinho para você — disse Joe, dirigindo-se a Oppy.

— Mas esse sangue...

— Por que a vaca ficou toda branca? — perguntou Joe.

— Branca?...

— Sim. A vaca que eu matei, por estar contaminada.

— Os pelos do couro podem alterar-se a níveis baixos de radiação. Então esse sangue era de uma vaca? — disse Oppy, com os olhos fixos em Joe. — Você devia ver o estado em que ficou.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou ele a Ray.

— Estivemos na estação ferroviária de Lamy, para esperar o primeiro trem de Chicago.

— Disse ao Sargento Stingo — interveio Oppy — para, na viagem de volta, passar por aqui, a fim de que eu pedisse a você que levasse agora de manhã o Doutor Pillsbury para visitar os depósitos de explosivos. E não se esqueça de que está de plantão esta noite.

— Certo, mas preciso de uma licença para o fim de semana.

— Joe, só falta um mês para o teste.

— Preciso dessa licença.

— Para quê?

Joe articulou compassadamente as palavras: — Livrar-me de todo esse sangue. Não gosto de matar vacas.

— Farei o que puder — prometeu Oppy, apontando para o carro.

— Você quer nos ajudar a desatolar?

Quando os três homens se aproximaram do Buick, Joe viu que o vidro de uma das janelas de trás estava abaixado. Nada mais natural; Ray e Oppy tinham ido à estação para apanharem um passageiro. Com as últimas providências para a realização do teste, estavam chegando as mais diferentes personalidades, vindas de Oak Ridge, Nova York, Chicago. Na meia-luz do interior do carro, Joe reconheceu aqueles olhos cinzentos e frios — a companheira de Fuchs no baile de Natal. Ele não a vira desde então.

— O sargento está bem, Anna — disse Oppy. — O sangue não é dele.

— E de quem é? — perguntou a moça.

Joe agachou-se apoiado no para-lama. A roda direita traseira estava afundada na lama.

— Peça para ela descer. Vou levantar o carro.

— Quer fazer o favor, Doutora Weiss? — pediu Ray, abrindo a porta.

Ela olhava para a camisa de Joe, como se examinasse as manchas de sangue coagulado. Joe notou a azaleia branca presa nos cabelos negros da moça. Era a flor favorita de Oppy, e Joe podia reconstituir em pensamento a cena da oferta da flor, quando Anna desceu do trem.

— Um homem realmente forte deveria ser capaz de levantar o carro sem que eu precisasse saltar.

— Ora, Anna, seja razoável — pediu Oppy.

— Está bem — disse Joe. — Pode ficar.

— Joe, se nós três juntos... — tentou Ray sugerir. Levantá-la? Joe agarrou a barra de cromo do para-choque, sacudiu o carro e testou a sucção da lama no pneu. Ele era capaz de empurrar um elefante e fazê-lo sentar-se no chão. Do outro lado do vidro da janela, os olhos dela brilhavam. Na terceira tentativa, o pneu se despregou da lama; no mesmo impulso, Joe colocou a parte traseira do Buick de volta no leito da estrada. Ao soltar o carro, ouviu a risada dela, como se nada daquilo a surpreendesse e muito menos a assustasse.

— Não se esqueça de Harvey Pillsbury.

Ao entrar no carro, Oppy olhou para Joe, com ar preocupado.

O sargento se esquecera de Harvey e da vaca. Enquanto as luzes traseiras do carro se afastavam, ele era capaz de jurar que vira o brilho dos olhos dela voltados para trás. No platô Duas Milhas, ao sul de Los Alamos, as escavadeiras haviam derrubado um bosque de pinheiros, cedro e cactos, a fim de abrir lugar para a torre do teste e os abrigos de concreto, alguns dotados de câmaras fotográficas protegidas por uma espécie de postigo de metal que se fechava automaticamente antes que os efeitos da explosão se fizessem sentir sobre as câmaras. Havia ainda casamatas com aparelhos de raios X dentro de caixas de aço com a forma de esquifes, parecendo miniaturas de navios de guerra encalhados na areia. Uma série de aparelhos de medição e controle se alinhava em outros abrigos. Na planície aberta, todos eles enfrentavam seus próprios testes, suportando o equivalente a mais de dez toneladas de explosivos por semana.

O Jardim Suspenso era o maior dos campos de teste — todo o cume de uma elevação nivelada pelas máquinas de Jaworski. O aspecto era o de uma pirâmide asteca, de quarenta metros de largura, mas, em vez do altar de sacrifícios, tinha uma plataforma de aço já negra de fogo e carvão, e atendida não por sacerdotes, mas por uma dezena de estudantes dispensados do serviço militar e por isso, em vez de uniformes, usavam apenas calções e bonés de jogadores de beisebol. O emaranhado de cabos retorcidos pelo fogo e os pedaços de vidro quebrado davam uma falsa impressão de desordem. Havia instruções a respeito. Nos cantos da pirâmide estavam os periscópios para as câmaras de flash e prisma rotativo, capazes de registrar cada microssegundo de uma explosão. Na metade da plataforma haviam profundas valas destinadas à colocação dos instrumentos de medida de pressão. Um pouco mais perto, parte do cabo

mestre emergia da terra ligando-se aos cabos do detonador. Quase junto à plataforma havia um abrigo contendo um aparelho de raio X dispendo de um cone de alumínio, do qual os raios emanariam para obter fotos fantasmagóricas. Sobre a plataforma propriamente dita se encontrava uma mesa de madeira onde estavam gravadas as iniciais de "Destacamento de Engenharia dos Estados Unidos", no meio da mesa havia a miniatura de uma bomba de plutônio — uma esfera de 20 polegadas com uma capa de metal formada de brilhantes placas pentagonais, soldadas pelas bordas. A equipe que usava bonés de jogadores de beisebol estava ligando os negros cabos dos detonadores às respectivas tomadas em cada placa.

Leopoldo Jaworski usava um terno civil e suspensórios, tinha cabelo grisalho cortado rente e bigode pintado de preto, com as pontas espetadas como flechas. Lutara contra o Kaiser Guilherme da Alemanha, o Czar Nicolau da Rússia e o Marechal Pilsudski da Polônia. Na realidade, era o único cientista na Colina que entendia alguma coisa de guerra.

— Veja você — explicava ele a Joe — uma bomba de urânio é um brinquedo de criança comparada com isto. Basta a metade do urânio em uma extremidade do tubo, metade na outra e detonar as duas ao mesmo tempo; estão feitas a massa crítica e a reação em cadeia. O plutônio, porém, tem que alcançar a massa crítica mais rápido — uns três mil pés por segundo. A explosão não é suficiente. O alto explosivo neste caso se comprime e implode o núcleo de plutônio até que ele alcance a massa crítica.

— Isso exigirá um bocado de explosivo — disse Joe, tentando parecer que estava entendendo.

— Joe, a energia liberada pela fissão nuclear de um quilo de plutônio é igual a dezessete mil toneladas de TNT.

Sacudindo a cabeça e olhando para a miniatura na plataforma, Joe perguntou: — Não há um núcleo de plutônio ali, não é mesmo?

— Não.

Harvey acabava de chegar, ofegante. Ele fora até o jipe, apanhar sua clarineta, que carregava consigo como se fosse um chicote de montaria.

— Leo quer explodir apenas a mesa, não o platô.

— Utilizarei para este teste uma pequena quantidade de massa — explicou Jaworski. — Estou supondo que o núcleo do modelo final será do

tamanho de uma bola de croqué.

— Mais ou menos — disse Harvey.

— Mais ou menos? — estranhou Jaworski, parecendo horrorizado e contente ao mesmo tempo. — Doutor Pillsbury, você é o chefe do comitê de planejamento e não sabe qual vai ser o tamanho do núcleo? Isso não se inclui especificamente em sua missão?

— Haverá muita gente por aí com sua parcela de responsabilidade, se o negócio fracassar.

— Harvey, "se o negócio fracassar", ninguém ficará sabendo de nada. O Projeto Manhattan será uma página em branco na história americana.

— O que estão vocês testando agora? — perguntou Harvey, querendo mudar de assunto.

— Agora? Estamos experimentando uns detonadores novos que devem funcionar através de uma série de condensadores de alta voltagem, todos em um milionésimo de segundo. Também estamos testando lentes de explosivo Baratol para focalizar a onda de choque, bem como flashes especiais para fotografias no escuro.

— Dispomos de trinta dias até Trindade. São absolutamente necessárias todas essas informações?

Jaworski voltou-se para Joe: — Hitler chega no inferno. O demônio lhe mostra diferentes salas para que ele escolha qual o tipo de punição que prefere. Na primeira sala, Goering está pregado em uma roda que gira mergulhando em óleo fervendo. Na segunda, Goebbels está sendo devorado por gigantescas formigas vermelhas. Na terceira, Stalin está deitado na cama, fazendo sexo com Greta Garbo. "É este o que eu quero", diz Hitler, "o castigo de Stalin." "Está bem", replica o demônio, "mas o que você está vendo é o castigo da Garbo".

Dirigindo-se novamente para Harvey, Jaworski continuou:

— É sempre bom a gente ter tantas informações quanto possível. Não se preocupe; há mais de trinta anos que venho testando armas. Conheço a mentalidade militar. O General Groves quer essa bomba. Estou certo de que ele irá atirar alguma coisa sobre o Japão.

Enquanto a equipe de Jaworski estava ligando os cabos, o céu mudou completamente. Junho e julho eram os meses chuvosos. Naquele ano, porém, a chuva foi substituída por descargas elétricas e trovões secos



que ribombavam como canhões rolando, desde as Montanhas Jemez e através de todo o vale. Duas enormes nuvens negras trocaram relâmpagos, ao se deslocarem, como uma ameaça sinistra, na direção do Jardim Suspenso. A tempestade estava agora muito distante para que seus trovões fossem ouvidos, e o platô foi ficando silencioso, pois as ordens eram para que não se fizessem testes com explosivos quando houvesse o perigo de algum raio explodir nas proximidades. Imperturbável, Jaworski levou seus homens para a casamata de controle, onde seria servido o lanche.

— Você também vem? — Joe perguntou a Harvey.

— Prefiro ficar por aqui e praticar um pouco — respondeu Harvey, sacudindo o clarinete. — Mais tarde tocarei o sinal de que o trabalho pode recomeçar.

— É um bom lugar. Perto de uma bomba, sobre uma colina, em meio a uma tempestade.

— Você disse que eu precisava praticar mais. Além disso, a música me ajuda a suportar isto aqui.

Quando descia a encosta, Joe olhou para trás. Harvey parecia um patinho junto a um ovo cinzento e feio.

O Jardim Suspenso recebeu esse nome por causa de umas trepadeiras que cresceram nas vertentes do platô. As flores silvestres apresentavam uma incrível variedade de cores que iam do vermelho vivo ao alaranjado brilhante, e balançavam-se ao sopro da brisa, quebrando a monotonia parda do platô.

Enroscando-se nos periscópios, as trepadeiras se alastraram e cobriram a encosta da colina. Uns diziam que as flores serviam para encobrir um encanamento furado; outros, que Jaworski vinha de noite, com uma lata d'água para molhar as plantas. O caso é que o Jardim Suspenso floresceu de tal maneira que a plataforma de carga da casamata construída na base da colina mais parecia um caramanchão.

— Isso tudo é um grande "se" — dizia Jaworski para Joe.

— É como se Oppy tivesse convidado as melhores cabeças do mundo a fim de planejarem o maior "se" já visto. Mas se funcionar... Qual é a estimativa para a potência da explosão? Quinhentas toneladas de TNT. Você deve saber melhor que eu.

— Ninguém sabe. Mas deve ser dez ou vinte vezes isso, talvez até quarenta.

Jaworski convidou Joe para o lanche junto com a equipe que se abrigara à sombra da plataforma de carga. Entretanto, o húngaro tinha seus princípios, e a única coisa que havia para beber era leite. O Exército descobrira que o leite protegia a saúde contra os perigos de trabalhar com TNT; por isso, fornecia vasilhas cheias de gelo e de garrafas de leite fresco. Um garrafão trazia como rótulo a frase: "Compre bônus de guerra!" "Depois do cerco de Stalingrado, apareceu outra frase: "Viva a Rússia!" Joe continuou sozinho junto à correia transportadora — o único lugar no Jardim Suspenso onde era permitido fumar.

As duas nuvens se aproximaram mais uma da outra. Joe procurou sinais de chuva, mas avistou apenas o súbito aparecimento de um relâmpago a cerca de três quilômetros de distância. Na estrada para o platô surgiram uns policiais a cavalo, à procura de abrigo, deslocando-se lentamente, como costuma fazer o pessoal da cidade. Em frente ao local onde Joe se encontrava havia uma casamata que servia como paiol. Tinha portas duplas, de quatro polegadas de espessura, e fora construída na encosta de uma elevação, de maneira que qualquer explosão acidental não atingisse diretamente o abrigo de controle. O aviso de "Não fumar" estava pintado em vermelho acima da porta. Com o cigarro e o isqueiro na mão, Joe se aproximou para verificar o cadeado do paiol. Estava aberto. Fora ele mesmo quem substituía os cadeados meses atrás. Aquele era um deles.

Ao aproximar o cigarro da chama do isqueiro, Joe sentiu os cabelos se arrepiarem em sua nuca. O paiol, o platô e o céu se encheram da mesma luz branca. As chamas, como que chupadas do isqueiro, espalharam-se rapidamente. Joe não teve tempo de olhar para o topo do Jardim Suspenso — seria impossível — mas sentiu que ele era expelido, que a luz passava da cor branca para a vermelha, a bola de fogo subindo e se expandindo no majestático silêncio dos tímpanos comprimidos, e até mesmo o ar dos pulmões parecendo sumir. Depois, o círculo da onda de choque se alastrou, o estrondo da explosão ecoou e uma chuva de terra caiu sobre a correia transportadora.

— Harvey! — gritou Joe, correndo encosta acima, na direção da plataforma. Jaworski e os outros seguiam atrás dele, gritando também.

A mesa de madeira e a esfera de aço haviam sumido. Os cabos que estavam expostos tinham também desaparecido, e o terreno em torno da plataforma estava tostado pelo calor e reverberava, sem que se visse uma

folha verde ou uma formiga, apenas os tênues reflexos de minúsculas partículas de grafite e ouro. Pedacos de vidro e de metal dos instrumentos estavam espalhados em um raio maior. Nos cantos da pirâmide, ainda fumegavam uns restos de detritos. Em cima, no céu, as nuvens negras tinham desaparecido, como que sopradas para longe. As montanhas pareciam aumentar e diminuir de tamanho, sob as ondas de calor. Não havia sinal de Harvey.

— Foi o relâmpago — disse Jaworski, aproximando-se de Joe. — Uma faísca elétrica.

— Cuidado com a cordite! — gritou alguém e todos se atiraram ao chão.

A cordite era outro perigo no Jardim Suspenso. Não havia explosivo mais seguro do que aqueles cartuchos, mas não suportavam uma explosão, incendiando-se e detonando. Com o rosto encostado na terra, Joe percebeu uma fumaça que se aproximava de um dos cabos na valeta. O cheiro acre que se sentia era de acetona da cordite.

Um vulto surgiu na valeta. Cada uma das mãos segurava a metade de um clarinete. Sua cabeça parecia um girassol — um rosto sujo de carvão e rodeado de fios de cabelo louro, tendo no centro um nariz vermelho. A parte da frente de sua camisa, com a fralda para fora da calça, estava manchada de preto e amarelo.

— Harvey! — gritou Joe. — Abaixese!

Harvey jogou para fora os dois pedacos do clarinete e se aproximou da fumaça que se desprendia de junto da cordite. Desajeitadamente, desabotoou a braguilha da calça. Um pênis rosado apareceu. Por um momento, Harvey hesitou, procurando reconhecer os vultos estirados no chão. Afinal, identificou Jaworski.

— Estive pensando sobre aquele problema. O núcleo do plutônio será exatamente do tamanho de uma bola de croqué.

Depois, orientou seu esguicho dourado sobre o fio fumegante, até apagá-lo completamente com a última gota triunfante.

— O soldado japonês é fanático, bem treinado e confiante. Conquistou a península coreana e derrotou os exércitos da China. Controla agora toda a área desde Singapura até Saigom e de Xangai a Pequim, dominando todos os seus rivais asiáticos e surpreendentemente até os

britânicos. Entretanto — e esta é uma importante ressalva — ainda não enfrentou as eficientes forças dos Estados Unidos e das Filipinas.

Joe e mais uns cinquenta recrutas do Exército filipino estavam reunidos na praça da vila. Três oficiais do estado-maior de MacArthur haviam chegado para exortá-los, sucedendo-se na plataforma de concreto que servia como balcão para o mercado. Era dia de feira e, atrás dos soldados, os vendedores esperavam pacientemente em pé na lama, junto aos cestos contendo seus artigos — panelas, facas, pedras de afiar, saquinhos de açafião, frascos com tabletes de quinino, peixes em balaios de vime, gravuras de santos, peças de oleado, gaiolas com gaios de rinha, cocos, fruta-pão, bananas verdes e vermelhas, potes de manteiga de búfalo, latas de café, chá, cosméticos, poções afrodisíacas e loções de banho. Os habitantes da vila eram baixos, morenos e de nariz chato; os homens usavam tangas e as mulheres andavam enroladas em xales, com os filhos enganchados nos quadris. A chuva de véspera envolvia agora os casebres em um pesado vapor com cheiro de jasmim misturado com o de peixe e excremento de porco. Moscas esvoaçavam nas réstias de luz. Os recrutas haviam recebido calções e fuzis de bambu. Joe usava um chapéu de campanha de abas largas e talabarte; os oficiais exibiam capacetes de cortiça e calças bem passadas.

— Mas eles têm ainda de enfrentar os cristãos americanos e filipinos. Os asiáticos — budistas, taoístas ou hindus — não têm amor à vida. A alma deles pertence ao imperador e não se importam em morrer.

O pessoal da vila, os vendedores e os recrutas sacudiram a cabeça lentamente, concordando. Eles falavam tagalo, um pouco de espanhol e nada de inglês. Não tiravam os olhos do barrio leniente — o líder da vila. Quando ele concordava, os outros o imitavam. O cachorro perambulou pela plataforma, farejou e urinou. Em sua gaiola, o galo agitou as asas, revelando penas verdes iridescentes.

— É um dever cristão de vocês defender as Filipinas. Vocês serão treinados pelos melhores instrutores do Exército americano e equipados com as mais modernas armas. O comando será de um grande general. Vocês irão representar o bastião da democracia cristã no Pacífico. Quando as hordas japonesas se lançarem sobre as Filipinas, nós as deteremos nas praias e as atiraremos de volta ao mar, afundando suas pretensões no fundo da Baía de Manila.

O barrio leniente carregava um filhote de iguana preso por uma corda e tinha pendurada no pescoço uma correntinha de ouro com um crucifixo. O réptil levantava a cabeça e silvava cada vez que havia um puxão na corda, e a cruz batia contra as escamas.

— Este sargento americano veio de um grande deserto no outro lado do oceano para ajudar a defender as ilhas de vocês. Foi escolhido especialmente para transformar a patriótica juventude das Filipinas em um novo grande Exército. Ouçam os ensinamentos dele, obedeçam as suas ordens, sigam seu exemplo e as Filipinas jamais se renderão. Muito obrigado.

Os oficiais desceram da plataforma. O barrio leniente hesitou, depois bateu palmas. Todos então o imitaram, tão fracamente que mais parecia um barulho de chuva. Os oficiais fizeram continência, Joe respondeu e imediatamente todos os recrutas fizeram o mesmo.

Entretanto, passada uma semana os japoneses ainda não tinham aparecido na Baía de Manila; haviam varrido as bases aéreas em Clark Field e Iba, desembarcado em Vigan e Legaspi, nas duas extremidades da Ilha Luzon, e marchado na direção de Manila, no centro. Joe se lembrava de um de seus recrutas - que urinou em cima de uma bomba que atravessara a torre da igreja mas não explodira. O ato do recruta refletia a frustração pelo estado das granadas antiaéreas, velhas e corroídas, que explodiam abaixo de cinco mil pés. Os bombardeiros Mitsubishi voavam a seis mil e lançavam suas cargas o dia inteiro. Então o recruta passou pelo buraco que a bomba fizera na sacristia e derramou sobre ela sua torrente pessoal de desprezo. Era um rapagão grande demais para um filipino, metido dentro de uma camisa solta, shorts e botinas americanas. Joe percebeu uma fumaça junto do altar. A bomba não falhara; a sua espoleta era de retardo. O explosivo se expandia a uma velocidade de dez mil pés por segundo, mas Joe sempre achou que deve ter havido um instante, embora rápido, em que o choque, a compreensão e o desapontamento se atropelaram na mente do rapaz, antes que a bomba transformasse a torre da igreja em uma espécie de cano de canhão e o rapaz, em um projétil expelido por dentro dela. Apenas uma fração de segundo, uma compreensão — instantânea mas ao menos brilhante.

Através do platô, uma caravana de soldados da Polícia Militar se deslocava lentamente, evitando as pedras e alguma possível cobra. Depois

que os homens desapareceram, Joe saiu de trás de um pinheiro e desceu a encosta do Jardim Suspenso até a correia transportadora. Agitava na mão um galho que acabara de cortar. A casamata de controle estava vazia. Ele dispunha ainda de meia hora antes de apresentar-se a Oppy, que oferecia uma das raras recepções realizadas na Colina.

Joe substituíra o cadeado no paiol alguns meses antes. Deixara uma chave para os cientistas, que a guardavam cuidadosamente, como se fossem corresponsáveis pela segurança do Exército. Abriu o cadeado com sua própria chave, esgueirou-se pela porta, tornou a fechá-la e, acendendo a lanterna, colocou-a sobre uma prateleira. Ao longo das paredes, as prateleiras estavam cheias de instrumentos para medição, engrenagens, rolos de filmes, tubos de cobre e de bronze. Em um engradado na parte de trás estavam os explosivos. Joe identificava as diferentes espécies — Torpex, Baratol, Camp B. Pentolite -, todas à base de TNT. Havia também cordite, Primacord, granadas fumíginas, gelignite, escorvas e pólvora negra. O engradado se elevava até quase a altura do teto e tinha uma porta fechada a cadeado. Esticando o braço, o sargento podia alcançar a parte de cima do engradado e quase tocar nos explosivos.

Joe tirou do bolso um pedaço de camurça e o amarrou na ponta do galho. Quando era garoto, ele e seus amigos escondiam-se na beira do rio, no inverno, e preparavam armadilhas. Os pássaros costumavam vir em bandos e pousar nas margens onde a neve se derreteria. Os rapazes amarravam laços de crina de cavalo nos galhos dos salgueiros junto do rio e pegavam dois pássaros de cada vez, arrancavam as penas, chamuscavam as aves no fogo e as comiam. Cuidadosamente, Joe engatou o laço de camurça sobre uma caixa de gelignite. O explosivo iria para Santo Domingo, um pueblo ao sul de Santa Fé; havia lá alguns veteranos, muito entendidos em explosivos. A caixa virou de lado. Joe sacudiu o galho para apertar o laço e lentamente levantou a caixa, fazendo-a passar por cima do último travessão do engradado, deixando que ela caísse e aparando-a com sua mão livre. A segunda caixa deslizou mais facilmente e juntou-se à primeira.

A Guarda Nacional do Novo México desembarcara em Manila no mês de setembro de 1941. Fora escolhida aquela unidade possivelmente porque os novos-mexicanos eram morenos, falavam espanhol e deveriam

entender-se bem com os filipinos. Rudy Pena se apresentara na Guarda como voluntário, por causa do irmão.

Joe mal se lembrava de Rudy, que era dez anos mais moço, molengo e chorão. Seus cabelos pretos eram espetados como penas de pescoço de galo. Mijava na cama em que dormia junto com Joe, levou muito tempo engatinhando e custou a falar. Em um inverno muito rigoroso, quando tropas do Exército passaram por Santiago em caminhões, atirando pacotes de 25 quilos de leite em pó, tão gelados que pareciam sacos de cimento. Joe agarrava um pacote em cada mão, enquanto seu irmãozinho se agarrava às pernas dele e choramingava, o ranho escorrendo do nariz. Quanto mais Joe se esforçava para livrar-se, mais Rudy se agarrava nele.

Aos dezessete anos, Joe deixou o pueblo e somente soube de Rudy através de fotos enviadas por Dolores: Rudy junto aos coelhos, Rudy a cavalo, Rudy de terno e gravata, o antigo rosto redondo e rabugento acrescentando agora um ar resoluto. Depois de anos de lutas de boxe e noitadas de música em Nova York, foi um choque para Joe ouvir que se encontraria com seu irmão no meio do Pacífico.

Joe estava servindo como instrutor do Exército filipino que acabara de ser mobilizado; quando chegou de volta a Manila, a Guarda já havia sido levada para Clark Field. O que lhe aconteceu parece uma complicada anedota. Apesar de habitantes de um estado mediterrâneo, como é o Novo México, seus recrutas foram treinados em artilharia de costa. Ao chegarem nas Filipinas, receberam canhões britânicos comprados como material que sobrara da I Grande Guerra. Uma semana após a invasão japonesa, estavam lutando na selva, como infantaria. O General MacArthur declarou que as Filipinas jamais se renderiam, e o Presidente Roosevelt despachou comboios de munição e suprimentos para Manila, mas, na metade do caminho, os navios fizeram meia-volta e rumaram para a Europa; MacArthur escapuliu, à noite, em uma lancha torpedeira.

Antes que Joe pudesse localizá-lo, Rudy desapareceu. Aliás, toda a Guarda Nacional do Novo México foi dizimada em Bataan. Quando Joe, tendo conseguido escapar, voltou para os Estados Unidos e passou a ser exibido nas fábricas de material bélico, o coronel encarregado da publicidade declarou que ele representava uma propaganda para o Exército — o que Joe achava ilógico, uma vez que não passava de um entre

os poucos que haviam escapado das Filipinas, comparados com os milhares lá sacrificados.

Dolores parecia concordar com Joe. Em uma de suas cartas, mandou lhe dizer que não regressasse para Santiago, pois, pelo que sabia, seu verdadeiro filho, Rudy, estava morto. Assim, em vez de voltar para casa, Joe foi apanhado dormindo com a mulher do coronel e mandado para a prisão em Leavenworth.

Um dos truques dos japoneses era amarrarem-se no alto da copa de uma palmeira. Um soldado se contenta com um punhado de arroz, depois bebe a água do cantil para ajudar o arroz a descer e sentir o estômago cheio. Assim, o japonês é capaz de ficar emboscado na árvore por uns três dias. Aquele, porém, já deveria estar lá há uma semana ou mais, tão amarrado que não corria o perigo de cair, balançando-se ao sopro da brisa e vendo o mundo passar: aviões, patrulhas, nuvens. Joe não o teria notado se não tivesse tropeçado em um fuzil e olhado para cima, deparando com um rosto no meio das folhas. A cabeça era nea corno um coco, buracos substituíam olhos e boca, a camisa e o estômago estavam rasgados. Um cartaz muito apropriado para Bataan.

Quando os japoneses chamaram à noite "Hei, Joe", "Venha cá, Joe", será que Rudy Pena pensou que havia alguma confusão, que eles estavam procurando o irmão errado?

Sem mesmo se preocupar em não fazer barulho, Joe fechou a porta do paiol, fechou o cadeado e orientou o fecho de sua lanterna na direção da Colina.

Achava que não devia nada ao Exército.

Oppy ocupava a casa do diretor da antiga escola. Era um chalé de pedra e madeira encoberto por um renque de abetos vermelhos. O sol acabara de esconder-se atrás das Montanhas Jemez, deixando o céu brilhante e o platô escuro. Joe apanhou o talabarte e a pistola 45. Seu posto de vigilância era o jardim.

Vista através das janelas, a festa apresentava o colorido das páginas de um álbum ilustrado, lentamente folheadas. O casal Oppenheimer não costumava receber com muita frequência e, quando o fazia, somente eram convidados os cientistas do primeiro escalão. Assim, a lista dos escolhidos era basicamente constituída de europeus. Suas faces



estavam rosadas, por efeito da tensão e dos drinques. Joe viu Fermi e Foote discutindo, o italiano não muito firme nas pernas, enquanto o inglês gesticulava com um copo na mão. As esposas de Fermi e de Teller — duas mulheres baixinhas e morenas — trocavam confidências, sentadas no sofá. As fisionomias dos convidados se alteravam de um momento para outro, mas todos pareciam muito animados.

— Sargento, você parece solitário!

Kitty Oppenheimer trazia um copo de uísque para ele. Quando sorria, era uma mulher bonita. Seus cabelos estavam despenteados. Ela conseguia parecer relaxada e distinta ao mesmo tempo.

— Obrigado — disse ele, agarrando o copo.

— É para beber de uma vez só.

— É o que farei.

— Droga! — Ela tropeçara na patinete que um garoto abandonara no jardim e caíra sentada sobre um canteiro de flores. Minhas zínias! Nada está dando certo. Deixe-me descansar, por favor — acrescentou, recusando a mão de Joe. — Estão cantando a Marselhesa lá dentro outra vez. Dê-me um cigarro. Joe depositou o copo na grama, colocou um cigarro na boca de Kitty e o acendeu.

— Você está molhada como uma jaritataca.

— Claro que estou. Sargento, o que eu quis dizer, quando vim aqui, é que você está um amor. Verdade. Com essa cor morena e esse ar de Byron, aqui no escuro. Ela é bonita, não é, Joe? E jovem. Ele foi noivo da irmã dela uma vez, sabia disso?

— Quem?

Kitty continuava a falar sem nexos.

— Ele foi um verdadeiro herói para Anna, acho eu. Os homens costumam despertar esses sentimentos nas garotinhas. Depois, quando elas se tornam mulheres, os homens tentam permanecer como figuras românticas. Há uma porção de interessantes aspectos psicológicos em tudo isso. Acho que já me recobrei.

Esticou a mão para Joe, que a puxou até ficar em pé. O caso é que ela pertencia à nobreza europeia, aparentada com o Almirante Canaris da Abwehr.

— Você se sente bem?

— Devo retornar aos meus deveres de anfitriã que recebe a Real Sociedade dos Físicos Castrados.

— Pode caminhar?

— O engraçado é que você não parece ligar para outras mulheres. Se você fosse mais esperto, daria em cima de garotas. Respire fundo. Hoje a Alemanha, amanhã o mundo — disse Joe, tirando uma flor que ficara no ombro dela. — Você pode fazer isso.

— Até pareço Ofélia — replicou Kitty com uma risadinha seca. — Sempre pensei em ser Lady Macbeth.

Depois que ela voltou para a casa, Joe jogou fora o uísque. A festa terminaria em breve e ele tinha de ir a Santa Fé, entregar a gelignite que deixara no jipe; somente depois é que poderia beber. Ademais, alguns convidados estavam agora passeando pelo jardim, gozando o frescor da noite, a hora entre o calor da tarde de junho e o frio da noite que descia da montanha. A altitude da Colina era de uns dois mil metros. As vozes pareciam aumentar, ou talvez estivessem mesmo falando mais alto. No último mês, desde a derrota da Alemanha e a morte de Hitler, todos os emigrados pareciam incentivados por um rubicundo patriotismo, como se seu americanismo tivesse sido confirmado. Eles fariam Trindade funcionar, não importava como. Joe viu Kitty ao lado de Oppy e da mulher que viera no carro de Oppy naquela manhã. Kitty estava sentada junto à lareira, e a recém-chegada aparecia em pé, encostada à parede, ficando Oppy entre as duas, inclinado, quase contorcido, obliquamente em relação à cornija da lareira. A biqueira de seu sapato tocava o joelho de Kitty e seus longos dedos acariciavam o copo que a moça colocara a um canto da cornija. Parecia um poeta declamando. Kitty, a musa indiferente; a moça, atenta e fascinada. A azaleia não estava mais em seus cabelos.

— Uma granada rebentando aqui poderia mudar a história da física, não acha, sargento?

O Capitão Augustino havia-se aproximado mansamente do portão do jardim e estacionara seu jipe atrás do de Joe.

— Realmente, senhor — replicou o sargento, fazendo continência.

— O que diabo estão eles fazendo agora?

Um aparelho de rádio fora colocado no chão, junto a uma janela. O som de um piano se fez ouvir por todo o jardim, alcançando os carros. Joe

até então não notara que os grilos no platô estavam cantando. Beethoven. Uma sonata com insetos, atraindo os convidados para o jardim, exceto Oppy e as duas mulheres.

— Acho que é a estação de rádio da Colina, senhor. Teller tocando. Los Alamos transmitiu um sinal que morreu antes de alcançar o vale. A técnica de Teller era precária, mas sua música tinha um encanto próprio.

— Sargento, o que pensaria você se eu lhe dissesse que a Sra. Augustino está morta? Que ela foi assassinada por um ladrão, lá no Texas, e que o assassino fugiu?

A sinfonia de Beethoven atingia um crescendo. Ninguém no jardim podia ouvir o que um capitão estava dizendo para um sargento junto ao portão.

— Pensaria que o senhor está mentindo. Por que teria de matá-la, quando pode fazê-la sofrer pelo resto de sua vida?

— Sargento, você realmente promete. Chegue mais perto. A música foi interrompida pelos ruídos da estática e houve silêncio de expectativa, vultos se agrupando em torno do rádio. Brasas de cigarros tremeluziram na escuridão.

— Às suas ordens.

— Espere um pouco — disse Augustino.

— Era uma vez um bosque escuro onde viviam três porquinhos - uma voz grave, com sotaque da Europa Central, subiu do rádio sobre a grama. Teller outra vez, contando histórias de ninar. — O primeiro porquinho era poeta; o segundo, pintor. O terceiro porquinho, porém, era do tipo prático, que gostava de trabalhar com martelos e serrotes.

— Conte o que houve — ordenou Augustino.

— Não levei Oppy a parte alguma hoje, de modo que nada tenho para relatar.

— A respeito do Dr. Oppenheimer sempre há alguma coisa para relatar. Ele foi até a estação ferroviária para receber uma tal Dra. Weiss. Passaram por Santiago e você esteve com eles. O que foi que disseram?

— Nada. O carro deles atolou e ajudei a desatolar, só isso.

— Sargento, não foi a misericórdia divina que livrou você da prisão; fui eu. Posso mandá-lo de volta à hora que quiser.

— Mas eles não disseram nada, senhor.

— O poeta era um porquinho preguiçoso e fez uma casa apenas de palha. Paredes de palha, mesas e cadeiras de palha e uma porta também de palha, que ele deixava sempre aberta.

— Tenho um relatório do FBI dizendo que um correio soviético está a caminho da Colina. De repente, o Dr. Oppenheimer se dá o luxo de ir esperar essa Dra. Weiss e escoltá-la pessoalmente até aqui. Isso não faz sentido. Você a viu?

— Estava muito escuro hoje de manhã.

— Ela está lá dentro agora, com o casal Oppenheimer. Talvez seja uma reunião regular de uma célula comunista. Não seria interessante ouvir o que eles estão conversando neste momento, ficar sabendo de tudo o que eles dizem quando pensam que estão sozinhos? — perguntou Augustino, examinando as possibilidades e olhando para Joe. — Quero que você fique de olho na Dra. Weiss, que procure ficar perto dela. Use o seu charme de índio. Na próxima vez em que nos encontrarmos, trate de ter alguma coisa para mim.

O capitão ligou o motor de seu jipe, engrenou a marcha à ré e fez meia-volta, rumando na direção do acampamento. Ouviam-se risadas no jardim.

— Ou eu grito ou eu apito — a voz de Teller subia de tom, dramaticamente. — Grito ou apito. Apito ou grito.

Santa Fé estava a uma hora de distância, mas seu centro social e comercial era a Colina. Os habitantes iam à Woolworth ou à Sears, durante o dia para as compras, e à noite ao Hotel La Fonda. Na praça situada no centro da cidade, o La Fonda, com seus três andares, tinha uma fachada imitando adobe, com vigas expostas e sacadas de madeira. O hotel se tornara, graças à existência da Colina, um posto avançado do FBI.

Era missão do Bureau vigiar as pessoas da Colina que vinham a Santa Fé. Uma vez que quase todas frequentavam o bar do La Fonda, os agentes se limitavam a ficar sentados confortavelmente no saguão do hotel. Joe havia cortado a gelignite em fatias e embrulhado os pedaços, juntamente com as escorvas, em folhas de jornal, reunindo tudo em um único volume. Ao entrar, com seu inofensivo pacote embaixo do braço, meia dúzia de agentes se agitaram, mas logo reconheceram o guarda-costas de Oppy e voltaram para suas poltronas. Os agentes costumavam

chamar de "cabeludos" os moradores da Colina. Em retribuição, de Oppy para baixo, os "cabeludos", sempre que reconheciam um agente, por causa do chapéu de palha desabado, os chamavam de "sombras".

O bar estava repleto. Santa Fé era a capital do estado e atraía um grande número de beberrões que exerciam mandatos eletivos ou integravam grupos de pressão, além de turistas e proprietários de poços de petróleo e de fazendas de gado. O garçom que atendia o bar era um "sombra" estrategicamente situado e foram feitas várias experiências até que se encontrasse um capaz de preparar um martíni decente.

Excepcionalmente, Joe não viu Harvey nem ninguém mais da Colina. Levara duas horas para chegar a Santa Fé, porque tivera dois pneus furados no Arroio Pojaque, quando tentava cortar caminho. Tudo o que queria era entregar o explosivo e prosseguir para Albuquerque, até a Casa Manana.

— Uísque — disse Joe, aproximando-se do balcão.

— Isso é contra a lei.

Era um gnomo trajando um terno branco e trepado no banco junto ao de Joe. Hilário "Feliz" Reyes se abanava com uma ventarola, tão à vontade como se estivesse no conforto da varanda de sua casa — o que, de certo modo, o bar do La Fonda não deixava de ser.

— Ora, ora, servir bebida alcoólica para um índio? — gracejou. — Acho que podemos abrir uma exceção em homenagem ao cacique.

— E a você — acrescentou Joe.

Hilário era vice-governador do Estado do Novo México. Mais do que isso, era uma lenda. Viera do pueblo de Santiago e Joe tinha visto antigas fotografias dele, dançando, metido em umas perneiras brancas de camurça, na Exposição de Omaha, em 1898. Entretanto, quando o estado se emancipou, em 1912, Hilário passou a ser o "Feliz" Reyes, um político espanhol, e desde então integrou todos os governos estaduais, apenas uma vez na função menos hierarquizada de juiz. A partir da segunda reeleição de Roosevelt, tornou-se democrata. Era velho, mas vigoroso, brincalhão, com habilidades de mágico amador.

— À terra dos valentes! — saudou Joe, levantando seu copo.

— Gostaria de ver você lutar, Joe. Tenho um garotão do Texas. Canhoto. Ágil. Golpeia forte com as duas mãos. Não teve uma luta que lhe exigisse mais de três rounds. Trabalha na Colina com você.

— Você está empresariando lutas novamente?

— Joe, é a mania da época. Divertimentos. O beisebol não parou. Apareceu agora um jogador formidável no St. Louis Browns. O beisebol não parou.

Tendo usado durante anos seu chapelão branco, como uma garota se protegendo do sol com uma sombrinha, a pele morena de Hilário adquiriu uma palidez que tornava seus olhos — pretos como piche — ainda mais penetrantes.

— Joe, quando você tiver a minha idade, verá que a vida da gente é muito curta.

— Tive essa impressão em Bataan.

— Então a experiência não foi perdida. Agora é novamente tempo de diversão. Gostaria de apresentá-lo a um fã seu.

— Harry Gold — disse o amigo de Hilário, saindo de trás do banco. Gold era um sujeito baixo, moreno e tão gordo que dava a impressão de estar inflado, dentro de seu terno escuro. As botas novas pareciam apertar-lhe os pés e tirou o chapelão de vaqueiro ao apertar a mão de Joe. O cabelo era negro e ondulado.

— Harry é um judeu de Nova York — anunciou Hilário.

— Assisti você lutar com Charlie Parker, na Rua 52 — disse Gold para Joe. — E algumas semanas atrás, na Casa Manana. Sempre quis saber o que houve com você. Joe desejava ser o Joe Louis índio, até que pegou a mania da música dos negros. Joe, você ainda é muito popular. Aquele garotão já derrotou todo mundo aqui no estado. Você é a única luta que resta.

— Ora, Hilário, já faz dois anos que não luto.

— Isso não quer dizer nada para um pugilista de sua qualidade. De qualquer modo, você é como um puro-sangue voltando às raias.

— A volta do Cacique Joe Pena.

— Não gracieje. Posso organizar essa luta em dois dias e garantir-lhe uma bolsa de dois mil dólares, apenas para fazer uma demonstração.

— Ando à procura de oportunidades de investimentos no Novo México — disse Gold para Joe.

— Por que então não põe seu dinheiro no bolso de Hilário diretamente?

— Esse é que é o problema, Joe — disse Hilário. — Você não sabe como trabalhar para o progresso de seu estado natal. Dizem por aí que

estão vendendo explosivos para os índios no mercado negro. Há homens de negócios, legalmente registrados, Que não conseguem obter explosivos em tempo de guerra — empreiteiros e comerciantes, gente endinheirada. Queria dar-lhe esta oportunidade, Joe, porque aquele garoto do Texas vai acabar com você.

Enquanto Joe atravessava novamente o saguão, os agentes especiais reliam as páginas esportivas. A manchete que se destacava no jornal dobrado era "Os B-29 trituram os japoneses". Um grupo de senhoras, com vestidos de crochê, fugiam de um índio que vendia colares. Com o cabelo preso em uma trança sobre a nuca, a camisa suja abotoada até o pescoço, ele esticava um braço de onde pendiam cordões de turquesas, depois o outro. Sempre acompanhadas pelo índio, as senhoras passaram por um cartaz que representava um dançarino espanhol e entraram pela porta dupla que conduzia ao restaurante do La Fonda. Joe queria apenas dar uma olhada. Havia cerca de vinte mesas — o bastante para reunir uma miniatura de Santa Fé: elegantes espanholas com mantilhas tradicionais, artistas que tinham vindo de Nova York ou da Califórnia, advogados não suficientemente espertos para ganhar dinheiro em outro lugar, todos sentados à luz de candelabros de estanho. As senhoras encontraram uma mesa. O índio ficou em pé junto delas, mostrando uma variedade de anéis e broches de prata. De uma mesa perto da cozinha, Harvey fez sinal, agitando um clarinete. Estava acompanhado de Klaus Fuchs e da moça do carro, Anna Weiss. Tomavam o cafezinho de depois do jantar.

— De volta ao trabalho — anunciou Harvey, mostrando o instrumento para Joe. Era um clarinete com a extremidade cromada, do tipo usado nas bandas escolares. — Encontrei em uma loja de penhores.

— Isto deve encher de terror o coração do Imperador — disse Joe, devolvendo o instrumento. — Você está bem?

— Tivemos uma detonação prematura no campo de provas esta tarde — explicou Harvey a Anna e olhando para Joe. — Apenas um nariz sangrando. Estou bem. Sente-se.

— O sargento com certeza tem outras coisas para fazer — insinuou Fuchs.

— Faça o favor de sentar-se — pediu Anna Weiss.

Ela era clara, não o tipo brilhante da inglesa loura. Também não era pálida. A impressão de uma pele de porcelana era acentuada pelo negrume dos cabelos, como os de uma índia, porém mais finos e presos por um pente audaciosamente vermelho. Usava uma blusa havaiana, com desenhos de palmeiras também vermelhas. Seu ar de quem não se importava com os circunstantes deveria sacudir os nervos de qualquer acompanhante muito mais um sujeito quadrado como Fuchs. Pelo menos o sotaque da moça era mais suave do que o dele.

— Graças a seu raciocínio rápido e à sua pronta decisão, o Dr. Pillsbury salvou as vidas de uma porção de homens esta tarde - disse Joe, sentando-se e colocando o embrulho de jornal sobre a mesa.

— Você não nos contou nada, Harvey — reclamou Anna.

— Conte agora, Harvey — insistiu Joe. — Como foi que você apagou o fogo que ameaçava a cordite.

— Não, por favor. — Harvey estava bebendo e um indiscreto rubor subia ao longo de seu pescoço. — Joe é que foi o verdadeiro herói.

— Eu vi esta manhã o quanto ele é despachado — comentou a moça. — Derrotou um automóvel.

— É inacreditável que o deixem entrar aqui — reclamou Fuchs, que não havia tomado conhecimento da presença de Joe e agora olhava para ele francamente irritado.

Cleto Tenório aproximara-se da mesa e esticava os braços cheios de colares, turquesas azuis e verdes presas em um cordão. Cleto era de Santo Domingo, cujos habitantes vendiam joias nas vilas ao longo do rio e mesmo no território navajo em Utah. Suas pálpebras eram caídas e sua camisa estava manchada de respingos de molho de pimenta, mas as fitas em seu cabelo brilhavam, sem uma ruga. O La Fonda não apenas tolerava a presença de Cleto, mas ainda permitia que ele se aproximasse dos hóspedes, desde que não chegasse a importuná-los.

— Quanto? — perguntou Joe.

— Dois dólar — respondeu Cleto, pondo os colares em cima da mesa.

— Exploração — interveio Fuchs, apanhando um dos fios e examinando-o mais perto da luz. Com a ponta da unha, raspou uma pedra. — Você sabe o que é uma turquesa? — perguntou a Cleto.



— É uma turquesa. A turquesa é, realmente, um fosfato de cobre e alumínio. Deixo por um dólar — propôs Cleto. Olhe, você nem mesmo sabia o que estava vendendo. Agora já lhe ensinei e devia cobrar-lhe a lição. Conheço bem estas pedras. Elas mudam de cor, tornam-se esbranquiçadas e nem merecem a classificação de preciosas. São do tipo comum, que a gente encontra no chão.

— No chão, não — reclamou Joe, apanhando um colar. — Eles têm de cavar uma mina, arrancar a rocha, colocá-la no fogo e depois atirar água em cima. A rocha se despedaça e aparece um veio de turquesa, como um fio de água azul. Seria mais fácil usar explosivos, mas é impossível agora conseguir-se mesmo uma quantidade pequena.

Colocou dois dólares sobre a mesa e entregou o colar a Anna Weiss: — Para você.

— É muito gentil, sargento. Obrigada.

— Enfiou pela cabeça o cordão de turquesas, colocando-o por baixo da gola da blusa. As pedras eram de várias cores: azul escuro, azul-claro, verde-gaio. Com aquela blusa e aquele pente no cabelo, ela parecia uma linda cigana.

Cleto recolheu rapidamente os colares e o dinheiro, retirando-se em seguida.

Fuchs deu um longo suspiro.

— Sargento, às vezes essa sua aparente simplicidade me parece muito astuta. Você tem o que nós chamamos na Alemanha uma "sagacidade de camponês". Compreende? Mas há uma grande diferença entre esperteza e inteligência. Onde você vê belas pedras, eu vejo fosfato. Onde você vê "cabeludos", eu vejo uma elite. Para ser honesto, acho que a guerra será ganha pela inteligência, pela ciência, não pelos soldados. Com isso não quero denegrir o sacrifício de ninguém.

— Klaus, todos nós somos soldados lutando pela mesma causa — disse Harvey.

— E todos temos causas diferentes — replicou Fuchs e depois se voltou para Anna Weiss. — Tire esse colar. É ridículo.

— Wilst du lieber einen gelben Stern haben? — perguntou ela. — Oder einen roten?

Ao ouvir as palavras em alemão, todos os que se encontravam no restaurante interromperam suas conversas. Em meio aosúbito silêncio,

Harvey sussurrou:

— Joe, o sujeito dos colares roubou o seu pacote.

— Você está vendo coisas. É bom consultar um médico — disse Joe. — Vamos sair daqui. Deixe-me levá-lo para umas fontes térmicas, umas águas milagrosas. Vocês também estão convidados — acrescentou, dirigindo-se a Anna Weiss e Fuchs. Loucura — comentou Fuchs.

— Quando? — perguntou Harvey.

— Agora mesmo — respondeu Joe. — Esta noite. Levarei no jipe.

— Está bem — disse Anna Weiss.

Acima da estrada da montanha, uma fonte térmica brotava de um poço na rocha. Raízes cor-de-rosa apareciam sob as agulhas dos pinheiros. Galhos de abeto e a lua flutuavam na água sulfurosa.

Joe já mergulhara. Harvey se sacudia, como um pato de borracha. Anna Weiss colocou sua roupa na beira da fonte e entrou na água.

Ela era tão clara que parecia refletir o luar como outra lua. Ao mergulhar, seus olhos se fixaram nos de Joe.

— Alegria através dos movimentos — disse ela.

Mergulhou outra vez e voltou à tona com os cabelos colados no rosto.

— Foi uma pena que Klaus tivesse preferido permanecer no carro — disse Harvey. — Ele está ficando um pouco irritadiço. É a pressão de Trindade. Falta apenas um mês.

— Por que Trindade? - perguntou ela. — Por que Oppy chama assim o local do teste?

— É de um soneto inglês. Escrito por John Donne, segundo Oppy — explicou Harvey, imitando a voz rouca de Oppy.

— "Vivem em meu coração três formas de Deus, que você não vê, mas se agitam, respiram, reluzem e procuram salvar-se."

— Mas o local já não tinha um nome? — perguntou Anna.

— Porteira do Garanhão — informou Joe.

— Um nome bem americano. Prefiro este.

— Eu também.

— Eis um exemplo perfeito do que é temperatura média — disse Harvey. — Metade de meu corpo está fervendo, a outra metade está gelando, mas a média é ótima. Cada vez que um deles se agitava, a água —

morna, de cheiro acre - transbordava da fonte e os musgos em torno se encharcavam e adquiriam o mesmo odor. Através dos galhos, eles podiam ver os picos das Montanhas Jemez, alguns já escurecendo, outros ainda com seus penhascos cintilando. As nuvens arrastadas pelo vento leste faziam as montanhas se deslocar, como se fossem uma onda.

— Havia lá em cima um vulcão tão grande como o Everest, mas isso já faz mais de um milhão de anos — informou Joe, apoiando os braços abertos nas bordas da fonte. — Quando ele entrava em atividade, atirava pedaços de rocha que alcançavam o Kansas. Há ainda uma fenda vulcânica embaixo de nós.

— Como um borralho profundamente enterrado — sugeriu Anna.

— E todas estas colinas são sagradas para o pessoal mais velho. Capelas nas cavernas. Nunca se sabe o que se vai encontrar lá dentro. Papai e eu estávamos caçando um dia quando caímos em um buraco, como se o chão tivesse sumido, a terra desmoronando pelas beiras. Havíamos caído dentro de um antigo kiva\* e estávamos sentados no centro dele. Ao redor de nós havia uma porção de imagens. Um homem com a pele azul como a de um pássaro e a cabeça de búfalo. Uma andorinha com a cabeça de uma menina. Um puma sentado como se fosse humano. O kiva deveria ter uns quinhentos anos, talvez mil, mas as cores estavam tão vivas como se as figuras tivessem sido pintadas na véspera. Entretanto, passada uma hora, elas foram esmaecendo, e passada outra hora, mal podiam ser vistas; pouco depois, eu já nem enxergava as paredes da sala, que se enchia de terra e desaparecia, mas continuávamos lá.

Joe estava surpreso consigo mesmo por ter contado a história. Primeiro, porque se lembrara dela. Segundo, porque tinha o sabor das lendas em que o valente homem vermelho encanta o turista. Talvez fosse isso o que ele estava tentando fazer, apesar de tudo. Obviamente, era o que desejava.

— Qual é a religião aqui? — perguntou Anna. — Adão foi criado no sexto dia? E Eva nasceu mesmo de uma costela dele?

— É diferente.

— Como, diferente?

— São histórias que variam muito e nem me lembro direito de cada uma. Você viu os palhaços das danças daqui?

— Não.

— Bem, quando o mundo foi criado, um casal de irmãos se instalou nas montanhas. Ele era um bonito homem. Ela era uma beleza. Uma noite, dormindo no alto da montanha, ele descobriu que amava a irmã. Ao acordar, ela viu o que acontecera e tentou fugir, batendo com o pé no chão e abrindo a montanha ao meio, o que fez surgir um largo rio separando os dois irmãos. Ele ficou tão furioso que se atirou violentamente no chão ferindo o rosto, que começou a sangrar. Então a moça se comoveu e atravessou o rio a nado, para dormir com o irmão. O incesto transformou-os em proscritos e os filhos deles nasceram meio doidos e se tornaram palhaços. Não é exatamente a mesma história contada na Bíblia.

— E quanto aos demais?

— Espalharam-se pela terra e se enrijeceram ao sol. Bem, há uma palavra engraçada para isso, significando cozido. Endurecido, acabado, completado... Na verdade, não tenho muita coisa para lhe contar a respeito de índios.

Muito menos de um índio brincando dentro d'água. Por que diabo ele se arriscara a roubar explosivos, a fim de entregar de graça a Cleto, em vez de ganhar um bom dinheiro dos empreiteiros em Albuquerque? Será que ele queria ser apanhado e mandado de volta para Leavenworth ou para o Pacífico? Havia um fator não apenas de autodestruição, mas de autodesprezo. Algo assim como meio cozido.

— Posso falar a respeito de índios — disse Harvey. — Quando eu era um garoto de oito anos, uns cherokees considerados quase civilizados atiraram-me dentro de um tanque com água. O tanque tinha uns dois metros de altura e estava quase cheio. A água não era como esta aqui, mas lodosa e, por isso, servia como divertimento — a cara com que eu iria aparecer, todo sujo de lama. Agarrando-me à borda do tanque, ao tentar sair, notei que o nível da água baixava um pouco. Voltei a mergulhar e o nível subiu. Repeti a operação várias vezes. Depois, calculei o volume de água deslocado e seu peso; em consequência, o meu peso e o volume. Pouco tempo antes eu havia lido no The National Geographic, entre fotografias de africanas com os seios à mostra, que os crocodilos aumentam seus próprios pesos engolindo pedras, de modo que conseguem nadar mais no fundo e abocanhar aquelas pobres garotas africanas. Então gritei para a garotada que atirasse algumas pedras dentro do tanque. Essa foi a minha verdadeira iniciação na física. Estou gostando

desta água, sabe? Isso significa que estou destilando meus humores venenosos ou sendo cozinhado?

Chapinhou para um lado e para outro, entre Joe e Anna Weiss.

— O que você vai fazer depois da guerra, Joe? — perguntou ele. — Ainda pensando em abrir um clube de jazz! Acho que vai precisar de um sócio silencioso.

— Por que silencioso? Isso inclui o clarinete?

— Joe — perguntou Harvey, parando no centro da fonte -, você acha que estou bêbado?

— E está?

— O valor de pi até a décima casa decimal é 3,1415926535. Um bêbado será capaz de dizer isso?

— Você disse.

— Ele tem razão — murmurou Harvey para Anna. — Na região sul do Texas, nós fazemos reuniões em barracas onde a gente pode rolar no chão, completamente bêbado, e dizer bobagens em hebreu, hitita e galês. Não é demais saber essas letras simples da geometria ou o adulterado grego da física. Mas Joe, Joe meu amigo, não quero meter você em encrencas.

— E como você poderá meter-me em encrencas?

— Não vou dizer nada, mas queria que você compreendesse, se eu desaparecer. Sou muito seu amigo.

— Sobre o que está falando?

— Joe, estou deixando a Colina.

— Deixando?

— Ninguém se lembra mais. Iniciamos este projeto apenas Porque Hitler tinha o dele; assim, não seríamos chantageados com a ameaça de sua bomba. Agora, parece que ele nunca conseguiu acabá-la. Dizem que vamos usar a nossa contra o Japão, que não tem projeto algum.

— Espere um pouco. Esta tarde, no Jardim Suspenso, você arriscou sua vida para salvar a bomba.

— Eu ainda não havia tomado minha decisão. Deixei que o destino escolhesse por mim.

— Bem, aquela foi uma cena formidável, você e a cordite, mas tudo continua a não fazer sentido para mim. Se os japoneses tiverem a bomba, você não acha que eles a lançarão em cima de nós?

— Mas eles não têm. Possuindo a nossa, enfrentamos um dilema de natureza ética. Joe, não deixei Amarillo para tornar-me um físico trabalhando para pulverizar centenas de milhares de vidas humanas. Quando Oppy veio para Columbia e me convocou, foi para fabricarmos uma bomba, a fim de que Hitler não usasse a dele. Por essa razão é que me alistei e todos os outros se alistaram também.

— Exceto o pessoal do Exército, da Marinha e dos Fuzileiros.

— O dilema de natureza ética...

— É um luxo a que não têm direito os que se alistam.

— Bem, mas como paisano...

— Você ainda é paisano porque Oppy conseguiu um adiamento de sua convocação, para que você viesse para cá ajudar a construir uma bomba. Sou seu amigo e quero o seu bem. Assim, fabrique essa bomba e acabe com a guerra. Puxa! O Capitão Augustino adoraria esta conversa. Tiraria você da Colina dentro da mala de um carro.

— Estou pronto a sofrer as consequências de minha decisão.

— Ah! Vai sofrer? Harvey, há homens morrendo, metidos em fedorentos buracos de areia espalhados por uma porção de ilhas do Pacífico. Há homens amontoados nos porões dos navios, rumando para o Japão, a fim de invadi-lo. Acho que eles é que irão sofrer as consequências dessa decisão. Para quem mais você contou?

— Apenas para mim — disse Anna.

— Você cooperou para que Harvey tomasse sua decisão?

— Espero que sim.

— Bem, deve haver lugar para os dois na mala do carro de Augustino. Boa sorte — disse Joe, saindo de dentro d'água.

Apressadamente apanhou seu uniforme, o cinturão e os sapatos. Essa não era, de modo algum, a noite idílica que ele imaginara gozar na fonte térmica.

Harvey continuava imóvel, fazendo o possível para aparentar um ar desafiador.

— Você vai nos denunciar?

— Não, mas deixarei os dois geniozinhos voltarem a pé lá para baixo.

— Espere — pediu Harvey.

— E nos conte — acrescentou Anna — mais uma das fascinantes histórias de índios. Levante mais carros. Toque mais valsas.

Na estrada para a Colina, um grupo de veados cruzou em frente aos faróis do jipe de Joe. Eram machos, cinco ou seis deles. Joe freou e derrapou até o acostamento da estrada, antes de parar. Os focos de luz revelaram enxames de mariposas, um curiango arisco e, depois, a longa descida até o fundo do desfiladeiro.

O mundo estava cheio de vítimas, todas muito ansiosas para levá-lo com elas.

# 4

A luz se escoava pelas persianas azuis e pela fresta entre a soleira e a porta. A casa tinha dois quartos, uma cozinha com um fogão a lenha e uma grande sala. As paredes de adobe eram caiadas com caulim. Havia um catre, uma escrivaninha tosca, mesa e cadeiras envernizadas, baldes empoeirados, uma caixa de papelão cheia de potes de barro e, a um canto, uma lareira negra e vazia. Nas paredes estavam pendurados um crucifixo, a Virgem, São Miguel, São Cristóvão — este atravessando o rio com o Menino Jesus nos ombros — e fotografias de Rudy metido em seu terno de formatura, ou todo enfarpelado para um baile, ou em seu uniforme.

Joe ouvira dizer que Rudy estava morto, que os aviões B-17 em Clark Field tinham acabado de ser reabastecidos e, em filas, se preparavam para decolar, quando os japoneses chegaram. Cada ura dos bombardeiros se encarregou de explodir o vizinho; o último B-17, ainda tentando decolar, chocou-se contra os canhões de uma bateria antes de explodir. Os corpos não foram encontrados.

Joe sentou-se no catre e acendeu um cigarro, utilizando um dos baldes como cinzeiro. Estava certo de que, se levantasse os olhos e não se assustasse, Dolores viria da cozinha com um guardanapo na mão. Ou que Rudy estaria em pé junto da cabeceira da cama, choramingando e querendo brincar de pugilista. Era a primeira vez, em muitos anos, que ele fazia aquela visita, e sua mágoa estava sendo ainda maior do que imaginara. Angústia. Não há nada como a memória para despertar a sensação de claustrofobia.

Rudy talvez ainda estivesse vivo. Escondido na selva. Ou em um campo de prisioneiros. No Japão.

É claro que Fuchs tinha razão. Se a bomba tiver êxito, todos os Rudy Penas do mundo não valerão um só Oppy, Harvey ou Fuchs.

Fora aquele maldito Harvey que forçara Joe a ir até ali. O pobre Harvey e sua necessidade de apoio. Por que contar a um sargento que pretendia abandonar a guerra? Joe não voltaria para a Colina. Compraria algumas garrafas em um bar e sairia para caçar, descarregando sua raiva nos pobres coiotes. Imaginou que acordaria em algum motel em



Esperanza, a cidadezinha espanhola em frente a Santiago, no outro lado do rio. Em vez disso, acordara em Santiago, naquela casa.

Pelo menos tomara uma decisão: contaria tudo a Augustino. O capitão queria informações sobre Anna Weiss, e Joe iria fornecê-las.

A casa respirava ou era o ruído que ele mesmo fazia? O kiva onde caíra era completamente diferente. Meteu a mão no bolso, à procura de outro cigarro.

A porta se escancarou. Uma luz mortiça invadiu a sala e um fantasma apareceu na soleira.

— Rudy?

— Quem é? — perguntou Joe, protegendo os olhos.

— A Sra. Quist. Joe? É você? — o vulto avançou dois passos e se transformou em uma senhora baixinha, com um vestido branco à Lana Turner, turbante e óculos escuros. — Você é a última pessoa que eu pensaria encontrar aqui.

— Você e eu, os dois — disse ele, reparando o quanto seu uniforme estava amassado, como havia pontas de cigarro pelo chão.

— Os potes, Joe. Sempre passo por aqui primeiro.

— Não atrapalho.

Levantou-se do catre. Não havia descalçado os sapatos. Depois de colocar sobre a mesa a caixa com os potes, para a Sra. Quist escolher, dirigiu-se, cambaleando, para a bomba junto ao poço. O Hudson da Sra. Quist estava estacionado atrás do jipe. A manhã chegara e se fora. Em torno de Santiago surgiam finos penachos de fumaça preta, porque a calmaria do meio-dia era a melhor hora para colocar os potes no fogo. No quintal em frente, no outro lado da estrada, Sophie Reyes atiçava uma fogueira de galhos de pinho, cedro e toras 2x4, sob uma trempe cheia de potes de barro. Ela apanhara um tição bem aceso para reforçar o fogo no lado em que as chamas estavam mais fracas. Quando uma brasa rolava, afastando-se da trempe, ela a empurrava de volta com um galho de jucá. O fogo era protegido por uma folha de zinco, preta de fuligem. Fazia tudo do mesmo modo que Dolores. Elas eram irmãs, e Sophie tinha a mesma cabeleira negra e grisalha, usava o mesmo vestido tradicional, preso apenas em um ombro, o avental manchado e os grossos sapatos comprados pelo catálogo.

Ben Reyes apareceu no vão da porta dos fundos. Seus longos cabelos emolduravam o rosto enrugado. Não usava camisa, apenas colete, saiote, calças e mocassins. Normalmente, sua contribuição para o trabalho de Sophie era ficar sentado em uma cadeira, separando penas. Naquele dia ele estava acompanhado de outro velhinho apoiado em uma bengala.

Joe acionou a bomba, colheu a água nas mãos, lavou a boca e penteou o cabelo com os dedos. As casas de adobe, de um só pavimento, pareciam ainda mais baixas sob o sol a pino. As escadas apoiadas contra a beira dos telhados tinham sido caiadas, a madeira retorcida; pareciam equilibradas na própria sombra. Todo o pueblo era um labirinto de ruas sujas e vielas, com fornos no lado de fora das casas, currais e ramadas, as casas se distinguindo umas das outras por um caixilho azul aqui ou verde acolá. As casas dos Pena e dos Reyes se situavam na orla do pueblo, mas uma viela ligava diretamente à praça, e Joe podia ver os choupos-do-canadá, com seus galhos balançando. Ficou observando dois garotos que atravessaram a praça correndo, subiram em um telhado, hesitaram um momento e saltaram para outro telhado mais baixo. Ele se lembrava de ter dado o mesmo pulo, levantando poeira e folhas mortas ao cair.

Santiago. Não importa que ele tivesse passado a sua vida adulta em Nova York e viajado pelo país inteiro, a Costa Leste, a Costa Oeste, México, França. Antes da guerra, estivera em Paris com o Grande Cacique Russel Moore, um índio de Komatke, Arizona, tocadador de trombone e que pesava mais de 150 quilos. No Palais d'Sport, Joe derrubara três vezes o campeão francês de pesos-pesados, mas mesmo assim perdera a luta, porque os franceses ajudaram seu campeão a levantar-se, como se fosse um enorme peixe. Moore levava seu trombone para o Palais e, cada vez que a multidão punha seu lutador em pé, ele soprava uma escala de notas, a mais baixa morrendo lentamente. Naquela noite, Joe e Moore beberam absinto em copos bojudos, sentados em um bar onde ninguém se preocupava com a guerra, porque os franceses tinham um exército maior do que o dos alemães.

Isso acontecera seis anos atrás. Agora, ele tinha rolado como uma pedra, de volta ao ponto de onde partira. O engraçado é que a guerra libertou a maior parte dos homens de Santiago, recrutando-os, arrancando-os de suas lavouras e mandando de volta o único que saíra por

iniciativa própria. As pás dos moinhos dos deuses se movem lentamente, mas ninguém foge delas.

O jazz foi uma liberação. Joe sempre fora um pegador e, no boxe como no jazz, o que interessava era alternar ganchos e diretos — dissonâncias bem encaixadas. Charlie Parker se orgulhava de ser um pouco índio cherokee ou cree. Qualquer camarim de músicos negros estava cheio de índios falsos. Aqueles eram os índios de Joe.

Abriu os olhos e viu que Ben e seu amigo se aproximavam do jipe. Ergueu o copo para demonstrar algum respeito. O amigo de Ben vestia um macacão sujo, tranças e um xale branco de algodão herdado de um taos mais velho. Embora não fosse idoso, apenas cego, os olhos estavam no fundo das órbitas, cerrados. Tracoma, pensou Joe. Antes da sulfa, a tracoma era muito comum nos pueblos.

Ninguém mais sofria disso agora, exceto os tradicionalistas, que se recusavam a aceitar remédio de branco.

— A primavera está chegando, tio — disse Joe.

— É mesmo. E chegando muito bonita.

Ben, com ar carrancudo, fez as apresentações. O nome de seu amigo era Roberto.

Os três homens falavam o dialeto tewa. Utilizado em numerosos pueblos ao longo do Rio Grande, tinha expressões próprias para descrever a beleza das nuvens, da chuva, da água, do milho. Tewa era também a língua de um povo que vagara resistindo pelos desertos. Nenhum pueblo se manteve muito tempo sem dividir-se em duas partes que se desprezavam mutuamente. Por isso mesmo, tewa era uma língua rica em frases e entonações de menosprezo e desdém.

— Ainda faz muito frio em Taos?

— Um pouquinho — respondeu Roberto, com um tom de voz esquisito, como se ele estivesse tratando de um assunto novo. — Você vai muito a Taos?

Taos se julgava o topo do mundo, talvez apenas um degrau abaixo de Hopi, mas de qualquer maneira muito perto do céu. Joe pensou que, logo no início do dia, o que ele menos precisava era de fanatismo religioso, mas sim de um café ou uma cerveja gelada.

— Não, desde que a guerra começou. Sempre faço projetos para ir até lá. Tio, nunca tive oportunidade de agradecê-lo. Em dezembro —

lembra-se? — o senhor viu dois homens que estavam caçando. Era de madrugada e o tio deveria estar, em companhia de Roberto, preparando algumas armadilhas na neve. Chegaram bem na hora.

— Agradeça a Roberto, não a mim. Ele é quem teve a ideia.

— Ben disse que o outro caçador estava caçando você — acrescentou Roberto. — Enlouquecera?

— Era um oficial. Cigarro? — Joe procurou por seu maço, mas o bolso estava vazio.

— Fume um dos meus — disse Roberto, oferecendo um cigarro grosso feito a mão, que agitava no espaço vazio.

— Obrigado — murmurou Joe, apanhando o cigarro. Lembrou-se de que aquele fumo parecia misturado com esterco. Roberto colocou um na boca e Joe o acendeu, depois fez o mesmo com o dele. — É um bocado forte — acrescentou, tossindo.

— É de Taos.

Roberto se encostara no lado do jipe. Tinha um pontudo nariz espanhol. Suas mãos pareciam surpreendentemente fortes, as unhas estavam amareladas. A razão era evidente: misturar adobe com as mãos, concluiu Joe. Pelo menos era uma coisa que um cego podia fazer. Roberto não tinha condições de preparar grande quantidade de adobe, utilizando as mãos diretamente, mas o que ele produzia era da melhor qualidade.

— Sabemos o que você anda fazendo lá na Colina e pedimos que pare com isso — disse Ben.

Nem Joe nem Roberto prestaram atenção no que ele dissera.

— Conheci sua mãe — informou Roberto.

— Verdade?

— Acho que você estava em Nova York. Ela era uma das mães de clã, não era? O Clã do Inverno? O senhor era do Clã do Inverno? - Do Verão.

— Ela era do Inverno. — Com todos os diabos, todo mundo naquele lado de pueblo era do Clã do Inverno. Então, Joe se lembrou que Roberto era cego. — Aqui a maioria é do Clã do Inverno.

— Queremos que você e o Exército parem com isso — insistiu Ben.

— Ora, tio, não creio que o senhor saiba o que está mesmo acontecendo na Colina, mas se o senhor quer que pare tudo, é melhor falar a um general, não a um sargento.

— Ela fazia uns belos potes — disse Roberto. — Usava uma argila especial.

— Realmente. Argila branca.

— Sua mãe dizia que você era a única pessoa, além dela, que sabia onde havia argila branca.

— Ela e Sophie.

— Vocês estão fabricando veneno — disse Ben.

— Tio — pediu Joe o mais delicadamente que pôde -, lembre-se de Pearl Harbor, de Bataan.

— Ela disse que você tocava piano — continuou Roberto a conversar com Joe. — E conheci seu irmão Rudy.

— Estou dizendo para você parar com isso imediatamente.

Joe tentava controlar sua irritação: — O que o senhor deve fazer, meu tio, é apresentar seu caso a Roosevelt. Ou talvez aos rapazes de Santiago, que estão lá longe, neste momento, combatendo. Ou às mães deles.

Ben deu uma cusparada na frente do jipe:

— Falar com você me faz lembrar um verme. Os vermes não têm ouvidos nem colhões.

— Bem, tio. Sua contribuição ao esforço de guerra, sentado aí, resmungando e separando penas, é reconhecida por todos.

— Foi uma bela visita — continuou Roberto para Joe. Com sua bengala, bateu na canela de Ben para localizá-lo.

— Foi um prazer — replicou Joe.

Ben se comportava como se ainda houvesse uma porção de coisas para serem ditas, mas Roberto agarrou com força o braço do velho e, cego ou não, obrigou-o a atravessar a estrada. Engraçado. Primeiro, Harvey; agora Ben Reyes.

— Pagarei um dólar por pote — disse a Sra. Quist, em pé junto à porta, sacudindo o pó de seu vestido branco.

Ela viera do sul da Califórnia para Santiago, segundo Joe se lembrava. Fora uma mulher vistosa, um pouco mais morena cada ano. Agora estava toda de branco, lembrando um corredor de hospital. Sua voz era anasalada como se estivesse excitada. Joe passou por trás do jipe e acompanhou a para dentro da casa.

Havia cinco potes alinhados em cima da mesa: um tinha uma serpente multicolor e tão enroscada que seus dentes quase mordiam a cauda; o prato negro era brilhante como carvão, perfeitamente redondo e decorado com centenas de desenhos de penas; o pote marrom fora entalhado, como uma bolota amassada e tão polido que parecia de pedra; no longo pote duplo, moldavam-se dois elegantes gargalos gêmeos; e na pequena tigela preta, redonda como uma bola, desenhava-se um pequeno buraco na tampa.

— Esta casa está toda desarrumada. Se Dolores a visse... — suspirou a Sra. Quist, sacudindo a poeira.

— Um dólar cada?

— Vou perder dinheiro. Se você levar em conta as despesas de minha viagem, os cupons de racionamento de gasolina, hotel, alimentos, a loja fechada, não há maneira de se ter algum lucro. Por causa destes cupons de gasolina, esta é a primeira vez que venho aqui nestes últimos dois anos. Mas Dolores e eu nos entendíamos.

— A senhora disse que era um dólar.

A Sra. Quist colocou cuidadosamente um pote na caixa forrada de jornais e serragem.

— Não vou poder vendê-los em Santa Fé. Não há mais turistas lá, somente soldados, mas eles compram postais, não potes de barro. Provavelmente, quando eu chegar em Los Angeles a metade estará quebrada, de modo que estarei pagando cinco dólares por dois ou três potes.

Enrolou o prato e o depositou cuidadosamente no fundo de outra caixa, depois apanhou o que tinha a pintura da serpente e o colocou em cima. Talvez não consiga vender nenhum destes. A guerra mudou. As pessoas que estão voltando da França e da Itália andaram pelo mundo inteiro. Preferem coisas requintadas, colecionam quadros — Picassos, Monets — e não potes de barro feitos por índios.

— Isso me parece exagero.

— É o jeito do mundo agora, Joe.

Ele não podia ver-lhe os olhos, por causa dos óculos escuros. A boca era um oval de batom. Joe crescera presenciando as visitas anuais da Sra. Quist, com suas costumeiras palavras de sabedoria. Ele não se lembrava de ter havido um ano bom para a venda de potes.

— Na verdade, quase todos os comerciantes estão trabalhando à base de consignações — comentou ela, embrulhando com especial cuidado o pote duplo. — Eles não dão nada por isto, de modo que você acaba no prejuízo.

— Nada além de cinco dólares?

A Sra. Quist embrulhou o pote redondo, depois depositou uma cédula de um dólar no lugar de cada peça.

— Aí está.

As cédulas esvoaçaram levemente. Uma ameaçou cair.

— Você não vai guardá-las?

— Depois.

A brisa era apenas um leve sopro quente invadindo a frescura da casa de adobe. A cédula mais à ponta da mesa continuou escorregando.

— Bem, o dinheiro é seu; faça o que quiser.

— Oh, Sra. Quist, estou fazendo apenas o que Dolores faria se estivesse aqui. Ela teria escutado tudo o que a senhora disse e recebido um dólar por pote. A senhora vai vender por vinte ou vinte e cinco dólares a peça, não vai? Sempre foi assim o seu negócio com Dolores; ela sabia que era explorada e eu cansei de reclamar, mas ela se sentia constrangida por sua ganância, e não protestava. Dizia que a senhora podia levar os potes, de modo que são seus, exceto este — acrescentou Joe, tirando da caixa a Pequena tigela redonda.

— Lá está no chão o seu dólar. Pode apanhá-lo.

Não tivera intenção de assustá-la, mas a Sra. Quist recuou um passo, como se temesse ser atacada.

— Não quer? Então deixe-me ajudá-la a carregar suas caixas.

Levou-as para o Hudson e depositou-as cuidadosamente no banco traseiro. Segurou a porta do carro, enquanto ela rapidamente se acomodava atrás do volante, ligava o motor e apertava o acelerador. Os óculos escuros tremiam, com sua respiração ofegante.

— Joe, se eu fosse você, pegava esse dinheiro e limpava a casa, antes que Dolores a visse.

— Dolores está morta. Faleceu no ano passado — disse Joe, fechando a porta do carro. — Pensei que soubesse.

Um Cadillac vinha chegando pela estrada ao longo da cerca atrás do quintal dos Reyes, Joe não prestou mais atenção à Sra. Quist, que partiu logo. O Cadillac era um cupê branco com frisos cromados e se deslocava como um avião de caça, parando junto ao poço. O vidro da janela no lado do motorista foi arriado e um braço fino, dentro de uma manga preta, pendeu displicentemente. Um anel de brilhante cintilou no dedo mínimo.

— Viva! Você voltou para casa, Joe. Andei à sua procura ontem de noite na Casa, mas não o encontrei — disse Pollack, sorrindo e sacudindo a cabeça, expressando ao mesmo tempo emoções conflitantes. — Alguém comentou que vira seu jipe aqui. Acertei. É um prazer vê-lo de volta.

Pollack tinha um sorriso astuto, um nariz chato e uma testa que avançava pela cabeleira grisalha, fazendo reluzir o couro da cabeça. Quando falava, suas mãos se agitavam nervosamente, dando a Joe a impressão de leques com que as mulheres se abanavam na igreja. Se ficava excitado, os olhos pareciam saltar. Sempre usava uma camisa de seda durante o dia e smoking à noite. No conjunto, dava a impressão de um malandro que, com a idade, assumira um ar respeitável.

— É um prazer tê-lo de volta — repetiu.

— Você fez toda essa viagem só para me encontrar?

— Precisava falar com você. Como sabe, não me deixam entrar naquela colina secreta, de modo que tive de procurar outra solução. Você poderia ter-me ajudado ontem à noite. O pianista parecia que era alemão; só sabia tocar polcas. Deve ter sido um prisioneiro de guerra.

— Lamento muito.

— O clube, afinal, pertence também a você, não é mesmo?

— Há anos que não ouço você dizer isso.

— Você não tem participado dos lucros, é claro, porque seu papai Mike nunca entrou com um centavo no capital. Entretanto éramos sócios. Ele iria arranjar o dinheiro, mas não teve tempo. Sempre mandei uma pequena mesada para sua mãe, como você sabe. Não tinha obrigação, mas não me esquecia. O que é isso que você está fumando? Pelo cheiro, parece estrume.

— É mesmo — concordou Joe, atirando no chão o cigarro e pisando em cima dele.

— Uma coisa que aprendi foi estar permanentemente alerta. Uma pessoa que trabalha com o público tem a obrigação de estar sempre de



olho vivo.

Joe apoiou um pé no estribo do carro.

— O que é que você está planejando? Realmente não estive na Casa ontem à noite.

— Estou querendo vendê-la — disse Pollack, satisfeito com a surpresa de Joe.

— A Casa Manana?

— É. Eddie Jr. está voltando da Itália. Vamos instalar um belo clube no Harlem.

— É uma pena. Quero dizer, essa associação de você com Eddie é formidável, mas a Casa era o melhor clube do estado. O único com orquestra própria. Cem mil dólares, incluindo a cozinha, mesas e cadeiras, estoque de bebidas, licença mais o estacionamento — praticamente a quadra inteira. Albuquerque vai progredir muito depois da guerra, você sabe.

— Por que Eddie não vem para cá?

— Ele foi criado pela mãe. Acostumou-se com Nova York — alegou Pollack, com o olhar perdido no espaço, como se buscando velhas lembranças.

— E com a Itália.

— Com a Itália também. Um herói de guerra, como você. Um veterano. Não seria ótimo se você fosse também para Nova York, tocar no nosso novo clube? Mais uma coisinha, Joe. Problema de burocracia. Vou precisar de sua assinatura, como herdeiro de Mike.

— Eu herdeiro? De quê? Você acabou de dizer que não tenho participação no capital do clube.

— É um detalhe.

— Um detalhe, mesmo eu não sendo sócio?

— Haverá uma compensação.

— Dinheiro?

— Uma compensação.

— Qual a quantia?

— Razoável.

— Dê-me uma ideia de grandeza. Cem dólares? Mil?

— Não posso dizer.

— Pois eu posso: até que ponto serei capaz de estragar esse seu negócio?

— Joe, nós somos amigos, amigos e sócios.

— Estou percebendo tudo — disse Joe, estudando a fisionomia assustada de Pollack. Bateu com a mão espalmada no capô do carro. — Deixa pra lá. Traga esses papéis. Vou assiná-los. E você não precisa preocupar-se com "compensações".

— Você me assustou — murmurou Pollack, ainda pálido.

— Desculpe. É que... aquela festa me deu uma ressaca.

— Bem... — Pollack não ousava dizer mais nada.

— Você alguma vez imaginou o que é que eles estão fazendo lá naquela montanha secreta? O que pensaria, se eu lhe contasse que estão montando uma máquina para acabar com o mundo? Fazer tudo isto explodir?

— Agora sei que você está brincando — replicou Pollack, ligando o motor do carro, ansioso para ir embora.

— É sério.

— Bem, mas agora que já acertamos tudo, é melhor eu ir andando. Foi bom ver você de volta à sua casa.

— Obrigado.

Pollack engrenou a marcha à ré, fez meia-volta e passou entre o quintal de Reyes e a cerca que servia de limite para os terrenos das casas, os montes de feno e as lavouras de milho. Joe acompanhou o Cadillac com o olhar, nos intervalos entre as paredes de adobe, e o viu passar pelo kiva da Quadra de Inverno, atravessar a praça e desaparecer atrás da plantação. Ao olhar para a estrada de terra, que margeava as casas, notou que o Hudson da Sra. Quist estava parado pouco adiante, junto a um cacto cholla. A porta no seu lado, aberta, deixava ver que ela tinha as mãos cobrindo o rosto, mas Joe somente percebeu que estava chorando quando os óculos escuros caíram no chão. Ao tentar apanhá-los, escorregou no banco e quase caiu.

Era um espetáculo incrível. A Sra. Quist roubava de Dolores há tanto tempo que ele nem saberia dizer; durante anos, pagou a Dolores um dólar por pote, até mesmo cinquenta centavos — um décimo do preço de revenda em Santa Fé ou Los Angeles. Quando Joe pensava no dinheiro que

a Sra. Quist conseguira à custa de Dolores... Era um relacionamento predatório. Agora, ele tinha a impressão de que um gato chorava sobre o ratinho morto. Coisa de doido.

Voltou para dentro da casa. Em cima da mesa estava a tigela preta, com um pequeno buraco na tampa. No ar, subindo dos jornais, sentia-se a poeira dos postes, o cheiro acre da argila e a poderosa lembrança do passado. Lá estava Dolores em sua cadeira junto à mesa, bastava-lhe levantar os olhos para vê-la. Era uma mulher pequena, com traços finos, a pele lisa e completamente concentrada em seu trabalho. Suas mãos moviam-se agilmente, esfregando a pedra polida sobre a superfície do pote. Começando na parte inferior, riscava uma linha reta até à beira, depois outra ao lado, e mais outra, fazendo apenas pressão suficiente para a argila elevar-se um pouco e a superfície do pote ficar riscada por centenas de sulcos, como a íris de um olho; depois, fazia o polimento das pequeninas elevações entre os sulcos. Joe não conseguira distinguir o que ela estava dizendo, mas ouvia o som de sua voz musical. Encostou-se na parede e olhou.

Nada de Dolores. Apenas algumas mariposas, esvoaçando na luz sobre a mesa, a cadeira e o pote — a última e única peça que ele conservara. Apanhou-a nervosamente e correu em direção à porta.

O Hudson fora embora. Rodando entre as casas e as cercas aproximava-se um jipe, o Sargento Shapiro na direção e o Cabo Gruber a seu lado. Os dois eram da Polícia Militar e estavam de serviço, portanto traziam seus capacetes, pistolas e cassetetes. Eram levantadores de peso e pareciam ansiosos. Gruber tinha cara de retardado mental; Shapiro, com seu queixo caído, mostrava uma fisionomia que sugeria qualquer coisa entre aflição e desespero. Joe nunca tinha visto qualquer um dos dois naquele pueblo de índios.

O jipe derrapou, ao ser freado bruscamente. Gruber parecia constrangido. Shapiro demonstrava dificuldade em encontrar as palavras:

- Cacique, você me reconheceu naquele dia?
- Que dia? — perguntou Joe, ainda olhando em torno, à procura do Hudson da Sra. Quist.
- Quando eu estava de patrulha, puxando meu cavalo.
- Não — replicou Joe, agora prestando atenção.

— Foi no dia em que roubaram explosivos no Jardim Suspenso. Você não me viu fazendo patrulha?

— Que dia foi esse?

— Pena que a casamata estivesse rebentada. Augustino me viu. O Capitão Augustino disse que ou eu aprendo a andar a cavalo ou me transfere para a infantaria, encarregando-se pessoalmente de me mandar para o Pacífico. Disse que estarei dentro da primeira barcaça infeliz que se aproximará de uma praia japonesa.

— A primeira bunda que vai se molhar, foi o que o capitão disse — corrigiu Gruber.

— Você ensinou o Dr. Oppenheimer a andar a cavalo, de modo que pode me ensinar também — pediu Shapiro a Joe. — Amanhã é domingo. Minha vida está em suas mãos.

— Estou de serviço amanhã.

— Cacique, arranjo um substituto para você. Qualquer coisa que deseje. Por favor.

— Talvez à tarde.

O Hudson ainda não havia atravessado a praça. Parecia ter simplesmente desaparecido, como se a Sra. Quist houvesse seguido logo para o céu, a fim de negociar diretamente com Dolores.

Domingo de manhã. Quando Oppy estava em Washington, Joe era designado para a fundição — um edifício verde e reluzente no Platô das Duas Milhas. Faltando menos de um mês até Trindade, as caldeiras em que os explosivos eram fundidos mal funcionavam, as alças estavam emperradas pelo líquido corrosivo.

Os blocos acabados de duzentas libras de alto explosivo, semelhantes a pirâmides marrons, eram cuidadosamente transportados da fundição para o edifício de montagem em vagões pequenos, como se desenhados para crianças. Naquela manhã duas rodas e um eixo tinham quebrado.

Os vagões a serem substituídos eram guardados em um depósito conhecido pela sigla ESPADER (Esculhambados Sem Possibilidade Alguma De Reparação). Também havia escassez de verniz "Bar Top". Para evitar lascas, os blocos fundidos eram sempre revestidos de uma camada de "Bar Top"; não há nada mais frágil do que um alto explosivo.

Os blocos em estado bruto eram aparados com serrotes de cobre, para reduzir o risco de centelhas. Joe regava um bloco, enquanto um mecânico cortava delicadamente os ressaltos deixados pelo molde. Os dois homens notaram a centelha ao mesmo tempo. Joe esguichou água furiosamente em cima do bloco, até ter a certeza de que apenas uma única rebarba expedira a centelha e não houvera propagação. O mecânico ficou encharcado.

— O que me encanta neste trabalho — disse ele a Joe — é que posso mijar nas calças e ninguém nota. Tarde. Um desfiladeiro de basalto coberto de cedros. Lá embaixo, um curso d'água, musgos, violetas e um pé de salgueiro. Joe observava Shapiro equilibrando-se desajeitadamente sobre uma velha égua chamada Dixie.

— Já está bem melhor — disse Joe, caminhando em torno do animal e seu cavaleiro. — Aí é que está o segredo. Dixie não vai ajoelhar. Apenas seguirá o cavalo na frente dela. Não seja nunca o primeiro nem o último. Ela é o animal mais estúpido e mais lerdo em todo o estábulo da Polícia Militar. De agora em diante, passa a ser a sua montaria. Você é saco que ela deve carregar. Seja um saco.

Shapiro não ficou satisfeito.

— Oppenheimer anda a galope, salta obstáculos.

— O cavalo dele se chama Crise. Você quer montar um animal com um nome assim? Trate de fazer amizade com Dixie. Traga-lhe cenouras, maçãs, torrões de açúcar todos os dias.

Shapiro acomodou-se na sela com mais confiança.

— Lá em Brooklyn meu irmão cria pombos.

Joe imaginou Shapiro em uma grande gaiola de pombos com as mãos cheias de penas e sangue.

— Ótimo. Bem, trate de fazer boa camaradagem com Dixie.

Acima deles, os cedros estendiam seus galhos para o céu. Joe teve a impressão de que vira um movimento qualquer entre a folhagem. Talvez fosse uma gralha.

— Cacique, quer me fazer um grande favor? Ensine-me a lutar boxe. Viu a luta de Ray Stingo com o garoto do Texas?

— Vi.

— Pois vou lutar com o garoto.

— Ele vai massacrar você.

— Ele é canhoto. — Havia tristeza na voz de Shapiro, como se estivesse falando de uma doença incurável. — A primeira coisa que aprendi foi rodar ameaçando com a esquerda e mantendo a direita engatilhada, mas isso me deixa sem jeito em frente a um canhoto. Não consigo sentir quando ele vai atacar.

— Talvez você tenha uma chance.

— Augustino está atrás de tudo isso. Apostou no garoto. Esses malditos texanos sempre se ajudam.

— Venha cá.

— Agradeço muito sua ajuda, cacique.

Shapiro apeou e os dois homens tiraram os quepes, os cinturões e as pistolas 45, formando a posição de lutadores de boxe.

Joe colocou seu pé direito à frente, como se fosse um pugilista canhoto.

— Sua mão direita está muito baixa. Assim. Agora, mexa-se — ordenou, atirando um jab com a mão aberta para sentir a reação de Shapiro. — Não se desloque dessa maneira. Abaixese e fuja para a esquerda. Mantenha a direita alta. Outra vez. Agora, ataque com a esquerda.

Shapiro avançou, abrindo e fechando as mãos como uma ordenhadora enlouquecida. Joe colocou outro jab em câmara lenta.

— Vamos! Abaixese, mexa-se e ataque.

Aparou um gancho de Shapiro com o braço. O musgo parecia mais verde, refletindo raios de sol que se filtravam entre os ramos do salgueiro.

— Você acha que tenho alguma chance, cacique?

— Vamos ver.

Joe atirou um jab direto rapidamente e atingiu o queixo de Shapiro. Instintivamente, o outro se deslocou para a direita e recebeu um tapa da esquerda de Joe que, evitando dois jabs de Shapiro, atingiu-o outra vez no queixo e na face. Logo que percebia um golpe em sua direção, Shapiro recorria ao velho costume de mover-se em sentido contrário ao movimento dos ponteiros de relógio, recebendo novo tapa. Joe bloqueou dois ganchos, esquivou-se de um jab e bateu outra vez. A face direita do sargento da Polícia passou do azul para um vermelhão.

— Desista — disse Joe, prendendo os pulsos de Shapiro.

— Desistir? — reclamou Shapiro, os músculos retesados.

— Você não tem qualquer probabilidade de ganhar. Desculpe.  
— Ajude-me.  
— Em quantos rounds vai ser a luta?  
— Seis.  
— O garoto é um amador, naturalmente. O mais provável é que nunca tenha tido uma luta de mais de três rounds. Ouvi dizer que derruba o adversário antes do terceiro.

— Isso mesmo.  
— O que significa que, se você aguentar até o quarto round, o garoto estará esgotado. Você sabe contar até quatro? Ótimo. Olhe: não se desloque para a direita, nem para a esquerda, nem para trás, porque você não é suficientemente rápido. Avance sempre. Vai ser atingido quando avançar, mas é capaz de aguentar bem. Depois, se agarre nele, empurre-o, prenda-lhe os braços, avançando sempre.

Joe deu um passo atrás, movendo-se para a direita e para a esquerda.

— Três rounds são nove minutos. Se você conseguir manter-se agarrado nele durante oito desses nove, sobra apenas um para ele derrubá-lo. Quando encostar nele, não dê cabeçadas; ficaria com a cara cheia de cicatrizes, como eu; você se cortará antes dele. E avance sempre, encurte a distância.

Joe estava aborrecido consigo mesmo, pela satisfação de sentir o suor correr pela espinha, a concentração, e a dança circular do boxeador. Fazendo uma esquiva, encaixando um jab. Quando Shapiro parou por alguns instantes, Joe incentivou-o novamente.

— Vamos, seu palerma, mova-se.

Shapiro olhou por cima do ombro de Joe que se voltou e viu um vulto em pé, na sombra do salgueiro. Teve de firmar o olhar, porque ela era uma mancha escura contra o sol.

— Klaus está escalando uma montanha — disse ela. — É muito chato a gente ficar olhando alguém escalar uma montanha, de modo que vim embora.

Ele foi buscá-la na orla do bosque. Vestia uma blusa branca de mangas curtas debruadas de preto e calças compridas. O cabelo preso na nuca, espichado, era negro como tinta. Os olhos cinzentos fixados nos dele

estudavam-no. Nada de batom nos lábios carnudos, com a expressão de uma pessoa examinando uma cova de urso.

— O cacique está me ensinando a andar de cavalo — disse Shapiro.

— Alguma técnica indígena? — perguntou Anna Weiss a Joe.

O sol, ofuscante, batia na gola e nos brincos, iluminando-lhe o rosto.

— Pelo menos, com as técnicas que os índios usam, ninguém fica chateado — arrematou ele.

Bandos de pássaros cruzavam a beira do desfiladeiro em busca de seus ninhos. Mais abaixo, Shapiro galopava em direção contrária, deixando que o cavalo seguisse o curso do rio, de volta à Colina.

— Conforme lhe contei — disse Joe — parte das terras ainda é utilizada pelos índios locais. Qual é a montanha que ele está escalando?

— Não é bem uma montanha; mais parece um vale escarpado.

— Um desfiladeiro?

— Não sei. Vocês não têm vales por aqui. Somente desfiladeiros e ravinas.

Através dos ramos dos cedros, apareciam no alto os picos das Montanhas Jemez, cercados de pinheiros, a crista abaixava na direção do sul e se elevava ao norte, como uma onda em alto-mar. Anna deu um giro, radiante de alegria, desfrutando a escalada pelas encostas da montanha, coloridas com florezinhas silvestres. Girava sobre si mesma, como fazem as crianças, pensou Joe, como se o mundo girasse em torno dela.

— Você acha que pode ver o mundo daqui — disse ela. — Felizmente, não pode.

— Quando vai voltar para Chicago?

— Breve.

Ao ver que Joe passara-lhe à frente, reclamou:

— E aquela história de "primeiro, as damas"?

— Serpentes — explicou Joe, indicando com um movimento de cabeça umas rochas perto da trilha.

Ela se colocou atrás dele:

— Estou vendo, sargento, que nestas montanhas você está em casa.

— É o que o Exército acha.

— Você não gosta do Exército.



— Não conheço ninguém de juízo perfeito que goste do Exército.  
— Essa não é uma resposta correta. O Capitão Augustino parece gostar.

— Fique longe do Capitão Augustino.

— Você lhe contou o que houve com Harvey?

O Capitão está interessado em você, não em Harvey, pensou ele.

— Não havia nada a contar — replicou.

Ela caminhava desembaraçadamente; tinha mais vigor físico do que aparentava.

— Fale-me a respeito da Sra. Augustino — pediu ela.

— A Sra. Augustino foi-se embora da Colina meses atrás.

— Um tanto apressadamente, é o que ouvi dizer.

Os dois pararam. Ela parecia estudá-lo, como se ele fosse um pinheiro projetado contra o sol.

— O que mais você ouviu dizer?

— Que você tem um fraco por esposas de oficiais.

— Por mulheres.

— Você acha que estou sendo impertinente, sargento?

— Não. Acho que está interessada.

O vento agitou uma ponta da gola da blusa, que roçou em seus cabelos vermelhos.

— Talvez seja melhor procurarmos o Dr. Fuchs — sugeriu ela.

A trilha descia por um desfiladeiro onde a água escorria através de pedra-pomes, arenito, calcário. Tufos de sabugueiro cresciam nas encostas do desfiladeiro, coberto de ponderosas nos dois lados. A maior parte dos pinheiros das Montanhas Jemez fora transformada em madeira, mas não naquele desfiladeiro. As ponderosas eram de um alaranjado-escuro, incrustadas como brilhantes, com mais de uma centena de anos. Nas paredes de pedra, acima do topo das árvores, gaios e mergulhões construía seus ninhos. Na parte mais alta e menos acessível das encostas apareciam as sombras das saliências das rochas.

— Foi por aqui que Fuchs subiu? Anna sacudiu a cabeça, concordando:

— Foi uma estupidez.

Joe apanhou uma pena de gralha presa em um ramo e ficou com uma mancha cinzenta nos dedos.

— Pode ser engraçado agora.

Na base da encosta, atrás de um renque de pinheiros, havia uma escada tosca, com mais penas. Joe disse a Anna que esperasse e subiu pela escada. Quando chegou à altura dos nichos nas paredes, percebeu que ela vinha subindo também.

— Acha que vou perder esse espetáculo? — perguntou. Os galhos dos pinheiros roçavam nas costas deles, enquanto subiam. Joe alcançou o topo das árvores uns vinte metros mais acima, e uma caverna na rocha com cerca de três metros de largura e uns cinco de profundidade abria-se no tufo calcário. O teto baixo e o solo estavam negros de fuligem misturada com penas. Havia dois homens sentados, um em frente ao outro: Klaus Fuchs, com a camisa rasgada e suja, e Roberto, o cego de Taos.

— Gott sei Dank du bist hier — disse Fuchs, ao ver Anna.

— Sou eu, Joe Pena — disse Joe para Roberto.

— Ouvi você subindo a escada — respondeu Roberto.

O cabelo dele estava solto, sem tranças. Tinha o xale sobre os ombros e somente quando foi dar a mão a Anna é que Joe notou que Roberto segurava uma Marlin de cano duplo, com a boca firmemente metida na virilha de Fuchs.

— Não estamos incomodando ninguém, estamos? — perguntou Joe.

— Oh, não! — assegurou Roberto.

— Sou hóspede do governo americano, encontro-me em território americano, sob a proteção do governo americano, ou tudo isso não é verdade? — alegou Fuchs.

No pescoço dele havia marcas de dedos; devia ter havido luta. O cabelo estava arrepiado de medo. Ídolos de madeira envoltos em penas vermelhas e em estojos de couro jaziam em um canto da gruta. Cavadas na rocha, sob uma camada de fuligem, havia imagens de fantasmas, serpentes como arcos de barril, pintadas com cores vivas.

— Há porções desta área, especialmente neste desfiladeiro, que foram reservadas para que o povo daqui pudesse praticar sua religião — explicou Joe.

— Está se referindo a índios quando diz "povo" — corrigiu Fuchs.

— Eles são o povo local — replicou Joe.

— Então você quer dizer... — começou Fuchs.

— Chega! — interrompeu Roberto, empurrando o cano da arma, não com muita força, mas o suficiente para fazer com que Fuchs se inclinasse para a frente, com um gemido. — Ele já estava aqui, quando chegamos, Joe.

Joe imaginou a cena: Fuchs descoberto por uns doze sacerdotes, provavelmente incluindo Ben Reyes. Não era comum alguém de Taos tomar parte em uma cerimônia de Santiago, muito menos um desconhecido. Uma porção de homens participava do ritual. Os sacerdotes percorriam os pueblos, convocando para a cerimônia. A caverna deveria estar preparada com altares, que Ben e os outros certamente já haviam levado de volta. Bennão deveria demorar. Roberto e Fuchs tinham ficado esperando. Ao mover-se, Joe teve de inclinar a cabeça para não bater no teto. Se Roberto disparasse a arma ali dentro, iria haver uma enorme confusão. Esperto foi o cego, escolhendo um pequeno espaço e uma espingarda com dois canos.

— Não é melhor deixarmos a moça ir embora? — sugeriu Joe.

— E pedir socorro? — replicou Roberto.

— Posso me sentar? — perguntou Anna.

— Pode — disse Roberto, bem à vontade. Passou a arma de um braço para o outro e tirou o xale.

— Obrigada — disse Anna, estendendo o xale no chão e sentando-se.

— Você também, Joe — ordenou Roberto.

— Obrigado — murmurou o sargento, percebendo a insinuação.

— Vamos fazer de conta que é um piquenique. Roberto voltara o rosto na direção de Anna. Embaixo do xale usava uma camisa branca e calças de zuarte, com a camisa abotoada até o pescoço e com mangas compridas, mal se via qualquer pedaço da pele cinzenta do corpo pintado. Os olhos vazios estavam afundados nas órbitas; fora isso, ele era uma bela figura de homem, bem mais vigoroso do que Joe imaginara. A pistola 45 do sargento estava no coldre, a alça presa com um colchete. Qual seria a capacidade auditiva do cego?

— Está quente — comentou Joe, notando que o pino de segurança da espingarda estava solto.

— Vamos ter um verão muito seco — concordou Roberto.

— Ainda tenho uma lavoura de soja lá no pueblo. Como você acha que vai ser a colheita?

— Ano ruim, por falta de chuva — disse Roberto. — Relâmpago é o que não faltou.

— Ele é cego — sussurrou Fuchs.

— O que é que isso tem a ver com o tempo? — perguntou Joe. Atrás dos óculos, os olhos pálidos de Fuchs estavam fixados na pistola presa na cintura de Joe. — Cigarro? Devo-lhe um.

Roberto sacudiu a cabeça, aceitando.

— É louco — continuou Fuchs, com voz sumida.

— Ele é um espião — disse Roberto para Joe.

Joe tirou os últimos cigarros do maço.

— Desculpe, só tenho três — disse para Fuchs e acendeu todos com o mesmo fósforo, entregando dois a Anna, que por sua vez colocou um nos lábios de Roberto.

O cego deu uma tragada e sorriu:

— Estou sentindo que ela é bonita. Há uma espécie de onda que se irradia de uma mulher bonita.

— Ele não tem nada de louco — murmurou Anna para Fuchs.

— Não estou achando isso engraçado — comentou Fuchs, olhando para o cano da arma entre suas pernas.

— Você também é alemã? — perguntou Roberto, dirigindo-se a Anna. — Gosto de seu sotaque.

— Faça o possível para perdê-lo.

— Aprenda com Billie Holiday. Ouça seus discos — sugeriu Joe, depois virou-se para Fuchs. — Um pouco de Fats Waller lhe faria muito bem. Você veio aqui para espionar?

— Tentou — esclareceu Roberto.

— Eu não estava espionando coisa alguma. Apenas passei por aqui.

— E pediu desculpas? — perguntou Joe. Fuchs emitiu um ronco.

A maioria dos sacerdotes era constituída de homens idosos; tinham de esconder os altares, os bastões, as pedras, os fetiches — uma porção de coisas que eram carregadas pelas encostas íngremes. Joe fez um silêncio respeitoso antes de dizer:

— Bem, este sujeito é muito ignorante, Roberto. O que quer fazer com ele?

— Dar-lhe um tiro.  
— Santo Deus — murmurou Fuchs.  
— É uma ideia — admitiu Joe.  
— Santo Deus — repetiu Fuchs.  
— Você é religioso? — perguntou-lhe Roberto.  
— O pai dele é pastor protestante — esclareceu Anna.  
— Mórmon? — perguntou Roberto. — Há uma porção de mórmons aqui.  
— Luterano — disse Fuchs.  
— Isso é interessante, você não acha, Roberto? — perguntou Joe.  
— Se se trata de um missionário, então é pior — disse Roberto.  
— Tem razão — concedeu Joe.  
— Sou um cientista — alegou Fuchs. — Não acredito em Deus.  
— Você tem de admitir que há certa contradição entre o que você diz em um momento e o que diz em outro — argumentou Joe para Fuchs.  
— É uma pena que você não acredite em Deus, porque haveria outra solução, além da de ser fuzilado. Você poderia tornar-se membro da seita.  
— Membro? Eu?  
— É assim que são recrutados muitos sacerdotes — explicou Joe.  
— Se acontece que, por acaso, eles assistam a uma cerimônia, ficam obrigados a alistar-se como membros. Dessa maneira, nunca revelarão os segredos.  
— Como o Partido Comunista — esclareceu Anna.  
— O Partido não pode ser comparado a um bando de índios curandeiros berrando em uma caverna — protestou Fuchs.  
— Onde o Partido berra? — perguntou Joe.  
— Isso não é relevante.  
— Calma, não se irrite.  
— Para que espionar índios? — perguntou Anna.  
— Por que vocês estão do lado desses ignorantes? Por que apoiam os índios? Por que estão todos contra mim? — perguntou Fuchs, cuspidando na direção de Roberto. — Você, ceguinho estúpido, você nem tem coragem de puxar esse gatilho.

Durante algum tempo Joe achou que Roberto não puxaria o gatilho; assim, ficou petrificado em seu banco quando o dedo do cego começou a mover-se. O percussor se elevou para trás, depois disparou; um

som metálico percorreu o cano vazio e chegou à barriga de Fuchs. O rosto do físico tornou-se verde e encovado, sua respiração não foi mais do que um ronco.

— Fascinante! — exclamou Anna.

Fuchs roncava ainda mais cavernosamente, parecendo um violoncelo. Roberto abriu a espingarda. O primeiro cano estava descarregado, mas no segundo aparecia o disco metálico de um cartucho não deflagrado. Roberto retirou o cartucho, tateou à procura da camisa de Fuchs e jogou-o dentro dela.

— O que é isso, Roberto? — reclamou Joe.

— É para que ele fique mais religioso ou mais bem-educado.

Joe chegou a pensar se deveria tirar-lhe a espingarda das mãos e jogá-la fora, mas uma arma nova estava custando doze ou treze dólares na Wards.

Você tem mais cartuchos? — perguntou a Roberto.

— Não.

— Eles voltarão para buscar você?

— Claro — replicou Roberto, visivelmente satisfeito, como se presidindo um acontecimento social. — É melhor vocês irem embora, antes que eles cheguem.

— Está bem.

— Tive muito prazer em conhecê-la — disse Roberto a Anna. — Espero encontrá-la novamente, junto com Joe.

— Tudo é possível.

— Mas não tragam este sujeito — acrescentou Roberto, apontando para Fuchs.

Joe teve de carregar Fuchs pela encosta abaixo, como um bombeiro salvando alguém de um incêndio. Quando finalmente chegaram no plano, Fuchs correu, cambaleando, para trás de uns pinheiros, desafivelando o cinto enquanto corria. Anna ficou acompanhando-o com os olhos, até que ele desaparecesse.

— Isto parece outro planeta.

— É o Novo México — disse Joe, procurando os cigarros; depois, lembrou-se que fumara o último na caverna.

— Se ele tivesse puxado o outro gatilho teria matado Klaus.

— Se ele quisesse matar Klaus, já o teria feito antes de chegarmos lá.

— Também pensei assim, mas... — acrescentou ela com um sorriso. — Roberto é louco ou não? Era ele que estava se divertindo conosco ou nós com ele?

— Roberto sabia muito bem o que estava fazendo — disse Joe, com um longo suspiro e o olhar perdido ao longe, nos ramos mais altos das ponderosas. Um esquilo balançou-se, agarrado em um deles. Talvez fosse cego. Talvez os outros esquilos voltassem para buscá-lo.

— Dizem que você é muito violento, Joe, mas não parece.

Ele gostava da maneira como ela grupava as palavras; o sotaque era sinuoso em sua boca, viva e cálida sob a superfície fria. Pela primeira vez o chamara de Joe e o som do jota o encantou.

— Não iria atirar em um cego.

— A fama de violência que você tem deve atrair algumas mulheres, certamente.

— Claro. Primeiro, durmo com elas, depois arranco-lhes o couro cabeludo. Outras vezes - acrescentou com um suspiro resignado — inverteo a ordem.

Ela bateu palmas e deu uma risada.

— O violento Joe selvagem!

Em torno deles, galhos de zimbro se encurvavam, carregados de frutos. Com a camisa toda suja e cheirando mal, Fuchs se deixara ficar para trás.

— Oppy estudou com meu pai em Gottingen, na Alemanha — disse Anna. — Parecia morar em nossa casa. Pensávamos que ele queria casar com Emma, minha irmã mais velha. Papai estava muito preocupado, porque todo mundo acreditava que Oppy iria trocar a física pela poesia. Ele era muito germânico na Alemanha, exceto quando falava sobre o Novo México.

— Sobre o Novo México, na Alemanha? — perguntou Joe, admirado.

— Discutia física com meu pai; com Emma, falava a respeito de poesia, filosofia, psicologia. Comigo, o assunto eram os índios selvagens. Acho que me coube o melhor assunto.

— Oppy adora conversar.

— Roberto é um feiticeiro?

— Um sacerdote.

— Você acredita nas feitiçarias dos índios?

— Bobagens como aquelas? Não. Acredito que Cristo morreu, ressuscitou três dias depois e subiu aos céus como um B-19; entretanto, essas manias dos índios estão por toda parte. Foi o caso de Roberto, hoje, ou do kiva, que lhe contei.

— Eu costumava acreditar que, se comesse um camarão, ficaria uma menina suja, uma pecadora aos olhos de Deus. Certa vez, comi uma lagosta e Fiquei convencida de que morreria naquela noite.

Joe não podia imaginar Anna assustada. Ele ficara, na caverna, quando Roberto puxou o gatilho, mas Anna, não.

— Em que será, na sua opinião, que Oppy acredita? — perguntou ela.

— Bem, ele não é um judeu muito ortodoxo. O tipo do sujeito que estuda o problema religioso e acaba hindu. Uma coisa em que ele acredita realmente, acho eu, é a ciência. Julga que ela pode salvar o mundo. Se todos os cientistas fossem homens tão bons quanto Oppy, eu também acreditaria.

— Ele é tão bom assim?

— O melhor.

Eles haviam chegado à extremidade da encosta voltada para Los Alamos. Abetos de um vermelho-escuro bordavam um renque de álamos que se estendia pelo lado da montanha como um facho de luz.

— Havendo índios, haverá guias — disse Fuchs, aproximando-se. — O que desejo saber, sargento, é o que você vai fazer a respeito daquele louco que tentou me matar.

— Que ameaçou, é o que quer dizer.

— Tentou me matar, enquanto você nada fazia — insistiu Fuchs, erguendo-se nas pontas dos pés.

— Não há motivo para arranjar brigas no pueblo. Por que não esquecemos tudo o que houve?

— Esquecer? Exijo que você faça a devida comunicação. Sabe quem é ele, pois chamou-o pelo nome. E ele reconheceu você.

— Se quiser fazer a comunicação... — tentou sugerir Joe.

— Nada disso. Você é quem vai comunicar, sargento. Você.



Joe decidira não dar qualquer informação sobre Anna Weiss e evitar Augustino enquanto pudesse. E agora teria de falar com ele a respeito de um feiticeiro?

— O que vai fazer? — perguntou Anna Weiss.

— Se o Dr. Fuchs insiste, tenho de comunicar o incidente.

— E mandar seu amigo para a cadeia?

— Isso não é comigo.

Joe se sentia encurralado em um canto. Roberto não era amigo dele; há dois dias nem sequer o conhecia.

— Quem é que vai receber a queixa? — perguntou ela.

— O oficial responsável pela segurança.

— O Capitão Augustino?

— Ele mesmo.

— Ah! — exclamou Fuchs, recolocando os óculos. — Depois de toda essa conversa, ficou bem claro o tipo de índio que você realmente é.

— Passa a ser um problema do Exército, tão logo eu fale com Augustino.

Joe tentava explicar:

— Eu sou um sargento e não tenho escolha. E não tenho nenhum poder de decisão.

— Bem que eu avisei — disse Fuchs, voltando-se para Anna. — Contei a você que ele era agente do Capitão Augustino. Está bem, sargento. Faça como lhe mandaram.

Fuchs deu meia-volta e começou a descer a encosta, tropeçando nas raízes ressequidas.

— Não sei bem o que eu estava esperando — murmurou Anna Weiss, firmando o olhar, como se tentasse distinguir qualquer coisa perdida na distância. Olhos cinzentos, com as pestanas negras, como se chamuscadas. — O mundo está cheio de pessoas que recebem ordens.

— Estamos em um estabelecimento militar. Só isso.

— Tem razão. É uma tolice de minha parte pensar que pudesse ser diferente.

— E sou apenas um sargento.

— Homem do Capitão Augustino. E da Sra. Augustino. Você é uma porção de coisas, mas não um índio verdadeiro.

Levantou os olhos para Joe e arrematou:

— A resposta à sua pergunta é "não, não estou interessada".

Ela seguiu atrás de Fuchs. Ao vê-la descendo a encosta — um vulto branco deslizando entre os álamos — Joe teve vontade de gritar seu nome, de chamar, como se as palavras pudessem alcançá-la e detê-la, mas essas palavras não foram pronunciadas. Imóvel, no meio da encosta, ficara sem saber o que fazer, como um animal que perde a fêmea.

# 5

Augustino não se encontrava no gabinete nem na chamada Área Técnica. No almoxarifado informaram que o capitão fora visto guiando o jipe na direção da Trilha da Banheira.

Na estrada havia apenas as sombras extensas da tarde. Nenhuma empregada pendurando roupa na corda nem empurrando carrinhos de bebê. Não se ouvia qualquer ruído, exceto o pio dos gaios e os gritos dos jogadores de uma partida de beisebol. Passando pela frente do chalé de Fermi e da casa de pedra de Jaworski, Joe se lembrou que o filme daquela tarde era Branca de Neve e os Sete Anões. Qualquer senhora que tivesse filhos pequenos, mesmo Kitty Oppenheimer, deveria ter ido ao cinema.

No fim da Trilha da Banheira, um renque de álamos e abetos assegurava certa privacidade ao chalé de Oppenheimer. Augustino estava saindo pela porta da cozinha e qualquer coisa estranha na maneira como caminhava fez Joe deter-se e observar. Augustino carregava uma pequena bobina de fio branco, mais fino do que o usado na Colina para as instalações elétricas. Saindo pela cancela do quintal, o capitão desapareceu entre as árvores.

A patinete ainda estava jogada sobre um canteiro, enferrujada e meio oculta pelas flores mortas. Joe bateu de leve na porta. Não estava fechada. Os postigos das janelas da sala de estar permitiam a entrada de raios de sol que se refletiam no soalho encerado e nas paredes de pedra caiadas. A mobília era de estilo espanhol rústico, uma espreguiçadeira com assento de palhinha, cinzeiros de pé, um xale sobre o sofá, estantes com livros, cerâmica de Santiago sobre a cornija da lareira. Aparentemente nada fora do normal.

Kitty não gostava que as criadas arrumassem o quarto. Uma cama de armar estava junto à parede, cercada de cinzeiros, livros abertos, pontas de cigarros e copos vazios. Havia uma litografia de Picasso na parede e uma prateleira de livros toda desarrumada. Não se viam sinais de fios brancos ao longo do rodapé.

O gabinete tinha no canto uma lareira espanhola, uma escrivaninha com papéis espalhados, dois cinzeiros cheios de pontas de cigarros e um terceiro com dois cachimbos, um de espumado-mar, outro de torga. Pendurados nas paredes, retratos de Krishna e de um barco a vela.

O quarto das crianças fora uma varanda que ainda conservava a pintura amarela antiga. Um berço em uma extremidade e uma cama na outra, ursinhos de pelúcia sobre o tapete, uma estante de livros infantis, encimados por uma fileira de novelas em alemão. Kitty contratara uma babá alemã.

Joe voltou para a sala de estar e deu início à busca, levantando cadeiras, mesas, sofás. Ao afastar a estante, descobriu o fio branco que subia do rodapé, quase invisível contra a parede caiada, e desaparecia atrás da estante. O sargento procurou no meio dos discos na prateleira inferior: Bach, Beethoven, Faure.

Puxou os livros que estavam na prateleira décima: Austen, Unamuno, Jeune Filie Violane, Thermodynamique, Upanishads, The Interpretation of Dreams. Atrás de Freud estava o microfone — um botão de fios entrelaçados, menor que uma moeda de dez centavos. Joe arrancou-o.

Acompanhando o fio até a caldeira de calefação no subsolo, encontrou uma nova conexão elétrica na caixa de ligação e um rádio escondido atrás de uma pilha de carvão do Novo México. Joe retirou o rádio e depois foi arrumar os livros. Ao retirar-se, verificou que não havia o menor sinal da visita dele nem do capitão, nada além de uma ressonância, uma efêmera perturbação, como dois riscos em uma câmara enfumaçada.

O céu de Utah era diferente. Sem uma nuvem. Salinas. Em vez de abutres, gaivotas.

O Forte Douglas, em Salt Lake City, se distinguia de Los Alamos por ser tudo muito quieto. Nada de estrondos em um platô, nada de índios nem de mulheres. Apenas a letargia verde-escura do mais recuado posto do Exército dos Estados Unidos.

A garagem era um barracão de metal pré-fabricado, com abas de aço galvanizado, em cuja sombra brilhava o facho dos soldadores. Joe e Ray Stingo esperavam junto às bombas. O sol a pino acentuava o cheiro da gasolina que se evaporava do macadame. O topete de Ray, geralmente

empinado, reluzente de brilhantina, caía como um pedaço de papel crepom.

— Cacique, você deveria ter lutado.

— Eles mandaram nos buscar — a você e a mim.

— Por quê?

Joe, para não discutir, passou para o outro lado das bombas de gasolina. Ele e Ray tinham voado de Santa Fé na noite anterior e durante toda a viagem Ray fizera a mesma pergunta.

— O garotão do Texas derrubou Shapiro — disse ele.

— Já me contaram.

Ray se aproximou de Joe, encostado em uma estante de latas de óleo.

— O Capitão Augustino gostaria de ver você lutar.

— O capitão nunca me falou a respeito disso — replicou Joe, que, desde a festa na casa de Oppy, não conversara com Augustino. — Olhe, enquanto Oppy estiver em Washington, ficarei disponível para serviços como este.

— E quanto a mim?

— Tudo bem, não se preocupe.

Um comboio se aproximou das bombas. Um sedã do Exército, um caminhão, uma ambulância e um carro-guincho haviam partido de Hanford, no Estado de Washington, e percorrido novecentos quilômetros. Em Forte Douglas, as tripulações eram substituídas.

— Tarde demais — lamentou Ray.

Os horários eram rígidos. Tão logo o sedã, que vinha na frente do comboio, encostou na primeira bomba, quatro tenentes do Serviço de Contra-informações saltaram e outros quatro oficiais tomaram seus lugares. Mecânicos desceram preguiçosamente do caminhão — um Dodge seis por seis com o para-lama amassado. Os dois homens que Joe e Ray iriam substituir frearam a ambulância e saltaram. Joe e Ray ocuparam logo seus lugares, Joe ao volante. A parte traseira da ambulância tinha a cor verde do Exército. Nada de cruz branca, padiolas, cama ou aparelhos de medicina. Apenas duas cadeiras desmontáveis e, mais atrás, ocupando quase todo o espaço, uma armação de metal, de forma cúbica, com um metro e vinte de largura, aparafusada no soalho da ambulância. Dos oito cantos da armação partiam correias de nylon, com uma resistência de mil

libras e suportando um gancho onde estava pendurada uma caixa de aço pesando uns vinte quilos. A caixa era revestida de grafite e chumbo e continha uma cápsula de aço inoxidável, chamada tarugo, também revestida de chumbo, com dez gramas de nitrato de plutônio sob forma gelatinosa.

Os dois sargentos vindos de Hanford tinham os olhos brilhando, a barba por fazer e o ar de quem havia ressuscitado.

— Quem quer umas pastilhas? — perguntou um deles, aproximando-se da janela de Ray e oferecendo-lhe um punhado de pílulas brancas. Ray apanhou três e as engoliu. — É melhor levar isto também — acrescentou, entregando-lhe a submetralhadora que o motorista auxiliar deve ter sempre à mão.

— Inspeção no comboio! — gritaram os tenentes. Eram jovens recém-saídos da escola militar e mandados servir no Serviço de Informações, sem nunca terem visto a guerra. Ao fazerem a inspeção, com as pistolas 45 em punho, eles lembravam a Joe aqueles garotos que iam assistir aos jogos de beisebol levando suas luvas de jogar. Novos mecânicos subiram no caminhão. A parte traseira estava carregada com peças sobressalentes para as outras viaturas do comboio, no caso de haver algum problema na viagem. A ordem era — de Groves, como sempre — não parar.

— Vamos embora logo — gritou Ray, segurando a submetralhadora. O suor grudara-lhe o cabelo na testa. A fisionomia, carrancuda, tinha um ar frio e ameaçador. Fez questão de não olhar para trás, para a cápsula que estava no fundo da ambulância, suspensa no centro da armação.

— Esperem um momento.

Um homem de cabelos brancos, vestindo um casaco de algodão e carregando uma pasta, acenou para a ambulância.

— "Noel" — gritou Joe.

— Eu vou matá-lo — ameaçou Ray.

"Noel" era o psiquiatra da colina. Ele parecia fazer parte da mobília do alojamento; era um homem amável, pronto a oferecer segurança emocional a qualquer "cabeludo" deprimido. Joe não conseguia imaginar o que estaria fazendo em Fort Douglas. Esperava que os tenentes não deixassem "Noel" se aproximar, já que somente ao pessoal do comboio era

permitido chegar perto da ambulância, mas os oficiais acenaram para que ele viesse.

— Peço permissão para entrar. — "Noel" tirou uma carta de sua pasta e entregou-a a Joe através da janela de Ray. A carta era um passe para o Doutor Delmore Bonney acompanhar os motoristas da ambulância do exército de Fort Douglas até Los Alamos, e estava assinada por Oppy e Groves.

— Acho que você ficaria mais confortável em outro veículo — sugeriu Joe, devolvendo a carta.

"Noel" sacudiu os ombros, satisfeito.

— Ordens são ordens. Às vezes até mesmo os civis têm de sofrer.

— O Sargento Stingo não está se sentindo bem — avisou Joe. — Pode ser alguma coisa infecciosa.

"Noel" levantou suas sobancelhas brancas:

— Talvez seja psicossomático.

Joe abriu a porta no lado de Ray, que se inclinou para um lado, a fim de que "Noel" pudesse passar e sentar-se em uma cadeira desmontável, pois o sedã e o caminhão, seguidos da ambulância e do carro-guincho, já estavam deixando o posto, para percorrerem os 700km até Novo México e a Colina.

— Testes de nariz, rapazes — disse "Noel", entregando-lhes chumaços de algodão. — Isto faz parte da rotina.

Joe e Ray enfiaram os chumaços no nariz, depois os restituíram a "Noel", que os guardou em envelopes separados.

— Não costumamos fazer este serviço — disse-lhe Joe. — Você também tem sido escalado para ele?

— Nós somos guarda-costas — resmungou Ray entre dentes — e não cobaias. Eles têm uma porção de motoristas malucos que adoram isto.

— Por que será que você foi escolhido, Sargento Stingo? — perguntou "Noel", debruçado sobre o ombro de Ray.

— Porque eles têm raiva de mim.

— Se eles tivessem raiva de você, não teriam se preocupado em colher material com esses chumaços de algodão. É para checar se há qualquer radioatividade respiratória. Quando chegarmos lá, nos farão um exame de sangue e talvez até incinerem nossas roupas. Eles tomariam todas estas precauções se não se importassem com você?

— Está certo — concordou Ray.

— Você queria apenas uma carona desde Salt Lake City?

— perguntou Joe, ao sentir que "Noel" se deslocara mais para o seu lado. — O que está fazendo aqui?

— Vou lhe dizer por que eles não gostam de mim — insistiu Ray. A anfetamina acentuara sua paranoia e avermelhara o branco de seus olhos.

— Pela primeira vez em minha vida ando tendo vantagens. Meu pai guia um caminhão de lixo, meus três irmãos têm o mesmo emprego e ganham 50 dólares por semana. Eu ganho dez mil no pôquer. Vou sair desta maldita guerra com meus dois braços e as minhas duas pernas. Quando voltar para Jersey, comprarei uma loja de bebidas. Vou promover lutas de boxe e talvez até treine algum bom lutador. Vou ter um barco de passeio, uma esposa e filhos. Eles lá em cima não querem que eu tenha tudo isso.

— Por que você não incluiu também a sua mãe? — perguntou "Noel" por cima do ombro de Ray.

— O que há com minha mãe? — esbravejou Ray, virando a cabeça. Como ainda estivesse empunhando a arma, o cano ficou apontado para "Noel".

— Não fale a um homem a respeito de sua mãe — aconselhou Joe, desviando o cano da submetralhadora.

— Por que será que o Sargento Stingo está tão nervoso?

— Porque o Exército tem raiva de soldados, coisa que você não é.

— Então o que é que está fazendo aqui? — perguntou Ray. "Noel" sorriu resignadamente. As rugas se amontoaram em torno de seus claros olhos azuis. O nariz e as faces tinham a coloração rosada de quem passara a vida dando longas caminhadas sob o sol da Baía de San Francisco. Seu velho casaco de algodão tinha cheiro de fumo de cachimbo misturado com o de cachaça. O cabelo era completamente branco, um pouco ralo no alto da cabeça, mas abundante nos lados, caindo em cachos sobre as orelhas. Todos na Colina o apelidaram naturalmente de "Papai Noel", ou apenas "Noel", exceto Harvey, que só o chamava de "Besouro Branco".

— Estou francamente entusiasmado com o que vamos ter ela frente — comentou "Papai Noel". — Disseram-me que veremos paisagens maravilhosas. De fato, no posto de gasolina, ouvi um dos oficiais referir-se a estes carregamentos — e "Noel" indicou com um movimento de cabeça a



cápsula de plutônio pendurada atrás deles — como o Expresso da Assombração.

— Você está vendo algum oficial aqui? — resmungou Ray. O nome deveria ser Expresso dos Bundas Sujas.

O Templo Mórmon despontava ao norte e parecia reduzir-se ao tamanho de um muro de lamentações, à luz da longa tarde de Utah. As montanhas começaram a aparecer, enormes e cinzentas. À medida que o comboio ganhava velocidade, atravessando o largo Vale Jordan, Ray sentia mais fortemente a sensação de estar passando por dentro de um túnel escuro.

A armação e as correias se destinavam a proteger contra choques a cápsula suspensa, mas não impediam que os motoristas deixassem de olhar para trás. Quando a ambulância passava sobre um mata-burro, a cápsula estremecia no ar e oscilava toda vez que havia uma curva na estrada. Apesar de todas as camadas de proteção, a cápsula tinha uma curiosa característica, O tarugo que ela guardava parecia, na imaginação de Joe, ter vida própria. Era uma ideia estranha: um metal com vida. Não simplesmente um exemplar do reino mineral, capaz de um tipo especial de reação química, mas dotado de uma atividade alfa que elevava a quarenta graus a temperatura da água em torno do tarugo.

— Uma beleza o sol batendo nestas montanhas Wasatch - comentou "Noel", torcendo-se na cadeira para ver melhor. — Vocês deveriam adorar esta viagem.

— O metralhador Joe era um rude e esperto pele-vermelha — começou Joe a cantar baixinho. — Nunca deixará o plutônio cair no chão. E sempre se lembrará do 7 de dezembro, com sua arma atirando e querendo derrubá-los. Vou lhe dizer o que estaríamos fazendo, se não tivéssemos sido escalados para este serviço — disse Joe para Ray. — Estaríamos em algum ponto do Pacífico, cavando sepulturas em um recife de coral, enterrando restos de cadáveres seis meses insepultos e tendo para isso uma única pá para nós dois.

— No Pacífico Sul, você acha? — perguntou "Noel".

— Em algum canto onde ninguém nos encontraria até decorrido um ano do fim da guerra. Estaríamos jogando pôquer com conchinhas.

O branco dos olhos de Ray se tornava cada vez mais vermelho.

— Por que nós? — perguntou ele.

"Noel" estava estranhamente silencioso. O comboio ganhou altitude, atravessou as vilas mórmons de Orem, Provo e Helper, alcançou o Rio Colorado em Moab, depois subiu novamente pelas Montanhas de La Sale. O sangue de Ray parecia acumulado nos olhos. Apontava sua arma para as carcaças de coelhos surgidas na estrada e ria ruidosamente.

As cápsulas de anfetamina tinham feito mal a Ray, mas não tanto quanto na primeira viagem que os dois fizeram juntos, quando ele soluçou o tempo todo. Ray era um siciliano primitivo, acreditando que a radiação — qualquer que fosse o tipo — provocava câncer. Com os lucros do pôquer, tinha condições de pagar um colega para substituí-lo em missões arriscadas. Nunca chegava a menos de cem metros de qualquer material radioativo, exceto quando era escalado com Joe para uma daquelas viagens.

A noite caiu quando eles chegaram a Cortez, Colorado, no sopé das Montanhas San Juan, onde as pedras se empilhavam umas sobre as outras, como gastos de degraus. Nessa altura, o trabalho de recapeamento da estrada era recente. A bruma se levantava como se surgisse de canos de descarga de motores da terra e os ventos desprendiam pedras das encostas, batendo nos pneus e tamborilando no teto da ambulância. Joe acompanhava as luzes vermelhas do caminhão à sua frente, embora elas por vezes desaparecessem encobertas por uma nuvem de pedras ou de repente fugissem quando o caminhão mergulhava em uma descida. Em um dos lados estava uma parede de granito; no outro, a ameaçadora escuridão do abismo. Por vezes a estrada percorria uma cumeada, tendo de cada lado um vazio escuro e, aberta no gelo, uma estreita passagem para as viaturas. O vento se levantava do fundo das grotas lá embaixo, roncando como escavadeiras em subida. O comboio parou em Moab para a refeição, mas Ray não quis comer, beber, urinar nem defecar, o que só fez após terminada a viagem. Joe pensou que pelo menos o frio da noite reduziria o suor de Ray e a escuridão esconderia a cápsula que se sacudia atrás deles.

— Vou fazer uma confissão, rapazes — disse "Noel", rompendo o silêncio — e contar por que vocês estão aqui e por que foram escalados novamente para este serviço, embora não fazendo parte de suas tarefas normais. Vocês foram escolhidos porque têm melhores fichas do que os outros motoristas e sabem alguma coisa a respeito da verdadeira natureza do projeto, bem como da espécie de carga que estão transportando. Ao

aproximar-se a data do teste, um número cada vez maior, de pessoas — militares que servem na Colina e os do campo de prova de Trindade — terá conhecimento da natureza do projeto. Surgirão boatos incríveis. Vocês ouvirão, por exemplo, que o Dr. Teller já tentou interromper o projeto, porque seus cálculos demonstravam que a bomba incendiaria a atmosfera.

— Foi mesmo? — perguntou Joe.

— Foi, mas novos cálculos confirmaram que tal perigo não existe.

— Não existe mesmo?

— Não. Vejam só como esses boatos nascem. Na realidade — explicou "Noel" com um muxoxo — o Dr. Teller sonha com uma bomba cem vezes maior, o que demonstra que ele não tem receio algum.

— O que foi que ele disse? — perguntou Ray, como se despertasse.

— Que o Dr. Teller não está com medo — esclareceu Joe.

— Medo de quê? — insistiu Ray, inclinando-se para um lado, quando Joe se desviava de um buraco na estrada.

— De qualquer maneira, poderá haver certa apreensão entre os soldados, à medida que um número maior deles entre em contato com este tipo de informação.

— Você acha? — perguntou Joe.

— Há essa possibilidade — respondeu "Noel".

— É verdade que a radiação provoca câncer de pele, no sangue, nos ossos, com morte imediata ou lenta?

— Teoricamente, sim — admitiu "Noel". — Até agora, porém, o plutônio não causou qualquer dano à saúde.

— Ele foi obtido artificialmente há uns cinco meses — esclareceu Joe. — Ray e eu fizemos a primeira viagem.

— Sob uma miserável tempestade de neve — recordou Ray.

Na frente deles, o caminhão ziguezagueava, desviando-se de pedaços de rocha soltos.

— Mas dentro de três semanas — continuou "Noel" — haverá centenas de militares em Trindade e todos irão querer saber por que foram mandados para lá e o que irão fazer. Procurarão sondar o pessoal da Polícia Militar, que está mais em contato com os cientistas — isso é da natureza humana — e haverá certo nervosismo, pois pracinhas não são cientistas ansiosos Para assistir a uma explosão nuclear. Vejam que talvez não exista um problema de radiação, mas poderá haver um psicológico, embora todos

tenham certeza de que o Exército não deixará seus soldados em uma posição que não seja de absoluta segurança. Afinal, trata-se de uma bomba que deverá explodir uma cidade utilizando apenas uns poucos quilos de minério refinado. Gostaria de saber o que vocês dois pensam a respeito disso.

— Quanto à cidade, tudo bem — respondeu Ray.

— Não pergunte para nós — reclamou Joe.

— Mas vocês devem sentir-se ansiosos — insistiu "Noel". — São justamente os que estão transportando o produto refinado. Mesmo sabendo que estão cercados e protegidos por dedicados oficiais, é natural que sintam certa ansiedade.

— E você? — perguntou Joe. — Sente alguma?

— Nada. Nem um pouquinho.

Joe virou-se para trás. A cápsula flutuava tranquilamente, presa pelas correias no centro da armação de aço.

— Não estou vendo aí dentro nenhum dos tais dedicados oficiais — disse Ray.

— Então você, Sargento Stingo, admite a ambivalência.

— Era uma ambulância — corrigiu Ray. — Agora, eles a transformaram em transporte de carga.

— Não. Estou falando em ambivalência.

— Era. Agora não é mais.

Ray estava excitado. Toda a paranoia que até então não se fixara em um tema concreto encontrara agora seu alvo, depois de trezentos quilômetros de viagem. Não se dera conta de sua confusão e virou-se para trás, a fim de encarar "Noel" de frente.

— Ambivalência, sargento. Desejar duas coisas ao mesmo tempo.

— Compreendo — resmungou Ray. — Duas ambulâncias. Até que podíamos trazer duas.

— De qualquer modo — insistiu "Noel", vendo que não havia qualquer ameaça nos olhos vermelhos fixados nos dele — tenho me perguntado como poderia tratar um problema, quando nada sei a respeito dele. Como podemos nos preparar para uma possível crise emocional coletiva, no campo de provas, sem ao menos ouvir alguns militares que estão atualmente em contato com os perigos do material radioativo?

— É por isso que estamos aqui? — perguntou Ray.

— Estão porque somente você e o Sargento Pena sabem realmente que carga é esta. Aos motoristas comuns e mesmo aos oficiais da segurança foi dito apenas que se trata de algo vital para o esforço de guerra.

— Então estamos aqui por sua causa? — perguntou Ray.

— Era o que eu estava explicando.

— Então é por sua causa que estamos aqui? — Ray queria ter certeza.

— Sim.

— Por causa de você? — insistiu Ray.

Os olhos dele se voltaram para a estrada quando Joe atropelou um coelho e seus dedos se crisparam sobre a coronha da arma.

Por minha causa — confirmou "Noel", com uma firmeza bem-humorada, procurando evitar nova confusão semântica.

Joe sentiu que Ray iria virar-se e matar "Noel", tão logo se arriscasse a tirar os olhos da estrada, agora transformada em um lamaçal. No verão anterior, um caminhão do serviço público de Colorado espalhou petróleo sobre a estrada, depositando uma fina camada de proteção, mas chegara o inverno nas Rochosas e o que sobrara do petróleo se resumia em manchas escuras e escorregadias entre os longos trechos cobertos de gelo em uma estrada com declives de vinte graus, montanha abaixo; permanecer sem derrapar exigia toda a concentração de Ray, embora fosse apenas um passageiro. Mesmo que Joe quisesse parar e tirar a arma das mãos de Ray, haveria o risco de que o carro-guincho batesse neles e empurrasse a ambulância para a margem da estrada, fazendo-a mergulhar no negrume que os cercava como um mar.

"Noel" parecia não tomar o menor conhecimento da estrada, das montanhas e da escuridão, como se o perigo e as dificuldades do percurso fossem problemas exclusivos da competência de Joe. Ocasionalmente arriscava um comentário sobre o efeito do luar sobre um pico nevado ou o reflexo da água de um rio, mil pés abaixo; fora isso, comportava-se como se Joe tivesse escolhido um itinerário de passeio.

— Você!

Ray tentou afastar os olhos da estrada e vingar-se de "Noel", mas a erosão escavara a parte externa da estrada e, no carro à frente, as luzes

vermelhas indicando o uso dos freios, piscavam freneticamente, exigindo toda a sua atenção.

— Por favor, acredite em mim, sargento.

Houve uma leve movimentação nas costas de Joe que sentiu o cheiro penetrante de fumo de cachimbo.

— Vocês se incomodam se eu fumar?

Joe teve a impressão de que, se olhasse para trás, veria um xale e um cachorro no colo de "Noel", que falava.

— Nós somos três hélios, carregando o sol pelo céu. Um novo sol, naturalmente. Do mesmo modo como chamamos a lua de nova, quando não podemos vê-la. Há uma enorme sincronia convergindo para Trindade, uma tensão psíquica. Vocês a sentem e eu posso senti-la também.

— Você quer mesmo sentir uma coisa?

Ray começara a girar o cano da arma, mas uma rocha que deslizara havia quase fechado uma curva da estrada, e Joe teve de frear e desviar-se bruscamente.

— É por isso que acho que nossos problemas em Trindade serão principalmente psicológicos. Vocês se importam se eu fizer algumas perguntas? — arriscou "Noel", desdobrando umas folhas de papel.

Joe engrenou marcha lenta. A ambulância derrapara sobre as pedras, alcançando o acostamento da estrada. Grandes pedaços de rocha apareciam à frente e arranhavam o cárter do veículo.

— Sargento Stingo, se lhe dissessem que você está muito perto de material radioativo, como se sentiria? À vontade, preocupado, um pouco temeroso ou muito?

— Droga! — exclamou Joe.

As luzes vermelhas do carro à frente piscaram insistentemente.

— Mais uma pedra!

Parecia uma casa de cachorro e estava bem no meio da estrada. O caminhão tentou desviar pela direita e bateu na encosta rochosa, arrancando fagulhas de granito. Joe seguiu atrás, derrapando, com as mãos crispadas sobre o volante. Ray e sua arma estavam apoiados contra o para-brisa. No momento em que a ambulância contornava a pedra, Joe viu que o caminhão, na sua frente, batia outra vez na rocha da encosta.

Ferramentas, macacos e pneus saltaram para fora da lona que os cobria, iluminados pelos faróis da ambulância. Com a parada do caminhão, o

radiador encostado na rocha, a ambulância deslizou entre o para-choque traseiro do veículo imobilizado e o precipício. Joe procurou desviar-se, freou e puxou também o freio de mão, conseguindo parar a ambulância contra o para-choque do caminhão, apenas um segundo antes de o carro-guincho, que fechava a coluna, bater na traseira da ambulância. Uma calota passou voando à luz dos faróis. Os oficiais de segurança saltaram e correram, empunhando lanternas e submetralhadoras. Até mesmo Ray tivera sua atenção desviada pelo acidente. Um grito ao mesmo tempo feminino e animal ecoou no ouvido de Joe, seguido de um estrondo quando "Noel" foi jogado de sua cadeira, batendo com a cabeça contra o teto da ambulância. No momento em que Joe olhou para trás, o viu como se estivesse suspenso no ar; a armação de aço estava vazia e as oito correias rebentadas. A cápsula de plutônio se soltara e rolara pelo chão, reluzente e morna, detendo-se junto aos pés de "Noel", metidos em velhos mocassins e meias coloridas. O plutônio não iria explodir. Joe teria muito prazer em explicar isso a "Noel", a fim de reduzir-lhe a tensão psíquica, mas ele estava imóvel no chão da ambulância.

— Credo! — exclamou Ray.

— As ordens são no sentido de não pararmos sob nenhum pretexto — disse o tenente-comandante, quando Joe apontou para o corpo estendido do analista. — Ele já está na ambulância. Vamos deixá-lo aí mesmo.

— Mas está desmaiado, senhor. Provavelmente sofreu uma fratura.

— Olhe, sargento, tivemos sorte de ninguém no caminhão estar ferido.

— E quanto a isto? — perguntou Joe, apontando para a cápsula. — As correias arrebentaram.

— Deus do céu! Não podemos viajar com essa coisa rolando de um lado para outro. Alguém tem de apanhá-la. Estamos perdendo tempo. Escolham; um de vocês vai carregá-la ou calçá-la cuidadosamente.

O caminhão, com o para-lama bem amassado, manobrava livrando-se da ambulância.

O tenente correu de volta para o sedã. O comboio retomava sua marcha.

— Eu tomo conta disso. — Os olhos de Ray estavam vermelhos, mas revelavam determinação.

Quando Joe deu partida, Ray escorregou por cima do encosto de seu banco e passou para a parte traseira da ambulância. Os veículos desciam a montanha cautelosamente. Nuvens esparsas escondiam as estrelas. Joe ouviu o ruído de um corpo sendo arrastado e umas batidas metálicas no chão da ambulância. Olhando para trás, percebeu que Ray acomodava "Noel" em um canto, mas não viu sinal da cápsula.

Ao voltar para o seu lugar, Ray parecia ofegante.

— Estava quente, cacique. Como uma lata de sopa. Joe estava certo de que não poderia ter sido a armação. Oito ganchos de aço não iriam escapar assim. Tudo aconteceu como se a cápsula tivesse saltado, aproveitando a primeira oportunidade. Vou falar com Oppy a respeito de Augustino, pensou ele. Se me transferirem da Colina, nada terei a perder, exceto um clarão fosforescente.

— Como uma lata de sopa quente, cacique. Parecia uma coisa viva.

Nas curvas restantes da montanha até Durango e ao longo de todo o percurso até as elevações de Tierra Amarilla, Novo México, não cessou o ruído que vinha da parte de trás; "Noel" era jogado pesadamente de um lado para outro, quando a ambulância se inclinava. Era como se fosse um enterro.

Seis palhaços estavam pintados de branco, com riscos horizontais pretos nos braços, nas pernas e no torso. Havia círculos negros em torno dos olhos e das bocas. Gorros pretos e brancos de algodão retorcido imitavam chifres. Em torno do pescoço, dos joelhos e dos pulsos, faixas de seda preta. Longas caudas presas nas tangas. Chocalhos feitos com cascos de veado amarrados na cintura. Mocassins.

Em conjunto, eles brincavam e animavam os dançarinos no grande círculo no meio da praça. Os homens usavam calças limpas e lenços amarrados na cabeça. As mulheres estavam de vestidos. Homens e mulheres seguravam uma espiga de milho em uma das mãos e uma vara amarela retorcida na outra. Pessoas mais idosas, cantores e um índio com um enorme tambor cochiti permaneciam como assistentes, reunidos no lado norte. A praça e os choupos enquadravam o céu.

A novidade eram as braçadeiras patrióticas, com um V de vitória, usada por todos os dançarinos. Um homem estava usando óculos escuros, um dos palhaços roubou os óculos, entregando-os para outro palhaço,



enquanto o tambor começava a tocar. Ouviram-se vozes graves e os dançarinos começaram a girar como uma roda.

— Não precisamos do Capitão Augustino e seu sistema de segurança — disse Oppy para Anna. — Los Alamos tem uma defesa muito melhor. A Colina não é um lugar, mas um lapso do tempo. Somos o futuro, rodeado de uma terra e de um povo que não mudou nos últimos mil anos. Em torno de nós há um invisível fosso de tempo. Qualquer pessoa do presente, qualquer espião comum só pode chegar até nós atravessando o passado. Estamos protegidos pela quarta dimensão.

Os dois, além de Joe e do restante dos turistas, assistiam à cena sob a larga sombra do choupo no lado sul da praça. Tendo chegado de Washington naquela manhã, Oppy mudara de roupa, vestindo seu traje de trabalho: jeans, botas, cinturão com fivela, chapéu meio de banda. Anna usava seu esquisito macacão e um chapéu de homem.

— É um quadro perfeitamente animista — comentou Oppy — um antigo rito grego da fertilidade. É isso que há de maravilhoso nele. As espigas de milho são, naturalmente, símbolos fálicos.

Os boatos de Washington diziam que os assessores militares de Truman julgavam que Trindade era uma perda de tempo, que a bomba não passava de uma aventura científica, um embuste, um insucesso. Oppy respondia com um sorriso superior.

— Você não vai dançar? — Anna perguntou a Joe. Ela não lhe dera muita atenção, como se mal o conhecesse.

— Não.

— Joe é diferente — interveio Oppy. - É um índio progressista, cheio de dissonâncias. A propósito — acrescentou, voltando-se para Joe e abaixando o tom de voz — quando fomos a Trindade, Groves quer que você entre em contato com os apaches. Aquele incidente na neve parece que ficou gravado na sua memória. Segundo ele, somente um índio pode deter outro.

Não se tratava de uma festa importante, não era dia santo nem uma dança organizada, apenas a comemoração do último plantio, pública mas não anunciada. As criadas haviam comentado na Colina que "alguma coisa iria acontecer". Entre uma centena de espectadores, Joe viu Fermi e Teller. Foote trajava shorts do Exército e um sombrero.

Os dançarinos continuavam seus movimentos: um passo, um pulinho, meia-volta. Havia uma flagrante ausência de jovens, provavelmente estavam de serviço.

Avós e netas rodopiavam alegremente, acompanhando o ritmo e levantando poeira. Um pulinho, uma volta. A monotonia da dança irritava Joe. Um plácido carrossel de índios dóceis, plantadores de milho. Uma volta, um pulinho.

— O que são esses sujeitos pintados? — perguntou Anna a Joe.

— Palhaços.

— E o que representam para você?

— Gregos antigos.

Os palhaços estavam fazendo macaquices dentro do círculo formado pelos dançarinos. Joe se lembrava do tempo em que eles eram respeitáveis mímicos que imitavam navajos, turistas ou padres católicos — quando os palhaços constituíam pelo menos o calor no leite do pueblo.

As folhas do choupo farfalhavam; nos dias mais quentes, até parecia ruído de chuva. As senhoras de Santa Fé, contumazes espectadoras, abriam suas cadeiras desmontáveis. Oppy murmurou qualquer coisa que provocou uma risada em Anna; Joe pediu licença e retirou-se.

A missão de Santiago situava-se atrás de um muro de pedra baixo e de um pequeno pátio, na extremidade oeste da praça. As paredes eram de adobe, com mais de dois metros de espessura na base; a igreja parecia um monolito, com seus vinte metros de altura. Na realidade, era um forte dos tempos em que os apaches devastavam o vale do Rio Grande. Sobre o teto, uma graciosa cruz de ferro e um sino, ambos fundidos na Espanha. A porta ficava sempre aberta durante as danças.

No pátio, algumas lajes e cruzeiros novas e brancas com nomes de soldados marcavam os túmulos. Dois vaqueiros, com as costas voltadas para a praça, estavam fumando sentados nas lajes dos túmulos. Eram homens rudes, com os rostos escondidos sob chapéus manchados de suor. O mais velho, com uns sessenta anos, tinha as mãos calosas e um pescoço de galinha-d'angola. O mais moço, com uma longa cabeleira loura, usava uma camisa florida, do tipo das que Roy Rogers vestia em seus espetáculos. O cetim estava todo manchado e puído.

— Sargento Joe Pena — apresentou-se Joe, estendendo a mão. — Nunca tinha visto vaqueiros em uma dança de índios.

— Meu nome é Al — disse o mais velho, tocando de leve na mão de Joe. — Este é Billy.

Billy esticou o pescoço, como que querendo ficar mais alto que Joe. O nariz se encurvava quando ele sorria:

— Porcaria.

— Vocês podem ver melhor ali da praça.

— Já vimos uma vez os índios dançarem — disse Billy. A camisa era velha, mas penosamente romântica. Ninguém seria capaz de usá-la, a menos que considerasse a possibilidade de despertar o interesse de alguma indiazinha. Joe queria dar-lhe a chance de explicar-se.

— Serviço de Proteção aos índios? — perguntou.

— Quem sabe? — Al levantou os olhos e atirou o chapéu para trás, deixando ver fios de cabelo grudados na testa úmida, pouco bronzeada.

— Vocês são fiscais do Serviço — arriscou Joe. Billy jogou o cigarro no chão e pisou em cima.

— Ninguém disse isso.

— É fácil — explicou Joe. — Vaqueiros por aqui, mas não para dançar e vocês não estão se importando com os índios. E fedem como bosta de ovelha. Está certo; vocês vêm matando aquelas ovelhas dos navajos. Com isso? — perguntou apontando para a arma na cintura de Al, um Colt 45, salpicado de ferrugem. — Dando sua contribuição para vencermos a guerra?

— Só porque deixaram você alistar-se no Exército... — começou Billy.

— Mas isto aqui não é território reservado dos navajos — esclareceu Joe. — Não há navajos nesta zona. Vocês estão enganados.

— Pena — Al levantou a voz para pronunciar o nome — você trabalha naquela montanha misteriosa que o Exército ocupou.

— Posso mostrar-lhe a estrada — ofereceu Joe.

— Você não... — ameaçou Billy, levantando-se.

— A propósito, essa camisa... — disse Joe — essa camisa parece bosta com espaguete no mesmo prato.

— Bem que eu avisei — comentou Al; espreguiçou-se e começou a caminhar na direção do portão do cemitério. — Qualquer dia destes nos

encontraremos, sargento.

Embora Billy hesitasse, relutando em sair, acabou acompanhando o homem mais velho. Ao aproximar-se do portão, voltou-se:

— Vamos pegar aqueles navajos. Um por um.

A laje que Al usara para sentar-se era uma descorada placa de mármore onde estava gravado: "Miguel Pena, 1895-1935. Dolores comprara a pedra mais branca que havia em Santa Fé enquanto vivera, conservara-a bem limpa. Billy estivera sentado em uma pedra menor, de mármore rosado, com inscrição "Dolores Reyes Pena, 1899-1943". Ela comprara junto com a de Mike, Por antecipação; para Dolores, não havia nada mais bonito do que uma rosa. Joe apanhou a ponta de cigarro que Billy jogara fora, rasgou o papel e soprou o fumo.

Havia uma certa definição, um propósito na dança, quando Joe voltou. Um palhaço de branco e preto empunhava uma câmara e estava tirando o retrato de Foote, depois apontou a máquina, como se fosse um revólver. O palhaço de óculos escuros fingia-se de cego e caminhava, tateando com uma bengala, ao longo da primeira fila dos turistas, catucando uma camisa aqui, uma blusa acolá. No círculo de dançarinos, as mulheres davam risadinhas. Um pulinho, meia-volta.

Um terceiro palhaço saiu de dentro do círculo. Tinha um travesseiro pendurado atrás e outro amarrado na cintura. Um bigodão de pele cobria-lhe os lábios, estrelas douradas equilibravam-se em seus ombros e usava na cabeça um quepe de oficial do Exército, com uma estrela de papelão. Caminhou pesadamente em torno dos dançarinos, como se os passasse em revista. Quando deu um repelão, sacudindo o travesseiro pendurado no rabo, a imitação da figura do General Groves ficou perfeita. Os outros palhaços se curvaram, fazendo medidas. Anna riu, mas Oppy pareceu não ter gostado.

Um Buick de quatro portas estacionou em frente à missão. Fuchs estava no volante e Augustino a seu lado. Era proibido aos automóveis chegarem tão perto. Quando um policial da tribo se dirigiu para o carro e fez sinal para que ele se afastasse, o vidro de uma das janelas traseiras foi abaixado e Joe reconheceu Al, o fiscal do Serviço de Proteção aos índios. O Buick permaneceu parado. O palhaço de óculos escuros mostrou um busca-pé. Outro palhaço o agarrou, um terceiro lhe fez uma medida e um quarto palhaço colocou o busca-pé no chão e fingiu que iria acendê-lo,

enquanto o que imitava Groves colocava um binóculo nos olhos para ver melhor. Todos os demais palhaços taparam os ouvidos com os dedos, protegendo-se da explosão. Nada.

Um outro fósforo foi riscado. Mais outro e outro. Uma falha. Um por um, todos os palhaços inspecionaram o busca-pé, passando-o de mão em mão, até chegar ao imitador de Groves, que o examinou através do binóculo, entregando-o depois ao palhaço de óculos escuros; este, por sua vez, voltou-se e o apresentou a Oppy. A multidão se comprimiu para ver a cena. Os dançarinos não cessaram de rodar nem o coro interrompeu seu cântico, mas todos os olhos estavam fixos em Oppy. Joe vira o cientista corar. O palhaço de óculos escuros se ajoelhou e fez sua súplica.

— Vamos, Oppy! — gritou Foote. — Demonstre espírito esportivo! De dentro do automóvel, Augustino apontava para o palhaço de óculos.

Anna entregou um isqueiro a Oppy. Os outros palhaços também se ajoelharam, suplicando. Oppy forçou um sorriso, acendeu o pavio e atirou para o

ar o busca-pé, que imediatamente explodiu, com um leve ruído e uma rápida nuvem de fumaça.

Ou o busca-pé coincidiu com o final da dança da manhã ou foi o sinal para terminá-la, o fato é que o círculo de dançarinos se desfez abruptamente e os pares se dispersaram para o almoço. Os palhaços fizeram uma fila única, cada um segurando o rabo do da frente, e seguiram por um beco no norte da praça, fora do alcance dos turistas.

O Buick de Fuchs desaparecera.

— Você deveria sentir-se lisonjeado — disse Jaworski, apertando a mão de Oppy. — Eles estavam dançando para comemorar nossa vitória e desejando êxito.

— Não havia em tudo aquilo certa ameaça? — sugeriu Teller.

— Bobagem — disse Foote. — Oppy, você representou seu papel muito bem, embora modestamente.

Oppy devolveu o isqueiro a Anna e desculpou-se:

— Preciso ir.

— Vou ficar. Eles então mais animados do que você previa.

Augustino aproximara-se do grupo:

— Eles têm suas razões para estarem animados. Poderemos conversar, Dr. Oppenheimer? O senhor, eu e o Sargento Pena?

O parque de estacionamento era uma antiga lavoura de aveia, de terra solta. Entravam mais carros do que saíam. O jipe de Augustino estava ao lado de um sedã do Exército, no qual Joe trouxera Oppy. O sargento ainda não localizara o Buick de Fuchs.— Aqueles sujeitos que estavam pintados de branco e preto sargento — perguntou Augustino — são idiotas ou traidores?

— Os palhaços?

— Sei lá, mas isso é uma falha muito séria na segurança.

Eles identificaram o Dr. Oppenheimer aqui, publicamente, e fizeram uma alusão a explosivos. Qualquer observador que entenda um pouquinho de física ficaria sabendo quem é ele, em companhia de Teller. A imitação do general foi de péssimo gosto. Qual é a implicação religiosa em tudo isso?

— O senhor tem de perguntar a eles.

— Terei muito prazer. Quem são eles?

— Não sei, senhor.

— Um segredo tribal?

— Acho que sim, senhor.

— Há uma porção de coisas que você não me tem contado ultimamente, sargento. Vai haver dança outra vez?

— Esta tarde, senhor.

— Os mesmos palhaços, a mesma gente?

— Sim, senhor.

— Então acho melhor que você leve o Diretor de volta para a Colina agora, antes que haja outro incidente. O senhor não concorda, Dr. Oppenheimer?

Oppy estava com os olhos fixos na praça.

— Pensei que tínhamos boas relações com essa gente, que éramos amigos.

— Que outro incidente, senhor? — perguntou Joe a Augustino.

— Trate de levar o Diretor para a Colina. Siga-me — acrescentou o capitão depois de uma pausa.

Augustino foi na frente, em seu jipe, mas todo o tráfego que se dirigia para a autoestrada tinha de passar pelo mata-burro da estreita

cancela. Joe teve de esperar a passagem de alguns carros que vinham em sentido contrário, enquanto o jipe se afastava. Como sempre acontecia quando viajavam apenas os dois, Oppy estava sentado no banco da frente ao lado de Joe. Ele tamborilava impacientemente no painel do carro, como se um bando de mórmons tivesse resolvido atrasá-lo. A notícia de que haveria dança se espalhara. De Santa Fé, ônibus repletos de turistas descarregavam passageiros apressados que preferiam atravessar a cancela a pé. Joe reconheceu um sujeito baixinho com uma câmara fotográfica e binóculos pendurados no pescoço. Vira-o no bar do La Fonda; era um novaiorquino chamado Harry Gold:

Joe meteu a mão no bolso e deu a Oppy um objeto redondo que parecia um botão: — Isto é um microfone que Augustino colocou em sua casa, quando o senhor estava ausente. Já é tempo de o senhor saber o que está acontecendo em seu redor.

Oppy manteve o microfone perto do para-brisa, para vê-lo melhor e examiná-lo, como se se tratasse apenas de uma curiosidade.

— Estava escondido — esclareceu Joe. — Não foi posto lá para protegê-lo. Ele está de olho no senhor, vigiando-o.

— Eu sei.

A voz de Oppy não era mais do que um sussurro. Continuava a examinar o microfone, revirando de um lado para o outro.

— Conte para o General Groves — sugeriu Joe. — Diga ao general que o chefe de seu serviço de informações pensa que o senhor é um espião vermelho.

— O general já sabe — replicou Oppy, olhando para Joe com um ar de resignação e desdém. Era um olhar íntimo, uma reflexão. Esticou o braço para fora da janela e atirou o microfone na margem poeirenta da estrada. — Você não pode ajudar, Joe.

— O senhor é o encarregado do laboratório mais importante da guerra e está com medo de um capitão? Eles não poderão fazer nada sem o senhor. Ninguém representa melhor essa maldita bomba.

— É uma... situação temporária.

A cancela estava ficando desimpedida. O jipe do capitão esperava mais adiante, no acostamento da estrada.

— Então vou me entender com Augustino — disse Joe, saltando do carro.

Oppy deslizou no banco, colocando-se no lugar do motorista, e perguntou:

— Entender-se com Augustino?

— Ele quer saber quem são aqueles palhaços. Somente um índio pode deter outro índio, não é?

— Joe... — pediu Oppy — por favor, Joe. São apenas vinte dias mais. Depois de Trindade, ninguém mais se importará conosco.

Na volta, Joe percorreu boa parte de Santiago. O carro de Fuchs com certeza tinha ido embora, provavelmente já estaria chegando à Colina. Os fiscais do Serviço de Proteção aos Índios, Al e Billy, bebiam cerveja, sentados atrás de um carro da polícia local, estacionado em uma viela. Espalhados pela praça, índios comiam pão torrado sobre os tetos dos kivas. Embaixo do choupo, em uma ilha de sombra, turistas mastigavam sanduíches. Pedacos de papel encerado flutuavam rente ao chão, entreondas de poeira e calor.

Sob o raio de luz que se filtrava ao longo da escada que levava ao teto do kiva, três palhaços corrigiam as faixas pretas e brancas pintadas em seus corpos, utilizando a tinta guardada em potes de barro. Dois palhaços sem gorro repousavam em bancos encravados nas paredes. O terceiro, em pé a um canto mais sombrio, bebia uma coca e urinava em um balde. Todos olharam para a porta, quando Joe entrou.

Havia uns vinte anos que ele não visitava um kiva. Do lado de fora, o kiva dos palhaços era uma casa de adobe comum. Por dentro, entretanto, as paredes eram pintadas com desenhos que pareciam flutuar na meia-luz do salão. Serpentes. Andorinhas. Encostas de montanhas e nuvens vermelhas e brancas. Os restos de um altar desmantelado se amontoavam entre caixas cheias de bastões dos rituais e varas dos dançarinos. O chão era de terra batida, com o tradicional buraco que conduzia ao centro da terra. Os próprios palhaços pareciam figuras incompletas: blocos brancos com barras pretas. Mesmo assim, Joe percebeu que um dos que estavam sem gorro — um palhaço com os cabelos grisalhos soltos, uma grande barriga e pernas muito finas — era Ben Reyes.

— Já daí! - rosnou Ben, enxotando um cachorro. — Vá embora!

— Há dois fiscais do Serviço de Proteção aos Índios lá fora — disse Joe ao segundo palhaço que estava sem gorro. — Acho que eles vieram



prender você.

— Você o denunciou — rosnou Ben.

Foi Fuchs quem fez a denúncia — replicou Joe dirigindo-se ao outro palhaço, cujos longos cabelos castanhos alcançavam os ombros. Apesar da meia-luz do kiva, ele ainda estava com os óculos escuros que usara durante a dança da manhã. Inclinou a cabeça e sorriu para Joe, como se estivesse participando de uma brincadeira.

— Você entregou o busca-pé para Oppenheimer e nem tentou recebê-lo de volta — reclamou Joe. — Ainda que estivesse apenas fingindo que era cego, você deu muitos encontrões.

— Em todo caso, desempenhei bem meu papel, sendo realmente cego — orgulhou-se Roberto.

— É, não foi de todo mau.

— Será que eles terão coragem de fazer isso?

— Você puxou um gatilho na direção do kraut errado. Aquele é um kraut nosso e há uma guerra por aí. Não sei como foi que ele descobriu que você iria tomar parte na dança; o capitão encarregado da segurança também sabia e os dois mostraram você para o par de fiscais do Serviço. Mas não se preocupe; Fuchs e o capitão identificaram você e foram embora. Os vaqueiros viram apenas alguns segundos da dança e, assim mesmo, de longe. Arranje alguém para dançar em seu lugar. Terá a tarde inteira para voltar para Taos.

— Coca? — ofereceu Roberto. — Não está com sede?

— Não, obrigado.

— Está quente lá fora, não é?

— Se você vai arranjar alguém, é melhor procurar logo.

Roberto tirou os óculos escuros e colocou-os sobre o banco. Seus olhos não pareciam apenas afundados, mas suprimidos pela camada de tinta.

— Bem, a coisa não é tão simples assim, Joe. Ninguém tem permissão para entrar ou sair enquanto os palhaços estiverem lá. Não sei de outra pessoa, além de você, capaz de desobedecer as regras.

— Se não aparecerem seis palhaços saindo daqui, os fiscais virão buscá-lo.

— Então você dança em meu lugar — disse Roberto.

— Ele? — perguntou Ben.

— Não há outro — alegou Roberto.

— Seria muito engraçado — replicou Ben.

— Você lhe ensina o que deve fazer — pediu Roberto.

Os três palhaços junto à escada continuavam de cócoras conversando. Seria uma calamidade incluir na cerimônia alguém tão ignorante do ritual como Joe Pena. Por outro lado, seria uma desgraça se um ancião de outro pueblo fosse preso em Santiago.

— Não — protestou Joe. — Ben, pelo menos desta vez, tem razão. Eu vim aqui apenas para avisar vocês.

Roberto estava realmente atônito:

— De que serve avisar, se depois você se nega a cooperar? É um aviso inútil.

— De um índio falso — completou Ben.

— É um aviso honesto — disse Joe, sacudindo a mão em um gesto de despedida e dirigindo-se para a porta. — De agora em diante nem sequer conheço vocês.

— Ao sair de casa ele era um índio, mas quando voltou era um negro — comentou Ben. — Ingressou no Exército e virou homem branco. Talvez não encontremos ninguém mais. O irmão dele era um índio.

— Olhe aqui, Ben... — interrompeu Joe.

— A melhor coisa que aconteceu com a mãe dele foi ter morrido sem presenciar esta cena.

Joe parou junto à porta e voltou-se:

— Ben, Ben... Não diga mais nada.

— Preciso de seu auxílio — insistiu Roberto.

A tinta era espessa e oleosa, dando-lhe a impressão de que todo o seu corpo era uma máscara. O cabelo foi enrolado dentro de um gorro listrado, preso por uma tira de couro em seu queixo. Os outros palhaços tinham círculos pretos pintados em torno dos olhos e da boca, e tiras de pano enroladas nos pescoços, punhos e tornozelos. Nem posso acreditar nisto, pensou Joe; deve estar acontecendo a outra pessoa. Sentia-se como se estivesse de fora, vendo a si mesmo ser preparado, tendo apenas emprestado seu corpo. A cauda feita com um pedaço comprido de pano preto se arrastava pelo chão. Não encontraram mocassins para o tamanho dos pés dele, de modo que teria de ir descalço. Roberto sugeriu que se conservasse o maior tempo possível dentro do círculo feito pelos

dançarinos. Agora, todos se reuniam ao pé da escada e fumavam o último cigarro. Roberto estava embrulhado em seu xale branco de Taos, pronto para separar-se do grupo e ir embora. Um dos outros palhaços ficou com os óculos escuros. Ben colocou em baixo do braço um chicote de couro torcido. O sol já se debruçara no ocidente, tornando mais fraca a luz que se infiltrava pela porta, dando a Joe a impressão de que o teto do kiva se abaixava sobre ele. Finalmente, todos subiram a escada, Joe por último.

Eles surgiram no teto e correram pela viela, acompanhados de crianças e cachorros. Embora Joe tentasse ficar mais atrás, suas largas passadas logo o colocaram na frente. Havia um túnel de sombra e, em seguida, o calor ofuscante e sonolento da praça, onde se acotovelava uma multidão ainda maior que a da manhã. Todos os telhados da parte norte estavam cheios de gente. Dobrara o número de turistas, que agora se espalhavam no lado sul da praça. Somente os sacerdotes e os anciãos eram os mesmos, como se não tivessem arredado pé dali desde a manhã. Joe receava que a qualquer momento alguém gritasse: "Aquele ali não é um palhaço verdadeiro, é Joe Pena!" Tratou de colocar-se entre uma velha índia e uma garota na fila dos dançarinos. A praça inteira parecia rodar em torno dele. A pintura já começava a escorrer com o suor. De repente, viu Foote. Jaworski e Harvey tinham vindo. A batida dos tambores teve início. No lado leste da praça, entre os turistas retardatários, estava Al, o fiscal do Serviço. No lado oposto, viu Billy.

Justamente o tempo necessário para Roberto esconder-se, pensou Joe. Tão logo o círculo de dançarinos começou a girar, ele se esgueirou para dentro dele, utilizando-o como um biombo. Os movimentos da dança não eram difíceis de serem imitados: um lento quatro por quatro, um pulinho, um passo para o lado, meia-volta. Sem nenhum aviso, os tambores e o coro passaram para um rápido três por quatro, voltando em seguida para o lento quatro por quatro. Joe tropeçou, mas todos pensaram ter sido de propósito; afinal, ele era um palhaço.

O objetivo geral era que todos dessem precisamente o mesmo passo, da mesma maneira, sem qualquer enfeite ou intenção de sobressair-se. O círculo representava um mecanismo cósmico deslocando as nuvens, movimentando as coisas, colhendo as safras. Qualquer movimento individual era considerado um parafuso frouxo.

— Farrapos de nuvens se estenderem sobre as montanhas, deixando-as como se cobertas de flores. A princípio, os riscos dos relâmpagos ao norte, depois os roncões dos trovões; a seguir a chuva, porque as flores estão-se abrindo — cantava o coro.

Embora não houvesse uma única nuvem no céu, os dançarinos se moviam alegremente — um pulo, uma volta — uma espiga em uma das mãos, e a varinha na outra. Os macacões usados estavam muito limpos, os vestidos velhos e engomados faziam com que os dançarinos parecessem bonecos de uma indústria modesta. As mulheres, mesmo as mais jovens, não levantavam os joelhos tão alto quanto os homens nem batiam os calcanhares no chão com o mesmo vigor. Todos, porém, reconheceram Joe, que percebeu os olhares furtivos na direção dele e ouviu sussurros enquanto girava.

— Os campos estão cobertos de flores dos melões — cantava o coro. — As lavouras de milho estão brotando. Os pássaros cantam nos ramos e, no céu, nuvens negras se acumulam. — Dezenas de dançarinos faziam o solo tremer.

Mais uma volta do círculo e ele sairia, pensou Joe. A roda, porém, se movia muito lentamente. Toda a população de Santiago parecia estar presente, dançando ou assistindo em cima dos tetos, como se o cercasse, esperando que fizesse alguma coisa. Muitas das mulheres se pareciam com Dolores — não a famosa fabricante de potes, mas a Dolores moça, a Dolores garota. Um pulinho, meia-volta.

Dois dos palhaços sentaram-se nas cadeiras desmontáveis trazidas pelas senhoras de Santa Fé e passaram a imitar-lhes o jeito de cochichar, de usar o batom, de ajustar a saia. Um terceiro vigiava a praça, contendo os turistas que tentavam se aproximar demais. Chegou a ameaçar um espectador que, vindo do lado leste, ficou a meio caminho do círculo. Era Billy, tentando ver Joe mais de perto. O fiscal descartou-se do velho e gorducho palhaço, empurrando-o para trás. Quando o índio agitou o chicote, fazendo-o estalar aos pés de Billy, foi jogado ao chão.

O círculo se moveu mais devagar, observando o choque. Joe viu que os policiais da tribo não se movimentavam; eles não queriam encrencas com o pessoal do Serviço. Sem se dar conta do que fazia, Joe atravessou o círculo de dançarinos e com poucas passadas cobriu a distância que o separava de Ben.

Billy apontou um dedo ameaçador, mas Joe saltou por cima de Ben e agarrou o fiscal pela camisa, levantando-o apenas com uma mão. Billy esperneava e agitava os braços no ar, enquanto era levado para onde estava a maior parte dos espectadores, à sombra do choupo. Joe tencionava colocá-lo no chão delicadamente, mas, tão logo se viu livre, Billy correu por entre as primeiras filas dos que se encontravam junto à árvore.

A multidão começou a dispersar-se. O sombrero de Foote rolou pelo chão. Cadeiras se fecharam com estalidos. Alguém deu uma risada. Al conseguiu alcançar Billy, rindo durante todo o caminho, como se seu amigo tivesse participado de uma boa brincadeira. Os palhaços o acompanharam, fazendo de conta que Joe representara uma cena combinada. Foote e o grupo da Colina,

Harvey, Gold e os turistas de Santa Fé começaram a rir nervosamente, querendo acreditar que haviam visto um espetáculo ensaiado e que ninguém estava com medo daquele enorme palhaço. Anna Weiss não sorria. Não recuara um passo. Observava Joe, como se um gigante tivesse descido do céu azul.

O tamborileiro não deixou de bater uma única vez. O círculo retomou seu giro. Mais tarde, os homens que tinham feito os papéis de palhaços foram-se lavar no rio a um par de quilômetros distante de Santiago. Uma vez que não fazia parte propriamente do grupo, Joe escolheu um local isolado, onde troncos de velhas árvores e areia haviam criado um remanso. Amoras silvestres, com seus minúsculos botões brancos, atapetavam as duas margens do rio. A tinta preta foi lentamente desaparecendo, sob a ação da escova de jucá com sabão de aveia.

Os últimos raios do sol se refletiam na superfície do Rio Grande. Joe levou algum tempo para se dar conta de que não estava sozinho; Anna Weiss o observava, sentada em um tronco liso meio enterrado na areia.

No quarto vinte do Motel Córdoba a luz do dia filtrou manchas brancas e quentes através das persianas da janela.

Ela se virou e espreguiçou; quando se apoiou nele, sentiu mãos a puxarem pelos quadris, ajudando-a a virar-se. Os olhos dela, arregalados, não se despregavam dos dele. Apesar das cortinas cerradas, ela parecia tão branca que cintilava, como se estivesse empunhando uma tocha. Entretanto, seus olhos eram luminosamente escuros, seu cabelo era

escuro, os bicos de seus seios brancos eram escuros. Mergulhado dentro dela, ele ainda se erguia, como se tivesse saltado de um alto edifício e somente agora estivesse chegando ao solo. Caindo e subindo ao mesmo tempo.

— Nunca tinha feito amor com um gigante.

Ele a virou de costas e mergulhou mais fundo. Gotas de suor brilharam entre os seios dela. Quando enlaçou a cintura dele com as pernas, ouviu a cama ranger. Anna puxou-o com as duas mãos, fazendo com que a levantasse em cada movimento.

Os sapatos e o chapéu que ela usava jaziam junto à porta, sobre o tapete, onde os tinha jogado tão logo entrara no quarto. O uniforme dele estava em uma cadeira.

Lá fora, a tarde morria. No interior, uma luz nacarada escorria pelas paredes. O quarto era decorado com fotografias do Alhambra. Os quadros tremeram quando ele a apertou com força tal que os pés dela mal tocavam o chão. Toda a parede se sacudiu, como um lençol vertical.

Ela era leve e ardente, parecendo cavalgá-lo, tocá-lo por todos os lados, engoli-lo e ser engolida ao mesmo tempo. Quando se afastaram, ficaram na parede as marcas úmidas das costas dela e das mãos dele.

O corpo de Anna tinha uma palidez azul e também um resplendor de vida. O ventre dele parecia preto, comparado com o dela.

Ao suspendê-la, a cama, o quarto inteiro como que se ergueu também. Quanto mais penetrava dentro dela, mais fundo queria ir na vez seguinte, até se sentir como que dissolvido.

O rádio no quarto, um antigo aparelho de mesa, lembrava um velho tocador de trombone cochilando em uma cadeira. As paredes eram forradas de papel, pronto para ser arrancado, queimado ou atirado fora.

— Você é uma louca fazendo isso — disse ele.

— Pode ser, mas queria ter certeza.

— Ter certeza?

— Oficialmente — acrescentou ela e sorriu.

Era o instante do conhecimento recíproco. Ficar sabendo como são as pernas, as mãos, a pele — quando o corpo é o único terreno e a finalidade obsessiva da atenção. Cada palavra ecoa repetidas vezes e se torna a cor da ação. As respirações se sincronizam e os lençóis se enrugam.

Eles estavam sentados na cama, as pernas sob o corpo, um cinzeiro e uns restos de fumaça entre eles. Embora o calor do dia tivesse diminuído, gotas de suor ainda brilhavam em seus corpos.

— Eu estava apaixonada — disse ela, acendendo o cigarro e colocando-o nos lábios dele. — Amava um garoto francês. Ele era muito romântico. Depois amei um alemão. Era muito depressivo. Eu achava engraçado estar amando. O que me encantava era o elemento de irracionalidade. Isto não é amor, absolutamente; é pura irracionalidade.

Ele deu uma tragada, encheu os pulmões e deixou a fumaça escapar, enchendo o quarto. De uma coisa estava certo:

— Você nunca amou realmente até hoje.

Os brilhantes olhos cinzentos ficaram estudando os dele, como um gato à distância, até que se fecharam e ela se atirou para trás. Com o cabelo afastado, sua testa parecia mais alta, mais pálida a fronte impressionante dos gênios, da qual a cabeleira negra era a moldura, balançando — uma flâmula escura chicoteando as sombras, até que, apertando-lhe a cabeça contra o travesseiro abriu-lhe a boca com a sua, enquanto ela o agarrava pelos cabelos e não deixava o beijo continuar.

— Você já esteve apaixonado? — perguntou ela.

— Foi um voo até a lua em uma noite de junho. Dedos gelados ao longo de minha espinha, aquela mesma velha magia quando seus olhos encontraram os meus.

Ela encostou a ponta de um dedo entre os olhos dele: — Hoje é a última noite de junho.

— Eu sabia que era uma delas.

Na escuridão total, ele a agarrou por trás, buscando o espasmo mais profundo, a saliência da espinha contra seu peito. Tudo era tão profundo, que ele se sentiu derramado dentro dela para sempre. Tão unidos que os dois vibraram ao compasso das batidas do coração dela.

O automóvel era um Plymouth de duas portas que ela pedira emprestado a Teller no pueblo. Joe conseguira sintonizar uma estação que irradiava jazz. As estrelas iluminavam a estrada. O vento agitava os cabelos dela.

— Eu adorava King Kong — continuou ela. — Daria tudo para fazer o papel daquela garota. King Kong era muito popular na Alemanha. E você sabe tocar piano.

— Ótimo.  
— E também é pugilista. Aprendi tudo a seu respeito.  
— Fui. Não luto mais.  
— Era dos bons?  
— Não de todo mau. Mas passei a interessar-me por outras coisas.  
— Música.  
— Adoro piano, seu tamanho, sua forma. Há qualquer coisa de grandioso em um concerto tocado em uma casa vazia.  
— E quanto às mulheres? É a mesma grandiosidade em uma casa vazia?  
— Bem... quase. Como é que você se meteu nesse projeto da Colina?

Ela ficou em silêncio por um momento, pensando, mas Joe ainda ouvia sua voz. Achava muito importante que uma mulher tivesse voz própria e jamais ouvira qualquer outra como a dela.

Sempre gostei de números. É como ter um mundo exclusivo, ou um que você compartilha apenas com poucos. Números primos. Números positivos e negativos, em formas definidas, como na física. Para me distrair, escrevi, quando tinha dezesseis anos, uma tese sobre reações em cadeia. Estava então em uma casa de saúde.

— Por quê?  
— Histeria. Anemia. Gravidez. Dependia do médico que me examinava. Eu me sentia feliz por estar naquela casa de saúde, porque eles não costumavam receber judeus. Acontece que meu pai, embora já tivesse perdido seu lugar de professor na universidade, ainda era tão respeitado que resolveram me receber. Naquele local existira anteriormente um mosteiro, com jardins e pomares, até mesmo limoeiros, o terreno descia em terraços até o rio Elba. Em um dos jardins havia um caramanchão de madressilvas que atraíam as abelhas. Eu costumava refugiar-me lá. Tratava de pensar em coisas tão pequenas e insignificantes que acabavam sendo quase que pura matemática, nada tendo a ver com o mundo real. Ficava observando as abelhas que voavam de flor em flor. Isso aconteceu logo depois do artigo de Meitner-Brish sobre fissão — você se lembra?

— Acho que nesse dia tive uma luta em Chicago. Não devo ter lido.  
— Abelhas e nêutrons são quase a mesma coisa. A tese tinha apenas algumas páginas, mas não pôde ser publicada por eu ser judia.



Cinco anos mais tarde, em Nova York, Oppenheimer mandou me chamar.

— Você se surpreendeu?

— Era estranho que isso acontecesse. Ele costumava usar longos cabelos castanhos encaracolados, mas já os havia cortado, como Joana d'Arc, para tomar parte na guerra. Sim, como Joana d'Arc! Tinha na mão uma cópia da tese que eu escrevera quando garota. Começou me perguntando se eu gostaria de ver meus números tomarem vida, depois me convidou para trabalhar no projeto.

— Ele é muito sedutor.

— É mesmo. — Por uns minutos ela ficou olhando o desfiladeiro e as montanhas no horizonte, em cujos picos apareciam relâmpagos. — Você não contou nada a respeito de Harvey, não foi? E também não denunciou seu amigo Roberto?

— Isso não quer dizer que eu concorde com Roberto.

— Nem com Harvey nem comigo.

— Faltam somente duas semanas para Trindade e então tudo estará acabado. Talvez fracasse — acrescentou, percebendo então seu desapontamento. — Odeio discussões. Sou um covarde. As discussões são um amontoado de palavras, e cada pessoa está convencida de que é a única que sabe o que essas palavras significam. Parece que cada palavra é um punhado de enguias. Todos tratam de apanhar a sua enguia, que é o seu ponto de vista na discussão, e lutam por ele até a morte. Roberto é de Taos, o que, acha ele, lhe dá o direito de dizer que o alto é baixo. Harvey é do Texas, o que torna difícil que ele e eu concordemos a respeito de qualquer coisa. Quanto a você e eu...

— Então?

— É por isso que gosto de música. Quando você emite um dó, trata-se mesmo de um dó. É como falar claramente pela primeira vez. Como ser inteligente. Como compreender. Um Mozart ou um Art Tatum se senta ao piano e apanha a verdade inegável.

— Você vai ouvir falarem de mim — disse ela lentamente. — Que sou uma louca ou uma vagabunda. Pouco me importa o que pensa essa gente, mas quero que você saiba que apenas uma é a verdadeira.

— E qual é?

— Qual a mais importante para você?

Ele hesitou e, durante esse longo intervalo, o carro se aproximou do primeiro posto de controle. Como costumava abastecer os guardas da Polícia Militar com cigarros e cupons de racionamento, ele esperava passar livremente, como sempre. Naquela noite, porém, o posto de controle era uma cena de faroeste, um espetáculo para turistas: a luz mortiça de um barracão iluminava homens a cavalo, os animais cobertos de suor e os cavaleiros, cansados, mal se aguentavam em cima de suas montadas. E jipes, com seus faróis acesos, bloqueavam a estrada nos dois lados do barracão. Joe saltou, deixando acesas as luzes do Plymouth.

— Fique aqui — recomendou para ela, ao afastar-se. — Se alguém fizer perguntas, diga que estávamos rodando por aí, você nem sabe onde.

A espuma do suor dos cavalos brilhava à luz dos faróis do carro. Um dos cavaleiros era o Sargento Shapiro. O Cabo Gruber tinha um dos braços apoiado em uma tipoia.

Shapiro deu uma risada.

— Caiu do cavalo, cacique. Quebrou seu miserável braço.

Quando Joe entrou no barracão, o Capitão Augustino levantou os olhos do mapa que estudava com Al e Billy. O capitão estava com seu uniforme bem passado, a túnica curta, tipo Eisenhower. A roupa dos fiscais, coberta de poeira, revelava um dia inteiro em cima do cavalo. Os olhos miúdos e a boca de Al estavam apertados e apareciam em seu queixo as raízes da barba branca. O cabelo de Billy pendia, escorrido, sujo e amarelo.

— Falando do diabo... — começou Augustino, satisfeito, como se uma merecida recomendação coroa-se as fadigas do dia. — Entre, Sargento Pena, entre. Já conhece nossos amigos Al e Billy, do Serviço de Proteção aos índios. Billy é o sujeito que você atirou no chão, como um saco de estrume, lá na dança.

O barracão era pequeno para abrigar os quatro homens e um fogão bojudo. Uma lâmpada pendia do teto. Nas paredes havia um relógio, um mapa, um telefone, um quadro com silhuetas de aviões alemães, um painel para pendurar papeletas, ordens de dispensas e relação das pessoas que tinham entrado e saído. Joe suspeitou que os únicos nomes das que haviam saído e não regressado eram os dele e de Anna.

Augustino fez uma pausa, esperando que crescesse a expectativa geral.

— Você provocou toda esta confusão.

— Eu, senhor?

— Você, sargento. Veja, tivemos de destacar uma patrulha para procurar um índio amigo seu. Você sabe, aquele que ameaçou um de nossos convidados com uma espingarda. O mesmo índio que você substituiu na dança. Você não deveria estar guiando o automóvel do Diretor?

— Ele queria saber a identidade dos dançarinos, de modo que achei melhor participar da dança.

— Entendo. E conseguiu fazer as identificações?

— Não, senhor. Eles não tiraram as pinturas enquanto estive lá. Al perguntou, irritado:

— E não sabia que o dançarino cujo lugar você tomou deveria ser preso?

— Como iria saber?

— Uma boa pergunta, sargento — disse Augustino. — Tão boa que é justamente a que estivemos fazendo o dia inteiro. Estes senhores suspeitam que há algum informante, mas eu acho que eles são burros e você é esperto. Quem é que tem razão?

— Também não sei nada disso, senhor.

— Bem, tenho você em alta consideração, sargento, realmente muito alta.

Alisou o mapa com as mãos e continuou:

— Passamos o dia todo percorrendo uma por uma as estradas do norte do Novo México e vasculhando cada estrada de terra e cada arroio em torno do pueblo de Santiago. Encontramos apenas algumas serpentes. O Cabo Gruber levou um tombo feio. Entretanto, o seu amigo parece ter evaporado.

— Ele deve ser muito rápido, senhor.

— E cego daquele jeito, sargento? É uma coisa impressionante e inacreditável. Como foi o seu dia, sargento? Muito trabalhoso?

— Sim, senhor. Continuei procurando atender à solicitação do Diretor. Infelizmente, não tive êxito.

— Onde quer que esteja, nós acharemos o seu amigo cego — prometeu Billy a Augustino — e não vamos ter que revirar outra vez aquelas latrinas dos índios.

— Você está sozinho, sargento? — perguntou Augustino, olhando para o Plymouth. — Sozinho nessa busca? — acrescentou, examinando a relação das pessoas que tinham saído. — Não responda. Não diga nada até que eu volte.

Dirigiu-se para a porta e, em rápidas passadas, cruzou o facho dos faróis do carro. A silhueta de Anna se destacava contra o fundo escuro.

— Atirou-me como um saco de estrume, hein? — disse Billy.

— A frase foi do capitão — murmurou Joe, com os olhos em Augustino, que se debruçava na janela do Plymouth.

— A verdade é que Billy agiu como um autêntico bobalhão, interferindo em um cerimonial, e quero pedir desculpas — interveio Al, o outro fiscal, com sua vozinha chiada e monótona.

— Em troca, quero que me diga quem foi que avisou que íamos agarrar aquele seu amigo cego. Alguém deu com a língua nos dentes, porque você não poderia adivinhar. E faça-me um favor Há mais de vinte anos que venho dando pontapés na bunda de índios. Conheço muito bem suas manhas. Vire-se para mim, quando eu estiver falando com você.

Al empunhava seu Colt enferrujado, de cano curto, um modelo antigo chamado "O amigo do caixeiro". Al era um homem baixo — os vaqueiros tendiam a diminuir com a idade como mourões de cerca — mas o revólver o tornava um pouco maior, como em um processo de levitação. Billy recuou um passo.

— Este é um território indígena — disse Al. — O Serviço é a única coisa que assegura a ordem aqui, para que tudo corra de uma maneira civilizada. Desmoralizado o Serviço, lá se vai água abaixo todo o sistema que mantém o seu povo vivo.

Joe olhou através da janela. Pelos gestos que fazia, Augustino estava pedindo que Anna saltasse do carro.

— Na base do sistema está o respeito. Billy e eu passamos semanas cercados de índios, explicando a legislação. Leis a respeito de ovelhas, de bebidas alcoólicas, de matrícula nos colégios. O que nos salvava da corja de bêbados era o respeito. Que diabo! Se não fosse assim, teriam de mandar a cavalaria proteger-nos, sempre que tivéssemos de agir, não acha? Olhe para mim!

Al se esforçava para ser convincente. O chapéu foi atirado para trás, deixando à mostra a mecha de cabelos grudados como penas na parte

superior de sua testa.

— É por isso que aquilo que você fez hoje com Billy foi muito perigoso, pois enfraquece nosso respeito profissional, mesmo que tenha sido apenas testemunhada por gente dos pueblos. Felizmente, não havia navajos nem apaches. De modo que Billy se acha culpado.

— Desculpe — disse Billy, rapidamente, atropelando as sílabas.

— E agora — prosseguiu Al — você vai contar quem foi que o avisou e onde se encontra aquele seu amigo cego.

Joe estava vendo pela janela que Augustino recuara um passo, como dando passagem para Anna sair do carro.

— Seu filho da mãe, olhe para mim! — exclamou Al, encostando o cano do revólver na cintura de Joe. — Escute, você não é para mim mais do que um índio nojento, querendo bancar o herói. Fica inventando umas histórias, como se esta fosse a primeira guerra em que tomamos parte. Na anterior, alguns também quiseram passar por importantes, mas logo lhes cortei as asas. Ou você fala ou lhe arranco os colhões a bala. Você não passa de um índio besta, eu represento o Serviço e vou fazer você entrar nos eixos.

A mão de Al era grande, cheia de calos e segurava o revólver com firmeza. O gatilho foi armado.

— Está enganado — replicou Joe. — Isto aqui é um posto do Exército dos Estados Unidos. Eu sou um sargento e estou cumprindo ordens do diretor de um projeto desse Exército. Você é um bestalhão, um merda, e não vai fazer coisa alguma.

Al sacudiu a cabeça, abaixou o Colt e desengatilhou. A porta abriu-se atrás de Joe e Augustino entrou sozinho. Al deu uma risada.

— O senhor tinha razão — disse ele para Augustino. — Vamos precisar de um bocado de tempo, depois desta guerra, para que as coisas voltem ao normal.

Augustino olhou para o revólver.

— Para fora — ordenou a Al.

— Eu estava apenas...

— Para fora, os dois.

Enquanto os vaqueiros se encaminhavam para a porta, passando pela frente de Joe, Augustino sentou-se em cima do mapa, tirou um cigarro do maço, acendeu-o e suspirou.

— Farras e jogatinas, sargento. Nada que se possa levar a sério. Um par de molengas como estes, se eles não fossem empregados do governo estariam pedindo esmola. Ao menos são capazes de se aguentarem em cima de um cavalo, o que é mais do que posso dizer da Polícia Militar. Às vezes tenho a impressão de que temos o rebotalho em uniforme. — Olhou para a porta e para o carro estacionado no lado de fora. — Ela disse que pediu a você para dar uma volta de automóvel; que você foi um motorista muito amável durante todo o dia e toda a noite. O Dr. Oppenheimer, por sua vez, me afirmou ter pedido que você voltasse para identificar os dançarinos. Todo mundo está dando cobertura a você, sargento.

— Sim, senhor.

O capitão tirou o quepe, criando um clima de informalidade. À luz da lâmpada, seus olhos pareciam mais fundos. As faces encovadas tinham um leve reflexo azulado. Os punhos e as costas das mãos eram cobertos de pelos.

— Você sabe, sargento, o incidente entre Fuchs e o seu amigo feiticeiro me dá a impressão de um típico desentendimento entre raças, fruto da incompreensão. Agora você é a ligação não-oficial do Dr. Oppenheimer com o pueblo. Compreendo que você queria resolver o problema discretamente. Entretanto, contaram-me que no domingo, depois que deixou Fuchs, você andou procurando por mim. Não me encontrou?

— Não, senhor.

— Mas lhe disseram que eu tinha ido pela Trilha da Banheira. Foi me procurar lá?

— Fui sim, senhor.

— Quem você encontrou por lá?

— Não havia ninguém em casa, senhor.

— E depois disso, você desistiu de me encontrar?

— Não pensei mais nisso, senhor. Augustino sacudiu a cabeça, desanimado.

— Sargento, acho que você ultrapassou os limites. Permitiu que Fuchs fosse ameaçado com uma arma. Não foi capaz de dominar um cego, mas agrediu um funcionário do Serviço de Proteção aos índios. E tomou parte em uma dança tribal! Você! Vou avisá-lo de uma coisa, sargento. Esta

noite você cavou ainda mais seu buraco em Leavenworth. O mal foi você estar guiando aquele carro.

Joe acompanhou o olhar do capitão para o Plymouth.

— Por que, senhor?

— Andei o dia todo por essas estradas, para cima e para baixo, e passei por Esperanza. Foi então que vi aquele carro no pátio de um motel. Conheço todos os automóveis da Colina e tomei nota da placa e da hora.

— Talvez tivéssemos parado lá para tomar um café.

— Passei de novo pelo motel à noite. O Plymouth ainda estava lá. Agora, está ali e vejo que, afinal, você está seguindo minhas instruções.

— Não é bem assim, senhor.

— Não quero ouvir os sórdidos detalhes de como você as executa, mas exijo informações específicas da vida íntima da Dra. Weiss, suas conexões com o Partido e com o Dr. Oppenheimer.

Ela não tocou nesses assuntos.

— Mas tocará. Estou convencido de que você tem jeito para lidar com mulheres, sargento. Depois do tempo que passaram juntos, aposto que ela contará tudo que você quiser.

A estrada iluminada pelos faróis parecia uma esteira de neve, quando Joe deixou o barracão. Entrou no carro, bateu a porta e ligou o motor. Não teve coragem para enfrentar o olhar de Anna.

Os cavalos relincharam e se esquivaram da luz dos faróis quando o Plymouth manobrou. Os guardas da Polícia Militar torceram-se nas selas. Al e Billy permaneceram imóveis, um em cada lado do carro, que se afastava passando pelo barracão.

— Você não me deu uma resposta — disse Anna. — O que é que você pensa que sou? Uma louca ou uma vagabunda?

— Você vai se encontrar comigo outra vez?

— Vou.

— Então deve ser louca.

Na seção de montagem de explosivos, no Platô Duas Milhas, Joe segurava um modelo de vinte polegadas da bomba Trindade sobre uma esteira no chão. Era uma esfera de chapas de aço, ligadas pelas extremidades. Parecia um enorme espório de aço ou um pote de sementes com as bordas dentadas, porque Foote e um soldado chamado Eberly ainda estavam acrescentando as últimas lentes de alto explosivo. A

temperatura no interior do edifício verde era de cerca de cinquenta graus; os três homens estavam nus da cintura para cima e cobertos de suor. Foote tinha o título de baronete, o grau de menor hierarquia da nobreza britânica, e uma das variadas excentricidades que se encontravam na Colina. Para proteger-se do sol, usava um sombrero mexicano; na seção de montagem não se separava de uma corrente cheia de medalhas religiosas, que tinham ao chocar-se. Eberly diplomara-se pela universidade e viera inicialmente para a Colina como um despreocupado cientista civil, mas fora convocado e devolvido às suas antigas funções, recebendo um quarto de seus vencimentos anteriores. Era um sujeito desajeitado e feio, com o pescoço do tamanho da cabeça. Seu pomo-de-adão subia e descia em ritmo incessante.

As lentes eram cunhas fundidas de baratol e composto B, ambos explosivos à base de TNT, mas com diferentes velocidades de detonação. À semelhança das lentes de vidro que infletem e concentram a luz, também as lentes cinzentas de alto explosivo concentram as ondas de choque que se originam na circunferência externa da bomba na direção do centro, produzindo uma implosão. Naturalmente aquele era apenas um modelo a ser detonado no platô, de modo que havia uma bola de croqué em lugar do núcleo de plutônio.

Outras esteiras estavam cheias de vários modelos da bomba em diferentes estágios de conclusão, ao lado de ferramentas de bronze não produtoras de faíscas, carrinhos de mão, jarros com água e garrafas de leite morno; nas paredes, cópias de diagramas, negativos de chapas de raios X, um retrato da Virgem de Guadalupe, uma famosa fotografia de Heddy Lamar completamente nua e, a intervalos de cinco metros, um extintor de incêndio e um balde de areia. Estes últimos itens eram puramente ornamentais, pois todos sabiam que, se houvesse um acidente na seção de montagem, ela voaria pelos ares antes que alguém tivesse tempo de gritar "Fogo!"

Foote preparava as lentes, limpando os encaixes com lenços de papel e cobrindo as ranhuras com fita adesiva. Depois que cada lente era colocada, Eberly, com o auxílio de uma chave inglesa de bronze, fixava sobre ela uma placa de aço, cada placa pentagonal era encaixada em outra placa também pentagonal, como um quebra-cabeça lentamente armado,



formando as paredes da esfera. A função de Joe era simplesmente impedir que a bola rolasse.

— Odeio o Exército — disse Eberly.

— O exército faz questão de que você o odeie — replicou Joe. — É o sistema que ele adota. E é isso que nos mantém juntos em uma unidade combatente.

— Não, é um caso pessoal — insistiu Eberly. — Sabe qual é a última campanha da segurança? Lésbicas! E entre todas as integrantes do Corpo Auxiliar Feminino que servem aqui, a segurança foi escolher logo a minha garota, para perguntar se ela era lésbica!

— Joe, sou realmente muito grato pelo auxílio que nos está prestando — interveio Foote, delicadamente mudando de assunto, enquanto tentava colocar outra lente, sem conseguir porque o encaixe era menor. — Oppy continua transferindo meus rapazes para Trindade. Eles dizem que é um lugar horrível. Jornada de Muerto é como o chamam os espanhóis. Escorpiões, cobras, formigas com ferrões, índios hostis, o diabo! Nem sei como faz parte do Novo México. E olhe: vi você dançar. Muito interessante.

— Coisa para turista.

— O que um homem como você vai fazer depois da guerra? É claro que já terá idade demais e é bastante inteligente para não voltar ao boxe. Nunca vi uma pessoa com menos jeito para sargento do que você.

— Groves vai ser o general atômico. Talvez eu seja o sargento atômico.

Na superfície das últimas lentes haviam buracos; o baritol esfriou rápido demais após fundir-se. Foote encheu os buracos com lenços de papel:

— Eu não sabia que mulheres podiam ser homossexuais — disse Eberly.

— O artefato com urânio é bem mais simples — explicou Foote. — Aqui você tem de esmagar uma bola sólida de plutônio em uma massa supercrítica mais densa, o que é teoricamente concebível se a bola for esmagada por uma onda de choque perfeitamente simétrica. Para tanto, cada uma destas lentes tem de ser detonada em um intervalo de tempo igual a um milionésimo de segundo.

— "Massa crítica", "simétrica". Trata-se de outra bomba, não é?  
Quando levei Oppy e Groves até Trindade, no Natal, eles estavam falando a respeito de uma explosão equivalente à de quinhentas toneladas de TNT, mais ou menos. Realmente é grande, mas não chega a ser fantástico.

## 6

— Mal calculada. A estimativa agora é de cinco mil toneladas. Outra grande diferença é de que a bomba comum alcança uma temperatura de umas centenas de graus. Uma explosão nuclear pode alcançar dez milhões. São animais diferentes.

Eberly borrifou a última lente com talco. Ao encaixá-la no último dente, Foote tentou forçar a extremidade com um estilete de osso.

— Se ela for lésbica — disse Eberly — eu fico sendo o quê? A lente era um pouco grande demais. Foote colocou sobre ela a última placa e apanhou um malho forrado de couro. O suor Pingava da ponta de seu nariz. Como um lapidador de diamantes trabalhando em uma pedra, ele deveria bater na lente recalcitrante com força suficiente para encaixá-la, mas correndo o risco de reduzi-la a pedaços. De fato, considerando as despesas do projeto, a lente era pelo menos tão valiosa quanto um diamante.

E um lapidador de diamantes não tinha de preocupar-se com centelhas. Foote passou a língua nos lábios.

— Lésbicas, veja só... — comentou. Deu umas pancadinhas de leve na placa. Embaixo, a lente explosiva pareceu encolher e se encaixou. Eberly ajustou a placa e começou a fixá-la com a chave inglesa.

— Acho que estou merecendo um bom cigarro — disse Joe, afastando-se agilmente da esteira.

— À vontade. Não vamos demorar. Não era permitido fumar dentro do edifício nem num raio de quinze metros, mas sempre havia alguém tirando umas baforadas nervosas, perto de um balde de areia encostado na parede do fundo. Joe acendeu um cigarro. Bem na sua frente, Heddy Lamar flutuava no ar, deitada de costas. A poucos metros, também pregados na parede, cinco negativos de raios X se alinhavam em uma sequência, tendo embaixo, uma nota rabiscada por alguém, informando que as radiografias tinham sido tiradas com intervalos de um milionésimo de segundo, em uma casamata de raios-X, no Jardim Suspenso.

No primeiro filme viam-se doze pontos luminosos, como um anel incandescente. Era a detonação. Os raios X tinham transformado as ondas de choque em luz.

No segundo filme, as luzes tinham-se expandido e tomado a forma de uma flor, uma margarida incandescente.

Já no terceiro filme as luzes se concentraram em doze linhas convergindo para o centro.

No meio do quarto filme, as luzes desenhavam o contorno de um disco escuro, um núcleo de metal. Algumas das luzes se refletiam formando um halo.

No último filme, o núcleo era reduzido à metade de seu tamanho, os raios em um redemoinho. Um intervalo não na escuridão, mas nas luzes.

Joe voltou a olhar para a bomba sobre a esteira. Terminada, era uma esfera de placas de aço, pesando um quarto de tonelada. Uma bola estranha, um esporo inerte de metal. Os filmes estavam longe de mostrar o que era aquilo na verdade — um pequeno sol.

Naquela noite todos compareceram ao Cinema 2 para verem um filme que acabara de chegar de Washington. Robert P. Patterson, Subsecretário da Guerra, enchia a tela com sua escrivania sua bandeira. Tinha uma cara de buldogue, o cabelo ralo grisalho e suas mãos enormes estavam entrelaçadas, quase ocultas por uma bateria de lápis, canetas e telefones. O filme era entrecortado e o som irregular, acentuando a impressão de urgência.

— A importância deste projeto não diminuirá com o colapso da Alemanha — anunciou o Subsecretário, inclinando-se para a frente. — Ninguém ignora a espécie de guerra que teremos de enfrentar no Pacífico. Temos de cobrar dos japoneses suas atrocidades, os assassinatos em massa de civis indefesos e de prisioneiros de guerra. — Patterson sacudiu a cabeça, com determinação. — Não nos deteremos enquanto eles não forem completamente esmagados.

Cerrou as mãos ameaçadoramente e concluiu:

— Cada um de nós tem um papel importante a desempenhar para a derrota do inimigo. Não haverá complacência.

Os filmes da noite eram Back to Bataan e Bugs Bunny Nips the Nips. Já então Joe e Anna haviam saído discretamente.

À luz das chamas o quarto parecia vibrar. Anna correu os olhos desde o crucifixo às gravuras dos santos nas paredes de adobe e às vigas baixas do teto ao cobertor listrado, até fixar-se na figura de Joe, colocando toros de pinheiro sobre os gravetos que crepitavam na lareira. Através das venezianas chegavam as risadas de crianças brincando, uma porta batendo, um cão enxotado:

— Já daí, sarnoso!

— Eu gostaria de ir embora da Colina — disse Joe. — Você não gostaria?

Ao deitá-la sobre o tosco cobertor, beijou-lhe a boca entreaberta, o pescoço, os pequeninos bicos escuros dos seios. Escorregou a mão sobre a pele lustrosa de seu ventre até chegar às coxas, ao tufo preto sobre uma bigorna branca.

— Bem-vinda a Santiago.

O peito estava parado como um mármore. De repente, uma batida de coração.

— Está chovendo — disse ela.

Joe viu alguns lampejos no umbral da porta e em torno do postigo.

— Apenas trovões. Um estranho verão. Não há chuva, somente relâmpagos.

— Estou com medo de você.

Ele imaginou do que ela suspeitaria.

— Talvez seja essa a sua maneira de dizer que me ama.

— Por que você está dizendo isso?

— Eu te amo. Eu adoro esse seu gosto de pinho, seu jeito de sentir, eu poderia fazer amor com você até quebrar esta cama.

— E mentira.

— Eu posso tentar.

Vagarosamente, ele a penetrou como se estivesse seduzindo-a, elevando-a por inteiro. Essa profunda exploração, como a música, era algo que ele sabia fazer muito bem e, no momento, era a única coisa que podia oferecer. Ela o cavalgou à suave luz amarelada da lareira. As gotas de suor que lhe desciam pelo corpo faziam-na brilhar como uma chama e seus cabelos como o fogo.

Dormindo com os braços em torno dela, Joe sonhava com Augustino. O capitão o perseguia com uma espingarda na mão, enquanto ele corria ao encontro de Anna pela encosta íngreme de uma colina coberta de neve. Ambos, Joe e Anna, estavam nus mas Augustino, com um velho casaco de veludo e um chapéu comprido, parecia um apache. A neve se transformava em cinzas. Anna desaparecera, e na crista da colina surgiram cavalos — uma tropilha de cavalos selvagens envolvida pela fumaça e pelo brilho de uma bomba fosforescente.

O trovão soou como um longínquo estalido da terra rachando. Na lareira ainda ardiavam uns restos de brasas. Ela não estava na cama nem suas roupas sobre a cadeira. As venezianas tinham sido abertas e o luar invadia o quarto. Já passava da meia-noite e Joe não podia saber onde ela teria ido, a menos que estivesse visitando o resto da casa, mas seu lugar na cama estava frio e ele teve a impressão de que Anna se levantara já havia algum tempo. Vestiu as calças e a camisa e saiu.

O pueblo estava como pintado de azul — as paredes de adobe, as cercas, as árvores. Olhou para a mão: azul. Relâmpagos ziguezagueavam sobre os picos das montanhas Jemez, mas o restante do céu se mostrava limpo, as estrelas empalidecidas apenas pelo brilho do luar. O chão parecia de gelo.

O jipe ainda estava junto ao poço. Ele passou pela casa dos Reyes e percorreu a viela, mas não a encontrou. Ao regressar, notou uma sombra interrompendo o luar e uma coluna de fumaça que subia de um braseiro no pátio dos Reyes. Sentadas uma em frente à outra, em cadeiras junto ao fogo, Anna e Sophie Reyes conversavam em tom tão baixo que mal se ouvia.

Sophie era mulher de Ben e irmã de Dolores — uma criatura tão tímida que quase não falava. Se não fosse pelos potes que os sobrinhos dela vendiam na entrada de Santa Fé, Joe achava que ninguém fora de Santiago saberia de sua existência. O cabelo grisalho emoldurava um rosto hesitante e ela usava um avental manchado, por cima do tradicional vestido de algodão de um ombro só. A fogueira era de um tipo especial, com estrume de vaca amontoado sobre as brasas, a fim de que ficassem bem pretos os potes colocados no centro do fogo. Joe não saberia dizer o

que era mais estranho: Sophie cozendo potes no meio da noite ou conversando com Anna.

As duas mulheres ficaram em silêncio.

— Perdi o sono — murmurou Anna.

Ambas tinham nas mãos varas enegrecidas pelo fogo, como se estivessem mexendo nas brasas distraidamente, durante a conversa. Os potes já cozidos estavam enfileirados em um lado do quintal. Os ainda crus, com formatos diferentes, se alinhavam no lado oposto. Espigas de milho, ramos de pimenteira e camomila seca pendiam de uma ramada atrás da casa. Junto às cadeiras estavam latas com os cacos dos potes partidos e argila virgem embrulhada em folhas de jornal.

— O que estão fazendo? — perguntou Joe.

— Isso que você está vendo — replicou Sophie, recostando-se em sua cadeira, de modo a olhar melhor para ele. Joe não se lembrava de que o olhar de sua tia fosse tão incisivo.

— No escuro?

— Há luz suficiente. Eu estava sozinha. Foi bom ela ter passado por aqui. Conversamos calmamente, em voz baixa, sem incomodar ninguém.

— Faz frio aqui.

— Então volte para a cama — aconselhou Sophie.

Ele ignorou o conselho. Ademais, estava agradável em volta do fogo mortiço, quase apagado.

— Você tem uma boa mulher — disse Sophie. — Ela sabe lidar com números.

— É doutora em matemática.

— Foi o que me pareceu. Como a Mulher Pensante.

— Mulher Pensante? — perguntou Anna.

— Foi a Mulher Pensante que criou o mundo — explicou Joe — Seus pensamentos se tornaram terra, água, animais, pessoas. Qualquer coisa em que ela pensava se tornava real. Como você — disse Sophie, batendo com sua varinha na de Anna. — As outras mulheres dele eram todas umas vagabundas.

— Obrigado — disse Joe.

— Isso tudo porque saiu daqui e foi para Nova York, alistando-se no Exército — esclareceu Sophie para Anna. Depois levantou os olhos para ele e perguntou:

— Por que você entrou para o Exército?

— Também queria saber, Joe — disse Anna. — Por que foi? Aquela conversa no meio da noite estava tomando um rumo inconveniente, pensou Joe.

— É uma história complicada.

— Você já estava no Exército quando a guerra rebentou — disse Anna. — Deve ter se alistado.

— Vê como ela é esperta? — comentou Sophie.

— Não foi bem assim.

— Então você andou se metendo em encrencas.

— Viu? — disse Sophie.

— Está bem. Estava com alguns amigos em Nova York. Resolvemos dar um concerto grátis aos soldados do Forte Dix, em Nova Jersey. Era uma unidade só de soldados negros e achamos que gostariam de um pouco de jazz, talvez vários números.

— Isso foi combinado com os oficiais, Joe?

— Não. Nossa chegada foi de repente.

— A que horas aconteceu isso, Joe?

— Pelas três da madrugada, mais ou menos. A essa hora a gente faz uma porção de bobagens.

— Quer dizer que estavam bêbados?

— Viu? — disse Sophie outra vez.

— Houve danos, Joe?

— Alguns instrumentos musicais Ficaram muito amassados, quando nos chocamos contra o portão principal. Lembro-me vagamente de uma briga no caminho para o pátio de desfiles e um ajuntamento perto do coreto. Depois, o que recordo é que fui agarrado por uma porção de guardas da Polícia Militar. Afinal, o Exército andava precisando de gente. Ofereceram-me a alternativa: cadeia ou alistamento. Todos preferimos alistar-nos, mas fui o único a passar no exame de saúde.

— É uma maneira bem maluca de alistar-se no Exército.

— Não disse que tinha sido uma decisão acertada. Aliás o alistamento em pleno dia, sem que se esteja bêbado, é bem mais maluco.

— Os homens são tão estúpidos — disse Sophie para Anna. — Meu marido deveria estar aqui, onde há coisas para ele fazer, mas prefere esconder-se nos desfiladeiros, querendo ser herói. Os homens não ouvem



suas mulheres. Eles se acham muito superiores a nós. Às vezes chego a pensar que eles passam a vida tratando de terem uma boa morte. De uma maneira ou de outra, eles vivem se matando uns aos outros. Ben está velho, esta talvez seja sua última aventura. E eu é que tenho de caminhar todos os dias para levar-lhe comida e cigarros.

— Ele está com Roberto? — perguntou Joe.

— Com quem mais estaria?

— Então era por isso que Sophie estava cozendo potes à noite. As coisas sempre fazem sentido, desde que se espere o tempo necessário.

— O Serviço de Proteção aos índios espalhou fiscais desde aqui até Utah, procurando por Roberto — e você andando por aí, levando-lhe presunto com ovos?

— Você se encontrou com eles? — perguntou Anna.

— Algumas vezes, mas não prestaram atenção a uma velha que carregava argila. Eles estavam à procura de Joe.

— Não estou metido com Roberto.

— Não é o que ele diz — contestou Sophie, dirigindo-se a Anna. — Vive falando sobre Joe.

— Você sente falta de seu marido — observou Anna.

— Claro. Esta noite o demônio esteve junto à minha janela. Tinha a pele amarela, chifres de prata e um fuzil.

— Sophie, faça-me um favor — pediu Joe. — Na primeira vez em que falar com Roberto, diga-lhe que não estou metido em suas encrencas. Ele quer brincar de vaqueiros contra índios, mas eu não. Não tenho nada com isso.

De volta a sua casa, Joe acendeu um lampião de querosene e serviu dois copos de uísque, enquanto Anna examinava as fotografias penduradas na parede.

Não há nenhuma de você.

— São de meu irmão Rudy. Não creio que ele tenha escapado de Bataan. Engraçado, lembro-me mais dele à noite do que durante o dia, porque costumávamos trazer os animais de volta ao escurecer. Eu me encarregava dos cavalos. Rudy tinha uma criação de coelhos. Terminado o serviço, voltávamos para alimentá-los. Parece que ainda estou vendo Rudy no meio de seus coelhos, aqueles flocos brancos se movendo no escuro.

— Mas não há retratos de você?

— Saí de casa. Fui para El Paso quando tinha quinze anos. Um circo se instalara na cidade e fui contratado para carregar água e feno para os animais.

— Devia ser muito excitante.

— Dar feno aos elefantes? Lembro-me principalmente de como eu espirrava — comentou ele, entregando um copo a Anna. — Bem, Sophie falou hoje mais do que em toda a sua vida. Você gostou de ser a Mulher Pensante?

— Gostei de ter criado você, de ser um pensamento meu.

— Um pensamento seu?

— O melhor. E o que mais você fazia no circo? Sinto-me responsável.

— Havia um antigo pugilista que fazia exhibições nos intervalos. Os amadores locais pagavam cinco dólares para receberem cinquenta se o derrubassem. Ninguém conseguia. Ele me ensinou os rudimentos do boxe — e talvez por isso eu seja mais técnico. Entretanto, meu favorito era o maestro da banda. Eu tocava um pouco no órgão na igreja, mas ele me ensinou piano. Costumava classificar-se a si mesmo como "um cavalheiro da estirpe negra" e deixava os texanos furiosos, porque se vestia melhor e se comportava com mais elegância do que qualquer um deles. Era um formidável tocador de jazz. E incansável. Deixou nome. Não gostava de me ver lutar, mas era daí que vinha meu dinheiro.

— Você deve ter sido um bom pugilista. Perguntei-lhe duas vezes a respeito de suas fotografias e você esquivou-se em ambas as ocasiões. Pelo jeito, nunca conseguiram atingi-lo.

Joe olhava para uma foto de Rudy a cavalo.

— Acho que Sophie tem razão. Os índios prezam bastante sua dignidade. Não falam muito. Como diria Oppy, são pouco verbais. Eles interiorizam tudo e, para um estranho, que pode incluir até mesmo suas mulheres não dizem uma palavra. São capazes de beber até cair ou de saltar de um penhasco com o mesmo senso de serena dignidade. Não sou desse tipo de índio. passei metade de minha vida fora daqui. Sofri poderosas influências. Perdi a antiga dignidade natural.

— Você tem algo melhor — a invulnerabilidade. Ele ficou muito espantado:

— Eu?

— Você parece ser o gigante que levou todos os homens daqui para trabalharem na Colina.

— Veja, Santiago é um lugar pobre. Aqui ainda existe a Depressão e sempre existirá. Durante os últimos vinte anos, a melhor fonte de renda local tem sido a cerâmica, que é fabricada por mulheres. Uma das razões de os homens darem tanta importância à sua dignidade é que isso era tudo o que lhes restava. Então o Exército se instalou na Colina e os homens ficaram contentes por trabalharem lá, nem foi preciso que eu os levasse. Há um custo. Se a categoria mais baixa na Colina é a dos soldados, a dos índios é ainda inferior.

— Você alguma vez foi ferido, discriminado ou atingido?

— Abaixo dos índios estou eu, porque realmente não pertencço a nenhuma das categorias, sou um produto intermediário. Os homens de Santiago pelo menos sabem quem são e têm um lar. Quem sou eu? Um motorista, um farrista, um quebra-galho. Sou a pessoa menos importante da Colina. Um ex-pugilista, um músico sofrível que vai acabar mendigando serviço nos night-clubs o resto da vida. Um valentão? Isso é uma brincadeira. Sinto-me como se estivesse cometendo uma fraude perpétua, um embuste, porque no fundo sou um covarde. As pessoas estão enganadas, inclusive Oppy e Roberto, mas não quero que você também esteja. Não tive intenção de alistar-me no Exército, não fui um herói em Bataan, fiz um trato para fugir do cerco. Sou como a Gestapo, e Fuchs tem razão. Isto não é autodesprezo, mas simplesmente honestidade. Rudy foi enganado. Entrou para a Guarda Nacional porque queria ser como seu formidável irmão. Dolores não se enganou. Dizia que Rudy teria ficado em casa, a salvo, se não fosse por mim.

Quando fui embora, ela perdeu um filho. Quando foi a vez de Rudy, perdeu o outro, ambos por minha causa. Escreveu para o hospital na Austrália e disse que, para ela, eu estava tão morto quanto Rudy. Não deveria responder nem voltar para casa. Isso me pareceu injusto mas, passado um tempo, percebi que havia certa verdade no que ela dizia, porque e eu tentara arrancar de mim quaisquer ligações com minhas origens, como se elas fossem amarras impedindo que eu progredisse. Talvez no meio de tudo isso, Rudy estivesse envolvido e ficasse ofuscado.

Dolores foi positiva. É por isso que não há aqui um único retrato meu. Quando Rudy voltar, minhas fotos reaparecerão.

— Sua mãe já morreu. Você disse que seu irmão também. Como pode ser isso?

— Você não é a Mulher Pensante? Pense em uma solução. De qualquer modo, fui atingido e fui ferido. E você seria capaz de destruir-me completamente. Ela estava sentada no outro lado da mesa, em frente a Joe. A lua, na sua descida para o horizonte, já não entrava mais no aposento; havia apenas a luz da lâmpada de querosene.

— Eu não fugi de casa. Minha infância foi muito tranquila e burguesa, comparada com a sua. Gostava de sonhar. Pensava em ser uma atriz como Marlene Dietrich e ter amantes milionários. Depois, resolvi que seria uma aviadora que cairia em uma ilha e passaria a viver com uma espécie de Tarzan, enquanto o resto do mundo nos procuraria. Quando fosse resgatada, todos saberiam de minha vida em cativeiro. Talvez houvesse alguns índios na história.

— Como em qualquer fantasia respeitável. Ela deu um suspiro e continuou:

— Entretanto, a partir dos quatorze anos, meus sonhos passaram a ser dominados pelo terror. Não era ansiedade, mas terror mesmo. Achava que todos queriam me fazer mal, matar-me. Não meu pai ou minha mãe, é claro, nem minha família, mas o resto do mundo — o jardineiro, o condutor do bonde, o carteiro, os garis, as vendedoras das lojas e, naturalmente, a polícia. Passei semanas inteiras sem ir ao colégio. Nosso médico disse Que eu estava sofrendo de um tipo não especificado de histeria. Um alienista vindo de Berlim declarou que meu mal era um complexo de castração feminina. Talvez fosse, mas achei que ele queria torturar-me. Uma criança maníaca! Esconderam meus lápis, tesouras e até mesmo minhas meias. Papai conhecia Freud e escreveu uma carta para Viena. Freud respondeu, dizendo que eu sofria de uma "ideia de fuga". Segundo ele, cada dia aumentava o número de judeus alemães dominados pela "ideia de fuga", mas ele achava que as atrocidades nazistas estavam diminuindo e que uma garota como eu deveria ignorar o que diziam os jornais e considerar o quanto seria desagradável a situação de refugiada. Lembro-me de que ele acrescentara em um pós escrito que tudo o que desejava ver na América eram as Cataratas de Niágara. Há certa graça em

uma cena de Freud contemplando aquelas águas rolando. Meus pais se sentiam seguros, porque eram em primeiro lugar alemães e só depois judeus. Então fui mandada para uma casa de saúde, onde fiz tratamento incluindo hidro e sonoterapia; foi lá que me refugiei no caramanchão cheio de abelhas e de números. À hora do almoço, ouvíamos pelo alto-falante Goebbels discursando no rádio. Era obrigatório. Os médicos realmente se mostravam atenciosos. Um deles, que era comunista, sugeriu uma viagem à Suécia. Falsificou os documentos sem nada dizer a meus pais, mas acho que eles sabiam que lá constava que eu era ariana. De que outro modo iriam permitir que eu viajasse? É preciso um comunista para saber como se fazem essas coisas. Ele também escapou, de modo que não foi um caso específico de boa vontade em relação a mim. Tudo aconteceu de maneira estranha. Desembarcamos em Estocolmo e, de repente, me senti curada. O que não conseguia compreender, Joe, era por que eu? Entre tanta gente de minha família — pessoas sérias, direitas, tios, tias, rabinos, professores, crianças — por que eu fui a única a escapar? A pergunta era: Deus me salvou ou simplesmente me esqueceu? Por isso, estou aberta para um novo Deus. A Mulher Pensante soa-me como um grande progresso.

— Você nunca mais viu o médico que arranhou a sua fuga?

— Ele me seduziu. Uma porção de homens me seduziram no começo.

— Comunistas?

— Quem sabe? O mundo está cheio de comunistas. Na Alemanha, os únicos que enfrentaram o nazismo foram os comunistas.

— E Oppy?

— O que quer dizer?

— Como você se encontrou com ele?

— Oppy precisava de um matemático. Andava de olho na relação dos refugiados. Você sabe qual é o meu trabalho? Transformo minhas equações em programas para um computador eletrônico; cada milionésimo de uma imaginária Trindade em um baralho de cartões perfurados, a fim de podermos avaliar o que acontecerá na verdadeira Trindade... Como vê, todos estão trabalhando para concluir Trindade. Oppy instiga cada um de nós, fazendo com que trabalhemos com entusiasmo.

— Oppy se sente pessoalmente responsável pelo projeto. Sem ele, não haveria bomba.

Anna levantou-se e foi encher novamente os dois copos.

— E não haveria um Oppy sem a bomba. Há aqui outros físicos muito mais brilhantes.

— Ora, vamos. O Dr. Harvey começa uma frase e Oppy a conclui para ele.

— Realmente ele é rápido em concluir os pensamentos dos outros, mas o que quero dizer é que ninguém está pensando no que vai acontecer depois que a bomba for usada. Ou pergunta se a bomba deve ser usada ou, pelo menos, demonstrada aos japoneses com antecedência. Como ainda não se fez nem o teste de Trindade, eles não pensam nas consequências. Eu penso. Nos cartões perfurados constam não apenas a bola de fogo, a onda de choque e a radiação, mas também uma cidade imaginária, com suas estruturas de aço, de madeira ou de concreto. As casas desmoronam sob o impacto de um décimo a um quinto de uma atmosfera. Para edifícios de aço, a duração do impacto é importante. Se o pulso durar vários segundos de vibração, o pique da pressão é o fator importante. Posso deter a explosão, avançá-la ou atrasá-la. Ninguém mais a vê, do mesmo modo que não se pode imaginar uma sombra enquanto o sol não surge. Eu a vejo todos os dias. Todos os dias mato milhares e milhares de pessoas imaginárias. A única maneira de suportar isso é ter a certeza de que elas são de fato imaginárias, simples números. Infelizmente, isso vem reforçar outra fantasia minha. Há ocasiões em que me sinto como sendo um daqueles números em uma das colunas de um dos cartões introduzidos na máquina. Fico com a impressão de estar sumindo.

— Para onde?

— Para a Alemanha. Freud tinha razão, afinal. É difícil ser um refugiado, pensando que se está morto. Joe puxou uma caixa que estava sob a cama e retirou um volume embrulhado em jornal. Abriu-o sobre a mesa e colocou junto ao lampião um pequeno pote preto e reluzente, com um buraquinho na tampa.

— É um pote para sementes, o último que tenho de minha mãe.

— Bem bonito.

— Deveria vendê-lo junto com os outros, mas não pude. Quis ficar com alguma lembrança dela.

— É uma obra de arte.

— Como um pequeno e lustroso globo terrestre. Um amor, não é?

Deixou que ela admirasse o pote durante mais um segundo, depois apagou o lampião com um sopro e atravessou a sala.

— O que você está fazendo?

— Vou atirar-lhe o pote.

— Mas não posso vê-lo no escuro.

— Eu também não estou vendo você. É uma experiência interessante.

— Não posso...

— Agarre!

Joe atirou o pote a meia-altura. Uns fracos raios de luar ainda se escoavam pela janela aberta e ele viu o pote passando por aquela fraca luminosidade e desaparecendo na escuridão. Esperou o ruído da argila quebrada. Ouviu nitidamente que ela enchia os pulmões de ar, mas nenhum outro som.

Joe caminhou lentamente, tateando no escuro e encontrou as mãos dela. Apanhara o pote não sabia como e o apertava contra o peito, ainda desequilibrada. No momento em que ele puxara a caixa debaixo da cama, não tinha ideia do que iria fazer. Tudo foi um impulso, o início de um elo, a oportunidade de arriscar tudo.

Anna estava tremendo:

— Foi uma loucura.

— Talvez. Mas provamos que você está aí — disse Joe, deslizando a mão pelo pescoço dela, descendo pela blusa e sentindo a saliência e o calor dos seios, o ritmo acelerado do coração. — E viva.

O luar agora parecia mais brilhante. Por um momento, ele pensou que a lua voltara para trás, trazida pela trajetória do pote no escuro, num desafio à gravidade. Se os mortos podiam ser ressuscitados e as montanhas movidas, por que não alterados os corpos celestes? Afinal, o que parecia luar se tornou um fecho luminoso, definindo os contornos da lâmpada, da mesa, do espaldar da cadeira; depois, um jato branco de luz passou pela janela e inundou o quarto. O motor de um automóvel foi desligado em frente à casa. O carro devia ter vindo em ponto morto, aproveitando a velocidade restante, pela estrada atrás do quintal dos Reyes.

— Quem é? — perguntou ela.

Joe colocou o pote sobre a mesa e entreabriu a porta para olhar, mas a luz dos faróis era muito intensa e quem quer que estivesse no carro não saltara.

— Não consigo ver — respondeu Joe.

Tirou a pistola 45 do coldre e enfiou na cintura da calça, depois agachou-se, evitando a luz e puxou Anna para a cozinha. Pelas venezianas da janela, viu que o jipe continuava estacionado ao lado da casa, entre a lavoura com os pés de milho em longas fileiras e o quintal dos Reyes. Não havia mais fumaça. Joe se lembrou do pesadelo de Sophie e agora o decifrara. Sophie dissera ter visto um demônio com pele amarela e um fuzil. Os chifres de prata eram as barras que os capitães usam no bibico, como distintivo de seu posto, e o demônio era Augustino. Joe não sabia o que o capitão estaria fazendo, mas já tomara uma decisão. Entreabriu o caixilho da janela.

— Por que você não espera, para saber quem é? — sussurrou Anna.

— Porque acho que já sei.

Joe se atirou de cabeça pela janela e rolou entre o jipe e a parede da casa. Não havia mais nenhum carro, nem sons de passos, Augustino era bem capaz de ter vindo sozinho. Joe levantou-se do chão, com as costas apoiadas na parede da casa. Tirou a 45 da cintura, soltou o pino de segurança e armou o gatilho. Tocadas pelo vento, as hastes do milharal se curvavam e farfalhavam. Os cães estavam silenciosos. Não se ouvia nada no curral, nem no telhado, apenas as batidas aceleradas de seu coração.

De um salto, ele atravessou o fecho de luz dos faróis e encostou o cano da pistola no rosto do motorista — um crioulo vestido de smoking. O carro era um Cadillac.

— Joe? — perguntou Pollack. Seus olhos estavam tão arregalados e brancos que pareciam que iriam saltar. — Joe, você não vai atirar no seu melhor amigo. Não faça isso. Joe abaixou o revólver:

— Que diabo você está fazendo aqui a esta hora?

— Vim deixar um bilhete para você. — A caneta e o papel ainda estavam imóveis nas mãos negras de Pollack. — De que outra maneira eu poderia entrar em ligação com você, isolado lá na Colina? Não consegui encontrá-lo. Então resolvi deixar-lhe um bilhete aqui.

— A esta hora?



— Eu não sabia que estava em casa. Você prometeu passar lá na Casa Mahana no último fim de semana e assinar aqueles papéis.

— Estive muito ocupado na Colina. Se você trouxe os papéis, assinarei agora mesmo.

— Trouxe — disse Pollack, embora não fizesse qualquer gesto para apresentá-los, agora que recobrou sua compostura.— Sabe o que é que os compradores querem fazer? Derrubar o clube e construir um edifício de apartamentos. Têm o dinheiro.

— Isso é o que conta.

— Um triste fim para a Casa Manana — suspirou Pollack.

— Você vai ter um novo clube em Nova York.

— Mas será apenas mais um dos diversos clubes bons de Nova York. Havia somente um bom clube no Novo México. Ele era o melhor, não é verdade?

— Com certeza. Você tem os papéis aí?

— O único jazz autêntico em todo o Novo México. Mesmo eu já tendo ido embora, será muito melancólico.

— Você quer ou não que eu assine esses papéis?

— Eles são de Fort Worth, os compradores. Ouvi quando conversavam. Chamavam-me "Rastus" e de "Boneco de Piche". Referiam-se a mim, no meu próprio clube, como "aquele cachorrão". Joe, você pode arranjar os cinquenta mil dólares? Se puder, a Casa Manana é sua. O clube, a licença, o estacionamento - tudo.

Joe travou cuidadosamente a 45 e a enfiou na cintura.

— A metade do preço?

— Por ser para você.

— Está falando sério?

— Alguma vez brinquei em negócios do clube?

— Há umas leis que proíbem os índios de beberem álcool, quanto mais servirem.

— Ora, também há leis sobre a venda clandestina de bebidas alcoólicas e seu pai foi um ativo contrabandista. Está com medo? — Pollack esboçou um sorriso amarelo. — Quer ou não quer?

— Quero — replicou Joe, convencido de que seu futuro estava ali, tinha vindo a seu encontro em um Cadillac silencioso. Quero, sim.

— Mas tem os cinquenta mil agora?

- Preciso de um mês.
- Dou uma semana. Eddie Jr. está vindo da Itália e irei esperá-lo no cais.

Somando o dinheiro que tinha em casa com o do mercado negro Joe conseguiria pouco mais de quinze mil dólares. Mesmo vendendo todos os pneus e as meias de nylon que pudesse arranjar, teria apenas mais quinhentos dólares em uma semana. E dentro de dez dias estaria seguindo para Trindade.

— Duas semanas. Se você não tiver todo o dinheiro no fim desse prazo, ainda pode revendê-la pelo dobro do preço e gastar a diferença na festa de chegada de Eddie.

Pollack esticou a mão pelo vão da janela:

— Duas semanas, Joe, nem mais um dia. Mostraremos a esses brancos para que serviu esta guerra estúpida.

Joe ficou olhando para o Cadillac que se dirigia para a estrada e passava pela praça escura. Quando se voltou, viu Anna parada junto à porta. Não sabia desde quando ela estava ali nem o que ouvira da conversa com Pollack. Alguns lampejos das luzes dos faróis pareciam ainda refletir-se no vulto dela e nas paredes.

A Casa Manana de Joe Pena.

Em pé junto aos dois botões, um vermelho e outro verde, na parede do hangar chamado Posto Omega, Joe calculava que, com uns empréstimos e a venda de seu último estoque de cupons de gasolina e vales de transporte, chegaria perto de vinte mil dólares. Como poderia mais do que dobrar essa quantia em duas semanas? A promessa que fizera a Pollack na noite anterior soava-lhe como uma ideia impraticável, típica de um sargento. Quantos pneus e quantas latas de óleo ele poderia tirar da garagem? Quantas garrafas de uísque e pacotes de açúcar um homem poderia vender? A Casa Manana era o tipo de miragem que desaparece à luz do dia, mas mesmo assim a ideia não saía da cabeça de Joe.

Omega se localizava no fundo do Desfiladeiro Los Alamos — uma trincheira natural de basalto e pinheiros, suficientemente profunda e estreita para proteger de uma explosão a área técnica, situada a pouco mais de um quilômetro. O hangar propriamente era ainda defendido por

uma barreira de concreto. Um dos lados estava ocupado por um reator em miniatura que Fermi chamava de sua "Caldeira de Água Quente". O outro lado abrigava uma bancada de interruptores, que eram os controles remotos do reator, e um experimento que, segundo Harvey, correspondia a "coçar a cauda do dragão".

O núcleo — uma bola de plutônio, do tamanho da de croquê, revestida de uma camada de níquel — era o "dragão". Esse núcleo estava bem acondicionado dentro de uma concha de parafina, de umas vinte polegadas, no topo de um pistão hidráulico. Sobre ele, suspensa de boca para baixo por uma corrente, havia uma segunda concha de parafina. A ideia de montar a "cauda do dragão" fora para verificar se uma esfera externa de lentes de alto explosivo seria capaz, apenas girando em torno de um núcleo quase crítico, de refletir nêutrons suficientes para o plutônio se tornar crítico e explodir prematuramente, sem causar grandes danos. A parafina estava misturada com pó de carvão fuliginoso, de forma a ter a mesma composição atômica de um alto explosivo, sem o risco de destruir hangar, desfiladeiro e platô.

As únicas pessoas no hangar eram Harvey, Oppy e Joe. A equipe de Montagem Crítica de Harvey estava almoçando e o pessoal de Fermi se recusara a ficar perto de Omega enquanto a "cauda do dragão" fosse montada. Harvey insistira para que pelo menos dois físicos assistissem ao experimento, mas Oppy respondera que, embora o General Groves tivesse feito o máximo para convertê-lo em um administrador, ele continuava sendo apenas um físico. Oppy pediu a Joe que ficasse para executar o que ele chamava de "função não-especializada" de apertar os botões hidráulicos, que erguiam a concha inferior até encostar na superior.

Junto ao "dragão", em mesas de aço separadas, havia um contador Geiger, um medidor de nêutrons que registrava a radiação através de um conjunto de seis luzes vermelhas, e outro gráfico de radiação, riscando uma linha vermelha em um rolo de papel. Se o "dragão" ficasse muito quente e Joe não reagisse a tempo, os três contadores estavam ligados de maneira a fazer com que o pistão hidráulico, a concha inferior e o núcleo caíssem no chão.

Usando um longo avental branco de laboratório, Harvey se mantinha junto aos controladores e marcava a curva que indicava o estado crítico com uma régua móvel e um apontador.

— Levante dez polegadas — disse ele finalmente.

Joe acionou o botão verde, enquanto Oppy continuava a discussão que durara toda a manhã.

— Você argumenta, Harvey, que os japoneses estão praticamente derrotados. Segundo qualquer padrão racional, eles deveriam estar, concordo. Você acha que seria preferível explodir a bomba em uma demonstração anunciada publicamente — uma ilha da Baía de Tóquio, por exemplo, um lugar onde eles pudessem reunir seus melhores cientistas e generais. Se tivermos real mente de lançar a bomba sobre eles, você acha que o alvo deveria ser um posto militar remoto, uma base tão distante quanto possível de qualquer agrupamento de civis. Você não admite que mulheres e crianças morram simplesmente porque queremos demonstrar nossa eficiência. E acrescenta que há prisioneiros de guerra americanos em numerosas cidades japonesas que poderão estar relacionadas como alvos possíveis. Você acredita que se formos a primeira nação a usar uma arma tão terrível, ficaremos historicamente estigmatizados, granjeando a má vontade do mundo inteiro. Pior ainda, você receia o desencadeamento de uma corrida armamentista, com o aparecimento de artefatos cada vez mais poderosos, como a humanidade jamais sonhou e que a destruirão. Acha que usar uma arma assim na guerra impedirá qualquer tentativa de acordo internacional, relativo ao futuro controle de artefatos apocalípticos. Por fim, você argumenta que seremos os responsáveis diretos e específicos por essas armas, uma vez que fomos os homens e mulheres que as criamos. Quem, senão nós, tem o direito de decidir como e se tais armas devem ser usadas? Agora me diga: não fiz um resumo honesto de seus argumentos?

Esses eram realmente os pontos de vista de Harvey, expostos de maneira mais clara do que ele mesmo seria capaz. Embaraçado, não tirou os olhos dos registros.

— Mas oito polegadas.

— Todos temos os mesmos pesadelos — disse Oppy, caminhando nas pontas dos pés, com as mãos nos bolsos do casaco, passando por Harvey, pelas mesas, e pelo "dragão". — Estamos vivendo os anos dos pesadelos e eles ainda não terminaram. Se você não tomar parte em Trindade, não o condenarei. Até talvez o inveje. — Ergueu o rosto encovado, sinal de seu cansaço. — Todos o invejaremos.

Talvez os altos explosivos fossem a solução. Hilário mencionara uns compradores de Albuquerque. Com um par de mulas, ele poderia saquear os depósitos do Platô Duas Milhas.

— Refugiar-me nas montanhas durante um ano — disse Oppy. — Não ver uma manchete, não ouvir um rádio. Não descer antes que toda esta coisa horrível tenha acabado.

Harvey olhou para Joe, como que procurando apoio moral.

Cinco polegadas. Admitindo a hipótese de conseguir o dinheiro, restaria o problema dos músicos. Ele só teria condições de contratar uns dois de Nova York ou Kansas City; os restantes seriam mexicanos. Tocadores de trombone. Havia um trole que corria de Juarez para El Paso e ele poderia evitar por aí os guardas da fronteira. Quando as duas conchas ficaram a doze polegadas uma da outra, o contador Geiger começou a registrar o que estava acontecendo, como se tivesse tomado interesse. A régua móvel media as passagens dos nêutrons por multiplicação: uma luz para dois nêutrons, duas para quatro e assim por diante, até seis luzes para 64 partículas, depois começava tudo outra vez. As luzes vermelhas piscavam como olhos acordando de um cochilo.

— Não acabará tão cedo — a voz de Oppy se tornou aguda. — Os japoneses não se renderam em Iwo Jima nem em Okinawa. Lutarão dez vezes mais bravamente na defesa de suas próprias ilhas. Não serão apenas os aviões kamikaze. O Serviço de Informações do Exército diz que eles estão construindo botes kamikaze e ensinando as pessoas a amarrarem dinamite no peito. A estimativa que li a respeito da invasão é de um milhão de baías — japoneses, americanos, soldados e civis.

— Quatro polegadas — disse Harvey.

Havia o bar e a cozinha, que era necessário abastecer. Utensílios, bebidas, toalhas. Podia ser perigoso violar as leis sobre a venda de álcool para índios. Talvez não lhe deixassem entornar uma garrafa, mesmo sendo o proprietário. O "dragão" brilhava como uma bola de gelo.

— Uma demonstração sobre uma ilha parece ser uma boa ideia — disse Oppy. — Com o imperador e os generais assistindo dentro de uma casamata. Mas se a explosão, por seu tamanho, não convencer os japoneses de que foi causada por uma única bomba? Nós mal conseguimos convencer os nossos generais, quanto mais os deles. E se a demonstração falhar?

— Oitenta por cento crítico — anunciou Harvey, observando a linha vermelha riscada no papel. Só então deu a resposta. — A bomba de urânio funciona.

— Realmente, temos duas bombas. A de urânio achamos que funcionará, mas a de plutônio é apenas uma esperança. Não dispomos de quantidade suficiente de urânio refinado para fazermos outra. A de plutônio será testada em Trindade. Podemos conseguir mais plutônio, embora isso deixe de interessar caso Trindade fracasse. O ponto é que não vamos basear-nos em boas intenções e meros fogos de artifício — desabafou Oppy revelando seu cansaço. — Deus sabe o quanto desejo que pudesse ser assim, mas a invasão deverá ser desencadeada antes que o mau tempo tome conta das ilhas japonesas. Não poderá ser transferida, enquanto construimos mais bombas ou discutimos quando e onde o imperador deve sentar-se para assistir a uma demonstração pacífica. Quem sabe o convidamos para Trindade? Faltam apenas dez dias. Pare o tempo para mim, Harvey. Dê-me mais bombas e uma almofada para o divino imperador sentar-se e assistir ao espetáculo.

Joe sempre gozara o privilégio especial dos músicos — o de dizer um palavrão para o dono do clube e tocar o que lhe desse na veneta, às vezes apelando para as dissonâncias, a fim de acentuar o swing. Se ele tivesse seu próprio clube, iria tocar bastante músicas de Miller e arranjos de Dorsey, para fazer todo mundo feliz. String of Pearls, Sentimental Journey.

— Mais três polegadas, Joe. Mas pelo menos uma base, Oppy, não uma cidade.

— Um desperdício. De uma bomba e de soldados. Os japoneses censurariam todas as notícias e só sobriariam uns restos de fumaça e muito boato. Você conhece os efeitos de uma explosão, Harvey. Não haveria muito o que ver em um campo aberto, ao contrário do que acontecerá em uma cidade, com seus edifícios arrasados.

— E a população civil?

— Terá de ser um alvo capaz de pôr fim à guerra, Harvey.

— Matando civis e prisioneiros de guerra americanos?

— Eles vão distribuir os prisioneiros por todas as cidades. E quantos deles serão feridos e mortos em caso de invasão? Quantas cidades

serão destruídas por nós com bombas convencionais? Quantas sepulturas de soldados americanos?

— Não me tornei um físico para aprender a pulverizar japoneses — disse Harvey, elevando o tom de voz.

— Nem qualquer um de nós — replicou Oppy, conciliador.

— Mas você seria capaz de dizer para a mãe de um jovem soldado que morreu nas praias do Japão — e haverá milhares deles que você tinha uma bomba capaz de acabar com a guerra, mas preferiu não usá-la? Diria para a mulher dele? Para seus filhos?

O contador Geiger tiquetaqueava como um cronometro marcando segundos. Agora que as duas conchas estavam a apenas oito polegadas uma da outra, as luzes da régua multiplicavam rapidamente. Na sombra entre elas, a esfera ainda cintilava, como uma nota entre dois címbalos. Joe ouvira dizer que a reação em cadeia de um quilograma de plutônio liberava uma quantidade de energia equivalente a de quinze mil toneladas de TNT. O mesmo resultado.

— O problema não é a arma, Harvey, mas a guerra; acabar com a guerra e evitar a mortandade está para acontecer.

O perigo era a radiação alfa que provocava primeiro a destruição da medula óssea, depois dos rins. Todos sabiam que os médicos na Colina se recusavam a autorizar a presença na proximidade do "dragão".

— Oitenta por cento crítico a três polegadas — anunciou Harvey, consultando o gráfico. — O problema é o que acontecerá depois da guerra. Duas polegadas, Joe.

Terminada a guerra, o Exército fecharia suas bases, pensou Joe. O conflito cumprira, naturalmente, sua finalidade social, apresentando ao mundo o jazz americano. Os fregueses encheriam novamente a Casa Manana. Com certeza.

— Teller tem os mesmos temores. Vou repetir para você o que disse a ele: se o problema é o que vai acontecer no pós-guerra — e concordo que seja — a única forma de demonstrar que qualquer outra guerra se tornou implausível é justamente usar a bomba, para fazer com que toda a humanidade seja testemunha. Esta será, finalmente, a guerra que acabará com todas as guerras. Edward Teller estará conosco em

Trindade. Na verdade, eu gostaria de que você fizesse a contagem regressiva para o teste.

— Oitenta e nove — leu Harvey.

O contador Geiger soou como um arco ferindo a corda de um violoncelo. As luzes da régua piscaram, emitindo nervosos sinais vermelhos.

— Uma polegada, Joe — disse Harvey.

— Depois da guerra deverá haver um controle internacional de todos os artefatos nucleares, bem como uma cooperação entre as nações para a utilização do átomo para fins pacíficos. Um mundo assustado e sedento de paz fará isso, Harvey. Cabe a nós, porém, assumir a liderança moral. Repartiremos as informações com nossos aliados.

— Com a Rússia? — perguntou Joe.

— Sim, com a Rússia, por que não? — replicou Oppy.

— Noventa por cento. Meia polegada. Devagar. O contador Geiger manifestou-se, registrando uma crescente onda de elétrons.

— O futuro é depois — disse Oppy. — A guerra é agora. Os japoneses usariam a bomba, se a tivessem. Não hesitariam. Eles começaram esta guerra. Nossa causa é justa. Está escrito no Bhagavad Gitá: "Haverá uma guerra que abrirá os portões do céu. Felizes os guerreiros cujo destino é lutar nessa guerra. Não defender o que é correto equivale a desprezar o dever e a honra." Nós, cientistas, somos apenas soldados, nada mais. Estamos aqui neste platô por um acidente da história, porque nossa pátria foi atacada. Não temos qualquer competência especial para envolver-nos em assuntos políticos, sociais ou militares. Não fomos eleitos nem treinados para tomar essas decisões. Não constituímos uma elite milagrosamente escolhida — apenas por sermos físicos — para governar a humanidade.

— Pare.

Distantes apenas uma polegada, as duas conchas do "dragão" quase formavam uma única lua cinzenta, escondendo parcialmente outra lua interna, bem mais brilhante. Houve uma ligeira elevação no tiquetaque do Geiger, um toque mais de histeria nas luzes vermelhas.

— Ainda noventa por cento — anunciou Harvey, satisfeito. Era justamente a porcentagem que ele previra.

— E então? — perguntou Oppy, aferrado a seu tema.



— Não sei.

— Pergunte a Joe. É por isso que eu quis a presença dele. É a única pessoa, entre as que você conhece, que realmente combateu. Se tivesse de falar pelos homens que dentro de alguns meses estarão nas barcas atacando o Japão, o que você diria a Harvey, Joe?

Seu astuto filho da mãe, pensou Joe. Afastou a mão de cima do botão e sentiu que o polegar estava dormente. Ouvira o tiquetaque das partículas atômicas, mas o que enchera o hangar tinham sido as palavras, um aluvião delas, espalhando-se, desde o chão até o teto. E todas nada mais eram do que um preâmbulo, mantendo Harvey distraído, para que Joe pudesse desfechar-lhe o golpe final.

— Então me diga, Joe — pediu Harvey.

— Se você não terminar essa bomba, diria que é um criminoso.

Harvey engoliu em seco. O Geiger acusou os elétrons no anodo, íons no catodo. Os nêutrons dançavam ao compasso das luzes.

— Por outro lado... — Joe se aproximou do pistão... — Falando como amigo... — Inclinou-se por cima do "dragão", olhando para aquela inacabada luz cinzenta, aquele núcleo quase escondido. — Se você quiser ir embora...

O tique-taque se transformou em um uivo. O estilete saltou de cima do gráfico. As seis luzes da régua estavam inteiramente vermelhas, piscando com tal rapidez que não se percebiam os intervalos. O pistão hidráulico caiu, carregando com ele a concha inferior e fazendo tremer o piso de concreto. O núcleo prateado balançou até à beira da cavidade da concha, fez um lento circuito e depois voltou pesadamente para seu lugar. O uivo foi reduzindo sua intensidade. As luzes vermelhas retomaram a pulsação lenta e regular.

— O que diabo foi isso? — perguntou Joe, olhando para o estilete que ainda vibrava, destacado do gráfico. Uma linha vermelha riscara o papel.

— O "dragão" disparou sozinho.

— Não se mexa! — gritou Harvey, começando a desenhar no seu bloco.

Joe estava suficientemente perto de Harvey para ver que ele desenhava um esboço do local, a posição de cada um dos homens em

torno do "dragão", equações, uma curva do estado crítico. Pairava no ar um cheiro enjoativo de gordura, da parafina derretida.

Joe queria terminar o que estava dizendo, mas a oportunidade já havia passado. Implodida. Oppy percebeu; a imobilidade de seus olhos azuis não deixava dúvidas. Aquela era a verdadeira cor dos olhos de Oppy, pensou Joe: azul-íon.

— Você me colocou contra a parede.

— Apenas pedi para que dissesse a verdade e você disse — contestou Oppy.

— Mas não terminei.

— Terminou, sim.

Harvey examinava seus rabiscos.

— Foi você quem provocou tudo isso! — disse ele para Joe

— Eu?

— O núcleo já estava no limite do estado crítico. O corpo humano é composto principalmente de água — dióxido de hidrogênio — que reflete os nêutrons. Oppy e eu não contamos. Você é que é grande. Quando se inclinou por cima do "dragão" disparou os contadores.

— Você me saiu um elemento mais imprevisível do que eu pensava — comentou Oppy.

— Não faz mal — disse Harvey. — Obtivemos os dados.

— Quer dizer que agora estamos radioativos? — perguntou Joe.

— Estamos muito bem — respondeu Harvey. — Não aconteceu nada realmente.

— Tem razão — apoiou Oppy. — Não houve nada.

Os dois olharam para Joe com uma indisfarçável superioridade científica, uma linha nítida separando-os do leigo. Joe ficou imóvel, com sua atenção pela primeira vez voltada inteiramente para a discussão. Era evidente que Oppy vencera. O interesse, porém, era a maneira como Harvey se entregara, o alívio por ter tomado aquela decisão.

— Você sabe — disse ele, voltando-se para Oppy. — Sempre me pareceu que a bomba seria provavelmente levada até o Japão, mas... suponhamos que o avião caia no mar? Talvez seja melhor testar o "dragão" em água salgada.

Até mesmo seu sotaque texano parecia levemente alterado, assemelhando-se ao grasnar de Oppy. Sua atitude mudara, seu entusiasmo

crescera.

O esforço para reconquistar Harvey custou caro a Oppy. Cada uma das crises que ele tinha de vencer roubava-lhe um quilo, deixando-o cadavérico, porém mais determinado do que nunca. Sacudiu a cabeça orgulhosamente, encorajando o fluxo de ideias apresentadas por Harvey, até que este perguntou: — Você quer realmente que eu faça a contagem regressiva em Trindade?

— Sempre desejei que fosse um físico americano — respondeu Oppy — e minha primeira escolha foi você. Uma voz americana.

— Ouçam — interrompeu Joe.

— O quê? — estranhou Oppy. — Preste atenção.

Omega estava localizada em meio a altos pinheiros, onde apenas se ouviam os pios das aves e o zumbido do vento na folhagem. De repente, porém, o uivo da sirene se tornou bem claro.

— Fogo — disse Harvey.

Os três homens contaram juntos os toques da sirene. Oppy esboçou um sorriso irônico, como se ninguém devesse surpreender-se com desastres.

— É na área técnica — informou Joe.

No centro da Colina, espremida entre a estrada principal e a orla sul do platô, a área técnica incluía vinte e seis edifícios completamente díspares. Cada um deles tinha uma placa com uma letra, de A a Z, e a ordem alfabética era a única obedecida por eles. A metade era revestida de tábuas; a outra, de pedra, à moda do Exército. A posição de cada construção em relação à vizinha apresentava os mais diferentes ângulos possíveis e parece que o estilo militar decretara que cada lado se parecesse com a parte traseira.

Um transformador estava queimando. Apesar de tudo, o fogo estava localizado favoravelmente, começou na parte de trás da área técnica, longe dos depósitos de combustíveis, do ciclotron e do acelerador de partículas; nas proximidades havia um posto de bombeiros e vários hidrantes. Entretanto, foi necessário algum tempo para cortar a corrente elétrica do transformador e, quando Joe e Oppy chegaram, tanto os postes, os cabos e o equipamento de distribuição, como os mourões da cerca de arame farpado em torno do transformador atiravam labaredas e uma

fumaça escura que subia para o céu. A cerca impedia que os bombeiros se aproximassem do transformador, arrastando suas mangueiras.

Todo o pessoal da área técnica estava assistindo ao incêndio e à luta dos bombeiros: físicos do barracão do ciclotron, soldados do galpão da caldeira, médicos dos laboratórios, escreventes e, bem na frente, os índios que enxameavam em cada edifício.

Para juntar-se aos espectadores chegou um caminhão cheio de operários das obras em andamento. A Colina lutava com a dificuldade de recrutar essa mão-de-obra, de elevada rotatividade, cada grupo pior do que o anterior, pois os homens sem ficha na polícia provavelmente já tinham sido alistados. A última leva fora de texanos, que trabalhavam de peito nu, como uma marca distintiva, e sempre usavam chapéus. Nos sábados à noite havia tantas brigas em suas barracas, que a polícia já nem tomava mais conhecimento.

Oppy não tirava os olhos do incêndio:

— Não, não — dizia ele.

Os operários saltaram da caçamba do caminhão. Logo em seguida o motorista buzinou e guiou o veículo na direção do fogo. O caminhão — um velho Reo, com para-choque duplo — abriu caminho entre os bombeiros e, acelerando, abalroou dois mourões em chamas e bateu na base de concreto que sustentava o transformador. A seguir, o motorista deu marcha à ré e se lançou novamente, arrancando a grade da cerca, já também tomada pelo fogo. A manobra foi repetida mais uma vez, destruindo os mourões restantes e amontoando entulho em cima do transformador e em torno dos postes de transmissão. Afinal, o motorista recuou para o centro da área e, abrindo a porta da cabine com um pontapé, saltou como um vaqueiro que acabou de derrubar um touro em tempo recorde. Era um sujeito grandalhão, com uma camisa azul e jeans — o único, entre o pessoal de construção, a usar camisa. Deu um soco no ar com a mão esquerda; era canhoto.

Enquanto os técnicos se agrupavam em torno de Oppy, como se o caminhão tivesse sido uma manifestação de sua vontade, Joe manteve-se afastado e dele aproximou-se Félix Tafoya. Na Colina, Félix, com seu macacão cáqui, raramente aparecia, mas em Santiago, era o castrador, o marcador de gado — uma figura respeitada. Seu nariz fora quebrado por

um coice, quarenta anos atrás. As mãos que seguravam um ferro de marcar eram grossas e cheias de cicatrizes.

— Aquele teitano — disse ele a Joe — é o pugilista de Hilário.

— Você tem visto Hilário ultimamente?

— Vou castrar uns tourinhos amanhã. Hilário disse que levará um convidado que deseja ver uma boa castração à antiga. O chefe dos bombeiros era um civil chamado Daley — um irlandês com um pontudo nariz vermelho; aproximou-se e convidou Oppy e Joe para examinarem os restos do transformador. Os dois pólos de alta voltagem estavam carbonizados e iridescentes. Cabos e fios queimados apareciam meio enterrados na lama. Joe teve a impressão de que Daley, por força do hábito, queria mostrar-lhes os restos fumegantes de algum edifício.

— Isto é realmente o que eu desejava que o senhor e o sargento vissem — disse o bombeiro, apanhando no entulho um pedaço de madeira com uma parte ainda em brasa.

— Os dançarinos tinham uns paus assim no pueblo — disse Oppy.

— É o tal bastão que, segundo eles, produz relâmpagos — explicou Joe. — Foi isto?

— Houve gente que viu o bastão ser jogado — disse Daley.

Oppy olhou impacientemente na direção de seu gabinete. Ao voltar-se, estava sorrindo:

— Joe, incêndio doloso, ateado por um índio, é assunto de sua competência. Tome conta disso. Voltarei a pé.

— Um momento, antes de ir embora — atalhou Joe rapidamente.

— Soube que vai haver umas castrações amanhã em Santiago. Gostaria de estar lá, para o caso de alguns touros serem postos à venda.

— Gado e bastões de índios são inegavelmente de sua inteira responsabilidade. Mas não se esqueça de que deverá estar no La Fonda às onze horas. Temos alguns visitantes que vão chegar.

Oppy evitou a lama, sacudiu a fuligem em seu chapéu e rumou para o edifício da administração.

— Incêndio doloso foi o que disse o Capitão Augustino — informou Daley. — Ele já encontrou dezenas desses bastões em vários sinistros. Provocados. Ele deveria estar aqui agora, mas teve de ir a Trindade.

— Isso não é para acender fogo — disse Joe, apanhando O bastão.

— É um pedaço de pau. Alguém o atirou na fogueira. Há uma porção de

índios aqui.

— Eles realmente acreditam que podem provocar relâmpagos?

— Ora, acham que são capazes de fazer o mundo girar. Provocar relâmpagos é brincadeira.

Joe percebeu que o revestimento ainda restante em uma das extremidades do bastão apresentava um brilho de mica, um detalhe típico de Taos.

— É mesmo? — comentou Daiey. Depois, deu uma cusparada, sorriu e esfregou o queixo: — Até parece coisa de louco.

Depois de cavalgar durante três horas, Joe chegou na extremidade do Desfiladeiro de Santiago, onde dos dois lados do sopé da montanha se elevavam em ondas escuras pontilhadas de pinheiros, zimbros, astrágalos e grama, formando núcleos de tons variados. Resolvera pedir o cavalo de Oppy — um azulão grande, chamado Crise. Já fazia mais de mês que o animal não era montado e seu trote devorava alegremente as distâncias.

Ao desmontar para dar água a Crise em um bebedouro, Joe avistou uns cavaleiros do Serviço de Proteção aos Índios, que atravessavam a elevação logo a frente. Al e Billy pararam e, levantando-se nos estribos, examinaram o bebedouro com os binóculos, depois prosseguiram viagem. Joe esperou uns cinco minutos na sombra do bebedouro, até aparecer um segundo par de fiscais do Serviço. Somente quando não se via mais ninguém no horizonte, Joe montou de novo em Crise e reiniciou a jornada na direção das montanhas Jemez.

Embora cavalgasse sob um sol morno, caía nas Jemez uma chuvinha fina, cobrindo os picos com uma nuvem cinzenta, tão leve quanto uma onda sobre pedras. À medida que a trilha subia, aumentavam as ponderosas, os cedros, as ossadas de gado, além de uma nova profusão de flores silvestres, estrelas-cadentes e gílias escarlates. Antes de o desfiladeiro fender a montanha, havia um platô com a forma de um porta-aviões. Joe teve de esporear o cavalo, tropeçando nas pedras soltas, até chegar ao topo.

O platô tinha pouco mais de um quilômetro de comprimento e, no centro, menos de cem metros de largura. Cedros e zimbros se misturavam, erguendo-se sobre a vegetação rasteira. Os cedros tinham formas retorcidas e alguns já prestes a desabar, mas ainda lançando galhos verdes.

O mesmo acontecia com os cactos que pontilhavam a trilha, com talos ora secos, ora vicejantes. Um artifício para sobreviver no deserto era florescer e morrer ao mesmo tempo. O cedro produz boa lenha para as fogueiras. Um galho seco pode durar vários anos, se não tocar o chão. Joe amarrou Crise em um tronco e percorreu a pé o resto do caminho.

No meio do platô estavam as ruínas — um amontoado de pedras, formando uma parede da altura dos joelhos. As pedras eram cinzas vulcânicas. O adobe tinha sido há muito destruído, assim como as repartições internas, marcando o que fora sala ou quartos. Agora, restavam apenas vestígios. As manchas brancas nas pedras eram incrustações de madeira carbonizada, com um milhão de anos de idade. Joe arrancou da pedra um desses nódulos, que se esfarelou em seus dedos, como se fosse talco.

A única escavação existente no platô fora feita por animais. Entre as paredes havia montinhos feitos por esquilos, com terra solta e numerosos cacos de cerâmica — pretos, brancos, marrons — e pedaços de obsidianas espalhados como pedras preciosas. Uma pequena cobra, verde como talo de capim novo, deslizou entre as moitas.

Joe sentou-se para fumar um cigarro junto a um kiva tomado por uma groselheira, com seus galhos escuros e grossos como os de uma cerejeira. O sol descia por trás das Montanhas Jemez, colorindo de vermelho as nuvens no horizonte.

— Alô, Joe. — Roberto e Ben Reyes saíram do meio dos cedros. Usavam seus xales e o cabelo trançado.

— Trouxe uns cigarros para vocês.

— Como soube que estávamos aqui? — perguntou Ben.

— A argila. Sophie vinha vê-los e levava argila. Eu sabia onde era a jazida.

— Tinha certeza de que você viria — disse Roberto.

— Vim porque eles estão encontrando os bastões de vocês lá na Colina.

— Qual a marca dos cigarros que você trouxe? — perguntou Ben.

— Nos incêndios, entendem? A marca é Lucky Strike —

Respondeu Joe, entregando um maço a Ben, que o apalpou

— Como soube que eles eram nossos? — perguntou Roberto, Agachando-se perto de Joe.

— Mica no revestimento. Porcaria típica de Taos. Está na cara — comentou Roberto com um sorriso. O nariz era tão comprido e o cabelo tão castanho que ele deveria ter entre seus antepassados um comerciante francês ou um duro mórmon, pensou Joe.

— Gosto mais de Chesterfield — disse Ben, guardando dois cigarros no bolso, acendendo um e devolvendo o maço.

— Não tem o que agradecer. Vocês são realmente um par de criminosos — replicou Joe, entregando o isqueiro a Ben. — Vocês deveriam estar sumidos em vez de andarem por aí arranjando mais encrencas. Incêndio é um negócio sério para eles.

— Ele acha que fomos nós que provocamos o fogo? — perguntou Ben, acendendo o cigarro.

— Quem? — disse Joe, recebendo o isqueiro de volta.

— O doutor.

— Oppenheimer? Ele não pode deixar de perceber o que é evidente.

— É bastante inteligente — comentou Roberto, fazendo com os dedos sinal para dois cigarros.

— Não sei se devo rir ou chorar. — Joe acendeu os cigarros para ele e Roberto. — Vocês prometeram que iriam ficar de fora, que não pretendiam enfrentar o Exército dos Estados Unidos. Estou avisando. Neste momento, vocês estão se escondendo do Serviço de Proteção aos índios. Isso é uma coisa. O Exército mandará um capitão chamado Augustino e ele os encontrará na certa. E descobrirá também quem é que está cooperando com vocês na Colina, atirando um bastão toda vez que acontece um incêndio.

— Você acha que é assim que nós fazemos? Primeiro o relâmpago, depois o bastão? — perguntou Roberto.

— Foi o que imaginei.

— Eles mandaram você aqui? — perguntou Ben.

— Ninguém me mandou. Para todos os efeitos, neste momento estou lá no posto.

— Mas eles perceberam o relâmpago? — Roberto quis saber.

— Perceberam.

— Então estamos fazendo um bom trabalho — comentou Roberto, dando uma longa tragada. — Nada mau este cigarro



À medida que escurecia no vale, uma lua cheia nascia na Sangres. Eles improvisaram um bivaque na extremidade oriental do platô, onde havia umas reentrâncias na rocha. Ben preparou o fogo em uma delas, usando pedras para escorar galhos e cascas de cedro. Joe acendeu com o isqueiro. O fogo pegou rapidamente e tinha a vantagem de não ser visto de longe. Ben utilizou uma lata para esquentar um guisado com bastante pimenta. Olhando para a outra margem do Rio Grande, eles podiam avistar as luzes de Santiago, Esperanza e até mesmo as da vila de Truchas, na Sangres, além da luminosidade de Santa Fé, na extremidade da cordilheira Sangres. Los Alamos não era visível. Eles esconderam com as mãos em concha a brasa dos cigarros e esperaram que o guisado ficasse pronto.

— Vou arranjar para vocês duas passagens de ônibus para Tucson. Não gostam de Tucson? E que tal Los Angeles? Parece mentira que nenhum dos dois conhece o Oceano Pacífico. Mas, afinal, o que vocês têm contra a Colina?

— É o que eles estão fazendo lá — respondeu Ben.

Vocês nem sabem o que estão fazendo lá. É segredo. O maior segredo desta guerra.

Sonhei que eles estavam preparando uma cabaça cheia de cinzas — disse Roberto.

— Uma cabaça com cinzas?

O sonho foi em Taos. Dois homens da tribo Hopi sonharam a mesma coisa — dois anciãos. Uma mulher em Acoma também sonhou.

Quatro sonhos — observou Joe, sacudindo a cabeça, como se estivesse levando a conversa a sério. Ben continuou mexendo o guisado e ouvindo. Roberto levantou a cabeça e prosseguiu:

— Em cada sonho, eles levavam a cabaça até o topo de uma longa escada e a entornavam. As cinzas envenenadas que caíam cobriam a terra.

Era assim? Assim mesmo. Então deixe-me tranquilizá-lo. Venho acompanhando o que estão fazendo e asseguro que não é uma cabaça de cinzas. Vou trazer-lhes as duas passagens. Mas ainda há uma coisa.

— Bem que eu receava.

— No meu sonho aparecia um gigante. E se as passagens forem de trem?

— Logo que conheci você, fiquei sabendo que era o gigante

— Olhe, Roberto — começou Joe, procurando controlar-se.

— Roberto, você é um bom sujeito, inteligente e estou certo de que é sincero. Mas anda se fazendo de feiticeiro no meio de uma guerra. Lá fora, no mundo real, soldados estão morrendo, cidades são destruídas, mulheres são vítimas de estupros. O que eles estão tentando fazer lá na Colina é acabar com a guerra. Se você e Ben insistem em ser uns doidos varridos, tudo bem, mas não me incluam nisso.

— Está cheirando bem — disse Ben, servindo o guisado para Roberto em um prato de estanho.

— Joe — replicou Roberto — aqui havia um vulcão. Não se pode mais vê-lo agora, porém ainda se sente sua energia. Ele voltou para o interior da terra. Você, Ben e eu voltaremos um dia para dentro da terra. Nossas almas se libertarão como fantasmas e regressarão como nuvens. As nuvens são nossos antepassados.

— Você faria sucesso na Califórnia.

— Está quente! — avisou Ben, entregando um prato para Joe.

— Mas as cinzas envenenarão as nuvens, a água, a terra e todas as coisas vivas que nela existem. Os quatro sonhos são iguais nesse ponto.

— Parece até uma prova científica.

Não havia garfos; Joe pegou com a ponta dos dedos pedaços de carne desprendendo fumaça.

— Eles construirão uma grande escada até o céu. Depois, em meu sonho, um gigante sobe por essa escada.

— Nada mau — disse Joe para Ben. — A fome ajuda. Apenas no seu sonho, Roberto?

— Não é que eu sonhe melhor. Apenas eu sou capaz de concentrar-me mais. Ser cego tem suas compensações. Para mim não há diferença entre dia e noite, acordado ou dormindo. Uma coisa emenda na outra.

— Sonhos e realidade?

— Duas faces da mesma moeda. Concorda?

— Eu diria que a maior diferença no mundo de hoje não é estar dormindo ou acordado, mas estar vivo ou morto. E uma coisa não se ajusta na outra, como a mão em uma luva. É mais como um coto em uma luva. — Joe colocou seu prato no chão — Assim, é melhor não sonhar com um gigante subindo uma escada. Sonhe a respeito do Japão. Sonhe com centenas de milhares de mortos boiando no mar. Sonhe com praias

vermelhas de sangue, cargas aos gritos de banzai, com kamikazes, com cidades de papel e bombardeiros B-29. Ponha um medidor em seus sonhos. Um milhão de mortos, dois milhões, três. Veja, não me importo que você sonhe, mas, por favor, tenha sonhos lógicos. Bem, pensou Joe, sou um mau hóspede. Um silêncio pesado caiu sobre a reunião. Ben parecia constrangido. Estava constrangido ou irritado.

— Tenho de chegar a tempo de ver uma castração em Santiago — disse Joe, pondo-se de pé. — Esse foi meu último aviso. Boa sorte.

Roberto levantou a cabeça onde mal se viam os olhos no fundo das órbitas.

— De qualquer modo, você estava em meu sonho — disse ele.

Joe cavalgou pelo cume enluarado, entre dois desfiladeiros. Em volta, uma série de picos, com as rochas e as árvores, refletiam um brilho de espuma. Havia tanta beleza na noite e ninguém prestava atenção. Ele ainda ouvia a própria voz e as respostas de Oppy. Invasão, baixas, kamikazes. Era isso o que o preocupava, mas as palavras soavam como uma fórmula. A favor de Roberto o argumento era que ele não estava pensando absolutamente na guerra, mas preocupado apenas com seus preciosos pueblos, pouco importava que o resto do mundo fosse para o inferno. Em compensação, Oppy considerava os índios pessoas de um tempo perdido. Sophie tinha razão, pensou Joe. Ele parecia não encontrar suas próprias palavras. Música, talvez, mas não o tipo de palavras e fórmulas que anunciam e explicam as ações. Como se não houvesse palavras para explicar sua posição, nem a favor, nem contra. No espaço, em um alto cume, sob a doce luz do luar. Acabou de descer a encosta perto de um canal de irrigação, onde as lavouras de alfafa agitavam seus penachos azuis, sacudidos pela brisa da noite. Depois de soltar Crise no pasto, Joe levou a sela e o freio para o estábulo da Colina. Ainda havia tempo para arranjar um jipe e chegar em Santiago para ver Félix castrando. Levaria um contador Geiger e testaria algumas vacas, como justificativa da viagem.

No galpão, os alforjes estavam abertos e revirados. Cavalos relinchavam nas baias. Joe acendeu o isqueiro. No chão havia caixas com cravos, freios tortos, rédeas partidas e dois pedaços de madeira em

zig-zague. Os bastões que produziam relâmpagos. Roberto deveria tê-los posto nos alforjes.

A primeira intenção de Joe foi queimá-los, mas não tinha tempo. Enfiou-os dentro da camisa e dirigiu-se para a porta do estábulo.

Entre o estábulo e a Colina havia uma trilha de buracos de golfe cobertos por arbustos. Os gramados estavam cobertos de areia, assim como os buracos. Joe pretendia livrar-se dos bastões, mas estava sob a luz da lua, e se alguém da Polícia Militar estivesse acordado, poderia ver o brilho das varetas.

Ainda os carregava consigo ao chegar na garagem. As chaves ficavam nos próprios carros. Escolheu um jipe, colocou o contador Geiger na mala e, embaixo do banco, guardou os bastões, de maneira a poder puxá-los facilmente e jogá-los fora no caminho para Santiago.

# 7

Os homens sentados nas varas do curral gritavam alegremente, animando os vaqueiros que laçavam os tourinhos ainda no escuro. A castração e a marcação eram feitas a essa hora porque o ônibus para a Colina partia de madrugada.

Havia duas fogueiras acesas, uma no lado de fora do curral, para o café, outra no interior, para Félix Tafoya. Os homens que tomavam café livraram-se de suas canecas e saleiros para poderem apertar a mão de Joe e dizer-lhe bom dia. No lado de dentro, correndo atrás de um novilho, os vaqueiros olharam rapidamente para o recém-chegado. Joe reparou que o vaqueiro mais alto usava na manga uma espécie de divisa e prendia dentro da camisa, como os militares fazem com as gravatas, as pontas do lenço colorido que trazia no pescoço. Não havia uma pessoa em Santiago que não tivesse um filho ou um sobrinho alistado, e Joe sabia que não era somente um herói para eles, mas uma possibilidade real de voltar-se vivo para casa.

Os tourinhos eram Herefords com cabeças tão brancas que pareciam uma manada de fantasmas flutuando. Os vaqueiros atiravam os laços, prendiam os animais e os arrastavam até perto do fogo. Usando um avental de couro sobre o macacão que era seu uniforme na Colina, Félix se ajoelhava junto às brasas, escolhia uma faca com o cabo coberto de couro cru e afiava a lâmina no avental. Braços e cascos convergiam. O fogo parecia revestir Félix de um halo magisterial. "Agora, rapazes!" Enquanto os vaqueiros mantinham o tourinho imóvel, Félix comprimia-lhe os testículos no fundo do saco, cortava-os com um talho e os tirava sobre os carvões; depois, untava a ferida com piche. A meia-lua brilhante do ferro em brasa era encostada com força no flanco do animal e o cheiro de pelo queimado se juntava aos odores do café e dos excrementos das vacas. Com seu terno branco e chapéu de palha, Hilário Reyes aproximou-se da cerca sorrateiramente como um lagarto.

— Ora, quem está aqui? O Cacique! Você viu meu pupilo ontem? Ouvi dizer que ele apagou um incêndio e salvou toda a colina. O que achou?

Pareceu-me bom.

— Você quer dizer ótimo. E o que está fazendo aqui?

— O Exército me encarregou de testar as vacas. E o vice-governador do Estado de Novo México o que veio fazer aqui?

— Tenho o maior respeito pelas técnicas antigas e pelas tradições do povo daqui. Como você sabe, nunca perco uma dança em Santiago. E principalmente, gosto muito de testículos assados.

Hilário esboçou um sorriso de franca e decidida venalidade, antes de afastar-se, a fim de conversar com os homens reunidos em torno do fogo do café, provavelmente para averiguar, segundo Joe supôs, qual o motivo da presença dele no curral. Hilário gostava de ser o pescador, não o peixe.

Joe apoiou-se em um dos varais e ficou olhando o vaqueiro que tentava um pealo — uma maneira especial de atirar o laço para prender as patas traseiras do animal. Entretanto, o laço enroscou-se nas guampas do tourinho e o vaqueiro quase voou com o puxão que sofreu, sendo necessário o auxílio de mais dois vaqueiros para finalmente dominar o animal.

Félix aproximou-se da cerca e ofereceu a Joe um espeto onde fumegava o que parecia ser duas castanhas assadas.

— Se você vai tratar com Hilário, Joe, é bom levar todos os guevos que puder — aconselhou o castrador.

Alguém trepado na cerca atirou um saleiro e Joe o apanhou escuro.

— Vamos rapazes!

— O amigo Hilário não tem muita paciência — comentou Félix. — Ele foi dar uma olhada nas vacas velhas no cercado.

Joe arrancou a pele torrada dos testículos e salgou a parte interna, avermelhada. Era uma cerimônia tradicional — capar os tourinhos e distribuir os testículos entre os assistentes no curral — sem presença feminina e quase secretamente, o que era facilitado pela hora matinal. Um espetáculo ao mesmo tempo necessário, indecente e forte. Os guevos assados tinham a textura de ostras e o sabor de nozes.

— Em breve teremos heróis como medicamentos nas farmácias — disse Hilário, retornando. Joe achou que ele não era tanto um lagarto

como um duende incorrigivelmente satânico Até mesmo seu terno branco lembrava a aura de uma fada má.

— Você não será capaz de mover uma palha pelos heróis. Todos com suas cicatrizes, suas medalhas e suas histórias. Veja, já estou cabalando votos dos veteranos. Vou ser o amigo deles, mas antes quero ser seu amigo.

Félix deu uma risada e voltou para junto de seu fogo, onde os vaqueiros estavam segurando mais um tourinho.

— Como é que vai fazer isso? — perguntou Joe.

— Vou-lhe ensinar como enfrentar a realidade. O lucro é a única medida eficaz da realidade. Preço de mercado, Cacique. A cotação de uma pessoa decadente não pode ser muito alta, mas vou ajudá-lo. Estou pensando em dois mil dólares na mão, para começo de conversa.

O chão em torno da fogueira estava ressequido e poeirento. Vaqueiros e animais se debatiam em nuvens de pó.

"Dois mil?", pensou Joe. "Isso não compraria nem o bar e as toalhas de mesa para a Casa Manana."

— Por que me faz essa oferta? — perguntou.

— Não há um novo-mexicano sincero que não aposte seu último dólar em você no ringue. Foi o oitavo peso-pesado na classificação mundial. Uma noite inesquecível no ginásio de Santa Fé, milhares de amigos e torcedores, uma porção de padres — eles sempre valorizam uma luta. Não posso imaginar uma maneira melhor de comemorar o fim da guerra do que a apresentação de despedida do Cacique Joe Pena.

— Já me aposentei.

— Ele é o garotão do Texas de que lhe falei.

— Estou empenhado em melhorar as relações entre o Texas e o Novo México.

— Então deixe-me perguntar-lhe uma coisa — disse Hilário, levantando a voz de maneira que todos no curral pudessem ouvi-lo. — Apenas por simples curiosidade. Você acha que pode vencer, se lutar com ele? Mera curiosidade.

Joe sacudiu os ombros. Ao longo da cerca, os vaqueiros se inclinaram para a frente com os saleiros e os cigarros nas mãos. Segurando a faca, Félix levantou os olhos. Até o tourinho pareceu imobilizar-se.

Porque acho que ele vai acabar com você — continuou

Hilário. — Canhoto, dez anos mais moço, dez anos mais rápido. Você parece flácido e cansado. Deve estar com medo do garotão. Não é nada engraçado levar uma surra em público.

— E você ainda se diz meu amigo?

— Eu não gostaria de ver você apanhar sem ser adequadamente pago.

— Quer dizer, sem você ser adequadamente pago.

— Também.

Joe tirou um cigarro do maço e o acendeu. Seu aspecto seria mesmo o de um liquidado? Lamentou não ter prestado mais atenção quando o garotão derrotou Ray. Lembrava-se daquela figura saltitante, em frente ao Edifício D, empinando seus ombros largos, os punhos na altura do queixo. Foi pena não ter visto a cara dele. Sempre revela mais coisas.

— Dê-me uma resposta direta — insistiu Hilário. — É isso o que quero saber para testar a realidade. Você acha que pode ganhar?

— No duro?

— Nosso trato depende disso. Joe ainda hesitava.

— Cinco mil, Joe. Apostas por fora são com você.

— Dez mil, o vencedor levando tudo.

— Você é louco. Estamos falando de realidades.

— Tio, a realidade é que a guerra e os soldados estão voltando para casa. Você é uma formiga no deserto, esperando que o piquenique acabe. O garotão pensa que pode me derrotar?

— Acha que pode.

— Então a proposta de o vencedor levar tudo deveria ser vantajosa para ele.

— Bem, mas o resto das regras fica comigo. Nada de padres, de luvas, de ringue nem de juiz. Um acontecimento estritamente esportivo para as partes interessadas. Afinal, você sabe como proceder em um ringue, como encurrular nas cordas um adversário mais rápido. O juiz trataria apenas de não atrapalhar. Eu me encarrego da contagem do tempo dos rounds.

— Quantos?

— Enquanto durar.

— Dentro de uma semana — disse Joe.

— Impossível.



— Lutaremos dentro de uma semana. Você disse que era capaz de organizar uma luta em dois dias.

— Preciso de dinheiro do Texas, de El Paso, de Lubbock. É uma viajada.

— Facilitarei as coisas para eles. Faremos a luta a meio caminho, no Café Coruja, no sul de Socorro. Na noite do dia 15. Sim ou não?

Por um momento Joe pensou que Hilário iria desistir:

— Você veio aqui para negociar, seu filho da mãe. Você veio procurar por mim.

— Pensando na vida em tempo de paz, Hilário, como você.

— Está bem — replicou Hilário, despedindo-se de Joe e dos vaqueiros com movimento de cabeça. — Está bem. Faça suas apostas, Joe. Ficará surpreso com a cotação do famoso Cacique Joe Pena.

Com as patas amarradas, o tourinho parecia estar nadando em terra. Félix comprimiu o saco, abrindo caminho para o golpe da faca. Hilário ajeitaria tudo. Não era uma questão de ponto de vista, mas de ação, de dinheiro, reunindo os dois únicos pugilistas no estado. Os olhos do tourinho se arregalaram.

Joe caminhou até um bosque de choupos para urinar. Tinha de começar a cuidar novamente de seus rins. Mais uma luta. E dormir com regularidade. Uma estrela matinal, bem azul, apareceu por cima do rio. Júpiter? Vênus? E se não houvesse lua? As pessoas são presas à terra pela gravidade, mas também atraídas pela massa móvel da lua. E se não houvesse lua, nem atração, apenas a corrente pesada e monótona fixando-nos na terra? Nenhuma luz à noite, além das estrelas que parecem dizer: "Somos frias e distantes." E se ele perdesse?

Como se procurasse uma desculpa, tirou o contador Geiger do jipe e viu que havia um pequeno potreiro um pouco adiante. Mesmo na meia-luz da madrugada, percebeu que as vacas eram velhos animais que Félix arrebanhara nos mais escondidos desfiladeiros e marcara. O homem encostado na cerca era a mais improvável das presenças — um sujeito baixo, metido em um terno. Estava de costas para Joe, acariciando os animais através da cerca - prudentemente, aliás, porque eles eram suficientemente bravios para darem umas chifradas em quem entrasse no potreiro. Não, o homem não estava acariciando, mas penteando e guardando em um envelope os pelos que ficavam no pente.

— Cacique! Oh, Cacique!

O homem se virou, surpreso. Era moreno, com um rosto oval, o lábio inferior protuberante e os cabelos pretos tão ondulados que parecia que ele fizera permanente. Quando se virou, o pente e o envelope já haviam desaparecido.

Apesar do terno austero, com jaquetão, usava botas de vaqueiro. Deu um passo hesitante na direção de Joe e ofereceu-lhe a mão flácida.

— Não ouvi você chegar. Nós fomos apresentados no La Fonda, no bar. Sou Harry Gold.

— De Nova York?

— Vim com Happy.

— Com Hilário. O que foi que aconteceu?

Harry Gold deixou escapar uma risadinha constrangida:

— Deixei cair meu chapéu novo.

Joe correu os olhos por dentro do potreiro. Havia cinco vacas, pretas e castanhas, um misto de Angus e Hereford, com ar assustado e alerta. A mais próxima tinha uma pata sobre um chapelão amarrotado.

— Você queria comprar um novilho?

— Estava pretendendo fazer um churrasco.

— Félix está castrando uns tourinhos agora mesmo. Leve um deles.

— Boa ideia — concordou Gold.

— Félix se encarregará de carnear o novilho para você. Faz isso melhor que qualquer açougueiro.

— Estas vacas me parecem um tanto velhas.

Não apenas velhas, pensou Joe. Como a luz já melhorara, pôde ver que duas ou três apresentavam manchas na barriga e nos flancos.

Normalmente, uma vaca começa a envelhecer no pelo do focinho. Quando abriu a porteira, Joe viu que o animal mais próximo abaixava a cabeça com um par de chifres pontiagudos e recuava. Joe avançou pelo meio das vacas e passou a mão pelo flanco de uma delas, arrepiando o pelo leitoso. O couro, embaixo, era preto, como o da vaca que ele matara anteriormente.

— Seu chapéu — disse Joe, saindo do potreiro com um chapéu amarrotado de vaqueiro na mão.

— Obrigado — disse Gold, recuando e pisando em um monte de bosta de vaca. — E minhas botas novas também!

— Molhe bem nessas poças d'água — sugeriu Joe. — Secarão depressa.

— É o que vou fazer. Adiós.

— Até outra vez.

Durante todo o tempo, Joe conservara o contador Geiger na mão. Quem não soubesse o que era aquele aparelho teria perguntado, pensou Joe.

Harry Gold sabia.

Quando Joe chegou em Santa Fé, as índias estavam estendendo seus cobertores no portal, o quiosque do antigo Palácio do Governador, no lado norte da praça. Agentes do FBI, à paisana e com seus chapéus desabados, os "sombros" tomavam seus lugares nos bancos embaixo dos choupos da praça.

Os agentes acompanhavam os cientistas desde a Colina, sempre que vinham fazer compras, e ficavam esperando na praça. O ônibus do Exército deixava os visitantes perto da Palace Avenue. As lojas se localizavam ao redor da praça; terminadas as compras, todos se dirigiam ao La Fonda, para os drinques.

Joe substituíra Ray Sting, que ficara tão excitado ao saber da luta que nem quis ir ao aeroporto para receber os convidados especiais que iriam assistir ao teste Trindade. Apenas aviões pequenos podiam aterrissar em Santa Fé, e a viagem por cima das montanhas era tão desagradável que a chamavam de "Cometa do Vômito". Oppy já estava no La Fonda, em companhia de alguns psiquiatras e representantes do Serviço de Informações de Guerra, que haviam chegado em Lamy no trem da manhã.

Em vez de sacrificar e enterrar as vacas, Joe as levou até o Córrego Santiago, certo de que elas achariam o caminho de volta ao desfiladeiro. Suado, sujo e cansado, se refugiou à sombra do obelisco no centro da praça, de onde poderia vigiar o La Fonda. Tirou um cigarro do maço mas desistiu, colocando-o de volta. Suspendeu o fumo. Achou que fosse odiar o boxe. Mesmo exausto, sentia seu corpo vibrar ante a expectativa de luta, como se desejoso de adversários à altura de seu valor. Os primeiros turistas começavam a chegar, percorrendo o portal. Nada de soldados ainda. Joe viu Hilário deixar Harry Gold em frente ao La Fonda, depois prosseguir, enquanto Gold entrava no hotel. Na praça, os "sombros"

fingiam concentrar-se em seus jornais, as manchetes da manhã anunciavam que Truman chegara em Berlim.

Um espião? Depois de todo esse tempo, um espião, afinal? Eram necessárias mais provas do que uns poucos pelos de uma vaca contaminada.

Um homem com uma auréola de cabelos brancos aproximou-se do obelisco. Joe precisou de algum tempo para reconhecer "Noel", pois o rosto do psiquiatra da Colina estava cheio de bolhas brancas e as mãos metidas em luvas de algodão.

— Abelhas — explicou ele. — Puramente psicossomático, nada contagioso. Desde que fizemos aquela viagem pelas montanhas, carregando aquilo que você sabe.

— Você tem certeza? Os médicos o examinaram? — perguntou Joe, sentindo certa dose de culpa.

— Todos os dias — replicou "Noel". — Eu deveria estar neste momento com Oppy, prestando informações aos nossos homens. Temos alguns excelentes alienistas, uns adeptos de Jung, outros rigidamente freudianos. O General Groves escreveu uns comunicados para a imprensa e vamos aproveitá-los para um impacto psicológico. É claro que, se a bomba falhar, não será divulgado comunicado algum, mas se houver uma grande explosão, então informaremos que um depósito de munição foi pelos ares, sem qualquer perda humana. Se, porém, o deserto explodir, com todo o pessoal que estiver lá, então teremos de inventar outra história. A preocupação principal será evitar o pânico e trazer nossas equipes, muitas das quais estarão localizadas ao abrigo da explosão, para que verifiquem quais as cidades mais afetadas pela chuva radioativa. Acho que posso confiar em você.

— É mesmo?

— Nesta hipótese, o comunicado teria que escolher uma alternativa, de acordo com a emergência. "Epidemia", "água contaminada", "guerra química". Minha opinião é que deveríamos dizer logo que é "guerra química", pois ninguém irá acreditar em epidemia. Os freudianos preferem, naturalmente, "água contaminada". Gold apareceu na porta do La Fonda usando sapatos, em de botas, e um chapéu de feltro, em lugar do amassado Stetson. Fumava charuto e tinha um jornal dobrado sob

o braço. Atravessou a rua e entrou em um pequeno edifício na esquina oposta — a agência da Estrada de Ferro Santa Fé.

— Você deve estar pensando — disse "Noel" — por que, com tudo isso acontecendo, estou de fora?

— Eu? — murmurou Joe, distraído.

— Eles estão recrutando voluntários para integrarem a equipe de Trindade. Você acha que estou me comportando covardemente?

— E você, o que acha? "Noel" deu uma risadinha:

— Sabia que você iria dizer isso.

Gold saiu da agência, parou na esquina e olhou para o relógio de pulso, depois para outro em cima da coluna na frente de uma joalheria, no lado sul da praça. Voltou a atravessar a rua, na direção do La Fonda, mudou de ideia e continuou pelo lado sul, passou por uma loja de presentes, pela joalheria e entrou na lanchonete, sentando-se no balcão.

— Mas é bom ter alguém com quem conversar — disse "Noel".

— Desculpe-me.

Ao ver que uma garçonete trazia uma xícara de café para Gold, Joe deixou o obelisco e rumou para a agência da estrada de ferro. A funcionária era uma matrona espanhola que informou a Joe que o amigo que ele acabara de descrever estivera lá minutos antes, mas que ela poderia vender uma passagem para o dia 17, no mesmo trem de Kansas City e Nova York. Joe respondeu que não sabia se poderia viajar naquele dia e pediu que, se por acaso o amigo dele voltasse, ela nada dissesse, pois queria fazer uma surpresa.

Ao retornar à praça, Joe viu "Noel" caminhando na direção oposta, desajeitadamente, como se tivesse uma perna engessada. Na lanchonete, Gold ainda sorvia seu café. Embora mantivesse o jornal a seu lado, o New Mexican, identificável pela águia junto ao título, Gold não se dava o trabalho de ler. Permanecia sentado, contemplando os anúncios coloridos dos sorvetes, imerso em seus pensamentos, mordendo o polpudo lábio inferior. Olhou mais uma vez para o relógio, depositou algumas moedas sobre o balcão e saiu.

A praça começava a se animar, os turistas passeavam e entravam nas lojas, as crianças corriam em volta do coreto, corri pistolas de brinquedo nas mãos. O banco situado no lado leste da praça abriu suas portas. Um caminhão com malotes de correspondência estacionou em

frente à agência dos correios e no quarteirão seguinte, em frente à catedral. Não havia sinaleiras nas esquinas. Os veículos se deslocavam em torno da praça no sentido contrário ao movimento dos ponteiros do relógio e paravam nas esquinas, antes de prosseguir.

Gold estava na beira da calçada, pronto para atravessar a rua em frente à praça na direção do obelisco e de Joe. Passou o caminhão do leite, depois uma carroça de navajos. Agora, Gold subia a rua, como se fosse voltar para a agência da estrada de ferro, na outra esquina, sem prestar atenção ao relógio da joalheria nem aos tambores dos índios na vitrine da loja de presentes. De repente, pareceu ter tomado uma decisão. Passou pela agência, pela loja de presentes, pelas colunas jônicas do edifício do banco, atravessou a Palace Avenue e enveredou por uma rua lateral até a Casa Maytag. Joe não sabia por que estava seguindo Gold. Curiosidade? Uma sensação de que tudo a respeito de Gold estava errado. Parecia carregado na esteira daquele homenzinho gordo. A Maytag vendia máquinas de lavar em um dos lados da loja e discos no outro. Gold examinou a relação dos últimos sucessos musicais, pregada em um canto da vitrine. Por fim, voltou para a rua e se dirigiu para a praça, onde estava a principal atração de Santa Fé — os índios no portal.

A construção não era mais do que uma arcada, em cuja sombra mulheres dos pueblós do vale do Rio Grande se abrigavam, aproveitando a proteção da parede de adobe. Cada índia estendera à sua frente um cobertor ou um tapete, sobre o qual expunha potes vermelhos de San Juan, potes negros de Santiago, potes gêmeos de Santa Clara, berloques de Santo Domingo ou cintos navajos com incrustações de prata. Algumas mulheres trajavam vestidos de um ombro só, mas a maioria usava saias de algodão, aventais e blusas. Passavam o tempo bocejando, lendo revistas de cinema ou conversando, sem darem muita atenção aos turistas que paravam e até se ajoelhavam para um exame melhor dos produtos exibidos. Como aquela visita fazia parte do programa do passeio, os possíveis compradores, vestidos com trajes berrantes, fingiam muito interesse.

Gold se juntou a três sargentos que examinavam uma coleção de brincos, braceletes e grampos para o cabelo. O topo do chapéu de Gold mal chegava à altura dos ombros dos militares. Um deles admirava um grampo que tinha uma cauda de pavão feita de pedras brancas e pretas.

Joe se esgueirou entre os carros estacionados diagonalmente ao longo da calçada do portal, cuja parte saliente do teto estava apoiada em postes maciços de pinho, polidos pelo contato de gerações de turistas. Sem ser visto, Joe podia vigiar todo o interior do portal. Reconheceu algumas das mulheres que vendiam artigos de cerâmica. Quase à frente dele estava uma garota de rosto redondo e corado, com longas tranças negras; era uma prima dele, chamada Polly, apelido de Paulina. Ela pôs de lado um exemplar de *Modern Screen* que estava lendo, a fim de mostrar, para um freguês com um chapéu-panamá, um dos potes negros e brilhantes de Sophie Reyes. Gold se aproximou, os olhos passavam de um cobertor para outro. Afinal, parou, examinando uma piteira de prata. Parecia ter gostado muito da joia e recolocou-a sobre o cobertor com evidente pesar. Acompanhou depois duas freiras que examinavam crucifixos de prata, adotando então um ar de discreta reverência. Gold parecia estar possuído de um sentimento de solidariedade, adotando entusiasticamente o humor das pessoas que encontrava. Deixou que uma vendedora colocasse um prendedor em sua gravata. Era um aviãozinho prateado, e a gravata tinha umas palmeiras pintadas a mão. Ele devolveu o pregador e se inclinou sobre o cobertor seguinte, o de Polly.

— É para frutas? — perguntou, apanhando uma tigela com uma serpente enrolada nos bordos.

Polly sacudiu os ombros, mas o homem de chapéu-panamá interveio:

— Alguém coloca frutas sobre um quadro de Rubens? Essa aí é uma tigela feita por Sophie Reyes.

— Ah, ela é famosa? — perguntou Gold, impressionado.

— Para colecionadores.

— Você coleciona também? — Gold examinava atentamente a cerâmica.

— Coleciono as de Dolores. Já morreu, e é muito difícil encontrar peças feitas por ela.

— Como se fossem obras de arte.

— São obras de arte. — O homem de chapéu-panamá, ao tirar a tigela das mãos de Gold, levantou o rosto e Joe viu que o colecionador era o Capitão Augustino à paisana. — Estes potes representam uma expressão do conceito que os nativos tinham da terra e de como o homem nasceu, e

cada pote é ao mesmo tempo a terra e o útero. Uma concepção muito bonita e sugestiva.

— A decoração...

— Não é decoração — Augustino interrompeu Gold. — Há representação. A cobra é o eterno ciclo do mundo. Representa o relâmpago. Relâmpagos trazem chuva. Chuva faz o milho nascer. Veja as contradições da violência e da fertilidade reunidas no mesmo símbolo. Esta tigela é uma visão da harmonia primitiva — embora não tão completa como as de Dolores.

— São as que você coleciona?

— Posso mostrar-lhe minha coleção, se lhe der prazer.

— Muito obrigado, mas ficarei em Santa Fé apenas um dia...

Gold ainda examinou os últimos cobertores e deixou o portal, consultando mais uma vez o relógio de pulso. Um ônibus de turistas estava estacionado na esquina e o guia anunciava, através de um megafone, qualquer coisa ininteligível. Câmaras fotográficas apareciam nas janelas do ônibus. Se Gold fizesse parte da excursão, Joe não poderia segui-lo sem ser visto. Ademais, estava preocupado com a presença de Augustino. O capitão deveria estar, naquele momento, em Trindade, a trezentos quilômetros dali.

O ônibus arrancou sem levar Gold, que se afastou caminhando apressadamente, as calças sacudindo-se em torno de suas pernas curtas. Joe olhou para trás. Augustino desaparecera do portal. Gold se dirigia para a lanchonete onde estivera anteriormente, mas passou direto por ela e pela Farmácia Rexall, depois dobrou à esquerda na Rua Don Gaspar, que era pouco mais do que uma viela, com seus bares e casas de penhores. Joe se mantinha um quarteirão atrás, mas Gold parecia não se preocupar com a possibilidade de estar sendo seguido.

Dois quarteirões depois da praça, ao longo da avenida chamada Alameda, o Rio Santa Fé aparecia como cano aberto de esgotos ou um riacho. Pedras, galhos e latas enferrujadas enchiam o leito, mas os choupos cresciam luxuriantemente nas margens ocultando a sujeira. Uma passarela de concreto, chamada ponte Castillo, conduzia à margem oposta, podendo-se ver, através dos choupos, a cúpula branca do edifício da Assembleia Estadual. No meio da passarela, Klaus Fuchs fumava um cigarro, contemplando uma bicicleta abandonada ou carregada até ali por



alguma enchente que por vezes fazia o rio extravasar. Os pneus já haviam desaparecido, talvez levados em uma das campanhas para recolher borracha destinada ao esforço de guerra. Fuchs apoiara o pé sobre um dos três canos que serviam como proteção. Tinha um jornal dobrado embaixo do braço. Joe se escondeu atrás de um choupo e ficou observando.

Logo que Gold entrou na ponte, começou a apalpar os bolsos do casaco e da calça. Um cigarro apagado pendia de seus lábios. Aproximou-se de Fuchs. Este sacudiu a cabeça, tirou do bolso um isqueiro, acendeu o cigarro de Gold e, sem esperar por um agradecimento, afastou-se apressadamente. Parecia um boneco de molas caminhando pela ponte em direção à Alameda. Gold imitou a posição de Fuchs, pé sobre o cano, o olhar perdido na bicicleta abandonada nas pedras lá embaixo.

Chegando na Alameda, Fuchs entrou em seu Buick; não viera de ônibus, evitando passar pela praça. Joe achou que não deveriam ter sido trocadas mais de duas palavras na ponte. Gold continuava olhando o rio, os galhos e, mais além, os reflexos do sol na cúpula do edifício da Assembleia. Sorriu para duas meninas, montadas em suas bicicletas. O ônibus dos turistas passou, deixando um eco de vozes e a imagem dos rostos nas janelas. Gold olhou por cima do ombro na direção de Joe, mas não como se estivesse preocupado ou visto qualquer movimento. Depois voltou a mostrar-se descontraído, acabou seu cigarro, reprimiu um bocejo que se transformou em um sorriso de alívio, jogou fora o cigarro e deixou a ponte.

Gold caminhou até a Alameda, dobrou na Guadalupe e na San Francisco, contornando o quarteirão antes da praça. Em frente ao Cinema Lencic, parou para ler um anúncio do filme *Here Come the Co-eds*, com Abbot e Costello. Vendo seu reflexo no vidro, passou a mão no rosto. Um momento depois, Joe também viu sua imagem refletida, um sargento com o uniforme amarrotado, o cabelo desfeito, as faces encovadas. A praça estava agora mais movimentada. Os turistas que saíam da lanchonete pediam aos índios que posassem para fotografias. Como se estivesse nadando, Cleto, o vendedor de Santo Domingo, se plantara no meio da calçada com os braços abertos cheios de colares de turquesa. Sua trança estava meio desfeita, e a camisa toda respingada de molho, mas ainda assim mantinha uma expressão de soberano desdém. Gold desviou-se da multidão em torno de

Cleto e teve de esperar que um caminhão do Exército passasse para atravessar a rua. No outro lado, na porta de serviço do La Fonda, carregadores uniformizados transportavam malas.

Joe passou também por Cleto. Se entrasse no hotel, Gold ficaria fora de suas vistas, pensou Joe, sentindo que alguma coisa acontecera na ponte, embora não soubesse o quê. Gold parou na esquina, o jornal apertado sob o braço. Era o Albuquerque Journal, mas o que ele levava consigo, ao entrar na ponte, era o New Mexican. Em pensamento, Joe reviveu a cena: Gold, com o cigarro nos lábios, apalpando os bolsos à procura de fósforos, depois caminhando até o centro da ponte e aproximando-se de Klaus Fuchs, que lhe entregou seu jornal, para procurar melhor o isqueiro no casaco; a seguir, bruscamente acendeu o cigarro de um desconhecido, apanhou o jornal de volta e foi embora, deixando Gold em uma contemplação solitária do Rio Santa Fé. Não pegara de volta o jornal dele, mas o de Gold. Houvera uma troca.

Em frente à porta de serviço do hotel, Joe interpelou Gold, que revelou um involuntário gesto de surpresa.

— Tinha esperança de encontrá-lo outra vez — disse Joe. O sangue fugiu tão subitamente do rosto de Gold que parecia que o homem iria desmaiar.

— É mesmo?

Mais carros estacionavam, mais bagagem era descarregada. Joe passou o braço por cima dos ombros de Gold e afastou-o do caminho.

— Estava pensando no seu Stetson que aquela vaca pisou em cima lá no potreiro. Um amigo meu tem uma chapelaria bem perto daqui. Vamos até lá, escolher um chapéu novo.

— Não se incomode.

— Incômodo nenhum.

— Discretamente, Gold procurou desvencilhar-se, mas a mão de Joe era como uma garra em seu braço.

— Preciso dar um telefonema.

— Vamos ali naquela esquina. Apenas um momento. Joe! Olhe aqui!

Era a voz de Anna. Ela estava na beira da calçada em frente usando o colar de turquesa que havia ganho dele; no cabelo brilhava o grampo de prata que ele vira no portal e as mãos seguravam o pote preto que

Augustino estivera admirando. Com sua blusa havaiana, ela conseguia ser uma mistura de índia, judia e polinésia, um quadro bizarro e extraordinariamente belo. Levava consigo também uma sacola da Maytag. Por que estaria Anna fazendo compras na cidade justamente em um fim de semana? Ela atravessou a rua por trás de um ônibus de turistas que parará em frente ao hotel. O agente do FBI atrás dela acompanhou-a com o olhar; não era difícil segui-la.

— É um dos potes de Sophie.

Ela exibia o sorriso satisfeito das pessoas que de repente descobrem uma nova cidade, onde gostariam de morar algum tempo e, contra todas as expectativas, são convidadas para ficar. Anna não tomou conhecimento da presença de Gold, nem dos carregadores ou dos turistas que desciam do ônibus.

— Espere-me no bar — disse-lhe Joe. — Não vou demorar.

— Veja só o que tenho — disse ela, colocando o pote cuidadosamente na sacola e mostrando um disco de Billie Holiday, Lover Man. — Aqui está minha educação à americana.

Gold conseguiu livrar a mão direita e a estendeu a Anna:

— Harry Gold.

Joe estava tentando fazer com que Anna se encaminhasse para o La Fonda, quando Oppy saiu do hotel e foi ao encontro dos três, com um sorriso forçado. As olheiras revelavam o estado de exaustão em que se encontrava.

— Onde diabo você se meteu, Joe? Estou há mais de meia hora esperando por você.

— Harry Gold — disse Gold, estendendo a mão para Oppy.

— Será que estou interrompendo um assunto particular entre os dois? — perguntou Oppy, sem olhar para Anna e ignorando a mão estendida de Gold. — "Noel" me disse que você estava aqui. Veio dar um passeio, tomar um drinque ou fazer uma pequena farra?

— Pode esperar um minutinho? — pediu Joe.

Cleto se intrometeu na frente de Gold e esticou um braço cheio de colares pendurados.

— Dois dólares.

Turistas que desciam do ônibus se agruparam em torno de Cleto, empurrando Gold.

— Preciso marcar hora para poder falar com um sargento? — perguntou Oppy. — Com meu próprio motorista? E onde se meteu você ontem à noite? Fui até o seu quarto, mas você não estava lá.

— Saí por uns instantes.

— Estive duas vezes. Procurei-o por toda parte e não consegui achá-lo. No Exército isso se chama deserção.

— Pergunte para mim onde ele estava — disse Anna. Oppy enrubescceu, como se tivesse levado uma bofetada. O ônibus de turistas se afastou e Cleto atravessou a rua.

— Por favor, pergunte para mim — insistiu Anna. Oppy baixou a cabeça, como um crucificado.

— Não vai perguntar? Bem, se quiser saber mais alguma coisa, estarei no bar, bebericando um martíni não tão perfeito quanto o seu. Voltarei para a Colina com Klaus, mais tarde. Se é que você pretende controlar onde cada um de nós se encontra em determinado momento.

Oppy não levantou a cabeça enquanto ela não se retirou; depois, piscou repetidamente, como se quisesse livrar-se de uma visão.

— Joe, onde você andou?

Gold já fora embora. Joe ainda vira quando ele subia a rua, passando pela loja de discos; quando o ônibus se aproximou, Gold se pendurou no estribo, com o jornal apertado sob o braço.

— Encontrei um espião — respondeu Joe.

Lado a lado, Oppy e Joe percorreram um quarteirão até alcançarem os velhos pátios da Palace Avenue. Era ali que estacionava o ônibus da Colina, o jipe de Joe se encontrava logo atrás. Oppy abriu a cancela de ferro de um dos pátios menores — uma estreita galeria formada de colunas lavradas e ramos floridos, marginando um relvado tostado de sol.. O cubículo no fim da galeria era o escritório de representação da Colina no centro de Santa Fé.

— Você está se referindo a Gold — disse Oppy em voz baixa embora não houvesse mais ninguém no pátio. — Augustino já havia me falado a respeito dele. O capitão está tratando do problema. Não sei por que você se meteu nisso.

— Gold esteve em Santiago esta manhã.

— Augustino, já disse, está cuidando de tudo. Você deve sair do caminho dele. Vamos torcer para que não tenha espantado a caça. Como

sabe, Joe, estamos nos aproximando rapidamente do clímax deste fantástico empreendimento. Não tenho tempo nem paciência para me preocupar com você nem com suas aventuras, justamente quando o esforço de milhares de pessoas e a vida de inúmeros soldados estão em jogo. Você é uma rodinha insignificante em toda a engrenagem. Por favor, não me amole mais. Saia do meu caminho, saia do caminho do Capitão Augustino e, se quiser prestar um grande serviço a Anna Weiss, saia do caminho dela também.

A lua já nasceu? — perguntaram as trompas. As mesas estavam dispostas em torno da pista de dança e da orquestra, enfeitadas com toalhas vermelhas e velas, algumas com baldes de champanha de onde escorriam gotas formadas pelo gelo. A lua já nasceu? — também perguntavam os trombones. Garçons de jaquetas vermelhas passavam equilibrando bandejas cheias de pratos. Candelabros de ferro iluminavam as paredes de adobe. Na varanda, uma geração de jovens oficiais dançava com moças de vestidos longos e ombreiras estofadas, umas louras imitando Ginger Rogers, outras morenas, tendo Heddy Lamar como modelo. O clube tinha capacidade para receber duzentos fregueses para dançarem e jantarem, além de mais uns quarenta no bar.

O grupo de saxofones repetiu a pergunta: A lua já nasceu? O líder explorou o tema com uma série de variações. Quando os clarinetes se intrometeram em falsete, Joe se lembrou de Harvey. O contrabaixo fez o eco da pergunta musical e a passou para a bateria, que a recebeu com uma batida dos pratos, depois um rufar do tarol e finalmente o baque do surdo. A lua já nasceu?

À frente de uma cortina de pelúcia vermelha, os músicos da orquestra trajavam jaquetas brancas, as estantes das partituras estavam ornamentadas com claves douradas e, como o piano, eram também brancas, embora o pianista estivesse de uniforme cáqui. Joe retomou o tema com a mão direita no teclado, como se tudo tivesse sido, até aquele momento, uma cerimoniosa introdução. Prosseguiu delicadamente, como uma galinha catando diamantes, até desembocar em um boogie woogie, acompanhado por todos os instrumentos.

— Você se lembra de como foi que me alistei, depois daquele concerto à meia-noite? — Joe perguntou a Anna.

O interessante em toda a história não era o fato de que estava querendo subornar Shapiro, a fim de deixar a Colina e ir para Albuquerque cinco dias antes de Trindade; era que Anna resolvera ir com ele. No momento, ela usava o grampo de cabelo e uma blusa navajo de veludo verde. Pollack havia lhe oferecido uma gardênia para colocar nos cabelos e ela estava sentada com o proprietário da Casa Manana em sua mesa, logo atrás do bar. De smoking, Pollack se parecia mais com um embaixador africano do que com um dono de nightclub. Serviu champanha para ela e se contentou com um copo de água mineral.

— Mais uma vez! — gargalharam os saxofones. Agora Joe tocava Moon, com pequenos trechos de Blues in the Night, Swingin' the Blues, Blowin' the Blues Away, explorando a harmoniosa melodia. Sentia que todos os acompanhavam como se o teto do clube tivesse sido arrancado, deixando à mostra uma noite estrelada e calma. Aquelas pessoas estavam prontas para enfrentarem o impossível. Melhor do que um luar em junho era um luar em julho. Elas haviam estado em uma guerra durante cinco anos e agora a luta na Europa acabara e a do Pacífico estava no fim. Blue Skies Smilin' at Me, começou ele, e o clube inteiro pareceu levantar-se. Se esses céus azuis fossem explodir, todos estavam prontos e ele aproveitou o trecho "... os pássaros azuis cantando uma canção", introduzindo-o na melodia de Moon, um acorde de cada vez. As duas melodias se misturaram, depois se separaram novamente, o teclado e os dançarinos aceleraram o ritmo, até que ele voltasse à frase melódica, terminando a disputa musical com os acordes iniciais de A Lua já Nasceu?, como se ela fosse o sol.

— É esta a Casa Manana? — perguntou Pollack, quando Joe voltou para a mesa. — É um clube maravilhoso.

— O melhor — replicou Joe, fazendo um sinal para o garçom.

— Você disse que era sócio do pai de Joe. — Anna brincava com o grampo que ela tirara com a gardênia.

— Mike Pena — confirmou Pollack.

— Fazia, o quê?

Antes de responder, Pollack olhou para Joe: — Distribuição, principalmente.

— Um negócio perigoso — acrescentou Joe. — Mike estava uma noite entregando um carregamento de Schenley vindo do México, quando

furou um pneu ou ele atropelou uma vaca ou talvez tenha cruzado com alguém que lhe deu um tiro na cabeça. O caminhão capotou e a gasolina junto com a carga alcoólica explodiram como um coquetel molotov.

— Nunca ficou esclarecido, não se achou a bala — explicou Pollack.

— O inquérito foi feito por um juiz chamado Hilário Reyes — acrescentou Joe. — Não apurou coisa alguma.

— Mandei Joe para El Paso, antes que ele se metesse em encrencas — continuou Pollack, voltado para Anna. — Um irmão meu estava trabalhando em um circo. Achei que Joe poderia cuidar dos elefantes, mas ele enveredou logo pela música. É verdade que, antes disso, costumava tocar órgão no pueblo. Fazia parte do coro da igreja, coisas assim.

— E Mike gostava de sua música? — perguntou Anna.

— Não — confessou Joe com uma risada. — Achava horrível.

Levou-a para a pista e dançaram o Flamingo, versão Ellington.

— Há clubes como este em Chicago? — perguntou ela.

— Há grandes clubes por lá.

— E você gostaria de ir tocar em Chicago?

— Não. Quando eu der baixa do Exército, não vou receber ordens de mais ninguém. Terei meu próprio clube. Pela primeira vez na minha vida sei muito bem o que quero.

— E o que é?

— Isto — e abarcou com um gesto a fileira das estantes com as partituras, que se projetava contra o fundo de veludo vermelho. As mulheres exibiam o espetáculo sensual de seus cabelos longos e vestidos curtos, os garçons deslizavam com as bandejas carregadas de drinques gelados. Todo aquele ambiente cercado pelas paredes curvas de adobe, aquele redemoinho de sons e de ecos, pedia um solo de piano, depois, ao fundo, um acompanhamento de cordas.

— Deve ser maravilhoso saber o que se quer — disse ela.

— Uma luta pagará por isto.

— Depois a Casa Manana deixará você rico?

— É a música, não o dinheiro. Mais cedo ou mais tarde, o clube começa a perder dinheiro, um lindo balão perde ar. Você se importa se eu lutar?

— Isso me dá a impressão de um filme ordinário. Tínhamos uns assim na Alemanha. O pugilista que subia ao ringue pela última vez, a fim de pagar uma operação de sua irmãzinha, salvando-a milagrosamente de ficar cega. É claro que quem ficava era ele.

— Mas eu vou ganhar. E não ficarei cego nem quebrarei as mãos.

— Se é isso o que você realmente deseja.

— É.

— Então acho que ninguém no mundo poderá detê-lo.

Já era meia-noite quando eles deixaram o clube e se dirigiram para o estacionamento — numerosos automóveis cercados por um muro baixo.

Aquela parte da Avenida Central de Albuquerque era chamada "Cidade Velha", com suas lojas de penhores protegidas por cortinas de aço. À noite, a rua ficava deserta e escura, exceto as tendas junto aos postes de iluminação pública.

Anna subiu no jipe apalpando o cabelo.

— Meu grampo novo. Esqueci em cima da mesa.

Joe voltou para buscá-lo e, ao sair novamente do clube, cortou caminho passando pela cozinha e pela porta de serviço. Havia ali alguns carros estacionados — os calhambeques dos garçons e dos ajudantes de cozinha. Joe ouviu vozes, risadas e, de repente, o ruído de qualquer coisa caindo no chão.

Entre dois carros Ford, um tênue fecho de luz se deslocava horizontalmente de um rosto para uma camisa e para um jaquetão, em cujo bolso estava enfiada uma mão. Quando Joe se aproximou, o fecho luminoso deslocou-se até um rosto redondo como um prato, ligeiramente azul no lábio superior e no queixo, com os olhos cerrados e a boca entreaberta. Espalhados sobre o peito do homem estavam a carteira de motorista, postais, cartões de crédito e algumas cédulas; ajoelhado sobre ele, ainda à Paisana, o Capitão Augustino.

— Harry Gold — leu Augustino nos cartões iluminados pela lanterna. — Harry Gold, da Companhia de Açúcar de Filadélfia. Harry Gold, motorista licenciado pelo Departamento de Trânsito da Pensilvânia. Um mapa de Santa Fé. Mil duzentos e cinquenta dólares em dinheiro. Harry Gold em férias.

Uma rolha de garrafa de champanha rolou tocada pelo joelho do capitão e foi parar contra um pneu. Joe imaginou que Augustino utilizara a



garrafa para bater na cabeça de Gold.

— Você sabia quem era ele — disse Joe.

— Heinrich Golodnitsky, para ser exato, sargento. — Augustino deslocou a luz da lanterna, focalizando o rosto redondo e o chapéu amarrotado do homem no chão. — Heinrich Golodnitsky, de descendência russo-judaica. Golodnitsky, que veio, com três anos de idade, para uma América cheia de oportunidades, não apenas pensando em achar ouro nas ruas, mas também em ser Gold, que é ouro em inglês. Golodnitsky, Gold. Heinrich, Harry.

Ao apontar a luz na direção de Joe, Augustino não pôde evitar que o facho iluminasse parte de seu próprio rosto magro e excitado.

— Veja, sargento. Você sempre pensou que eu estivesse inventando coisas. Agora, aí está. É como apanhar um demônio verdadeiro. Pequeno, talvez, mas de qualquer modo um demônio. Estávamos no bar. Você tocou bem. A Dra. Weiss estava encantadora.

— Pensei que estivesse em Trindade, senhor. Augustino abriu a porta do Ford mais próximo.

— E eu pensei que você estivesse na Colina. Ajude-me a colocá-lo dentro do carro.

Os sons da orquestra eram fracamente ouvidos. Percebia-se o ritmo, mas não a melodia. Dois por quatro. Umas notas das trompas.

Joe agarrou Harry Gold por baixo dos braços e o colocou sobre o banco traseiro do carro.

— O que vai dizer a Gold quando ele voltar a si?

— A concussão eliminará a lembrança de qualquer fato imediatamente anterior. Direi que estava bêbado, tropeçou e bateu com a cabeça no chão. Ele estava bêbado.

— Não vai acreditar. Contará imediatamente tudo aos russos.

— É claro que não acreditará em mim. Entretanto, além de traidor, Harry Gold é um químico de segunda classe, um zero à esquerda. A maior sorte de sua vida foi se tornar espião.

Você acha que ele quer perder sua única qualidade aproveitável? Aliás, se eu não o tivesse feito dormir, ele seria apanhado e posto no xadrez. Não contará nada aos russos. Nada aconteceu esta noite.

— Como nós, senhor. Nenhum dos dois viu o outro.

— Quem sou eu para atrapalhar um romance, sargento? Não estamos, afinal, jogando no mesmo time? Rodando de jipe de volta à Colina, o casal se deteve para nadar no rio, perto de uma curva nos bancos de areia a montante de Santiago.

Pétalas de flores boiavam na superfície escura da água. Faltavam apenas cinco dias até Trindade. Os minutos pareciam correr, escoando-se cada vez mais rápidos pelo canal do tempo.

— Um menino do coro? Não acredito nisso — disse ela.

— "Iremos ao Harlem e vamos nos divertir" — cantou Joe no ouvido dela. — "E não haverá nada suficientemente digno de você."

Ela se mostrava fria e distante, fugindo ao contato da mão dele. Alguma coisa estava errada, embora ele não soubesse o quê.

— Às vezes fico pensando no que meu pai desejaria que eu fosse — disse ela. — Uma catedrática no Instituto de Matemática. Discutindo com outros professores, enquanto Gottingen transformava-se em cinzas.

— Parece que você está narrando uma viagem.

— As lembranças de um refugiado são narrativas de viagens. Em qualquer caso, um marido apropriado, também professor, dois filhos e uma casa na Wilhelm Weber Strasse, com trepadeiras plantadas no peitoril das janelas. Não acredito que meu pai imaginasse que algum dia eu me encontrasse no Rio Grande ou com você. Sentirei sua falta.

— Minha falta? O que quer dizer com isso?

— Sentirei saudades deste lugar.

— Você vai embora?

— Todos irão, logo depois de Trindade, mas eu partirei antes.

Contei apenas para Oppy e para você.

— Isso não significa que tenha de deixar o Novo México.

— Significa, sim.

— E quanto a nós?

— Nós? Esta é a sua terra e agora você também tem aqui sua música. Não é a minha pátria e preciso de meu emprego.

Embora estivesse boiando, teve a impressão de que afundava irremediavelmente.

— Você veio esta noite para dizer adeus?

— Sim.

— Não. Você quer que eu vá para Chicago. Foi o que tentou pedir, quando estávamos dançando.

— Joe, nós nos conhecemos há apenas um mês — realmente duas semanas. Isto não é o fim de um longo romance. Mal começamos a compreender um ao outro. Nunca vi você tão feliz como esta noite.

— Pensei que você estava feliz também.

— Não como você. Deve ser maravilhoso gostar tanto assim de música.

— Você está indo embora para poder fazer uma espécie de declaração ética a respeito de Trindade, não é? Sente-se obrigada a ir?

— Eles podem pensar assim.

— Por que não volta depois?

— Para fazer o quê? Ser vendedora de cigarros em um night-club?

— Não precisaria fazer nada.

— Mas tenho de fazer alguma coisa. Sou formada em Matemática e meu trabalho é de certo nível. Sem contar a Colina, não há aqui qualquer possibilidade de emprego para mim. Trabalhar com você? Mas como, se você nem entenderia o que eu dissesse? Não quero parecer superior. É que jamais pediria que você abandonasse sua música e fosse para Chicago limpar os quadros negros onde escrevo minhas equações.

— Pois o clube que vá para o inferno. Irei com você, tão logo der baixa no Exército.

— Agora, que sei o quanto o clube significa em sua vida? Oh, não!

— Eu a amo. Sempre haverá outra Casa Manana.

— Não acredito. Acho que esta é a sua chance. Se você largasse tudo e fosse atrás de mim, seria uma versão diminuída de Joe Pena. Olhe, a primeira vez que vi você, no baile de Natal, Klaus Fuchs me disse: "Aquele é o Cacique, ignorante, ousado e querendo abraçar o mundo com as pernas". Ignorante você não é, mas tem as outras duas características. Não quero que você mude. Não quero que seja nem um pouquinho menos do que o Cacique Joe Pena. Está me parecendo que tenho sido uma espécie de conquista sua. Uma distração. Parte de seu programa turístico na região dos índios.

— Isso não é verdade.

— Tudo é muito simples. Eu a amo e estou querendo ir com você. Se você me amasse, não iria embora.

Anna se aproximou dele: — Eu o amo, realmente. Poderíamos fazer amor aqui mesmo.

Ele também ardia de desejo. A água estava ficando mais fria. Ela o envolveu como uma chama.

— Então fique — disse Joe e deu-lhe as costas. Antes que a duração do silêncio dela representasse uma resposta, disse:

— Então vá. E é melhor irmos andando, você precisa fazer as malas.

Caminhando na frente dela para a margem do rio, Joe foi o primeiro a avistar os dois vultos agachados na areia.

— Alô, Joe.

À luz tênue da lua minguante, Roberto e Ben Reyes mostravam o cansaço da perseguição, os cabelos escorridos e os braços arriados. Sophie Reyes se escondia atrás de um tronco. Joe foi apanhar a roupa de Anna: — Um é cego. O outro é tão velho que não faz mal.

— Eles estão precisando de sua ajuda — avisou Sophie.

— Ajuda? — perguntou Joe vestindo as calças. — Bem, a moça está com muita pressa. Peço desculpas, mas temos de continuar a viagem.

— Era o Serviço de Proteção aos índios. Eles chegaram ao pôr-do-sol — disse Roberto. — Foi uma sorte terem vindo de leste. Ben os viu.

— O reflexo de uma fivela — esclareceu Ben. Joe apanhou sua camisa que estava no chão:

— É mesmo? E vocês, assustados, trataram de fugir. Quantos eram?

— Apenas dois — respondeu Ben. — Aqueles Fiscais do Serviço.

— Nenhum rastreador? Vocês têm sorte mesmo. Dois vaqueiros chegam às claras, vocês saem correndo e ninguém os persegue. Vão voltar daqui para a casa de vocês?

— Para a sua casa — corrigiu Roberto. — Achamos que eles devem estar vigiando a de Ben.

— É claro. Já podiam ir andando.

— Joe — disse Anna, abotoando a blusa — ele é cego.

— Cego e maluco.

— Você já subiu a escada dos meus sonhos? — Roberto perguntou a Joe.

— Viu por que eu disse que ele era maluco? — comentou Joe dirigindo-se a Anna.

— O Serviço chegou com ordem de prisão federal — anunciou Sophie. Falaram em sabotagem e em FBI e avisaram que estavam de olho nos terminais de ônibus, de modo que era melhor Roberto e Ben se entregarem.

— Você viu a ordem? — perguntou Joe.

— Sei ler — replicou Sophie agastada.

— Eles precisam de sua ajuda, Joe — disse Anna.

— Para fazer o quê? Já lhes dei duas chances de escaparem, mas eles querem brincar de índios e vaqueiros. O diabo é que agora está ficando mais difícil. Lembrei-lhes que estávamos em guerra, mas não me deram ouvidos. O que você quer? Um minuto antes, achou que estava atrasada. Vamos. Vou levá-la de volta. Você está tiritando.

— Juntei alguns gravetos — disse Sophie. — Poderíamos fazer um fogueiro, se alguém tiver um fósforo.

— Você tem de ajudá-los — insistiu Anna.

— Não tenho obrigação alguma de fazer isso. Não sou responsável por eles. Não vai me ensinar qual o meu dever. Fiz papel de bobo com você, mas isso já passou, não é mesmo? Passou e temos de tocar para a frente. Não quero mais ouvir você falar em problemas éticos. Tudo o que quero agora é ver você no jipe, depois no trem, indo embora.

— Joe — tentou Sophie. — Por favor.

Em uma depressão na areia havia uns galhos secos, restos da última enchente. Joe deu um suspiro, ajoelhou-se e, tirando o isqueiro do bolso, acendeu uma pequena fogueira; chamas amarelas foram passando de um galho para outro. Iluminado pelo clarão, o rosto de Ben apareceu sujo de terra e arranhado, como se tivesse sofrido uma queda; as mãos de Roberto estavam enroladas em pedaços de pano manchados de sangue. Joe levantou os olhos. O universo inteiro era habitado por índios malucos ou havia oásis de sanidade?

Os olhos sem luz de Roberto se voltaram para o calor.

— Aquele espião da caverna. O que aconteceu com ele? — Perguntou.

— Está se referindo a Fuchs — esclareceu Joe para Anna.

— Até onde sei, parece que ele escapou, não tenho certeza. Uma ordem de prisão federal? Isso quer dizer outro país, pelo menos enquanto isto não acabar.

— Cigarros? — pediu Ben.

Joe lhe entregou o maço que trazia no bolso.

— Pode ficar com todos.

— Prefiro Chesterfield — replicou Ben, guardando os cigarros. — O que você quer dizer com "outro país"?

— México é o mais próximo. Você pode ser outro Pancho Villa, tio.

— Não gosto do México. Eles fazem umas coisas engraçadas para comer.

— É. Misturam feijão com excremento e enfeitam com moscas. É por isso que a cerveja deles é tão boa. Tio, você está me ouvindo? O México é sua única chance. A guerra vai terminar em breve, tudo entrará nos eixos e você poderá voltar para cá.

— Você tomará conta deles? — perguntou Anna.

— Bem, você não tem nada a ver com isso, não é mesmo? Estará em Chicago ou em qualquer outro lugar. Terá uma recordação carinhosa. Pode olhar para seu pote ou seu grampo de prata e pensar em nós. E Deus é testemunha de que seremos eternamente gratos por sua breve mas encantadora passagem por Santiago.

— Pare com isso, Joe.

— Os mistérios dos índios, os potes no fogo.

— Por favor, pare.

— As noites exóticas com um cacique autêntico.

— Desculpe-me.

— Joe, você tomará conta deles? — perguntou Sophie.

— Sim, está bem. Não será um bicho do outro mundo. Significa ir até El Paso e tomar o trólei para Juarez. Colocarei uns óculos escuros em Roberto e um cachecol em Ben. Fácil. Mas só poderei fazer isso domingo à tarde.

— Essa é a noite do teste — lembrou timidamente Anna. — E a noite de sua luta.

— Teste do quê? — perguntou Roberto.

— A tal arma — respondeu Joe.

— A cabaça de cinzas?

— Essa mesma.

— E a escada? Você vai subir por ela até a cabaça?

— Não vou subir em coisa alguma. Nem sequer estarei por perto.

O general me escalou para dar uma volta de jipe pelos arredores, a fim de ter certeza de que nenhum apache maluco tenha ficado na área do teste. É por isso que poderei cair fora e ir lutar. Depois, rumaremos para a fronteira. O plano é vocês se esconderem até domingo e irem de carro para o local da luta.

— Um cachecol? — resmungou Ben, já se julgando um imperador mandado para o exílio. — Onde você vai lutar?

— Logo depois de Socorro, em uma vila chamada Antônio. Há apenas uma bifurcação. Você vira à esquerda e anda um quilômetro até o Café Coruja. Na parte de trás há um motel. A luta começará no pátio do motel às oito da noite. Antes das nove deverá estar terminada e os carros estarão saindo. Então vocês aparecem.

— E se você não puder ir? — perguntou Anna. — Se surgir algum problema?

Joe fingiu não ter ouvido e prosseguiu.

— Estacionem no pátio e apaguem os faróis. Esperem cinco minutos, não mais. Haverá guardas da Polícia Militar por toda parte. Se eu não chegar dentro de cinco minutos é porque houve algum problema. Não deverá haver. Não se preocupem, mas se acontecer, digam ao motorista para voltar à auto-estrada, rumar para o sul até El Paso e aí tomem o trólei. Quando acharem um lugar para ficar em Juarez, telefonem para Casa Manana em Albuquerque e deixem um recado, dizendo o endereço. Se até domingo houver mudança nos planos, avisarei Félix Tafoya, que parece ser tão bom no papel de palhaço ou ateando incêndios, como castrando tourinhos.

— Bom — comentou Roberto com um sorriso. — Você pensou em tudo.

— Pensei. E olhe, Ben, seu ilustre irmão Hilário me disse um dia destes que nunca perdia uma dança em Santiago. Não o vi por lá quando foram prender Roberto, mas vamos admitir que ele goste mesmo de danças. Identificou Roberto para os fiscais e foi embora. Certamente vai assistir à luta, de modo que é bom ficarem de cabeça baixa.

Sophie saiu do escuro tirando dos ombros o cobertor que usava como xale. Joe pensou que ela finalmente iria juntar-se aos outros em torno do fogo, mas a velha atirou o cobertor sobre as chamas, abafando-as e pisando em cima.

— Fiscais do Serviço — sussurrou.

— Você tem certeza de que posso ficar com todos os cigarros? — perguntou Ben.

— Pode, mas dê o fora daqui — replicou Joe.

— É muita gentileza sua — disse Ben no dialeto tewa. — Você é um bom sujeito.

Naquele momento, todos os cães no lado leste do pueblo estavam latindo. Sophie e Ben levaram Roberto pela margem do rio, a coberto de um renque de arbustos. Joe e Anna subiram no jipe e calçaram os sapatos.

— Isto é muito mais interessante do que um passeio por Gottingen — disse ela.

— É que há muito poucos vaqueiros em Göttingen. Deu partida no jipe. Com os faróis apagados, evitaram os bosques de choupos e entraram em uma estradinha de terra, entre o pueblo e as lavouras de cevada e sorgo. Por cima dos pessegueiros via-se a ponta da torre da igreja. O ar estava impregnado com o cheiro de carne assada. Joe guiou o jipe margeando uma vala de irrigação, até encontrar uns troncos que serviam de ponte para atravessar a vala. Os troncos estalaram à passagem do carro.

— Olhe! — exclamou Anna.

Uns cinquenta metros adiante surgiram, a cavalo, os dois fiscais do Serviço. Al, o mais velho, com os dois braços levantados, fazia sinal para Joe parar. Billy parecia estar com uma arma nova, de cano longo e brilhante.

Joe mudou de rumo, invadindo um canteiro de girassóis. Se parasse, seria acusado de deserção e Anna, de haver violado as normas de segurança. Entretanto, percebeu logo qual o objetivo dos fiscais. Sophie, Ben e Roberto haviam se escondido na vala, e Billy e Al estavam esperando que eles aparecessem. As lavouras eram cortadas por um labirinto de valas de irrigação, todas alimentadas por um riacho que corria ao longo da estrada. Se os fugitivos alcançassem o milharal, cujas hastes enfileiradas tinham mais de um metro de altura, os fiscais nunca conseguiriam agarrá-los.



Joe enveredou pela lavoura de sorgo, a ramagem era esmagada pelas rodas. Os fiscais continuavam com a atenção voltada para os fugitivos. O jipe entrou pelo milharal, ceifando uma fileira à medida que avançava. As hastes se encurvavam ou quebravam. Na extremidade da fileira, resolveu parar.

À sua direita, cerca de vinte metros da estrada, Al gritava:

— Abra a comporta, Billy!

À esquerda, um pouco mais afastado da estrada, Billy se debruçara na sela, tentando girar a manivela que levantava a prancha reguladora da entrada de água nas valas. Roberto, Sophie e Ben estavam encurralados. Com a inundação das valas, ou eles se afogariam ou teriam de entregar-se.

— Fique aqui — disse Joe para Anna. — Voltarei para buscá-la.

— Quero ir com você.

— Mas eu não quero e não tenho tempo para discussões. Fique esperando aqui até que eu volte para levá-la, tranquila e comodamente, para a Colina, a tempo de você não perder seu trem pela manhã.

Anna apoiou-se no painel e recostou-se.

— Não.

— Está bem.

Joe arrancou em direção à estrada e virou à direita pisando forte no acelerador. Billy, ainda encurvado, tentava girar a manivela, quando ouviu o ruído do motor do jipe. A vinte metros de distância, Joe acendeu os faróis. O vaqueiro usava uma camisa de seda amarela e sua fisionomia, apanhada em cheio pelo fecho luminoso, era de puro espanto. O cavalo recuou e empinou, assustado. Joe ouviu o baque do homem e do cavalo na água do riacho, depois passou com o jipe pelas pranchas sobre a vala e entrou na estrada, rumando para o norte.

Cem metros adiante, apagou os faróis e fez meia-volta, pois tinha de retomar a auto-estrada, a fim de seguir para a Colina. Billy estava gritando que não sabia nadar. Al galopara até a vala, e à luz tênue da lua, aparecia agora montado em seu cavalo, segurando o revólver com as duas mãos. Era um Colt enferrujado, notou Joe, imaginando não ser muito provável que o vaqueiro fosse atirar em um jipe do Exército.

Ao passar em frente de Al, Joe mudou de ideia, apagou os faróis e freou de repente. O revólver despediu um lampejo, houve um breve intervalo e outro lampejo. Joe pisou no acelerador. O terceiro tiro,

disparado às pressas, não alcançou o jipe. Os três seguintes soaram como se alguém tivesse dado pontapés em um balde de zinco.

Durante alguns quilômetros, rodando com as luzes apagadas, eles não trocaram uma única palavra, como se a escuridão e o silêncio aliviassem a tensão da fuga e retardassem o momento de despedida. Eram tão diferentes, pensou Joe, que quaisquer palavras só serviriam para acentuar as divergências. A prova de quanto a Colina era um ambiente estranho estava no fato de eles terem se encontrado. O melhor era mesmo deixar que aquela pequena vitória conquistada juntos durasse o máximo, para sempre se possível.

Ao chegar ao sopé da elevação, Joe teve de acender os faróis. Enquanto o jipe subia pela estrada sinuosa, Anna tratou de apanhar as folhas e ramos do milharal que haviam caído dentro do carro. Foi então que encontrou dois bastões entalhados, que rolavam embaixo do banco.

— O que é isto? — perguntou ela, sem olhar de frente o rosto de Joe. É assim que ai terminar, pensou ele. Sem achar-mos as palavras, sem coragem nem mesmo para um olhar.

— São os tais bastões mágicos de Roberto.

— O que você pretende fazer com eles?

— Provocar relâmpagos. Molhar os campos. Trazer os búfalos de volta. Suspender a fabricação da bomba.

— Você pode fazer isso?

Joe tomou os bastões das mãos dela e atirou-os fora. Eles rodaram no ar, brilharam um momento à luz da lua e mergulharam na escuridão dos desfiladeiros.

— Não posso mais — disse ele.

# SEXTA-FEIRA

13 de julho

## 8

A ordem era de não parar na estrada, mas, ao entrar em Antônio, Joe diminuiu a velocidade em frente ao Bar e Café Coruja, vendo um grupo de soldados de uma unidade de Engenharia e da Polícia Militar no pátio do motel. Joe retomou a marcha, à frente de um comboio de dois jipes, dois sedas da Segurança, um caminhão guincho com peças sobressalentes e a "ambulância" transportando Jaworski com a esfera de aço e o alto explosivo que formavam o invólucro da bomba.

— O pessoal da Polícia Militar estava lá para evacuar a vila em caso de... você sabe — comentou Ray Stingo, sentado ao lado de Joe no jipe da frente.

— Quais são as novidades? — perguntou Joe. Ray havia, durante a semana, feito várias viagens até Trindade.

— As fofocas de sempre do Exército. Levamos alguns cientistas e uns bambas valendo milhões, colocamos uns fios no meio das moitas e um B-29 sobrevoou atirando nos antílopes. Metralhadoras calibre 50. Os cientistas correram, se jogaram no chão, tentando abrigar-se. Você sabe como é; o resto do Exército não foi informado do que estamos fazendo lá.

Já haviam saído de Antônio. Ray olhou demoradamente para o horizonte, além da planície de grama rala, de moitas ressequidas, de hastes de iucá.

— Lugar desgraçado para um teste. A gente tem de sacudir os sapatos de manhã, antes de calçá-los, para se livrar dos escorpiões. A chave de rodas do jipe tem de estar sempre à mão Por causa das cascavéis. A água é salobra, e a cada cinco minutos é preciso dar uma corrida até a moita mais próxima e, aí é merda e cobra por todos os lados.

Havia álcali na água também. A cabeleira negra de Ray parecia emplastrada.

— Pode ser que a arma seja nova, mas o Exército é o mesmo — arrematou ele.

— E como vão as apostas sobre a luta? — perguntou Joe.

— Engraçado. Começaram dois por um a favor de você e agora estão dois por um contra. Há tanta aposta que até estou assustado. Estive pensando em abrir uma agência na Colina. Como diz a canção. "Quando voltar para Jersey estarei nadando em dinheiro." Acho que vou ficar.

— Não haverá mais nada na Colina depois da guerra.

— Cacique, descobri uma coisa, sabe? Não estamos fazendo esta bomba para atirar nos japoneses, mas para acabar com os vermelhos. E nem começamos ainda a brigar com eles.

Além do comboio, Joe não viu qualquer tráfego de viaturas do Exército. A Porteira do Garanhão não havia mudado muito. Nova cerca de arame farpado e um posto de controle que consistia apenas em um toldo oferecendo uma minguada sombra. Antes de deixar a Colina, cada integrante do comboio recebeu um passe especial, onde estava gravado o T de Trindade; esses passes deveriam ser trocados na porteira por braçadeiras brancas.

— Legião Estrangeira, Cacique. — O Cabo Gruber era um dos guardas da Polícia Militar em serviço na porteira. Seu braço ainda estava na tipoia e os olhos estavam avermelhados pela poeira alcalina. — Quase quarenta graus todos os dias durante duas semanas. Braçadeiras? Segurança? Tudo isso é bobagem. Todas as noites tem uns cinquenta sujeitos que atravessam o de serto para tomarem uma cerveja. Vão em fila, entre as cobras.

— Registrou o nome de Joe, a data e a hora. — Sexta-feira, 13. Um dia bem escolhido para trazerem a bomba. Tudo bem, Cacique?

— Tudo ótimo.

Gruber passou a língua pelos lábios ressequidos:

— Sei que é segredo, mas é uma questão de confiança.

— Mais ou menos.

— Mais uma luta? É tudo o que quero saber — disse Gruber, fazendo sinal para o jipe avançar.

A estrada de acesso ao rancho, de que Joe se recordava como sendo apenas uma trilha na neve, estava agora aplainada e revestida de colichi — uma mistura de areia com argila que se desintegrava rapidamente em um fino pó branco. Nuvens de poeira eram levantadas por outros veículos muito à frente. Jaworski juntou-se a Joe e Ray no jipe que liderava o comboio. Carregava um rádio FM portátil e mantinha pendurado no pescoço os óculos de Polaroid, distribuídos para proteção durante o teste. Com seu farto bigode preto, ele parecia um turista ricoço.

— A ordem é que os receptores sejam mantidos em escuta permanente, para atender emergências — disse Jaworski. — As chaves dos carros devem ficar em seus lugares, para que os motores possam ser ligados imediatamente em caso de evacuação. É por isso que fizeram as estradas tão largas. Cá comigo, fico pensando no que a gente deve fazer, se há um acidente e não se está perto de uma estrada nem se dispõe de um rádio de campanha para pedir auxílio.

O rádio de Jaworski recebia uns sons truncados pela estática, principalmente músicas de Cármen Miranda.

— Não me pergunte como acontece uma coisa destas — reclamou Ray. — O Exército leva meses arranjando um canal especialmente para nós e, afinal, é o mesmo da Voz da América, transmissão para os latinos. A ordem é que ignoremos os sambas e os bombardeiros. Bem, mas o que é que a gente faz se está em campo aberto e a bomba explode acidentalmente? O sopro e a emissão violenta de raios gama e de nêutrons acabariam com qualquer coisa viva em um raio de dois quilômetros da torre. Se o sujeito estiver a uma distância maior e encontrar uma depressão, um córrego...

— Um córrego na Jornada de Muerto? Isso parece piada, mas não há hipótese de acontecer algum acidente, não acha?

— Ontem, eles estavam testando na torre os circuitos de uma bomba simulada. De repente, estourou um raio. Imagine se fosse a bomba verdadeira! E antes que me esqueça: Anna me pediu para transmitir-lhe suas despedidas. Ela seguiu esta manhã para Chicago. Pediu emprestado o carro de Teller; acho que foi para não incomodar você, que teria de levá-la à estação.

— É. Com certeza foi isso.

Havia uns duzentos homens em Trindade, mas estavam tão espalhados em uma área de centenas de acres, que dificilmente se viam grupos de mais de três ou quatro. Mesmo assim, à medida que o comboio se aproximava do Ponto Zero, os sinais dos preparativos se tornavam mais evidentes: um cabo ligando uma série interminável de postes; o primeiro medidor da onda de choque uma caixa apoiada sobre molas; abrigos de concreto, espalhados como conchas em uma praia, destinadas à proteção de má quinas fotográficas, os periscópios orientados para o sul, na direção de uma torre que se erguia a cerca de doze quilômetros projetada contra um céu claro, sem nuvens. Ao aproximar-se da torre, o comboio passou pela marca "10km-norte" — um abrigo de madeira enterrado em uma encosta, onde as escavadeiras haviam preparado o terreno. A partir dessa marca, uma estrada recém asfaltada conduzia diretamente à torre de lançamento. Os cabos se desdobravam em um emaranhado de fios. Coberto com folhas secas via-se um bloco de concreto com orifícios para câmaras fotográficas.

— O buraco do brilho celeste — explicou Jaworski, apontando para o único orifício não voltado na direção da torre. — É para registrar a dispersão dos nêutrons.

Brilho celeste? Uma bela expressão, dando ideia de lantejoulas cintilando no céu.

— Nervoso? — perguntou Joe.

— As coisas mudaram. Costumávamos detonar as granadas usando uma corda comprida. Ninguém usava medidores. A carga funcionava ou não. Nada de oscilógrafos nem de câmaras de ionização. A única coisa que não mudou é que haverá apenas um pequeno grupo de pessoas que realmente montarão a bomba e centenas de outras reclamando que um sismógrafo é vital ou que o medidor de pressão está com defeito; entretanto, o que verdadeiramente conta é a bomba, não é mesmo? Naturalmente, na guerra contra o Kaiser não lançamos dos aviões nada maior do que granadas e não havia certamente nenhum aparelho medindo nêutrons.

A torre denominada "Ponto Zero" parecia uma perfuratriz de poço petrolífero, sem as tubulações — uma delgada estrutura de vigas e braçadeiras de aço, com uns trinta metros de altura, tendo no topo uma armação de ferro galvanizado coberta por uma lona. Ao longo de uma das

vigas da torre corria uma escada, com plataformas intervaladas de cinco metros, até o topo. Uma escada de madeira ligava a primeira plataforma ao solo. Junto dela se encontrava Foote, com seu sombrero e shorts do Exército inglês. Sua equipe de explosivos, formada por meia dúzia de convocados, usava camisetas, calções de banho e lenços na cabeça à moda dos piratas. Depois que o comboio contornou a torre e parou, os oficiais da Segurança saltaram dos dois sedas e formaram uma linha protetora, com as metralhadoras apontando para os cactos e tocas de coelho. Foote saltitava nas costas deles, cantando:

— Eles o procuram aqui, procuram acolá, aqueles franceses o procuram por toda parte, mas ele está no céu, está no inferno, o danado e ardiloso salafatório. Joe, você trouxe minhas encomendas?

O caminhão guincho estacionou bem embaixo de uma roldana, com corrente e tenazes, suspensa no centro da torre. Retirada a cobertura de lona do caminhão, Joe e Ray fixaram as tenazes na bomba. O cabo de aço se retesou puxado pela roldana. O caminhão avançou um pouco e a bomba foi levantada até ficar na altura de seu berço, onde foi depositada — uma lua de cor cinzento-metálica, com um metro e quarenta de diâmetro, duas abas e ressaltos para encaixar os detonadores. Tão logo Ray soltou as tenazes e a roldana, a equipe de Foote colocou um encerado sobre a bomba e os carros da Segurança se afastaram.

— Quer entrar no sorteio? — perguntou Foote. — Um dólar cada palpite.

— Sobre o quê? — perguntou Joe.

— A explosão, o que mais poderia ser? A nova informação oficial anunciada é de cinco mil a dez mil toneladas de TNT. Jaworski e eu apostamos em dez mil. Acho que foi a primeira vez em que concordamos a respeito de alguma coisa. Teller apostou em quarenta mil toneladas. Edward sempre foi otimista.

— E Oppy? — Joe tinha ordem de ir a seu encontro agora que ele estava em Trindade.

— O palpite de Oppy é trezentas toneladas. Ora, trezentas toneladas são apenas um traque. Estamos um pouco preocupados com Oppy.

Harvey e o núcleo de plutônio haviam chegado naquela manhã, e estavam no rancho da fazenda situado cerca de um quilômetro ao sul da

torre. Esse rancho fora comprado e evacuado, mas, salvo quanto ao Plymouth de Harvey e os quatro jipes estacionados de costas para a casa e com os motores ligados, o lugar nada tinha que chamasse a atenção: celeiro e curral, um cata-vento para bombear água, uma cisterna para estocá-la, uma casa térrea de paredes de pedra. No lado de dentro, as peças eram pintadas de azul, com uma barra branca no rodapé. O piso de carvalho fora varrido cuidadosamente e as janelas cobertas com toalhas plásticas presas com fita adesiva. Todos os móveis tinham sido removidos, exceto a mesa, que estava coberta com papel pardo. Trabalhando, debruçado sobre a mesa, vestindo um blusão branco de médico e com as mãos metidas em luvas de borracha, Harvey já juntara os dois hemisférios prateados, formando uma bola de croqué de dez quilogramas, e agora estava enchendo os buracos na superfície brilhante da esfera com chumaços de lenços de papel — o quebra-galho em Trindade. Contadores Geiger tiquetaqueavam no chão. Seis homens de blusão branco observavam os contadores e passavam para Harvey uma ferramenta, depois outra. O único que não estava fazendo nada era Oppy. Um homem com quase dois metros de altura começa a despertar preocupações quando seu peso baixa para cinquenta quilos. Sua cabeça parecia esquelética e inchada ao mesmo tempo, grande demais para o pescoço que emergia do blusão. As mãos seguravam um cachimbo apagado. Alguém havia fincado um prego na parede, de modo que ele pudera pendurar seu chapéu de feltro, como costumava fazer em seu gabinete da Colina. O chapéu estava lá, mas Oppy parecia estranhamente deslocado e infeliz, sem qualquer demonstração de entusiasmo.

— Não se esqueça do que aconteceu no "dragão" — disse Harvey, embora não tivesse tirado os olhos do trabalho, quando Joe entrou.

Joe se encostou na parede, que tinha uns trinta centímetros de espessura, deixando o salão relativamente fresco, talvez comuns trinta graus. Os carros, no lado de fora, estavam estacionados bem embaixo das janelas cobertas com plástico, permitindo uma fuga rápida no caso de alguma coisa escorregar das mãos de Harvey. A missão recebida por Joe, agora que estava em Trindade, era ficar permanentemente ao lado de Oppy e velar para que o diretor do projeto não fosse vítima de qualquer tipo de acidente.

Harvey deu um polimento final no núcleo com uma lixa de esmeril.



— Deixei de tocar clarinete — disse ele.

— Uma pena — replicou Joe. — Você tinha grande potencial.

A equipe de Harvey acompanhava cada movimento de seu chefe com a atenção de pintinhos observando a galinha pondo ovo. Um deles colocou sobre a mesa uma longa pinça de bronze e uma pequena caixa forrada e com fechadura. Depois, girou a chave e levantou a tampa. Acomodada sobre espuma de borracha estava uma enorme pérola, uma bola de polônio revestida de platina, com uma polegada de diâmetro. Era o núcleo dentro do núcleo, um "iniciador" que deveria emitir uma rajada de nêutrons no primeiro milionésimo de segundo da detonação.

— Acho que me limitarei àquilo em que sou realmente bom — disse Harvey.

Reabriu o núcleo maior, levantando o hemisfério superior com a ponta do dedo. Utilizando a outra mão, apanhou a pinça e cuidadosamente prendeu a pequena bola, levantando-a. Tinha de colocar o "iniciador" em seu ninho, no centro do núcleo e a inserção precisava ser feita bem lentamente, acompanhando a crescente radiação. Harvey piscava para livrar-se do suor nos olhos, mas suas mãos estavam firmes. O dedo que mantinha o núcleo aberto afastou mais um pouco os dois hemisférios, a fim de permitir que a pinça e a bola avançassem. O tiquetaque dos contadores Geiger se acelerou como batidas de corações excitados. Oppy parecia prestes a ter uma tontura e cair.

— Estes átomos gelados percorrendo minha espinha — cantava Harvey baixinho. — O azul dos íons quando seus olhos encontram os meus. Um novo e estranho zumbido que sinto dentro de mim e depois esta radiação começa seu percurso.

O cachimbo de Oppy caiu no chão e deslizou pelo soalho. Harvey se imobilizou, os dedos mantinham os dois hemisférios afastados:

— Joe, quer fazer o favor de levar Oppy para um passeio? No ar quente e seco do pátio, Joe sentiu a camisa molhada de suor grudada no corpo. Oppy sentou-se em uma pedra com o chapéu sobre os joelhos.

— Desconfio que, antes de seu voo, ícaro estava desanimado. Gostaria de poder agora dar um passeio pelas montanhas, cavalgar outra vez, como costumávamos fazer. Montei meu cavalo apenas uma vez este ano. Sei que eles não precisam de mim aqui, mas este é o meu teste.

Levantou os olhos para Joe. O que restava de Oppy era um feixe de ossos dentro das roupas folgadas; os olhos azuis tinham a intensidade de quem estava sofrendo uma grande dor.

— Pedi a Groves mais uma semana ou mesmo quatro dias. Quando isto estiver terminado, vamos passear a cavalo.

— Certamente.

Harvey estava chamando Joe. O núcleo fora fechado, completo e recolocado em seu nicho, na caixa de madeira forrada de chumbo.

— Ele tem estado assim desde que chegou aqui. Talvez seja melhor levá-lo de volta para a Colina.

— Mas é o teste dele — ponderou Joe.

A caixa foi levada para o carro de Harvey e colocada sobre o banco traseiro. Joe sentou Oppy no jipe e rumou para a torre. A brisa do cair da tarde começara a soprar; nuvens de poeira se levantavam na base da torre.

Sob a tenda, Foote e Jaworski tinham removido a coifa do topo da bomba e retirado um tampão de bronze, a fim de que o núcleo de plutônio pudesse ser inserido em seu lugar. Harvey abriu sua caixa e apanhou o núcleo com um aspirador. Ninguém queria danificar a preciosa esfera com parafusos ou pinos e, sendo cientistas, eles confiavam na segurança de um aparelho a vácuo. Harvey testou a boca do aspirador, depois enganchou a corrente de um macaco manual nas presilhas. Interrompeu-se para tirar o blusão e jogá-lo longe, depois testou novamente a conexão. Harvey parecia um garoto rechonchudo e inocente, o suor corria pelo corpo, o cabelo fino e louro estava arrepiado, como se atraído por um ímã. Foote começou a retirar o núcleo de sua caixa. A um canto da tenda, Oppy e Joe acompanhavam os movimentos de Jaworski, escorando o núcleo com um lápis, enquanto Foote o puxava para cima da abertura da bomba. O vento sacudia a lona da tenda.

— Uns grãosinhos de areia ou mesmo a simples poeira podem desarranjar toda a simetria de nossa implosão - disse Foote.

Foi abaixando o núcleo. Durante um momento, ele pairou suspenso sobre a bomba, como uma lua acima de um globo maior; a seguir, a corrente depositou-o suavemente no interior da bomba.

E emperrou.

Jaworski levantou a mão. As pontas de seu bigode estavam arriadas. Foote suspendeu o núcleo e tentou novamente encaixá-lo.

Continuou emperrado.

Foote puxou o núcleo para fora da bomba, deslocou ligeiramente o macaco e esticou a corrente outra vez. O núcleo deslizou pela passagem, colado às lentes de alto explosivo.

E emperrou. Por apenas um milímetro, talvez menos, o núcleo de plutônio era maior do que o orifício dentro da bomba.

— Não posso compreender isso — exclamou Oppy, olhando para a bomba, depois para Foote. — Não é possível. Você errou na medida?

Os lados da tenda se sacudiram. Medidas erradas? Não encaixava? Joe imaginou alguém contando isso para o General Groves e teve a impressão de que todos os presentes estavam imaginando a mesma cena.

Harvey deu uma risada.

— É o calor do deserto. O plutônio, esquentado, se expande. Física elementar. Deixem o núcleo onde está, vamos esperar que esfrie.

Levou cinco minutos até que a temperatura do plutônio e do alto-explosivo finalmente se igualasse, permitindo que o núcleo se encaixasse suavemente. Jaworski retirou o aspirador e, enquanto Foote levantava a corrente, Harvey inseria um aramede manganês, com cerca de um metro de comprimento, no núcleo encaixado da bomba, a fim de testar a contagem de seus nêutrons. Ligado a um contador Geiger, o arame detectou uma cascata de íons, fazendo um ruído semelhante a um enxame de abelhas.

— Terminei — disse Harvey, suspendendo o contato; depois, ficou olhando para o orifício como se não pudesse acreditar que chegara ao fim, e saiu apressadamente da tenda.

Foote e Jaworski começaram logo a recolocar o alto-explosivo. As lentes que pareciam soltas eram fixadas com fita adesiva. Como já estava escurecendo, foram trazidos alguns lampiões. Podiam-se ouvir os trovões sobre o vale.

— A Itália acaba de declarar guerra ao Japão — anunciou Harvey, de regresso à tenda.

— Puxa! Esta guerra está quase acabada — comentou Joe.

# SÁBADO

14 de julho

## 9

Joe foi correr de manhã cedo; fazia exercícios ao ar livre sempre que tinha oportunidade. Socos no ar, esquivas, saltos para a direita e para a esquerda. O suor molhava seu peito.

Enquanto corria, recordava as músicas de sua preferência. Estava agora compondo uma Fuga à Noite, sem haver decidido se seria um ritmo de jazz ou de valsa com alterações, pois há muitas espécies de noite. Noite nas montanhas. Noite no deserto. Mesmo as noites angustiosas nas Filipinas apresentavam variações. E surgia então o vácuo interior sem lua e sem alma que era a vida sem Anna. Por vezes, a reação física se manifestava antes do próprio pensamento. Uma secura na garganta, um vazio no peito e, depois, as recordações. Se Anna tivesse seguido de carro até Chicago, ainda estaria na estrada. Era como se o corpo dele estivesse empenhado em traí-lo. De repente, seus olhos lhe diziam que estavam vendo o vulto dela no escuro, como se a esperança pudesse reunir as sombras e criar formas humanas. Depois, naturalmente, as sombras se desvaneciam e ele voltava a ficar sozinho no vazio sem relevo, sabendo, apesar de tudo, que preferia iludir-se.

Às oito horas da manhã, Foote chegou na tenda na base da torre e Joe enganchou a corrente da roldana no bordo da bomba. Como a distância até o alçapão na plataforma da torre era de uns trinta metros, não seria fácil suspender duas e meia toneladas de aço e explosivos além do peso do plutônio. A corrente deveria ser mantida estável por meio de cordas laterais presas às travessas da torre. O céu estava imaculadamente

azul. Não se via uma única ave. Apenas os balões meteorológicos pareciam aquecer-se ao sol.

Quando Foote fez sinal para a plataforma, o motor da roldana começou a funcionar. Depois que o cabo se retesou, começando a levantar do chão a esfera e seu berço, um caminhão se aproximou da torre e a equipe de Foote descarregou rapidamente alguns colchões comuns. A bomba continuava elevando-se lentamente, uma polegada de cada vez, enquanto Joe e Foote arrastavam os colchões, colocando-os embaixo da esfera ascendente.

— Não será este o maior feito científico da história da humanidade? — perguntou Joe.

— Certamente — replicou Foote.

— Se o cabo rebentar, conseguiremos amortecer com colchões a queda de uma bomba de duas toneladas e meia?

— Admito que talvez tenhamos alcançado certo ponto de exaustão intelectual — disse Foote, observando, visivelmente satisfeito, a subida da bomba. — Isto me faz lembrar a falecida Rainha Vitória sendo transportada para bordo de um navio. Um sentimento indefinido, qualquer coisa entre o religioso e o ridículo.

Boa parte daquela exaustão se localizava perto da torre, no jipe onde Oppy conversava com Jaworski. O rosto de Oppy tinha uma cor cinzenta de cimento e seus olhos estavam avermelhados pela poeira alcalina.

A bomba continuava elevando-se lentamente, as cordas laterais mantinham-na bem aprumada entre as vigas da torre. Joe e Foote conseguiram empilhar colchões até três metros de altura. A bomba, balançando-se suavemente no ar, alcançou dez metros e em seguida quinze. Com todo o aparato de segurança na Colina, pareceu a Joe que agora estava presenciando a melhor oportunidade oferecida ao inimigo em toda a guerra; se algum sabotador quisesse agir, aquele era o momento.

— Onde está Augustino? — perguntou ele a Oppy, que se aproximava da pilha de colchões.

— O pessoal lá na Colina testou ontem à noite um simulacro de detonador — Oppy dizia a Foote, ignorando a pergunta de Joe. — Não houve choque de simetria. Fui informado, cinco minutos atrás, de que tivemos uma falha.

— Mas tudo funcionará bem — replicou Foote, levantando a aba do sombrero, a fim de ver melhor a subida da bomba.

— Dois bilhões de dólares — disse Oppy dando uma risada. O riso se transformou em uma tosse rouca, como se seus pulmões estivessem rebentando. Depois que se recobrou, acendeu um cigarro. — Não, Joe, respondendo a essa sua pergunta absolutamente irrelevante: não vi o Capitão Augustino. E faça o favor de meter isto em sua cabeça: estou pouco ligando para o Capitão Augustino. Não tenho nada a ver com ele.

— Parece que ele tem a ver com Joe — disse Foote. — Segundo as conversas que ouvi, ele está louco para chupar o sangue de Joe ou varar-lhe a cabeça com uma bala.

— O capitão está preocupado com coisas bem mais importantes do que eu — observou Joe.

A bomba oscilou. Um dos suportes enganchou em uma travessa, a corda chicoteou o ar e a própria travessa se projetou torre abaixo, afundando na terra. Quinze metros acima, a bomba balançava de um lado para outro, ainda presa ao outro suporte, rodando por efeito da nova inércia.

— Santa Mãe de Deus! — exclamou alguém.

— Caramba! — comentou Fuchs. Os ossos do rosto de Oppy pareciam ter sumido.

— O cabo emperrou! — avisou o homem que estava na plataforma. — Saiu da roldana. Tenho de soltar o outro suporte.

O Soldado Eberly, com um aspecto pouco sério, apenas de shorts, descia pelas travessas de aço da torre como um herói, passando de uma para outra à moda dos marinheiros. A segunda plataforma deixou-o na altura da bomba, que estava encostada na viga oposta. Ele precisaria deslocar-se horizontalmente, agarrado às travessas, quinze metros acima do chão. As que estavam dispostas em diagonal facilitariam a maior parte do deslocamento, mas bem no meio havia um vão que, para ser vencido, exigiria a habilidade de um artista de circo. Mas por que não tentar? Depois que a arma mais poderosa do mundo saiu das mãos de Oppy, de Fermi e de Foote, por que o destino não faria com que ela dependesse de um simples soldado? Ele seria o salvador.

— Não tente! — gritou Jaworski, saltando do jipe.

— Deixe-o tentar — murmurou Oppy.

Eberly pendurou-se na travessa e balançou o corpo, procurando colocar o pé na travessa seguinte, distante pouco mais de um metro. Falta pouco, disse Joe para si mesmo. O soldado oscilou, retomou o equilíbrio e se manteve imóvel, pendurado no centro do vão. Não olhe para baixo, continuou Joe em seu monólogo íntimo. Levantando os olhos, Eberly reiniciou as tentativas para alcançar a viga oposta, mas seus pés continuaram se agitando no vazio. Quis voltar à posição anterior, porém já estava esgotado. Seus braços se moveram no ar como as asas de um pato. Olhou para baixo e despencou.

Eberly girou no ar e caiu de costas no meio dos colchões. Apoiou-se em um dos suportes da base da torre e ajoelhou-se, aturdido mas ileso.

— Joe? — chamou Oppy.

Ele já estava subindo a escada e alcançando os degraus de aço de uma das vigas da torre, que conduziam à segunda plataforma, onde Eberly estivera um minuto antes. Como era mais alto, Joe podia avançar um pouco mais além pela travessa diagonal. A quinze metros de altura, a brisa era bem mais forte do que ele imaginara. A esfera de aço balançava lentamente de um lado para outro, e embora soubesse que estava sendo observado por todo o pessoal que se encontrava lá embaixo, sentiu-se estranhamente sozinho com a bomba, como se ela estivesse esperando apenas por ele. Abriu bem os braços, equilibrou-se contra o vento e caminhou pela travessa diagonal, vencendo o vão que separava as duas vigas.

A roldana emperrara. Ele pediu um martelo e apanhou no ar o que logo foi jogado. Com uma pancada, libertou a roldana e a bomba retomou suavemente seu lugar no centro da torre. Joe enfiou o cabo do martelo no cinto e caminhou, com os braços abertos, de volta para a viga oposta.

Ouviu vagamente alguém gritar "Bravo", mas continuou subindo pelos degraus da torre, alcançando a terceira plataforma e depois a do topo. A maior parte desta era protegida por uma cobertura de ferro corrugado, de oito por doze polegadas. Na parte de fora estava o motor. Quando Joe o ligou e a roldana começou a girar, o cabo se retesou e voltou para o seu entalhe. Ele podia ver a bomba retomando lentamente seu movimento, mas conservou o pé em cima do botão do motor, pronto para desligá-lo, caso o incidente ameaçasse repetir-se. Olhando para oeste, via os cones das montanhas vulcânicas. A paisagem do sul era mais

interessante. Uma fumaça se levantava do chão do deserto, no lugar onde fora realizada, no dia da vitória na Europa, uma experiência com apenas cem toneladas de TNT juntamente com isótopos. O terreno em torno do ponto da explosão fora completamente limpo, dando ao local o aspecto de uma claraboia. Mais além aparecia o rancho onde, na véspera, Harvey montara o núcleo. Havia algumas marcas de pneus e uma estrada asfaltada que terminava no marco 10.000-sul — o abrigo de controle a dez quilômetros de distância, de onde seria detonada a bomba. Joe mal podia distinguir os primeiros edifícios e o cata-vento do Campo Base, distante quinze quilômetros. Atrás do campo havia um mar seco de moitas e terra solta que se prolongava até as Montanhas Escuras. Baixas e irregulares, as Escuras pareciam repousar à sombra de algumas montanhas mais altas e invisíveis. Era uma região de miragens. No outro lado das Escuras apareciam dunas de neve denominadas Areias Brancas. Joe notou que também havia estradas asfaltadas partindo da torre na direção de oeste e norte — novas estradas virtualmente sem tráfego, abertas apenas para a eventualidade de um desastre no Projeto.

— O problema é que tenho medo de alturas — explicou Eberly, que subira de novo até a plataforma.

— Essa é a última coisa de que você deve ter medo por aqui — respondeu-lhe Joe.

Quando a bomba se aproximou da plataforma, Eberly removeu a tampa do alçapão enquanto Joe girava o guincho cento e oitenta graus, de maneira a colocar a esfera bem em cima do teto agora aberto. A seguir, foram arriando a bomba, até que, finalmente, puderam aparafusar o berço nas sólidas pranchas de carvalho que formavam o soalho da armação da cobertura.

Oppy, Jaworski e Foote chegaram na plataforma justamente quando Joe e Eberly moviam o guincho de novo, a fim de suspender o pesado mecanismo detonador. A equipe de montagem trouxera chapas e cabos coaxiais. Harvey subira até a cobertura, para levantar a tampa do orifício da bomba e retirar o arame de manganês, a fim de testar novamente a contagem de nêutrons.

— Quarenta e duas horas — murmurou Foote para Joe.

— Vocês vão conseguir.

— Ah, sim! Estou certo de que a bomba terá êxito. Quero dizer ele.



Oppy apoiou-se em uma travessa da armação, com os olhos fixos na bomba. A fadiga encovara-lhe o rosto. As mangas da camisa estavam enroladas e mostravam braços descarnados como se feitos de palha. Todo o seu corpo cansado parecia ter como única finalidade carregar um esqueleto penosamente incômodo.

Joe estava fazendo seu exercício de corrida à noite quando encontrou na estrada alguém que à primeira vista pensou que fosse Einstein. Era "Noel", com sua cabeleira branca escorrida, os dentes mordendo distraidamente o bigode. Usava, enrolado até o queixo, um longo cachecol e caminhava lentamente pela margem da estrada.

— Como vão as mordidas? — perguntou Joe.

— Das abelhas? Melhorando. Estou besuntado de pomada até o pescoço.

— Pensei que você não fosse tomar parte no teste de Trindade.

— Eu não estava no La Fonda, então, alguém me inscreveu como voluntário. Deram-me uma barraca lá no Campo Base. Já detectei alguns casos bem interessantes — recrutas que ouviram conversas dos cientistas e concentraram suas ansiedades na ideia fixa do fim do mundo.

— Bem como você disse.

— Obrigado. De fato, não podia deixar de acontecer. É realmente uma excelente oportunidade estar aqui, considerando que nossa história psicológica é uma sucessão de ansiedades de natureza social ou de natureza religiosa ou ainda de uma combinação das duas. Podemos estar no degrau inicial da primeira ansiedade.

Joe correu até o posto de Shapiro, no marco 10.000-norte. Na volta não encontrou ninguém. O vale estava vazio na meia-luz da lua minguante. Do vale seguinte, no outro lado das montanhas, vinha o ronco de trovões e o céu era riscado de relâmpagos distantes. Em pensamento, viu Anna saindo do rio, a água escorria de seu corpo, rebrilhando à luz do luar. O rio era negro e pontilhado de coral, de conchas e turquesas.

# DOMINGO

15 de julho

## 10

Depois das diferentes cerimônias religiosas, aproveitando as mesas de piquenique do Campo Base, já com a bomba colocada no topo da torre e aguardando apenas a chegada do General Groves, alguns homens encheram o tempo caçando antílopes ou percorrendo os arredores em busca de flechas ou objetos deixados pelos índios. Oppy andava à procura de Fermi, no jipe guiado por Joe.

— Deixamos na Colina os detonadores experimentais e o que vai ser usado — disse Oppy, mais para si mesmo do que para Joe. — Ontem de manhã um experimental falhou; à tarde, foi a unidade toda que pifou. Truman está em Berlim aguardando a notícia de nosso completo êxito e já sei que vamos falhar. Se Fermi também pensar assim, suspenderei o teste.

— Fermi está testando os medidores da explosão. Deve andar por aí, no campo de prova — disse Joe.

— Então vamos procurá-lo por lá. Todo mundo aqui pensa que está veraneando. Seria animador lidar com pessoas mais compenetradas.

Na guarita do marco 10.000-norte, onde havia um posto da Polícia Militar, o Sargento Shapiro informou que Fermi não passara por ali.

— É verdade que tivemos ontem à noite alguns intrusos. Talvez fosse gente daqui mesmo ou então índios.

— Ou coelhos, ou veados, ou cactos com reflexos de luar, não acha? — disse Oppy, irritado.

— Talvez — replicou Shapiro.

Oppy apontou para uma nova direção e Joe tirou o jipe da estrada, seguindo por uma das trilhas abertas dentro de um raio de dez

quilômetros da torre, a fim de facilitar a instalação de instrumentos de última hora. Ocorreu a Joe que talvez aquelas andanças à procura de Fermi não passassem de pretextos de Oppy para afastar-se da torre e do Campo Base. A bomba não era a única coisa que estava correndo o risco de falhar.

— A que horas chega o General Groves? — perguntou Joe.

— Nosso general chegará esta tarde, em companhia dos assessores do Presidente. Nosso fracasso será bem testemunhado. Teremos até um repórter do The New York Times colocado em uma colina a trinta quilômetros daqui. Você — continuou Oppy, olhando de soslaio para Joe — tem ideia de que intrusos aquele sargento estava falando?

— Mescaleros, índios contrabandeando erva tóxica.

Joe freou de repente, evitando passar por cima de um vulto agachado entre as moitas. O homem enfiava pacientemente um cabo coaxial dentro de uma mangueira de jardim. Suas costas e pernas estavam cobertas de vaselina e poeira; pendurado no calção havia uma chapa de identificação, mostrando que ele também era um cientista da equipe de Trindade.

Sem interromper seu trabalho de enchimento da mangueira, o homem falou:

— No meio deste inferno há uma porção de colegas fazendo precisamente a mesma coisa neste momento. Podemos agradecer a Foote e a outros malditos ingleses por termos de fazer isto. É que todos os cabos que eles insistiram em importar para serem instalados aqui têm-se derretido sob a ação do sol do Novo México e precisam ser isolados novamente com dez mil metros de mangueira. Vocês alguma vez já enfiaram um cateter pelo rabo de uma cobra de dez mil metros de comprimento?

Mais adiante, encontraram outros físicos desenterrando cabos instalados na véspera, porque, tendo sido esticados demais, os cabos rebentaram quando foi

jogada terra em cima deles. Dois outros físicos contemplavam com ar de desânimo um balão de barragem prateado. O balão de hélio servia para manter no espaço contadores de nêutrons, mas a altitude de Trindade era tão elevada e o ar tão rarefeito que o balão não se elevava do chão do deserto. Em uma pequena elevação pontilhada de pinheiros, um radiologista amarrou pedaços de arame nos ramos e pendurou

camundongos brancos pelas caudas, a fim de determinar o efeito da explosão sobre organismos vivos. O primeiro animalzinho pendurado já havia morrido, vítima do calor.

— Ele próprio ficou exposto ao sol mais tempo do que podia aguentar — comentou Joe, depois que Oppy despachou o homem e o camundongo de volta para o Campo Base.

— Isso tudo, no papel, parece muito certinho. Você tem alguma bebida aí, Joe?

— Lamento.

— Desde quando deixou de andar com um frasco no bolso? Você agora está parecendo mais em forma, ao contrário de mim. Dois dias atrás, toquei levemente na esfera de plutônio. Disse a Harvey que ela parecia solta, mas ele replicou que eu é que estava trêmulo. — Oppy deu um profundo suspiro. — Então eram mescaleros!

— Justamente o que Groves temia, acho eu. Eles ainda pensam que isto aqui é a Porteira do Garanhão. Continuam arrebanhando cavalos nas montanhas e trazendo-os para cá.

— Estou me lembrando dos cavalos selvagens que encontramos.

— Os farejadores vêm ao anoitecer e ficam até de madrugada. Vão ver a explosão, a menos que eu os ponha para fora.

— Isso quer dizer que você só estará de volta pela manhã. Vai perder o teste de Trindade completamente.

— O senhor não vai querer que algum apache fique torrado, vai?

No marco 10.000-oeste, Oppy saltou do jipe e entrou no abrigo para falar com os meteorologistas que soltavam os balões. Estes subiam aos arrancos, como se estivessem galgando uma elevação invisível.

Atrás do abrigo, Ray Stingo estava rodando dentro de um tanque Sherman, que esmagava cactos com suas lagartas. O tanque fora pintado de branco, o canhão removido e as metralhadoras substituídas por faróis de automóvel. Botijões de oxigênio para a tripulação estavam fixados na blindagem lateral. Atrás da torre havia um engradado com foguetes.

Ray saltou do tanque:

— Não é uma maravilha, Cacique? Forrado de chumbo, ar-condicionado e tudo o mais. Este brinquedinho é a melhor coisa para coletar amostras depois da explosão. Sabe como pretendem fazer? Irão até a cratera e soltarão os foguetes com pás em uma das extremidades e cabos

na outra. Depois, recolhem os foguetes com as amostras. Na verdade, o tanque virou caminhão de lixo.

— Vai ver, os caminhões de lixo do futuro serão assim. Joe estava estudando as manchas negras acima das montanhas. Eram as nuvens da noite anterior. Nuvens pacientes.

Ray sentou-se no jipe.

— Faltam só oito horas para o início da luta. Aquele seu camarada Hilário está insistindo em um mínimo de mil dólares por aposta para cada espectador.

— Isso é bom. Anima o espetáculo. E as preferências?

— Ainda dois contra um. Há muita confiança no garotão. Não me agrada essa multidão de texanos, Cacique.

— Aceitaremos quaisquer apostas. E não se preocupe com os texanos; temos a Polícia Militar.

Ray reparou que Oppy estava saindo de trás de uma moita.

— Estou tão nervoso que sou capaz de mijar nas calças.

— Lembra-se daquela lona que colocaram por cima das mesas de piquenique para as cerimônias religiosas de hoje de manhã? Você não acha que seria bom levá-la?

— Está bem, mas para quê?

— Vai chover.

Quando Oppy se aproximava, o tanque fez um giro de noventa graus, rolou sobre um tronco seco e rumou na direção dele. Ray estava olhando o céu com ar abobalhado. Joe se encontrava no lado oposto do jipe. Oppy voltou-se e viu, estupefato, que o tanque levantara a parte anterior, depois mergulhara, vencido o obstáculo, avançando sempre. Joe tinha a missão de evitar que Oppy sofresse qualquer acidente no teste nuclear, mas não a de defendê-lo contra um desarmado tanque Sherman pintado de branco. Ao chegar em cima de Oppy, o monstro de aço parou. A escotilha se abriu e apareceu uma cabeça sob um gorro de algodão branco e atrás de uns óculos de aviador.

— "Deste simples laboratório que montou uma bomba pifada" — declamou o motorista do tanque, com um forte sotaque italiano — "eles esticaram os pescoços para o machado de Truman! Vejam! Os famosos sábios se prepararam tanto e acabaram produzindo o maior fiasco do mundo." A canção era muito popular na Colina. O homem do tanque tirou

os óculos e o gorro, deixando ver uns alegres olhos castanhos e o cabelo ralo. Era Fermi.

— Na verdade, eu estimaria em um para três mil as probabilidades de toda a atmosfera incendiar-se. Aceitável. As de o Novo México ficar reduzido a cinzas são de trinta para um. A bomba vai funcionar.

Passou a mão na parte calva da cabeça e explicou:

— O problema é a loção de bronzear. Teller comprou os últimos frascos, de modo que ele não se queimará ao assistir à explosão. Edward acredita piamente que a bomba vai funcionar.

Fermi tornou a colocar o gorro e os óculos.

— Agora, vou me divertir com meu novo brinquedinho. A escotilha se fechou. Quando o tanque começou a mover-se em marcha à ré, Ray correu para alcançá-lo.

Às quatro da tarde, três horas antes da luta e doze antes do início do programa de Trindade, Oppy e Joe subiram na torre. Os detonadores já estavam fixados e ligados às capas de chumbo em torno da esfera cinzenta. Fios suplementares, correntes e cordas com roldanas estavam espalhados pelo soalho da cobertura. Joe colocou-se na extremidade da plataforma. Um par de binóculos de observadores de artilharia pendia de um gancho, e Joe aproveitou para inspecionar a área do teste. Oppy veio juntar-se a ele.

— Sinto-me como se fôssemos dois homens subindo juntos para a forca. Todos se mostram tão confiantes. Você viu as instruções para hoje? "Procurar trevos de quatro folhas."

Joe podia distinguir as manchas escuras de capim rasteiro, as tocas de coelhos e as hastes de jucá. Via também as covas onde tinham sido enterrados os instrumentos de medição, os tubos fincados verticalmente, com cristais nas extremidades, e a rede de fios de eletricidade ligando o marco 10.000-sul à base da torre. Nenhum trevo.

Embaixo, ao lado do rancho onde o núcleo fora montado, um homem nadava na cisterna — um tanque de concreto para o gado. O homem se deslocava incansavelmente de um lado para outro e, após alguns minutos, saiu da água, enxugou-se e vestiu um macacão branco e botas, apanhou o boné e luvas. A seguir, Harvey entrou em um Dodge, tomou a pista asfaltada e rumou para o marco 10.000-sul.

Para qualquer lado que Joe olhasse, via veículos e homens a pé deixando a área de dez quilômetros de raio em torno da torre. Na pista

oeste, um jipe rodava, carregado de soldados. Mais além, nessa mesma direção, nuvens negras encobriam os picos vulcânicos. Em contraste e destacada do nevoeiro das Escuras, Trindade era a última claridade, um ponto dourado. Entretanto, os redemoinhos de poeira já chegavam, envolvendo os instrumentos abandonados, e os trovões tornaram-se mais regulares.

— Há um mundo invisível lá fora. Um novo mapa, uma cartografia de contadores Geiger, de sismógrafos e medidores de toda espécie. Joe, estive pensando a respeito daqueles mescaleros. Se você se meter a procurá-los, acabará não voltando em menos de um dia ou dois. Você e eu já passamos por muita coisa juntos e seria uma pena se não participássemos do momento supremo.

Joe desejou que a torre fosse mais alta, o binóculo mais possante, de modo que ele pudesse ver Hilário saindo de Santa Fé. O vice-governador provavelmente tinha um soldado da polícia estadual como motorista. Os espectadores já deveriam estar atravessando a fronteira do Texas — vaqueiros com pacotes de dólares nos bolsos. Pollack estaria prestes a entrar em seu Cadillac.

— Pode ficar descansado. Voltarei a tempo. Oppy debruçou-se no parapeito.

— O futuro está aqui esta noite. O mundo girará em torno de nós. Você não acha que a Polícia Militar é suficiente para cuidar dos apaches?

— Ora, esse pessoal não sabe onde procurá-los.

Joe imaginou Roberto e Ben escondidos em um Ford modelo T. Talvez um caminhão pipocando pela estrada, com Félix na direção e um par de vacas como carga. Anna estaria em Chicago, entre aquelas torres de concreto à margem do lago.

— Isso é problema deles. Quero que você fique comigo — disse Oppy. — Até que o teste acabe. Esqueça os índios; vai ficar aqui.

Joe esquadrinhou o horizonte com o binóculo.

— Não creio.

— O que quer dizer? — perguntou Oppy, como se não tivesse ouvido direito.

— Vou-lhe dizer o que é que vejo aqui. Vejo lama, macegas, ratos, cobras. No verdadeiro mundo, em Nova York, o futuro já está acontecendo. Uma calma noite azul. Alguém dedilha no piano, esboçando uma melodia.

As trompas intervêm. Já reparou alguma vez na maneira como as trompas intervêm? Mezzo forte. O homem do contrabaixo aperta as cavilhas. A mesma coisa em Filadélfia, em Kansas City. Até mesmo em Albuquerque. Em toda parte, menos aqui... Estou vendo Groves.

Com o auxílio do binóculo, descobriu de novo o Dodge de Harvey. Em sentido contrário vinha um comboio de jipes. O da frente ostentava uma flâmula com uma única estrela. O General Leslie Groves chegava a Trindade; Joe e Oppy desceram imediatamente para recebê-lo no Ponto Zero.

— Você acha que esses malucos conseguiram afinal completar o trabalho, sargento? — gracejou Groves, respondendo à continência de Joe.

— Sim, senhor.

A voz de Groves conservava o antigo tom familiar e, quando caminhava, era no mesmo ritmo lento, com os ombros encurvados; apenas a pele parecia mais lustrosa depois do último inverno. Havia mais fios brancos no cabelo ondulado e no bigode, e certa preocupação em seus olhos cinzentos. Ainda não havia voltado ao local do teste desde que o escolhera, e estava pesado demais para subir todos aqueles degraus e inspecionar a bomba em seu berço, mas percorreu a base da torre, à frente de Oppy, Joe e uma dezena de coronéis e majores, com a segurança de um engenheiro cujo projeto tivesse sido fielmente executado.

— Até parece uma privada — comentou Groves, olhando para a casinha de madeira, com uns dois metros e meio de comprimento, colocada em uma extremidade da base de torre.

— É como o pessoal costuma chamá-la — e Oppy apontou para um cabo que mergulhava no topo da "privada". — É para proteger da poeira o quadro de interruptores. Há muito vento por aqui

— E da chuva — acrescentou Groves. — Os meteorologistas às vezes se enganam. Trouxe de Washington algumas pessoas importantes e aquele repórter do Times. Espero que eles vejam algo interessante.

— Vão ver.

— Minha outra preocupação é a segurança na torre.

— A esta hora já começamos a evacuar o pessoal — informou Oppy.

— Obviamente, você é um cientista, não um técnico em segurança. Esta é precisamente a oportunidade que um sabotador treinado estaria



esperando. Quero um holofote sobre a torre e alguns homens aqui embaixo com metralhadoras. Segurança e sigilo constituem nossas primeiras prioridades, a partir deste momento. Vocês se lembram de alguma coisa mais? — acrescentou, voltando-se para seus auxiliares.

— Mescaleros, senhor — sugeriu Joe. — Os apaches locais.

— Agora me lembro. Vi alguns quando estive aqui em dezembro. Pensei que você iria encarregar-se desse problema, sargento.

— Com prazer, senhor. Poderia autorizar-me a escolher alguns homens para me auxiliarem? Os mescaleros costumam descer das colinas ao cair da noite. Seria melhor irmos agora.

— Então se mexa. Designarei um substituto para acompanhar o diretor.

Oppy seguiu atrás de Joe, na direção do jipe. Falou em voz baixa, de costas para os oficiais:

— O que está pretendendo fazer? Joe deu partida no motor.

— Uma vez quase disse a Harvey que se ele quisesse mesmo se demitir, não deveria ficar batendo boca, mas simplesmente ir embora.

— E isto aqui, Joe? Tudo pelo qual nós trabalhamos?

— O senhor trabalhou. Esta é a sua bomba, não minha. Virou o rosto e começou a rodar na direção da pista que levava para o norte. Mal havia percorrido dez metros, pisou no freio e parou.

— Oppy!

O cientista caminhava para juntar-se a Groves, mas voltou-se ao ouvir seu nome. De súbito, teve a sensação de que se encontrava pateticamente deslocado, ali, junto à torre, em pleno deserto, no meio daqueles homens fardados.

— Boa sorte! — gritou Joe, pisando novamente no acelerador. Apanharia Shapiro e Gruber no posto. Ray já deveria estar em Antônio. Joe já podia ver os primeiros relâmpagos sobre as Escuras, mas finalmente estava livre.

Joe não pôde livrar-se do jab da direita. Tratou de rodar, da maneira como havia ensinado a Shapiro, e respondeu com um gancho. Ouviu um ronco e reconheceu seus próprios pulmões, pulmões dez anos mais velhos que os daquele garotão, dez anos de cigarro, cerveja e gordura que só aparecem quando um adversário de noventa quilos lhe encaixa um gancho nas costelas. Ele até apreciava o jeito com que o garoto mantinha a

guarda e soltava seus jabs. Os olhos estavam fixos nos de Joe, parecendo claros à luz dos faróis e negros no escuro. Atenção para o jab!

Antes que pudesse esquivar-se estava sentado no chão. Não sabia se fora atingido com um golpe da esquerda ou da direita. Lembrava-se apenas que vira um punho se aproximando e que fora muito lento ao desviar-se de seu caminho. O fato de ter sido derrubado abria uma nova perspectiva, mais de acordo com seus pés de chumbo e as batidas aceleradas de seu coração. O macadame molhado tinha reflexos de diamante. Ray havia pedido emprestado a lona do refeitório do Campo Base e armara um barracão, ficando os carros estacionados embaixo dela, em um círculo de luz. A chuva tamborilava sobre a lona. Joe evitou um novo golpe e pôs-se de pé. Quem estava assistindo? Todo mundo. Gente do Texas, do Novo México, soldados. Não havia cientistas, aquela não era a luta deles.

— Tempo! — gritou Hilário.

Ray sentou Joe no para-choque de um jipe e encostou uma toalha úmida em sua cabeça. A orelha direita tinha um corte e estava inchada. Os punhos dos pugilistas haviam sido envolvidos com tiras, mas não usavam luvas. Iriam surgir outros cortes.

— Deveria haver um ringue de verdade e um juiz. Esta mais parece uma brigas de cães — resmungou Ray.

— Brigas de cães são muito populares aqui.

Hilário estava instalado no carro oficial, de acordo com a importância de seu cargo. Dava a impressão de um lagarto branco sobre uma pedra escura. Havia alguns rostos familiares de Santa Fé, mas a maioria dos assistentes era constituída de rancheiros de Amarillo e El Paso — rostos enrugados, chapéus de abas largas e mãos enormes com maços de cédulas, rostos mais apropriados para uma quermesse do interior do que para uma arena. Apostadores estavam pagando, com dinheiro ganho nos contratos de tempo de guerra, o prazer de verem sangue. Hilário era um perfeito controlador de tempo, interrompendo a luta nos momentos mais apropriados para novas apostas. Não tinha qualquer preocupação em ser imparcial, mas conservava alerta seu instinto de dramaticidade. Em frente a Hilário, Pollack olhava a cena de dentro de seu Cadillac branco. Os guardas da Polícia Militar se mantinham à distância, como Joe lhes recomendara.

— Tempo! — gritou Hilário.

O garotão começou novamente a aplicar seus jabs com a direita. Tinha uma cabeça redonda, com cabelos sujos caídos em caracóis sobre os ombros largos e o pescoço de touro. Nariz pequeno e supercílios arqueados, próprios de pugilista. Queixo estreito, com uma barba rala cor de areia. Lábios finos, sorrindo sempre. Dezenove anos, talvez vinte. Tinha um estômago cortado de estrias musculosas, e, no meio dele, uma cicatriz rosada que se estendia por toda a cintura. Acidente ou operação feita por um açougueiro. Joe evitou o jab, atirou um gancho, um cruzado e novamente outro gancho, sem acertar nenhum dos golpes. O adversário respondeu e descobriu o ponto fraco dos supercílios de Joe. Era um alvo cheio de promessas e os golpes se sucederam, antes que fossem evitados. Depois foi a vez das costelas, a fim de que Joe baixasse a guarda, desguarnecendo os supercílios.

Há diferentes enfoques filosóficos para uma luta. Joe sentiu que era importante descobrir de onde provinha a potência de seu adversário. Alguns pugilistas têm apenas os punhos vigorosos; outros tiram partido da força das pernas. O garotão tinha velocidade e equilíbrio, mas Joe percebeu que ele ficava furioso, mais do que é comum em um texano desmiolado. Seria preciso algum tempo para localizar a fonte, mas um combate entre dois pugilistas pesados deve ter o ritmo de uma longa e paciente conversa.

O garotão atirou Joe contra o radiador de um caminhão. O recurso foi o clinch, prendendo-lhe os punhos sob os braços, mas o adversário jogou a cabeça violentamente contra o rosto de Joe, que foi obrigado a ajoelhar; entretanto, não apareceu qualquer mancha de sangue no chão, o que significava que o supercílio resistira bem. Joe levantou-se, fez algumas esquivas e contra-atacou, até que Hilário anunciou o fim do round.

Quando Joe se sentou, Ray besuntou-lhe a cabeça com betume.

— Ele está querendo abrir um corte em você.

— Diga-me alguma coisa que eu não saiba — replicou Joe, passando a língua pelos lábios e contando os dentes.

— O Capitão Augustino está aqui, sentado no bar. Gritos e palmas indicavam alterações nas apostas. Terceiro round. Hilário assinou um vale para um navajo com uma camisa de veludo. Shapiro se aproximara com ar de quem está chupando uma pastilha de cianureto ou apostando no

pugilista errado. No lado oposto, o garotão nem se sentara, saltava sobre a ponta dos pés e encarava Joe, até que Hilário ordenou o reinício da luta.

O adversário tinha apetite e velocidade. Joe esquivou-se e recuou, mas o outro continuou avançando, furioso. A cicatriz no estômago adquirira uma cor vermelho-escura como se tivesse vida própria. Ocorreu então a Joe que ali poderia estar a principal fonte de toda aquela fúria de seu oponente. Parecia um rasgão produzido pelos chifres de um touro. Por melhor que seja um pugilista, jamais fará carreira tendo um estômago operado; não passaria nem no exame de saúde do Exército. Com que raiva ele se atiraria contra um profissional de renome, um falso cacique índio? Não era de admirar que seus lábios se contraíssem, no esforço para lançar um gancho, os músculos retesados, uma perna recuada, de maneira a aproveitar todo o seu peso sem perder o equilíbrio, concentrando sua fúria no murro que deveria atingir o ponto vulnerável de Joe, acima de seu olho esquerdo.

Lutar tem suas sutilezas; mais cedo ou mais tarde um dos pugilistas domina o centro do ringue, depois os cantos, um por um. Mesmo sob uma lona na chuva, era indispensável manter o ritmo centrífugo dos passos, as fintas, a concentração mental. Ódio é um bom aliado para uma luta.

O supercílio de Joe se abriu com um golpe não muito forte. De repente, ele sentiu que seu olho se anuviava, coberto de sangue. O adversário se atirou sobre Joe, sem ouvir os gritos de Hilário anunciando o fim do round. Sua intenção era vencer mais um, melhorando sua posição nas apostas, parando somente quando Joe contra-atacou com jabs curtos.

— Que horas são?

Ray fazia o curativo na testa de Joe e enxugava-lhe o rosto.

— Oito e vinte, oito e meia. Você não precisa de um relógio, mas sim de um fecho-ecler.

— O resto do dinheiro. Aceite todas as apostas que puder.

— Sangrando desse jeito, não vai conseguir boa cotação.

— Aposte.

Levantou-se sem qualquer ajuda. Os faróis se concentravam sobre o centro do pátio e uma nuvem de insetos esvoejava no jato luminoso, como se fosse uma piscina. No lado oposto, o garotão aguardava em pé, com os olhos grudados nele. Os espectadores faziam um barulho enorme. Joe sempre tinha a impressão, no fim das lutas, de que o público queria

subir no ringue para desfechar os golpes decisivos. Recordava-se de como, certa vez, no platô, um cavalo quebrara a perna e ele, em companhia de outros garotos, tivera de matar o animal com pedradas.

O garotão continuou procurando atingir o corte no supercílio. Mantendo-se no centro do pátio, Joe saltava e respondia com jabs. Recuando contra os carros, levantava a guarda, cobrindo o rosto com os punhos, os cotovelos sobre o plexo solar, aceitando os golpes nas costelas até que pudesse se esquivar. O adversário atacava com a direita e a esquerda, em uma explosão de fúria, um gancho nos rins, outro no ouvido, depois no corte, como um escultor ultimando uma estátua que odiava com todas as forças. Joe saltava, esquivava-se, entrava em clinch, recuava, até Hilário anunciar o fim do round.

Sentado no capô do automóvel, Hilário tinha os bolsos estufados de cédulas e olhava atentamente para os dois pugilistas.

Ray esfregava as costas de Joe e massageava-lhe os braços.

— Derrube esse cara.

O garotão reiniciou o combate com uma série de murros, mas cada um traduzia o lamento de uma energia que se esgotava. Joe respondeu com uma saraivada de jabs, em rapidez crescente, como avisando: Estou vendo. O aviso chegou ao destino. O adversário começou a andar em círculos, em vez de avançar. Embora fosse um bom pugilista, ele nunca lutara mais de três rounds. Aquele era o quarto. Ainda batia forte, mas estava sentindo os golpes. Joe atirou-lhe um gancho sobre o coração, procurando testar suas condições. Era também um anúncio: Entramos em nova fase. O outro tentou reagir, com jabs curtos, mas Joe atingiu-lhe o nariz e por um momento seus olhos pareceram vidrados.

O garotão respondeu com um cruzado, arrancando o esparadrapo do supercílio de Joe, cujo olho se encheu de sangue. Isso animou o atacante, que decidiu explorar o ferimento. Os pugilistas canhotos, quando atacam, tendem a girar para a direita. Um problema de física, uma das leis de Newton. Quanto mais cansado, mais se perde o controle. Movendo-se com a lentidão de um sujeito grande, Joe despachou um gancho, com todo o peso do corpo, esticando o braço e atingindo o estômago desguarnecido e a cicatriz vermelha. O garotão curvou-se, a metade de seu corpo descrevia uma parábola para a direita, a outra metade queria fugir dos golpes de Joe, que continuava castigando implacavelmente o risco

avermelhado, quebrando as últimas resistências. Esticando o corpo, Joe desfechou mais um gancho, de baixo para cima.

Como era inevitável, ouviram-se os grunhidos e o som cavo de uma estaca fincada em solo pantanoso. Os golpes somente cessaram quando a gravidade tomou conta do corpo que se elevava no ar, apanhado em cheio pela luz dos faróis, como uma figura mergulhada na água.

O fim inesperado da luta provocou um súbito silêncio no barracão. Joe apertou com as costas da mão a testa de onde o sangue escorria. Ray e os guardas da Polícia Militar começaram a recolher o dinheiro das apostas. Hilário, também. Ele deixara sua roupa na cozinha do café. Lavou-se, fez um curativo e vestiu-se junto à pia, enquanto Ray limpava a mesa cheia de restos de comida e começava a contar o dinheiro. O longo encerado da mesa estava coberto de maços de notas.

— Cacique, você deveria ter visto Shapiro e Gruber. Eles avançaram para cima daqueles vaqueiros como agentes da Gestapo e tomaram tudo deles, exceto os relógios. Acabei. — Ray recuou um passo da mesa, como um colecionador que quer olhar para um Rembrandt sob um ângulo melhor. — Deus do céu! Nunca vi tanto dinheiro em minha vida! Sessenta e seis mil dólares para você. Isso vale mais do que um título. Você deveria abrir um banco.

— Tenho outro negócio em vista — disse Joe, enfiando as pontas da gravata dentro da camisa e ajeitando cautelosamente o esparadrapo em seu supercílio.

— Bem, vamos brindar ao Cacique Joe Pena. — Ray encontrara dois copos na pia e os enchera com uísque. — Ao melhor peso-pesado do Exército. Foi sua noite, Cacique.

Pollack apareceu na porta da cozinha. O cabelo estava cuidadosamente penteado. Usava um paletó creme e tinha um anel de brilhante em cada mão. Com ar de turista que vai iniciar uma viagem, deu uma volta lentamente ao redor da mesa, depois colocou sobre ela três papéis dobrados.

— Escritura. Recibo. Licença para venda de bebidas alcoólicas — anunciou ele, tocando de leve em um maço de notas, como para certificar-se de que era real. — Meus cumprimentos. Você é dono de um nightclub. Gostaria muito de poder ficar, para mostrar-lhe alguns pormenores.

— Você vai embora esta noite?

— Avisei que precisava estar no cais quando Eddie Jr. chegasse. São três dias, viajando de carro. Kansas City, Pittsburgh, Nova York. Se ele é capaz de vir da Itália, eu não poderei deixar de esperá-lo no cais.

Pollack contou cinquenta mil dólares e guardou as cédulas em um cinturão, enquanto Joe examinava os papéis. Já estavam assinados.

— Nunca pensei que fosse deixar a Casa Manana ou o Novo México, Joe. O que mais está acontecendo aqui esta noite? Há uma porção de caminhões do Exército como que escondidos na margem da estrada.

— Este é um campo de provas, você sabe.

— Reconheci alguns soldados que servem na Colina.

— Talvez — disse Joe, enfiando os papéis dentro da camisa.

Pollack pendurou o cinturão no braço. Nunca o afivelava na frente de ninguém; sua dignidade não o permitia. Do mesmo modo que não viajava de trem, porque não queria ser confundido com um carregador de malas.

— Você vai ficar muito bem, Joe. De agora em diante, todo mundo vai ficar feliz.

— É para isso que haverá paz — arrematou Joe, apertando-lhe a mão de leve, pois o pulso lhe doía muito. — Obrigado por tudo.

Na porta, Pollack hesitou: — Foi a última luta do Grande Cacique Joe Pena?

— Foi.

— Ótimo. Acho que desta vez não foi nada fácil.

— Filho da mãe — disse Ray, depois que Pollack saiu. — Você comprou a Casa Manana? Seu cachorro! Teve coragem para fazer um negócio assim?

— Preciso ir.

Eram nove horas da noite. Joe separou mil dólares e empurrou o resto do dinheiro para junto do de Ray.

— Guarde isto para mim por uns dias. Esqueça essa história de negócio sujo. Vou fazer de você um verdadeiro maitre. Depois do teste não vai levar convidados de volta para o Albuquerque Hilton? Então passe lá na Casa e fique de olho na caixa registradora, até que eu chegue.

— Está falando sério?

— Não se esqueça; se alguém perguntar por mim, diga que fui cuidar dos apaches.

- Mas isso a meu respeito é sério?
- As pessoas vão entrar na fila para cumprimentar o maitre.
- De smoking?
- É melhor.
- Quem é que falou em lixo? Isso é que é sorte.
- Às vezes acontece, Ray. Algumas coisas dão certo.
- Mas é sempre uma surpresa, lá isso é — insistiu Ray.

O barracão continuava armado no pátio vazio. As cabines do motel estavam às escuras, pois seus ocupantes eram da Polícia Militar e, àquela hora, se encontravam na estrada, dirigindo o tráfego, afugentando os perdedores de volta ao Texas, orientando os novos caminhões que se dirigiam para Trindade. O único veículo que ainda estava no pátio era o jipe de Joe, com a capota levantada por causa da chuva. Ainda se notavam restos de relâmpagos e de trovões sob a lua minguante. Não havia sinais de qualquer calhambeque ou caminhão, o que levou Joe a supor que Ben e Roberto talvez não aparecessem. Mas não. Aquela era a noite de Joe Pena, pensou ele, e, como se fosse uma resposta, a chuva de repente parou. Casa Manana de Joe Pena. Ao atravessar o pátio, dirigindo-se para o jipe, os pingos pareceram afastar-se como uma cortina e o mundo abrir-se para ele.

Joe entrou no jipe. Mesmo no escuro, percebeu que no banco ao lado havia umas formas retorcidas, como duas cobras, rebrilhando. Eram os bastões dos feiticeiros.

— Aquele rapazote não era páreo para você, sargento — disse o Capitão Augustino, sentado no banco de trás. — Você o fez de bobo. Ele não sabia com quem se havia metido.

— Assistiu à luta, capitão?

Os bastões pareciam a Joe como pertencentes a Roberto.

— Não precisava.

— Perdeu algum dinheiro?

— Não. Apostei em você.

— Encontrou os feiticeiros que estava procurando?

— Não, mas os bastões estavam lá onde eles haviam se escondido.

Magia.

Augustino tirou um cigarro e bateu com uma ponta na cigareira de prata. A mesma cigareira que a mulher do capitão usava. A chama do



fósforo fez rebrilharem os bastões em cima do banco e, ao mesmo tempo, espalhou uma luz suave e íntima no interior do jipe, uma ilusão de calor humano, enquanto a água batia no para-brisa. Augustino se inclinou para a frente, seu rosto encovado esboçava um sorriso de mútua compreensão, e seus olhos revelavam um sentimento quase que de admiração.

— Não vou deixar o Exército ficar na constrangedora situação de dizer que um feiticeiro é capaz de chamar o fogo do céu. Mesmo que se trate de sabotagem, um feiticeiro não ousaria tanto.

— Tenho de ir caçar mescaleros. Ordens de Groves. Um carro com as luzes apagadas entrou no pátio e estacionou junto ao café, no outro lado do barracão. Um Plymouth de duas portas.

— Sargento, não deixa de ser divertido distrair-se com uma luta de boxe em uma noite como esta, mas desconfio que o General Groves chamaria isto falta de cumprimento do dever.

Augustino também percebera a chegada do automóvel e conhecia todos os da Colina, talvez até melhor do que Joe; era o carro de Teller. Parecia haver apenas uma pessoa dentro dele. Umas mãos brancas femininas se apoiavam no volante.

— O senhor teria de prender a metade do pessoal da Polícia Militar. Não vai fazer isso.

— Na verdade, tenho outras coisas em mente.

Era maravilhoso que ele fosse capaz de reconhecê-la apenas pelas mãos. No escuro, podia ver os olhos dela percorrendo o pátio e detendo-se no jipe. Ver de novo o brilho vermelho de seus cabelos.

— Uma vez que estes bastões não são meus e considerando que o senhor não vai tomar qualquer providência por causa da luta, é melhor eu ir andando à procura dos tais apaches.

— Boa caça, sargento.

Joe ligou o motor do jipe. Deixaria o pátio e esperaria por ela na estrada. Estava de volta! Essa certeza inundava a alma dele, dava-lhe um novo alento, como se tivesse estado morto desde que ela partira e agora ressuscitasse.

— Apenas uma pergunta — disse Augustino — e depois você poderá ir. Nada mais que uma perguntinha.

— Faça.

— Você alguma vez viu Harry Gold e Oppenheimer juntos?

— O senhor ainda está com essa história na cabeça?  
— Você sabe quem é Harry Gold, também conhecido como Heinrich Golodnitsky?

— Sei.

— E nunca o viu em companhia do Dr. Oppenheimer?

— Nunca.

Alguma coisa caiu em cima dos bastões. Augustino acendeu a lanterna elétrica e projetou a luz sobre uma fotografia de Oppy, Joe e Harry Gold. Os três estavam juntos, na esquina do La Fonda.

— Acho que tenho direito a outra pergunta, sargento. Você nunca viu Harry Gold em companhia da Dra. Weiss?

Joe recostou-se no banco e ficou imaginando onde teria estado o fotógrafo naquele dia em Santa Fé. O capitão atirou sobre o banco uma segunda foto. Era de Joe, Harry Gold e Anna Weiss, na mesma esquina. Ela usava o grampo de cabelo que comprara no portal.

— O ônibus dos turistas — disse Joe. — Agentes disfarçados, usando suas câmaras.

— Correto. Colocamos dois ônibus para vigiá-lo. Considerando que nosso pessoal não poderia ficar muito tempo perto dele, até que tivemos sorte.

Uma terceira fotografia foi jogada sobre o banco. Nessa, Joe e Gold estavam sozinhos e a mão de Joe segurava o jornal que Gold mantinha sob o braço.

— Veja bem, sargento. Um correio soviético não se encontra por acaso com Julius Robert Oppenheimer, diretor de um projeto secreto do Exército americano, ou com Anna Weiss, que trabalha nesse mesmo projeto. Foi por isso que você respondeu negativamente às minhas duas perguntas. E foi por isso que mentiu para mim.

— Eu estava conversando com Gold e a Dra. Weiss chegou para falar comigo.

— Isso é tudo o que você deve dizer. Presenciei um encontro de Anna Weiss com um correio soviético e fez o que era de sua obrigação, contando para mim.

Joe desligou o motor. A chuva aumentara, tamborilando no macadame. Mesmo à distância e no escuro, ele pôde ver duas cabeças meio escondidas no banco traseiro do Plymouth.

— O senhor não notou Fuchs. Gold foi encontrar-se com ele na ponte, alguns quarteirões depois da praça. Trocaram de jornais. Nessa foto, eu estava tentando tomar o jornal de Gold, para saber o que Fuchs lhe havia dado.

— Não estou interessado em Fuchs.

— Mas é o homem que Gold veio procurar. Vi quando os dois se encontraram.

— Não estou interessado em Fuchs, já disse.

— Quando o senhor viu Gold no portal, ele levava consigo um exemplar do jornal de Santa Fé. Entretanto, na ponte...

— Não estou interessado em Fuchs — insistiu Augustino.

Quantas vezes um homem veria prova tão concreta de amor? O risco que ela corria por causa dele? Mesmo o perigo sendo muito maior do que ela supunha.

— Não meta a Dra. Weiss nessa história.

— A decisão é sua. Ou ela ou Oppenheimer. Escolha.

— Preciso de algum tempo.

Enquanto ela esperava, o para-brisa se embaçava, dificultando-lhe a visão. Gotas de chuva se juntavam sobre o vidro e rolavam.

Vá embora, disse Joe para si mesmo. Obrigado, mas vá embora logo.

— Essa noite. Sargento, você sabe que todos os testes feitos nos últimos dois dias na Colina apontam para um infame fracasso. Estamos na véspera de uma derrota histórica. Bilhões de dólares foram gastos, e a chance de acabar com a guerra foi perdida. É por isso que Julius Oppenheimer está tão nervoso, sabe que a bomba não vai funcionar. Ele também sabe que a primeira pergunta que o General Groves irá fazer é: De quem é a culpa? Oppenheimer é um mestre em se livrar de culpas. Sua esposa, irmão, amigos e alunos são todos comunistas; no entanto, ele, que se diz um não-comunista, está no comando do nosso projeto mais importante. Harry Gold trazia uma mensagem. Se Trindade falhar, não será por falhas da ciência americana, mas como resultado de ordens soviéticas. E quando falhar, esta noite, cumprirei o meu dever. Meus homens estão esperando para prender Gold em Santa Fé. Eu irei prender seu cúmplice. Esta é a minha missão — explicou Augustino.

Corra, pediu Joe mentalmente, vá embora.

— Ninguém vai acreditar em acusações contra Anna Weiss.

— E ninguém a defenderá. Uma refugiada de um campo de concentração nazista? Um escândalo? Todas as mulheres da Colina se reunirão para queimá-la em uma fogueira e Kitty Oppenheimer se encarregará de atirar a primeira tocha. Sargento, eu tenho alguma experiência na Segurança e garanto a você que, na atmosfera criada pelo fracasso, todos ficarão muito aliviados se alguém for apontado como responsável.

— Com que provas?

— Gold, Weiss, você. Correio, contatos, testemunhas. Os indícios partem deste sórdido triângulo.

O Plymouth finalmente se moveu, as luzes permaneceram apagadas, uma sombra que relutantemente fazia meia-volta em frente ao café, o ronco do motor foi abafado pelo ruído da chuva. O último sinal que Joe viu do carro foram as luzes traseiras, de um vermelho embaciado, sumindo na distância. Dez segundos depois, um sedã do Exército, também com as luzes apagadas, surgiu de trás de uma cabine do motel, atravessou o pátio e seguiu na mesma direção tomada pelo Plymouth. A auto-estrada passava a menos de um quilômetro dali.

Pela primeira vez Augustino se referiu à presença de Anna, agora que ela já partira.

— Presumo que ela esteja levando aqueles dois feiticeiros fugitivos para a fronteira. Recomendei aos guardas que não a prendessem antes que eu desse uma ordem direta, mas você certamente a incriminou. E vai incriminá-la ainda mais, com detalhes que somente um amante pode saber. Como foi que ela escapou da Alemanha? Enquanto esteve aqui, não trabalhou para impedir a construção da bomba ou para condenar seu emprego ou ainda influenciar manifestações nesse sentido?

— Quem você quer?

— Gold, Oppenheimer, você. Isso seria perfeito.

— Joe respirou profundamente:

— Deixe-me ver essas fotos outra vez.

Augustino apanhou as três que estavam sobre o banco e concentrou o fecho da lanterna sobre a que mostrava Oppy ao lado de Gold e de Joe em frente ao hotel em Santa Fé. No instantâneo em preto e branco, Oppy aparecia irritado e Gold tinha um ar grave. Abstraindo-se a

presença de Joe, os dois homens davam a impressão de estarem mantendo uma animada conversa.

— Podia ser um encontro casual — sugeriu Joe.

— Preciso de uma prova melhor do que um encontro casual — disse Augustino, colocando em cima da fotografia um cartão de visita, onde se lia em relevo "Harry Gold" — Quero que este cartão vá parar em um bolso de Oppenheimer, bolso do casaco ou das calças, não importa. Olhe, tenho provas suficientes para mim, mas preciso, a fim de mostrar aos outros, de algo mais concreto, mais evidente.

— Quando vi você ajoelhado junto ao corpo de Gold desmaiado, no pátio da Casa Manana, pensei que estivesse dando uma busca nos bolsos dele. Mas não. Estava era procurando seu cartão de visita.

— Isso mesmo. Quando o tirei da solitária, eu lhe disse que você tinha uma missão. Naquela manhã da caçada, não acabei com sua vida, deixando que trouxesse Oppenheimer e o General Groves, porque percebi que você poderia levar a cabo esta missão. Colocar no lugar certo este cartão. Ou um cartão semelhante. Ou qualquer outra prova convincente.

— E quanto à informação que você sempre quis saber?

— Sargento, você é truculento demais para ser um bom informante. A verdade, porém, é que faz as coisas direitinho. Oppenheimer e Dra. Weiss. Então? Qual é a sua escolha?

A chuva aumentara de intensidade, batida pelo vento. Ele tinha a impressão de que estava vendo o Plymouth rumar para o sul em direção ao México; de que ouvia as batidas do coração dela, na ansiedade da fuga. Mais rápido!, pediu em pensamento, desejando que ela o ouvisse.

O cartão de visita era de cartolina ordinária, amassado nos cantos. Cabia perfeitamente na palma da mão de Joe e escorregou para dentro de seu bolso. Ligou o motor novamente.

— Voltamos para a torre? — perguntou a Augustino.

— Para a nossa missão.

Às dez da noite foi aceso um holofote na primeira plataforma da torre, a fim de testar os detectores, a dez quilômetros de distância. Os tímidos raios de luz que se filtravam pela cortina da chuva iluminavam um jipe sem toldo, no qual estava Eberly, completamente encharcado, tendo uma metralhadora portátil sobre os joelhos, Jaworski e Foote, com a água escorrendo da roupa e dos chapéus, estavam na porta da "privada" na

base da torre com Oppy junto deles, o cigarro apagado preso nos lábios, o chapéu de feltro todo molhado. Quando Joe e Augustino chegaram no jipe, abriu-se uma das portas traseiras de um sedã do Exército estacionado junto à torre.

— Entre aqui, sargento — gritou Groves. — Acabou com os apaches?

— Sim, senhor.

— Parece que você teve encrencas com alguns deles — observou Groves, olhando para o esparadrapo no supercílio de Joe, que se sentara no banco de trás. O interior do pequeno carro estava cheio de fumaça e o uniforme do general também estava encharcado.

— Sim, senhor.

— O problema não são os índios — disse Groves, limpando o parabrisa embaciado, a fim de ver melhor os três homens junto à "privada". — O Dr. Oppenheimer é, como você sabe, um sujeito muito escrupuloso. O menor detalhe o preocupa. Agora ele tem de decidir se suspende ou não o teste e todos estes cabeças-ocas do Campo Base querem suspender. Foi por isso que eu o trouxe até aqui, para que ele possa tomar uma decisão calma e racional.

Joe olhou pela janela para o Capitão Augustino, que ficara no jipe. Será que aquele era o momento propício para dizer: "General, o Chefe da Segurança quer prender o diretor de seu projeto, acusando-o de espião vermelho?" Não. Todo o plano de Augustino dependia do teste. Não havia a menor chance de o teste ser realizado com um tempo ruim assim. Tudo o que ele tinha a fazer naquela noite era protelar. Pela manhã, quando todos estivessem mais calmos e enxutos, Joe enfrentaria o problema de Augustino.

— Está chovendo muito forte, senhor.

— Vai clarear. O Dr. Oppenheimer não necessita mais de boletins meteorológicos, mas apenas de um assessoramento sensato. Fermi estava falando a respeito do fim do mundo e há pracinhas disparando para Tularosa. Fale com ele. O doutor gosta de você. Acalme-o. Não deixe que os pessimistas lhe metam coisas na cabeça.

Quando Joe saía do carro, um clarão envolveu inteiramente a torre e segundos depois o trovão ecoou por todo o vale. Perto.

— Olhe que não choveu durante todo o verão e toda a primavera — lamentou Oppy, deixando os pingos lhe caírem sobre o rosto. — Cá estamos nós, a quatro horas da zero hora e cai essa enxurrada.

Dentro da "privada", pedaços de fita isolante se desgrudavam, molhados, do cabo coaxial. Enquanto Jaworski aparava as pontas soltas, Foote recobria o cabo com novas fitas.

— Tomamos precauções contra cobras e queimaduras de sol no deserto — comentou Foote -, mas a umidade nos colheu de surpresa.

— E que me diz dos relâmpagos? — perguntou Joe.

— Já lhe disse como um raio pode estragar um ensaio — replicou Jaworski rispidamente. — A corrente elétrica de um relâmpago pode fazer o alto-explosivo funcionar.

— Bobagem — disse Foote, limpando a fita isolante com lenços de papel — A torre está ligada à terra; é como um para raio.

— Calem a boca! — explodiu Oppy. — A bomba que colocamos lá em cima está desativada. Vocês sabem disso, eu sei, todo mundo sabe, menos o general. Como poderei concentrar-me, se os dois papagaios não param de falar?

A escada de madeira continuava apoiada em uma das vigas, permitindo que Oppy atingisse a primeira plataforma da torre. A partir daí, utilizou os degraus de aço e continuou subindo. A partir da segunda plataforma, já fora do alcance dos faróis, seu vulto desapareceu na escuridão. Foote acabara de remendar a fiação e testara os interruptores, antes de fechar a porta da "privada" e passar o cadeado. Groves saltou do sedã e Augustino saiu apressadamente do jipe.

— Vá atrás dele — ordenou o general a Joe.

— Se me permite uma sugestão, senhor — interrompeu o capitão -, não seria melhor que eu escalasse o Sargento Pena para a equipe de segurança da própria bomba? Isso daria ao sargento uma razão plausível para estar junto ao Dr. Oppenheimer.

— De qualquer modo, suba logo — insistiu Groves.

A chuva batia no rosto de Joe e seus pés escorregavam nos degraus molhados. A trinta metros de altura, a torre parecia oscilar. A lâmpada de sessenta watts da cobertura iluminava o amontoado de cabos, cordas, roldanas, a armação de aço e a bomba em seu berço. Desde que a vira pela última vez, a bomba perdera a suavidade lunar, porque haviam fixado nela

dois detonadores externos. As sessenta e quatro tomadas existentes na esfera permitiam a ligação por intermédio de cabos dos detonadores ao quadro geral e daí, por meio de igual número de cabos, até a unidade de disparo — uma caixa de alumínio fechada a cadeado, presa aos pés do berço. Na parte descoberta da plataforma, Oppy apoiava-se no guincho com uma das mãos e segurava o chapéu com a outra.

— O senhor até parece o Rei Acab, no meio do cordame de seu navio — disse Joe, colocando-se ao lado dele.

Vistos da plataforma, os relâmpagos pareciam estar riscando todo o céu, como se as nuvens baixas, negras como fumaça de uma fogueira, estivessem lançando um ataque climático. Não havia um ponto do arco do horizonte onde não aparecesse um raio. O estrondo de um trovão substituía o anterior e era logo seguido por outro. A um quilômetro de distância, o balão de barragem, que antes relutava em subir, era agora carregado pelo vento. O balão estava preso a um jipe, que era puxado para cima, apenas com as rodas traseiras tocando o chão. Dois homens tentavam salvar o jipe, mas os relâmpagos produziam descargas de estática que desciam pelo cabo de aço e explodiam como granadas sob as rodas suspensas.

— O general Groves dispensou os meteorologistas — disse Oppy com um sorriso, enxugando o rosto. — Ele é agora o novo meteorologista para o teste de Trindade.

— Mas a decisão será do senhor, não?

— Foi o que o general me disse — replicou Oppy, com o olhar perdido na distância. Inclinou a cabeça, apalpou os bolsos, achou o isqueiro e acendeu um cigarro. — Obrigado por ter voltado.

— Suspenda o teste. — Joe observava os dois homens afastando-se apressadamente do jipe.

— Não se trata apenas de transferi-lo para amanhã. A fim de aprontar tudo de novo, convocar o pessoal e reunir o equipamento, seria necessário pelo menos uma semana.

— O senhor disse que a bomba iria falhar, que precisava justamente de mais uma semana.

— Como Acab, esposo de Jezebel? — gracejou Oppy.

— É com quem o senhor está parecido.



— Quando era rapaz, eu costumava velejar, sabe? Tinha meu próprio barco e navegava em torno de Long Island.

Olhou para as nuvens carregadas, como se tivesse saudades: — Este era o tipo de tempo de que eu mais gostava. Corria a favor do vento e me afastava para o largo, a fim de depois lutar na viagem de volta, um recife atrás do outro. Havia determinada passagem particularmente difícil. A correnteza produzida pela maré arrastava o barco, jogando-o contra a rebentação. Foi a primeira vez em que tive certeza de que era corajoso — acrescentou ele, protegendo a brasa do cigarro com a palma da mão. — Às vezes levava horas para embicar pelo estreito e alcançar a baía. O importante mesmo era a emoção da luta, a persistência, a tenacidade para colocar o barco no rumo certo, na posição mais vantajosa, aproveitando melhor o vento. Como estamos fazendo agora, Joe. Lutando.

Uma massa baixa de nuvens se estendeu sobre todo o vale. Elas pareciam cair sob a ação do próprio peso, tornando a noite mais negra e mais espessa. Joe mal podia avistar os pequenos pontos luminosos no solo, onde outra equipe também abandonara seu jipe e corria agitando lanternas elétricas.

— Já lhe contei como foi que saí de Bataan? — perguntou Joe.

— Não. Jamais ouvi você falar nisso. Pensei que fosse uma questão de honra.

— Não houve qualquer problema de honra. É também uma história com barcos.

— Em Bataan?

— Eu fora ferido na bunda e nas costas, depois arranjei uma espécie de malária, com muita febre.

Acendeu o cigarro na brasa do de Oppy e prosseguiu:

— Eu tinha cinco patrulheiros filipinos e um canhão de campanha que arrastávamos de uma elevação para outra, procurando manter nossa posição, embora já não houvesse mais posição alguma. Quando a febre tomou conta de mim, os filipinos resolveram enterrar o canhão e me carregar. O problema era que não havia um lugar para onde pudessem me levar. As últimas embarcações haviam partido de Corregidor e estávamos muito longe do depósito de Mariveles ou de Manila. Eu sabia que os japoneses me fuzilariam, porque eu não podia caminhar. Então os patrulheiros me levaram para a praia, mesmo porque não havia outro lugar

para onde ir. Roubaram um bote pesqueiro e me colocaram dentro dele. Eu mal podia me sentar, mas ainda tentava dar ordens como um oficial, sabe como é? A maré baixara e via-se a rede de prender tubarões aparecendo em diversos pontos. Isso queria dizer que havia minas logo abaixo da superfície. Aliás, todas as praias estavam minadas.

Joe baixou mais o tom de voz, como Oppy costumava fazer, para obrigar o interlocutor a inclinar-se para a frente.

— Logo depois que escureceu, os filipinos soltaram o barco. Não havia motor nem remos. Eu não podia acreditar que os meus próprios patrulheiros quisessem me matar, mas era o que parecia estarem fazendo. É claro que, se quisessem mesmo livrar-se de mim, eu não poderia evitar. Entregar minha cabeça aos japoneses possivelmente lhes renderia algum dinheiro. Tentei voltar para a praia, remando com as mãos, pois via depósitos de munição explodindo em Mariveles, tanques de combustível voando pelos ares em Manila e canhões pesados, de 155mm, respondendo de Corregidor, tudo se refletindo na água como se fosse o fim do mundo, mas eu queria tomar parte na luta. O senhor já teve disenteria? A gente perde os sentidos e evacua sangue. Por fim, eu já não podia mais me sentar, nem me importava com o que estivesse acontecendo. Fiquei deitado de costas, no fundo de um barco à deriva, em uma poça de fezes e urina, sob o clarão dos incêndios. Havia alguns buracos na rede, feitos pelos japoneses quando desembarcaram pela primeira vez. Nós os apanhamos na água, perseguidos pelos tubarões que deram cabo deles. Quando descobrem uma presa, os tubarões ficam rondando. Agora se atiravam contra o bote, fazendo-o girar. A vedação era insuficiente e, com seu faro agudo, os terríveis peixes logo se agrupavam. Cheguei a contar mais de cinquenta em torno do bote, descrevendo grandes círculos lentamente. Pensei na singularidade daquela situação: um índio do Novo México comido por tubarões no Pacífico. Se ao menos eu tivesse um remo, um revólver; se tivesse asas... Se fosse capaz de me matar, mas não tinha forças nem para prender minha respiração. Só me restava pensar, disse para mim mesmo. Continuar lutando. O problema era que toda vez que eu me movimentava, os tubarões se agitavam. Aqueles malditos filipinos bem podiam ter me avisado.

Joe interrompeu sua história para observar o facho do farol girar para o ponto em que se encontrava o marco 10.000-oeste. A luz apanhou a

ascensão errática, em diagonal, de um balão meteorológico, antes que ele desaparecesse entre as nuvens.

— Avisado o quê?

— Que deveria parar de me mexer. Durante a noite, a maré subiu, carregou o bote por cima da rede de tubarões e, quando baixou, eu estava dentro da baía. Uma canhoneira me apanhou, transferiu-me para um submarino, e foi assim que escapei heroicamente de Bataan, depois de haver descoberto que lutar contra a maré não é uma prova de coragem, mas um sinal de burrice. Essa foi a última vez que naveguei.

Levou à boca o cigarro que a chuva molhara.

— Esta porcaria se apagou.

— Você está insinuando que enfrentar a chuva é como enfrentar a maré? Que sou um sujeito burro?

— Eu?

— Eu não sabia o quanto você era insidioso.

— Bem... — Joe atirou o toco do cigarro e ficou acompanhando a trajetória dele, levado pelo vento, até desaparecer na escuridão. — Se a bomba funcionar, acho que estamos no local certo e com o vento apropriado para carregar a radiação até Amarillo.

Oppy voltou a apoiar-se no parapeito. As abas de seu casaco agitavam-se em torno do corpo magro, como se fossem folhas. A princípio, Joe pensou que Oppy estivesse tendo um espasmo pneumônico, mas quando ele se virou, estava rindo. Lágrimas ou gotas de chuva rolavam em suas faces.

— Você tem razão. Vou suspender o teste — disse, enxugando o rosto com a manga. — Vamos descer juntos.

— A ordem que tenho é de ficar aqui, de ama-seca do bebê. Desça.

Depois que Oppy desceu e se dirigiu, em companhia de Groves, para o marco 10.000-sul, Joe voltou para a cobertura, improvisou um lugar para sentar-se, aproveitando um rolo de cordas, e acendeu um cigarro seco. Metade da cobertura estava ocupada pela bomba, seus numerosos cabos e seu berço. A que foi lançada sobre o Japão deveria estar acondicionada em uma embalagem redonda, com estabilizadores de cauda, e estreita o bastante para caber no compartimento de um B-29. Fora isso, era idêntica àquela: a mesma cor cinzento-escura, as lentes de explosivos justapostas e voltadas para dentro, o "coração de dragão"

prateado. Do dispositivo de disparo emergia o cabo coaxial que descia pela torre abaixo, até o quadro de interruptores na "privada" — um quadro que ficaria fechado por uma semana, se a previsão de Oppy estivesse certa. O receptor FM ainda misturava as comunicações internas com a Voz da América e Paul Robenson entoava The Volga Boat Men, enquanto alguém checava a lista dos medidores gama. Transcorreria uma semana antes que fosse preparado outro teste e nesse intervalo ele teria dado um jeito em Augustino. Quando levasse Groves de volta para o Albuquerque Hilton, no dia seguinte, contaria tudo a respeito do capitão Augustino seguramente iria negar, mas seria desmascarado pelas mesmas provas com que pretendia acusar Oppy.

À meia-noite o rádio receptor anunciou:

— Zero Hora foi transferida. Devido às condições atmosféricas, Zero Hora passou das 02:00 para as 04:00. Zero Hora é, pois, 04:00.

Duas horas apenas?, estranhou Joe. Oppy transferira o disparo somente das duas para as quatro da madrugada? Felizmente, porém, o tempo não iria melhorar, pensou ele. Uma rajada de vento fustigou a torre. A lâmpada balançou e a bomba em seu berço pareceu bambolear, como o andar de um homem gordo de pernas curtas.

# TRINDADE

16 de julho

## 11

Embora a tempestade não tivesse amainado, o disparo foi transferido de apenas uma hora, das 04:00 para 05:00. Com auxílio do binóculo, Joe acompanhou os movimentos de um homem alto, fardado, e outro magro e mais baixo, à paisana, passando em frente aos faróis de um sedã estacionado junto ao marco 10.000-sul. Agora não era apenas a chuva, tão intensa como antes, mas a ventania. Joe sabia que Groves estava protelando o regresso de Oppy para o Campo Base, porque lá todo mundo queria que o teste fosse suspenso. Os dois homens formavam um par interessante, pensou Joe, caminhando daquela maneira na chuva, quase como um casal de namorados, Groves pacientemente procurando acalmar o nervosismo de Oppy.

Às quatro horas um raio explodiu bem perto da torre. Joe se apoiou no guincho da plataforma e se lembrou do que Jaworski dissera a respeito das duas toneladas e meia de explosivos que estavam na cobertura, mas o corisco ocasionou apenas a queima de uma lâmpada na primeira plataforma da torre. Joe desceu até lá com nova lâmpada. Os holofotes o deixaram meio cego e levou algum tempo para notar que Eberly subia pela escada de madeira. A água escorria de seu poncho, do nariz, do pomo-de-adão e do cano de sua metralhadora de mão.

— Achei que você devia saber, Cacique. O Capitão Augustino chamou pelo rádio e me mandou ver se não havia no seu jipe um par de bastões amarelos. Depois, disse que, se você tentasse sair da torre, eu deveria impedir, nem que tivesse de atirar. Não entendi. Se ele acha que você é um sabotador, como é que o escalou para vigiar a bomba? Se você

está de guarda, por que me mandam vigiá-lo? Esse é o sistema do Exército?

— É o sistema de Augustino.

Se Joe desobedecesse e levasse uma rajada, poderia ser acusado de incendiário, em virtude da presença dos bastões em seu jipe, e também de espião, tendo no bolso um cartão de Harry Gold.

— Não atire, Eberly. Voltarei logo.

Desceu as escadas e correu para o jipe. As fotos haviam sumido, mas os bastões ainda estavam sobre o banco da frente. Apanhou-os e voltou para a escada.

Eberly permaneceu imóvel, observando. Quando Joe alcançou a primeira plataforma, o soldado desabafou:

— Odeio o Exército.

Ao chegar no topo, Joe viu o que esperava. Oppy e Groves não estavam mais no marco 10.000-sul. Os faróis de um carro varriam o asfalto da estrada. Na cobertura o rádio anunciava que o disparo fora novamente transferido para as 05:30. Joe escondeu os bastões embaixo de um monte de cordas e sentou-se em cima.

— Cinco e meia da manhã é a melhor hora possível — disse Oppy. Seu casaco caía-lhe dos ombros como um farrapo encharcado, mas ele passeava pomposamente por toda a cobertura e em torno da bomba com uma nova e ostensiva confiança.

— O Capitão Augustino voltou com você? — perguntou Joe.

— Sim, está lá embaixo com Groves. Repare, às cinco e meia teremos a escuridão necessária para fotografar a explosão corretamente e, logo após, a alvorada permitirá que o tanque tenha luz suficiente para realizar o restante do processo de recuperação.

— Quer dizer que cinco e meia é o último momento possível para a realização desse teste desgraçado, se o tempo clarear.

— E também o melhor momento. Deveríamos ter pensado nisso antes.

Oppy parou para tossir, como se estivesse limpando os pulmões. Um livro pequeno aparecia parcialmente dentro do bolso de seu casaco, uma coleção de poemas, *Les Fleurs du Mal*. Se Joe quisesse esconder o cartão de Gold, aquele era o bolso adequado.

— Essa é a pose que o senhor vai adotar durante a contagem regressiva: lendo um livro de versos?

— Você já leu Baudelaire? É formidável — Oppy abriu a porta da plataforma. — Sou como o rei de um país chuvoso, rico mas desamparado, jovem e em idade de morrer. A chuva está aumentando. Os cabos estão muito curtos, as câmeras não pegarão coisa alguma, e os aviões de observação sequer vão enxergar a torre.

— E isso o que todo mundo diz.

— Então suspenda o teste.

— O general disse que o tempo vai clarear. O general quer condições ótimas...

— O general precisa de Trindade. E precisa porque nunca viu um combate e se não aprontar a bomba, o Exército vai rebaixá-lo ao posto de coronel.

— Eu acho que vai clarear.

— Ah, é? Agora temos um novo meteorologista.

— Sou um cientista. Devemos até o último minuto...

— Não me venha falar outra vez a respeito daquele maldito veleiro. Estamos a trinta metros de altura com uma bomba e sob chuva. Não é hora de recordar sua feliz adolescência.

Oppy se encostou na porta e olhou para Joe.

— O grã-fino de Riverside Drive? Você se lembra dele?

— Claro.

— Aquele que você transformou de um judeuzinho em um vaqueiro? Entretanto, o mundo exige êxitos em escala ainda maior. Joe, eu preciso de Trindade. Tenho de acabar com a guerra antes que a guerra acabe sem mim. É por isso que faremos o teste esta noite.

— Augustino faz questão disso.

— O capitão foi o único a sugerir que voltássemos para a torre. Groves queria que eu ficasse mais isolado — observou Oppy, atravessando a cobertura e colocando a mão sobre a bomba. — Desejava vê-la outra vez.

— Augustino diz que tudo é uma farsa, e o senhor é o espião-chefe de Stalin. Ele pretende levá-lo diretamente de Trindade para a cadeia. Suspenda o teste e deixe Augustino por minha conta.

Oppy começou a caminhar outra vez.

— Se o teste der certo, ele não tocará em mim.

— Mas não vale a pena correr o risco...

Quando Oppy tropeçou no monte de cordas, os dois bastões amarelos rolaram pelo chão. O aspecto deles era tão surpreendente e o brilho tão intenso, em contraste com as pranchas de carvalho, que pareciam um par de serpentes douradas que tivessem se alojado na torre.

— Isto é coisa daquele feiticeiro maluco. Augustino disse que você está medito na história dos incêndios.

— Foi Augustino quem os trouxe.

Lentamente, como se fosse tocar em alguma coisa viva, Oppy se abaixou e apanhou os bastões.

— O capitão nem sequer subiu até aqui. Não posso acreditar que tenha sido você.

— O senhor não compreende. E se não fosse tão infernalmente teimoso...

— Não deixa de ser estranho e engraçado você trabalhar comigo, com Harvey e com Fermi, ao mesmo tempo em que trabalha com um feiticeiro. Os bastões rebrilharam, retorcidos, quando Oppy os expôs à luz da lâmpada.

— Cacique Joe Pena... Que ocasião mais estúpida você escolheu para voltar a ser um índio.

— Por favor, me dê esses bastões.

— Você está pensando mesmo que vou permitir que o esforço de toda essa gente dedicada seja posto a perder por... por uma tribo?

— Não é apenas o senhor que está ameaçado. É Anna também. Augustino sabe que ela deixou a Colina?

— Claro que sabe. Foi eu quem lhe contou. A última coisa de que eu precisava era de uma visionária declarada, ameaçando o êxito do projeto e dormindo com um sargento.

No momento em que Oppy tentou sair, Joe deu-lhe um murro. Foi como esmagar uma mosca. Oppy curvou-se e caiu sobre as cordas. Os bastões rolaram entre os cabos, com o chapéu e o livro de poesias, para baixo do berço da bomba.

— Lamento muito – disse Joe.

Oppy apertava o peito e fazia um esforço enorme para respirar. Ocorreu a Joe que há pessoas que passam a vida inteira sem levarem um soco. Dizem inconveniências, fazem bobagens e jamais lhes passa pela



cabeça – embora às vezes pretendam explodir o mundo – que podem levar uma surra.

— Lamento muito mesmo – repetiu ele.

Examinou os bastões. O revestimento amarelo, à base de mica, não estava nem arranhado. Joe apanhou o chapéu e o livro de Oppy, depois ajoelhou-se e cuidadosamente colocou o livro no bolso do casaco do cientista.

— Seu cachorro! – disse Oppy, olhando para a pistola 45 na cintura de Joe. E o que vai fazer agora? Dar-me um tiro?

— Escute Doutor. Esqueça os bastões. O senhor não irá dizer ao General Groves que há um índio desmiolado aqui em cima, porque então ele mandará Eberly subir de metralhadora em punho e não sei o que acontecerá com sua preciosa bomba

Ajudou Oppy a levantar-se, colocou-lhe o chapéu na cabeça, limpou seu casaco e o acompanhou até a porta.

— Sobretudo, doutor, não diga nada a Augustinho. Dentro de uma hora o teste será suspenso e então explicarei tudo.

— Pensei que você fosse meu amigo. Bem que o Capitão Augustino me alertou, mas preferi confiar em você.

Um raio explodiu sobre um abrigo nas proximidades. Oppy ainda não conseguira firmar-se sobre os pés.

— Foi Fuchs – disse Joe. Com tantos trovões, Oppy talvez não o tivesse ouvido. Não tinha importância.

Ao ajudar Oppy a descer as escadas, avistou Groves esperando ansiosamente na base da torre. Quando Oppy atingiu o solo, livrou-se do que o general estava dizendo e se dirigiu para o sedã. Tão logo os dois homens se instalaram no banco traseiro, o carro rumou para o marco 10.000-sul. O único vulto que ainda se via entre os dois jipes era Eberly, arrastando-se penosamente na lama, alerta em seu posto.

Joe retornou junto das cordas e olhou para a palma de sua mão. .Harry Gold., diziam as letras em relevo. Ao colocar o livro no bolso de Oppy, chegou a pensar, apenas por um momento, em colocar também o cartão. A hesitação, porém, foi rápida. Agora, deixava o pedaço de cartolina sobre o receptor FM, porque suas calças estavam molhadas de chuva. Outro raio caiu perto, a tampa da concha emitiu um brilho azul e escureceu novamente.

A chuva aumentou num ritmo de três tempos. Talvez num ritmo de valsa, pensou Joe. Dentro da concha estava escuro, mas em torno da torre relâmpagos brilhavam como hastes de flores em um jardim escuro. Joe usou uma corda sobressalente que estava no chão, para amarrar os bastões nas caixas onde estavam os detonadores. A Voz da América tinha saído do ar, e pela primeira vez o canal local poderia ser usado para comunicação em uma frequência clara. O Campo da Base perguntava se alguém sabia onde ficava a tenda onde se faziam as refeições. O café da manhã estava sendo servido, e os ovos estavam ficando gelados. Joe sentiu um inesperado prazer ao ver os bastões em seu altar provisório. O chão parecia subir e descer a cada relâmpago que caía junto à torre. O brilho que vinha da porta fez com que a esfera levitasse e os bastões pulassem. A sombra na parede era de uma cabeça com cabelos encaracolados usando uma coroa de bastões. A sombra de alguém dançando com os trovões.

Todos insistiam em lembrá-lo de que era um índio. Então, por que não? Colocar uns enfeites na bomba, prendê-la em cabos elétricos e deixá-la pendurada a trinta metros de altura. Dançar no deserto e sacudir a terra. Gostaria de saber qual a prece ou o canto apropriado; deveria haver uma música especial para aquela ocasião ou ele poderia improvisar. Tanto a boa música como a prece, pensou ele, foram criadas em momento de tensão. Roberto teria orgulho dele.

Seriam cerca de sete horas além a fronteira mexicana, não ultrapassando a velocidade limite. O percurso entre El Paso e Juarez poderia ser vencido durante a noite. Naquele momento, Anna estaria acomodando Bem e Roberto no trolei para Juarez ou levando-os de carro. Joe já imaginava com um xale mexicano na cabeça.

— Trinta minutos para a zero hora – anunciou o receptor.

Joe afivelou o cinto, colocou a pistola no coldre e resolveu que, com ou sem ordens, era o momento de ir embora. Este deserto está pipocando, murmurou ele entre dentes. Um raio estourou a leste da torre, mas o clarão que deveria entrar pela porta foi bloqueado por um vulto dentro de um poncho.

— Não vi você subir – gritou Joe, acima dos trovões

— É a tempestade, sargento – replicou o Capitão Augustino, esgueirando-se para dentro da cobertura, que voltara a mergulhar na escuridão.

— Pensei que você tivesse ido com Oppy e o General Groves.

— O soldado Eberly foi levá-los – explicou Augustino. A água escorreu pelo poncho, quando o capitão tirou o capuz. – Você colocou o cartão no bolso de Oppenheimer, sargento?

Joe reparou que Augustino não trouxera a metralhadora, mas poderia ter uma pistola 45 sob o poncho.

— Não haverá Trindade, capitão.

— O Dr. Oppenheimer acha que haverá. O General Groves é da mesma opinião. E eu também acho que vai haver. Você colocou o cartão?

— No bolso do casaco – disse Joe, dando um passo para o lado, a fim de que o capitão não visse o cartão que estava em cima do receptor, embora a escuridão fosse quase total. – No bolso onde está um livro.

Outro relâmpago atirou um fecho de luz branca através da porta da cobertura, iluminando a bomba, o berço, os bastões e os cabos com um súbito clarão; nesse momento, Joe pode ver que a chuva cessara. Quando o relâmpago foi substituído pelo ronco do trovão, Joe, notando que as mãos de Augustino se moviam embaixo do poncho, tirou a pistola do coldre, mas o capitão estava apenas procurando acender seu isqueiro para ver melhor a bomba. A chama se refletiu na esfera de aço e fez os bastões rebrilharem. Augustino afastou as cordas para examiná-los melhor.

— Feitiçarias, sargento?

— Acabei recorrendo a isso.

— Todos nós estamos assim. Ainda há pouco, vi cientistas literalmente ajoelhados em suas casamatas, rezando, com os olhos nesta torre. A feitiçaria está no ar esta noite.

Quebrou os bastões ao meio, com um gesto irritado.

— Por que correr riscos? Veja, sargento, estou querendo dar a todos o benefício da dúvida. Todos, feitiçeiros ou cientistas, são iguais para mim. Acho que, como raça, apenas evoluímos de uma caverna para outra caverna maior, de um pequeno fogo para uma fogueira. Lá fora há sempre alguma coisa nos amedrontando. A propósito, sargento, talvez você não tenha notado, mas o tempo mudou.

A tempestade começara a amainar. Os derradeiros relâmpagos eram mais pálidos, seguidos de trovões distantes. No chão, os bastões quebrados pareciam mortos.

— Você não colocou o cartão de Harry Gold onde mandei – disse Augustino.- Eu o vi.

— Tem razão – confirmou Joe, apanhando o pedaço de cartolina molhada que estava em cima do receptor. Depois, empurrou o capitão para a parte descoberta da plataforma. – Faltam apenas trinta minutos. É o tempo para afastar-nos dez quilômetros e esconder-nos no abrigo de uma câmara, até que o teste termine.

A chuva cessara e o vento mudara. A lua minguante deslizava de uma nuvem para outra e as sombras cobriam todo o vale. Um holofote, localizado no marco 10.000-oeste, varreu o céu em um raio de dez quilômetros, mas a luz que deveria servir de ponto de referência estava novamente apagada, de modo que o acho não encontrou a torre. De súbito, o receptor na cobertura começou a irradiar uma canção, .Oh, você está vendo?. A pergunta ecoou em todas as direções e a Voz da América continuou .... aos primeiros clarões da madrugada., e a música pareceu reverberar nos cactos, no emaranhado de cabos, nos cones vulcânicos, nos contrafortes das Escuras, o eco se reproduzindo na escuridão da noite, ...que nós tão orgulhosamente saudamos.. Joe achou graça. No alto da escada Augustino sorriu e elevou a voz para ser ouvido.

— Ainda poderemos colocar o cartão no bolso de Oppenheimer – disse ele, guardando o isqueiro e descendo mais alguns degraus. – Você tem ainda uma oportunidade de salvar Anna Weiss.A última.

— Deixe suas mãos à vista, senhor.

Augustino levantou a mão para mostrar uma pequena pistola niquelada, calibre 22, que os oficiais costumam usar.

— Enquanto você estava brincando de pugilista, sargento, procurei seu uniforme, encontrei sua pistola e tirei as balas.

Joe apontou para a cabeça do capitão e apertou o gatilho. O cão da pistola produziu apenas um ruído seco no vazio. Augustino prosseguiu, imperturbável.

— Anna Weiss está neste momento na fronteira. Um simples telefonema ainda pode alcançá-la. Você nunca deveria ter tocado na Sra. Augustino.

Puxou o gatilho, visando a cabeça. Uma mecha de cabelo de Joe foi varrida para um lado e o sangue escorreu. Joe tentou esquivar-se, quando um segundo tiro penetrou nos músculos de seu peito e alcançou as

costelas. Ao cair, Joe esticou os braços e conseguiu agarrar o pescoço de Augustino, que disparou a pistola mais uma vez, sem atingi-lo.

Oh, veja aquela estrela.... A canção se tornou mais clara. Os faróis de um carro apareceram na base da torre. Era o jipe do serviço de manutenção. O motor e os faróis continuaram ligados, enquanto os homens da equipe saltavam e corriam para a porta da privada. O cadeado foi aberto apressadamente e ouviu-se o rangem das dobradiças.

Augustino tentava apontar o cano da pistola para a cabeça de Joe, mas este empurrava o capitão contra os degraus, mantendo-o suspenso a trinta metros de altura.

— Ligações restabelecidas – anunciou Jaworski pelo rádio de campanha instalado na privada. Dos locutores da Voz da América chegavam as palavras de encerramento do programa: ....terra de bravos. Bom dia e buenos dias..

Com a mão livre, Augustino segurava o punho de Joe, evitando ser estrangulado. Eu poderia quebrar o pescoço dele, pensou Joe.

— Programa para a América Latina irradiado pela KCBA, de Delano, Calif.... – Ouviu-se o estalido de mudança de estação e a voz de Harvey, respondendo:

— Compreendido. Ligações restabelecidas, Câmbio.

— interruptor de disparo pronto – informou Jaworski.

— Interruptor de disparo pronto – repetiu Harvey no receptor e nos alto-falantes.

Tanto Joe como Augustino se mantinham imóveis. Era uma estranha pausa na beirada da plataforma, pensou Joe, como dois assassinos à espreita de sua vítima.

— Há outro jipe aqui – informou Jaworski.

— Já foi feita uma verificação geral e não falta ninguém – assegurou Harvey.

— E Joe? – insistiu Jaworski.

— Augustino chamou, dez minutos atrás, e disse que o traria – esclareceu Harvey.

— Então como é que há um jipe ainda aqui?

— Não ficou ninguém lá – uma nova voz se fez ouvir no receptor. Era Oppy, falando em um chiado. – Se o interruptor está pronto, saiam daí

o mais rápido que puderem. Caso haja algum problema no carro, terão que correr.

— Então é melhor levar o outro jipe também – sugeriu Jaworski.

— Não – Oppy hesitou durante uns instant4s. – Deixem o jipe.

Fechem tudo e caiam fora.

Ouviu-se a batida de uma porta que se fechava, depois o ruído do cadeado. Um motor roncou, o jipe deu marcha a ré e arrancou em direção`a estrada coberta de lama; depois ganhou velocidade e rumou para o marco 10.000-sul.

Sozinhos, inteiramente sozinhos, apenas nós dois – pensou Joe.

— Entregue-me o cartão – disse Augustino.

— A arma, primeiro – replicou Joe, estendendo a outra mão.

Augustino firmou-se nos degraus, mas, quando disparou a arma, Joe conseguiu desviar o cano com uma pancada. Dois tiros se perderam na noite. Augustino tentou abaixar o cano da pistola, apontando para a cabeça de Joe, mas, quando puxou o gatilho, ouviu-se apenas um estalido. A pequena pistola continha somente cinco cartuchos. Um longo diálogo terminava com a resposta de um gago.

Augustino jogou fora a pistola e agarrou a mão de Joe, tentando libertar-se, girando o corpo não para o lado de dentro, mas para a parte externa da torre. Seus olhos estavam arregalados, parecendo duas lâmpadas. Ficou suspenso no ar, sem qualquer apoio durante tanto tempo que Joe teve a impressão de que ele seria capaz de voar. Então, caiu, girando sobre si mesmo uma vez, depois outra, antes de chocar-se contra o solo.

Enquanto Joe descia as escadas com um braço paralisado, a Voz da América irradiava The Nutcracker Suíte. O jipe estava onde Jaworski o deixara. Tão logo alguém visse novas luzes de faróis de carro na base da torre, o teste seria suspenso. Mesmo que não fosse, ele teria ainda tempo bastante para afastar-se com o jipe para longe. Outros holofotes se acenderam no marco 10.000-oeste. Tratou então de pensar no que deveria dizer ao General Groves; Desculpe-me, senhor, por este malogro no esforço de guerra, pela perda de milhões de dólares, pela morte do capitão. Era difícil acreditar que ninguém o tivesse visto caindo da torre, mas como se fosse uma resposta, a voz do piloto de um B-29 de observação se fez ouvir em meio à sinfonia de Tchaikovsky, informando que não conseguira

encontrar Trindade. Discussões a respeito de coordenadas e distâncias de prolongaram na escuridão por todo o vale, como as rumações de um deus. Anna deveria estar sã e salva em Juarez, embora o conceito de segurança em Juarez fosse muito relativo.

No último lance da descida da torre, Joe se deteve, apalpou a camisa, para certificar-se de que os papéis recebidos de Pollack, os documentos de posse da Casa Manana estavam lá, bem guardados. Ele sentia mais mágoa do que dor. O ferimento na cabeça parara de sangrar e se tornara uma pasta de cabelo molhado. Começou a pensar na reação que despertaria a chegada dele no abrigo, naquele estado.

Ao descer pela escada de madeira que ligava ao solo, ouviu um novo ruído, como o de uma unha deslizando pelos dentes de um pente. Não era o B-29 perdido. Uma vez por ano as chuvas provocavam uma aglomeração de sapos. Coaxavam em suas tocas no deserto, reunidos em torno de açudes temporários, os anfíbios consumiam toda a sua vida em uma única noite. Aquela era a noite deles.

Movendo-se com dificuldade, Joe conseguiu sentar-se atrás do volante do jipe e, com a mão esquerda, tateou à procura da chave. Não se encontrava no lugar. Impossível. A ordem era para que as chaves permanentemente nos carros, para qualquer emergência. Apalpou o piso, embaixo do banco. Nada de chave.

Ele fora a última pessoa a utilizar o jipe. Augustino fora o último a entrar nele. O capitão jazia com o rosto colado ao chão, as pernas e braços estendidos, como se estivesse protegendo-se do clarão dos faróis. Joe vasculhou os bolsos do morto. Nada de chave.

O rádio de campanha. Joe correu para a privada, a pesada armação que protegia o quadro de interruptores. O rádio não estava mais lá. Claro. Jaworski, soldado velho, não deixaria de levar o rádio consigo.

A porta da privada estava com cadeado. Na semiescuridão, entre as vigas da torre, ele não achou um martelo ou qualquer pedaço de ferro que servisse como malho. O cabo coaxial corria torre acima, desde o topo da privada, a mais de dois metros de altura. Estava fora de alcance. Ao apoiar-se na armação, tentando subir por ela, Joe se deu conta de como estava fraco.

Como é grande este vale, pensava ele, ao afastar-se da torre, cambaleando. Montanhas debruçadas sobre a planície. Ecos longínquos

repetindo a música dos sapos.

Começou a correr.

A larga estrada cavada na encosta das montanhas levava diretamente para o marco 10.000-sul. Jucás se alinhavam nas margens. Havia um perfume no ar, o cheiro das flores de cactos, e agitação das mariposas e dos morcegos.

As balas deveriam ter sido de calibre 22 curto, pensou ele. A corrida fizera com que os ferimentos começassem a sangrar novamente e sentia o líquido escorrer-lhe da cabeça e do peito. Os alto-falantes não cessavam de dar instruções, porém o que ele mais ouvia eram as batidas de seu coração e dos sapatos na pavimentação da estrada.

Já estava a mais de um quilômetro da torre.

Um foguete de advertência acendeu-se como uma nova estrela. Uma sirene silvou por um instante. Cinco minutos.

Joe tentou lembrar-se do que Jaworxki recomendara a respeito de abrigos, de busca de depressões, de proteção contra o clarão, mas ele estava perto demais e não via, em toda a planície ressequida, uma simples vala que pudesse oferecer abrigo. Apenas a mirrada vegetação rasteira e o coaxar dos sapos, montões deles, para qualquer lado que ele olhasse.

Não era justo. Um ano inteiro enterrados na terra seca, aguardando que as chuvas a transformassem em lama, permitindo que eles assomassem à superfície para ver a lua e cantar em coro apaixonado na borda de um charco que não duraria muito no deserto – e, em vez disso, seriam fritados pelo General Groves.

A Voz da América passava de um ritmo para outro, como um espectador que não conseguisse fixar sua atenção no que os atores diziam. Agora, estava sendo tocada uma canção, Sentimental Journey.

Uma lebre atravessou a estrada na frente dele, olhou para trás alarmada e sumiu na margem oposta.

O silvo da sirene agora era mais longo, alertando que todos deveriam ir para as trincheiras atrás dos abrigos e do campo base. Somente alguns homens, inclusive Oppy e Harvey, ficariam no marco 10.000-sul. Três minutos.

Nunca pensei que meu coração pudesse ser tão sentimental, confessou ele.



Os sapos eram cada vez mais numerosos, cruzavam a estrada isoladamente ou em grupos, parando para cantar. Por vezes, todo o chão parecia mover-se. Do mesmo modo que alguém já deveria ter desejado antes dele, Joe viu Groves estatelar-se de barriga no chão com pés voltados para a torre.

O foguete de alerta final explodiu no céu em cima dele.

A canção dos sapos era, de fato, um trêmulo harmonioso e forte. Violoncelo e flauta ao mesmo tempo.

— Não olhem para o clarão – Harvey estava avisando – a não ser usando os óculos vermelhos ou um capuz de soldador.

Um gongo batia freneticamente o último aviso.

A voz da América passou a irradiar quartetos de cordas, acordando sonolentos latinos por toda parte. Mexicanos, peruano, habitantes da Terra do Fogo colocaram seus óculos Polaroid e se voltaram para o norte.

Dez.

Cirros e estratos-cirros deslizaram na escuridão. Cascavéis se retesaram, como armando um bote.

Nove.

Joe olhou para trás e viu a torre flutuando em uma nuvem, iluminada por impacientes fochos dos holofotes.

Oito.

Sentiu que Oppy se inclinava, os olhos na fresta por onde poderia, em segurança, observar a imagem através de um periscópio. A respiração suspensa, um aperto angustiante no coração. Fuchs assistindo a tudo de uma colina a mais de trinta quilômetros de distância – única pessoa em pé, imóvel, aguardando a explosão. Harry Gold, caminhado pela Alameda, olhava pacientemente para o sul.

Sete.

Dolores colocara os potes no fogo. Um golpe de vento açoitou as brasas e a argila, espalhado centelhas em torno de Rudy. Um caminhão com contrabando de uísque estava estacionado no pátio e coelhos se amontoavam como bolas de neve no curral.

Seis.

Billy e Al prosseguiram em suas buscas, não percebendo que, dos kivas espalhados por toda parte, vultos escuros surgiam furtivamente na superfície.

Cinco.

A cortina se abriu e o carro entrou no picadeiro, a banda tocando, os músicos fantasiados de palhaços, com seus trombones, clarinetes, saxofones. No Palácio dos Esportes do Harlem, o peso-pesado francês desafiava voluntários, seus calções de cetim de cores vivas como uma arara.

Quatro.

Um piano navegava no Rio Grande, com a tampa levantada como se fosse um veleiro negro.

Três.

A Mulher Pensante usava um vestido mexicano bordado, um colar de turquesas e um grampo de prata – justamente o conjunto que Anna preferia.

Dois.

Era uma pequena valeta para o cabo coaxial, que não fora tapado. Enlouquecidos pela proximidade de seu destino, milhares de sapos se amontoavam na estreita elevação das margens da valeta e nos suportes abandonados e coaxavam com suas gargantas pulsando. Outros escorregavam, excitados, para dentro do milagre da água.

Um.

O último passo. A última batida do coração. O último suspiro.

JÁ!

No resplendor do novo sol, o vulto de homem mergulhado naquele oceano de luz.

**FIM**